

ANA CLEIDE GUIMBAL DE AQUINO

**A PROSA LITERÁRIA DE BRUNO DE MENEZES
EM PERSPECTIVA DIALÓGICA**



ARARAQUARA – S.P.

2014

ANA CLEIDE GUIMBAL DE AQUINO

A PROSA LITERÁRIA DE BRUNO DE MENEZES EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientadora: Profa. Dra. Renata Coelho Marchezan

Coorientador: Prof. Dr. Henrique Silvestre Soares (Universidade Federal do Acre – UFAC)

Bolsa: Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC/PA) e Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (PDSE/CAPES).

ARARAQUARA – S.P.
2014

Aquino, Ana Cleide Guimbal de

A prosa literária de Bruno de Menezes em perspectiva dialógica / Ana Cleide Guimbal de Aquino – 2014

256 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

Orientador: Renata Coelho Marchezan

1. Imagem. 2. Prosa brasileira. 3. Literatura brasileira.
4. Gêneros literários. I. Título.

ANA CLEIDE GUIMBAL DE AQUINO

A PROSA LITERÁRIA DE BRUNO DE MENEZES EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Exemplar apresentado para a defesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientadora: Profa. Dra. Renata Coelho Marchezan

Coorientador: Prof. Dr. Henrique Silvestre Soares
(Universidade Federal do Acre – UFAC)

Bolsa: SEDUC/PA e PDSE/CAPES

Data da defesa: 23 de maio de 2014.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Coorientador: Prof. Dr. Henrique Silvestre Soares
Universidade Federal do Acre - UFAC

Membro Titular: Profa Dra. Maria de Lourdes Ortiz Baldan
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/FCLAr

Membro Titular: Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

Membro Titular: Profa. Dra. Luzmara Curcino Ferreira
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Membro Suplente: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro/SP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus familiares e amigos que estiveram
ao meu lado nesse período e sempre
acreditaram na minha capacidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus e Nossa Senhora de Fátima, pela vida e todas as graças alcançadas durante esse período;

Em honra de Nossa Senhora Auxiliadora e Nossa Senhora Aparecida;

À minha orientadora, Profª. Dra. Renata Marchezan, pela compreensão e paciência dedicadas durante a elaboração dessa tese de doutorado, e pelos ensinamentos dados durante a realização da pesquisa, que servirão para me moldar como pesquisadora e estudiosa da obra de Bakhtin;

Ao meu coorientador, Prof. Dr. Henrique Silvestre, pelas indicações de leitura, pelas conversas e pelos direcionamentos de análise;

Ao Prof. Dr. Galin Tihanov, por me aceitar como estudante visitante de Doutorado (visiting PhD student), na Queen Mary, University of London e me oferecer novas leituras para o embasamento teórico do discurso literário;

Aos Professores Doutores das disciplinas que cursei durante esses anos, que me auxiliaram bastante nos diversos momentos da pesquisa e me deram contribuições significativas para enriquecer minhas análises;

À Professora Doutora Fátima Cristina Pessoa, minha orientadora do Mestrado, por ser minha inspiração como pesquisadora;

Às Professoras Doutoras Luciane de Paula, Jauranice Cavalcanti e Grenissa Stafuzza pelos debates profícuos nos Seminários de Linguística da Unesp (SELIN), por direcionarem as pesquisas e darem sugestões de leitura adequadas para o estudo do discurso literário;

Às professoras Doutoras Luzmara Curcino e Maria de Lourdes Ortiz Baldan, pelas contribuições na banca de qualificação e por se tornarem ~~madrinhas~~ "madrinhas" desta tese;

Aos meus amigos da Biblioteca da UNESP/FCLAr, na pessoas da Ana Paula, André e Sandra, que sempre me ajudaram com as pesquisas e o encontro das fontes bibliográficas que eu precisei para realizá-la;

Aos funcionários da Secretaria da Pós-graduação, Senhor Ibelli, Carolina, Ana Luisa, Lidiane e de forma muito especial, Clara Bombarda, que sempre foi solícita ao me ajudar com os procedimentos para obtenção da bolsa PDSE;

Aos meus pais Claudionor e Maria do Carmo, pelas orações que sempre fazem por mim, a eles todo meu reconhecimento e meu amor;

Às minhas irmãs Ana Claudia, Ana Cristina, Francynete e seu esposo Paulo Ricardo, ao meu irmão Claudio Augusto (in memoriam.) e minha cunhada Maria Rita, por toda a ajuda e compreensão nesses momentos de estudo e ausência do ambiente familiar e aos meus sobrinhos Juliana, Luiza, Rafael e Ana Beatriz, por serem meus ajudantes de pesquisa muitas vezes quando eu solicitava ajuda com um ditado, ou uma referência bibliográfica. Obrigada! Sem vocês não sei realmente o que fazer e nada disso faria sentido;

À Senhora Isabel dos Prazeres, pelo carinho e aqueles olhos cheios de emoção que já estão gravados em minha memória;

À minha amiga Cynthia Kelly e seu filho, Willian Emanuel, meu afilhado, pelas presenças constantes;

Aos meus amigos de curso, pelo apoio e descontração, em especial Amanda Raiz, Camila Alves, Eliana Alencar, Eneida Nalini, Gesiel Prado, Silvia Nasser;

Aos meus amigos de sempre, motivos de alegria em minha vida acadêmica e pessoal, Amanda Braga, Carlos Piovezani e Luzmara Curcino, Claudiana Narzetti, Rubens Costa e a pequena Bianca, Arlon Martins, Irene Freitas Guerreiro, Isabel dos Remédios, e a todos os amigos do SLOVO – grupo de estudos do discurso;

Aos meus professores Isa, Luzia, Onildes, Marigleide, Edilson, Zenaira, Filomena, Leonel, Júlia, Nadiara;

Aos grandes encontros que Londres proporcionou com Walkyria Magno, Arthur Miléo e Nazareth Arocha;

À Senhora Terezinha Kairuz, com seus filhos Aloísio e Marília, que fizeram meus dias em Araraquara mais coloridos e festivos, e todos da família Kairuz, por me fazerem sentir como parte da família, a eles minha gratidão;

Ao meu amigo Ricardo Costa-Pinto, pela ajuda com os documentos que sempre precisava digitalizar ou converter;

Ao meu amigo Luis Gomes, pela contribuição no tratamento digital do *corpus* e a sempre ter tempo para ajudar com minhas pendências acadêmicas;

À família Bruno de Menezes, nas pessoas de seus filhos, Monsenhor Geraldo, Irmã Marília, Lenora Brito, Maria de Belém, que sempre me ajudaram com as conversas a respeito da vida do escritor e a encontrar os materiais raros de suas obras e ao meu amigo Marcos Valério, outro estudioso da obra de Bruno de Menezes, pelas conversas, cafés e risadas;

À Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC/PA), pela concessão da bolsa e da dispensa de minhas atividades docentes, sem as quais eu não conseguiria desempenhar minhas atividades discentes com êxito; e

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), pela concessão de Bolsa PDSE (doutorado Sanduíche), na Queen Mary, University of London.

Pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma.

Clarice Lispector (2004, p. 10).

RESUMO

Bruno de Menezes possui uma obra vasta, que passa por prosa, poesia e folclore. Sua poesia é a parte de sua obra mais estudada; por isso, nesta pesquisa optamos por analisar duas obras em prosa: *Maria Dagmar* (novela, 1924) e *Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina* (romance, 1954). Com fundamentação teórica baseada nas obras de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, examinamos o *corpus* com o objetivo de caracterizar essa literatura, os valores sociais que veicula, o estilo, o projeto discursivo do autor e a composição arquitetônica das obras. Nas análises, tomamos como interlocutores, os críticos literários do autor, em especial, no que diz respeito às imagens cunhadas por eles, que se referem ao autor como: o escritor dos marginalizados, a voz que sai dos tambores (Benedito Nunes), o operário do verso (José Arthur Bogéa), a alma do povo (Abguar Bastos), o coração do subúrbio, do terreiro e dos arraiais (Dalcídio Jurandir), o poeta boêmio de Belém (Ramayana Chevalier), o poeta proletário/o poeta da gente simples (Santana Marques), a voz do nosso povo (Machado Coelho), Pai de Santo da poesia da terra (Gentil Puget), autêntico intérprete da gente de cor (Pedro Tupinambá), entre outros. Todas essas denominações podem ser encontradas de forma esparsa, na Revista *Asas da Palavra* (1996) e nos ensaios presentes no livro *Bruno de Menezes ou a sutileza da transição* (1994). Como resultado das análises, em *Maria Dagmar*, confirmamos alguns dos epítetos atribuídos pela crítica e apresentamos relações dialógicas com outros textos, um deles estabelecido pelo próprio autor Bruno de Menezes, como a novela *A Ruiva*, de Fialho D'Almeida. Em *Candunga*, percebemos que a principal preocupação da obra está relacionada entre cultura e identidade, em especial a cabocla amazônica e a nordestina, falando em costumes, tradição, confirmando, dessa forma a imagem atribuída ao autor-criador como o de “voz do nosso povo”, “divulgador da cultura” e “escritor dos marginalizados”. Para finalizar, podemos dizer que com a pesquisa, pretendemos contribuir também para a área mais ampla do campo literário que tem se esforçado por traçar a(s) identidade(s) literária(s) da literatura amazônica produzida no Pará.

Palavras – chave: Imagem. Gênero do discurso. Autor-criador. Literatura Amazônica. Bruno de Menezes.

ABSTRACT

Bruno de Menezes has a vast work, which goes through prose, poetry and folklore. His poetry is part of his most studied, so this research we chose to analyze two works in prose: *Maria Dagmar* (novel, 1924) and *Candunga: cenas da migração nordestina na zona bragantina* (novel, 1954). With theoretical foundation based on the works of Mikhail Bakhtin and his Circle, we examined the corpus in order to characterize this literature, the social values it conveys, the style, the discursive project of the author and architectural composition of the works. The research that now presents itself, emerged from some images, attributed by critics to the writer Bruno de Menezes, as the writer of the marginalized, the voice that comes out of the drums (Benedito Nunes), the operator of the verse (José Arthur Bogéa), the soul of the people (Abguar Bastos), the heart of the suburb, the yard and the town (Dalcídio Jurandir), the bohemian poet of Belém (Ramayana Chevalier), the proletarian poet/poet of simple people (Santana Marques), the voice of our people (Machado Coelho), Voodoo Priest of the poetry of the earth (Puget Gentil), authentic interpreter of people of color (Pedro Tupinambá), etc. All these names can be found sparsely in the magazine *Asas da Palavra* (1996), and in the essays in the book *Bruno de Menezes ou a sutileza da transição* (1994). As a result of the analysis, in *Maria Dagmar*, confirmed some of the epithets attributed by critics and present dialogical relations with other texts, one set by the author Bruno de Menezes, the novel as *A Ruiva*, the Fialho d'Almeida. In *Candunga*, we realize that the main concern of the work is between culture and identity, especially the Amazonian Caboclo and the Northeast, speaking in customs, tradition confirming in this way the image assigned to the author-creator as “the voice of our people”, “disseminator of culture”, and “writer of the marginalized people”. To conclude, we can say that with this research, we intend to contribute also to the wider area of the literary field that has try overcome to trace identity literary of Amazonian literature produced in Pará.

Keywords : Image. Discourse genre. Author-creator. Amazonian Literature. Bruno de Menezes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1. Capa de *Candunga* p. 108
Figura 2. *Transfiguração*, de Rafael Sanzio p. 109
Figura 3. *Retirantes*, de Cândido Portinari p. 111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 13
1 DA VONTADE DISCURSIVA E DO PROJETO ENUNCIATIVO DE BRUNO DE MENEZES	p. 28
1.1 DAS CONTRIBUIÇÕES DO CÍRCULO DE BAKHTIN	p. 30
1.1.1 Linguagem, discurso e ideologia	p. 30
1.1.2 Diálogo e dialogismo	p. 36
1.1.3 Gêneros do discurso	p. 40
1.1.4 Sujeito e atividade estética: autor e autoria	p. 51
1.1.5 Identidade, alteridade e cultura	p. 54
1.2 DO QUERER-DIZER DO LOCUTOR: O <i>CORPUS</i> DE PESQUISA	p. 58
1.2.1 Síntese de <i>Maria Dagmar</i> (novela)	p. 59
1.2.2 Síntese de <i>Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina</i> (romance)	p. 61
2 DO SUJEITO E SUA LINGUAGEM	p. 65
2.1 DA LITERATURA MODERNA NO PARÁ	p. 65
2.2 DOS MANIFESTOS LITERÁRIOS E O PROJETO ENUNCIATIVO DO AUTOR	p. 66
3 DO SUJEITO E DE SEUS INTERLOCUTORES	p. 81
3.1 DOS VALORES IDEOLÓGICOS NAS OBRAS EM ANÁLISE	p. 81
3.2 DAS VOZES EM DISCURSO	p. 92
3.2.1 Da palavra alheia que a condena	p. 93
3.2.2 Da dignidade como produto do seu trabalho	p. 17
3.3 DO DIÁLOGO ENTRE TEXTOS	p. 100
3.3.1 <i>Maria Dagmar</i> e sua relação com outros textos	p. 100
3.3.2 <i>Candunga</i> e sua relação com outros textos	p. 106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 113
REFERÊNCIAS	p. 122
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	p. 128
ANEXOS	p. 133
ANEXO A <i>Maria Dagmar</i> (Parte 1 a)	p. 134
ANEXO B <i>Maria Dagmar</i> (Parte 1 b)	p. 135
ANEXO C <i>Maria Dagmar</i> (Parte 2 a)	p. 136
ANEXO D <i>Maria Dagmar</i> (Parte 2 b)	p. 137
ANEXO E <i>Maria Dagmar</i> (Parte 3 a)	p. 138
ANEXO F <i>Maria Dagmar</i> (Parte 3 b)	p. 139
ANEXO G <i>Maria Dagmar</i> (Parte 3 c)	p. 140
ANEXO H Portico	p. 141
ANEXO I Manifesto da beleza	p. 142
ANEXO J Para a frente!	p. 143
ANEXO K Uma reacção necessaria	p. 144

ANEXO L À Geração que surge!	p.145
<u>ANEXO M Manifesto Flami-n'-assu: manifesto aos intelectuaes paraenses</u>	p.146
ANEXO N Carta de autorização para uso de cópia dos textos de Bruno de Menezes	p.147
ANEXO O Maria Dagmar - Novela	p.148
ANEXO P Candunga - Romance	p.180

INTRODUÇÃO

Quanto mais tênue é a alegria, mais difícil e mais precioso de captá-la – e mais amado o fio invisível da esperança de vir a saber. (LISPECTOR, 2004, p. 33).

Na Retórica Ocidental Clássica o papel do autor em sua relação com o interlocutor foi considerado de extrema importância para o estudo de qualquer produção textual. Por outro lado, nem sempre os estudos da linguagem levam em consideração essa relação como, por exemplo, para os Formalistas e para os estudiosos da Estética da Recepção, que normalmente privilegiam apenas um dos polos e não a relação existente entre eles. No caso dos Formalistas o que importava era a linguagem poética, ficando as figuras de autor e leitor preteridas por esses estudiosos. Não obstante, os teóricos da Estética da Recepção passaram a dar importância ao leitor, isto é, apenas um dos polos da relação autor-leitor presente na produção textual. Na Análise Dialógica do Discurso, área recente dos estudos da linguagem – que tem em Mikhail Bakhtin e o Círculo¹ a figura mais relevante – considera a relação autor-interlocutor via discurso, visto que para a teoria bakhtiniana tanto autor como interlocutor são sujeitos do discurso, ou seja, constroem-se no discurso. Desta forma, o sujeito autor, nesse enfoque tratado como autor-criador, é constituído socialmente pela língua, a partir do diálogo e da interação verbal com o outro. O sujeito é, portanto, o ser de ações concretas, e é a partir dessas ações, de seu agir no mundo, que se constitui, segundo Bakhtin, a ética. Por outro lado a estética resulta da reflexão elaborada, do acabamento da obra.

As categorias de ética e estética tratadas por Bakhtin e Volochínov, em *Para uma filosofia do ato*² (2010c), –A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica”³, artigo presente na obra *Palavra própria e palavra outra* (2011), *Estética da Criação Verbal*⁴ (2010a), com destaque para o artigo –Arte e responsabilidade” e a obra *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*⁵ (2010b) confrontam dois mundos, o da vida e o da cultura, logo, torna-se impossível pensar separadamente os dois conceitos. Por estética compreende-se o acabamento das ações do sujeito, isto é, a reflexão elaborada do agir do sujeito, sua valorização enquanto realizador de uma ação ética. A representação do

¹Círculo de Bakhtin é uma expressão que designa um grupo de estudiosos formados por Bakhtin, Volochínov, Medviédev e outros membros.

²Autoria atribuída a Bakhtin, é um texto escrito entre 1919-1921.

³Texto atribuído também a Valentin Volochínov, de 1926.

⁴Trabalho publicado postumamente, autoria atribuída a Bakhtin, de 1979.

⁵Também com publicação póstuma, foi um dos últimos trabalhos revisados por Bakhtin, de 1975.

mundo que resulta do processo estético é veiculada a partir da ação exotópica, isto é, “exotopia” é esse olhar de fora, olhar além, na qual o sujeito vê o mundo à distância com a finalidade de transpô-lo para o seu discurso estético. É a partir da posição exotópica do sujeito que é possível a construção do trabalho estético, no caso desta pesquisa, das obras literárias sob análise, a obra estética, não acabada, mas com acabamento, constituída pela articulação de diferentes elementos, que constituem sua “arquitetônica”. O conceito de arquitetônica será apresentado e retomado melhor posteriormente, quando for discutida a noção de gêneros do discurso. Todavia, vale ressaltar que arquitetônica é a estrutura do discurso, integrando os seus três elementos essenciais, o material, o conteúdo e a forma. Essa visão de completude do discurso relaciona-se diretamente com as noções de acabamento e de exotopia, constitutivos da atividade autoral.

Depois da apresentação da estética, enquanto categoria bakhtiniana, convém fazer algumas reiteraões a respeito da ética, até mesmo pelo fato de que uma está estritamente ligada à outra, conforme ratificado anteriormente. O agir eticamente do sujeito implica o seu agir no mundo e, dessa maneira, está relacionado à realidade deste sujeito. Esta ação deve ser feita de forma responsável e está disposta a receber respostas tanto positivas quanto negativas, de concordância ou discordância, ou seja, ao ato ético estão ligadas duas características primordiais ao pensamento bakhtiniano, a responsabilidade e a responsividade⁶. O sujeito é responsável pelo seu dizer, pelo seu discurso e este discurso, por sua vez, é respondível, pois todo discurso é dialógico. Afirmar que o discurso é respondível implica considerar a responsabilidade do autor dele, visto que todo e qualquer discurso possui um autor e que este é passível das duas características acima apresentadas, responsabilidade e responsividade, ou seja, ao ato ético do sujeito. Este ato reflete o conteúdo do discurso, seu processo, sua avaliação valorativa de acordo com os próprios atos do sujeito que é capaz de refletir sobre o que diz e dá o acabamento ao seu discurso, o seu estatuto estético, isto é, a reflexão elaborada do agir do sujeito, conforme explicitado acima.

Tendo em vista a perspectiva teórico-analítica bakhtiniana acerca do sujeito autor e de sua necessária interlocução pela obra, neste trabalho, aborda-se o discurso literário amazônico de contexto paraense, que será evidenciado a partir de aspectos relativos ao querer-dizer do

⁶Algumas vezes, encontra-se o termo *responsabilidade*, por analogia a *respondível*, ou mesmo *responsabilidade*. Adail Sobral, em seu texto —“Atividade e evento” (2010), explicita a utilização do termo *responsabilidade* afirmando que —“trata-se de um neologismo em língua portuguesa que proponho com o objetivo de traduzir o termo russo, não neológico, *otvetstvennost’*, que une responsabilidade, o responder *pelos* próprios atos, a responsividade, o responder *a* alguém ou a alguma coisa” (Grifos do autor) (SOBRAL, 2010, p. 20). Cf. SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 11- 36.

autor-criador, presente na escolha dos gêneros do discurso, no caso desta pesquisa a novela e o romance do escritor Bruno de Menezes. A construção desta tese tem como objetivo geral apreender as imagens, ou seja, os efeitos de individualidade, em discurso, determinadas por linguagens-estilo, que permitem representar o autor-criador Bruno de Menezes. A crítica literária paraense⁷ já se encarregou de divulgar alguns epítetos, como a voz que sai dos tambores (Benedito Nunes), o operário do verso (José Arthur Bogéa), a alma do povo (Abguar Bastos), a voz do nosso povo (Machado Coelho), entre tantas outras denominações. Essas designações, no entanto, servirão de base, para que se possa perceber, através das análises feitas a partir dos gêneros novela e romance, com a publicação de *Maria Dagmar* e *Candunga*, momentos distintos de contexto sócio-histórico e ideológico, mas que constituem a representação de Bruno de Menezes.

Não se torna necessária, de certa forma, fazer análise da crítica, ou mesmo, buscar um maior aparato da circulação das obras de Menezes, que servem ou serviram para ele ser designado com tais epítetos. A única preocupação aqui é a análise baseada nos gêneros escolhidos (novela e romance), a partir dos estudos bakhtinianos a respeito das relações dialógicas e que se pode perceber na publicação de seu primeiro texto em prosa literária que foi a novela *Maria Dagmar*, apresentada na revista literária *Belem Nova*, que será utilizada nas análises, bem como os manifestos literários e os editoriais produzidos nos mesmos números de lançamento da novela, que são os exemplares de números 9, 10 e 11 do referido suporte literário. Os manifestos e os editoriais, que constituem um novo gênero do discurso, não serão analisados com essa intenção de constituição do gênero “manifesto” ou “editorial”, mas apenas para estabelecer relações dialógicas entre os gêneros que são o foco da análise, a novela *Maria Dagmar*, de 1924, com publicação em livro em 1950, edição que também é utilizada nos exemplos apresentados nas análises e o romance *Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina*, com publicação de 1954. Todavia, convém enfatizar que, de acordo com J. Eustachio de Azevedo, teórico da literatura, no livro *Literatura Paraense*⁸ (1990), o romance *Candunga* foi escrito em 1939, conforme apresenta:

[...] em 1939, [Bruno de Menezes] escreveu um romance em moldes naturalistas, —*Cadunga*”, que é com propriedade, a representação fiel, a odisséia dos flagelados

⁷ Os textos da crítica estão disponíveis, principalmente na revista **Asas da Palavra** (1996), Cf. ASAS DA PALAVRA: Revista do Curso de Letras da UNAMA. Belém, v. 6, 1996. E também em ROCHA, Alonso et al. **Bruno de Menezes ou a sutileza da transição**. [Ensaio]. Belém: CEJUP; Universidade Federal do Pará (UFPA), 1994. 133 p.

⁸ A primeira edição deste livro data de 1922. A edição utilizada neste estudo é a terceira, de 1990.

do nordeste, jogados pela sêca [sic.] implacável para a povoação da Estrada de Ferro de Bragança do Pará. Este romance é um livro forte, produto de suas observações e estudos, através da vida aventureira daqueles nossos irmãos, pela zona agrícola do norte. (AZEVEDO, 1990, p. 158, grifo do autor).

Parte-se, portanto, da hipótese inicial de pesquisa, na qual a imagem do autor-criador Bruno de Menezes, depreendida no discurso literário amazônico, de contexto paraense, apresenta-se vinculada à posição axiológico-valorativa presentes em suas obras poéticas (poemas e poesias) muitas delas vinculadas à estética modernista, como apontam alguns críticos literários das obras do referido escritor. No caso desta pesquisa, cuja análise é a partir das obras *Maria Dagmar* e *Candunga*, a posição axiológico-valorativa ou o querer-dizer do locutor realiza-se na escolha de um determinado gênero do discurso e o modo de dizer desse falante, isto é, a imagem do autor-criador e de sua linguagem. Como dito anteriormente, alguns críticos da literatura de expressão amazônica vinculam alguns epítetos do autor-criador Bruno de Menezes como vinculados à estética modernista. Dentre os valores defendidos pela estética modernista estão: a renovação da literatura brasileira, com a ruptura dos moldes antigos presentes nas artes em geral, configurando um não ao ~~passadismo~~; a congregação de artistas e intelectuais em um esforço coletivo e também o caráter nacional presente nas obras, na literatura, em especial, destaca-se a linguagem coloquial e regional e a construção de personagens com forte carga relacionada aos problemas sociais do país. Bruno de Menezes é o escritor paraense que mais cedo acolhe os brados da Semana de Arte Moderna, acontecida em 1922, em São Paulo, afirma-se que seu poema ~~Batuque~~ (1931) é modernista, sendo, portanto o autor Bruno de Menezes o introdutor do modernismo em terras amazônicas. No poema ~~Batuque~~ (1931) há um verdadeiro desfile de tipos ~~marginalizados~~, que recebem um tratamento digno por parte do poeta que, ao invés de depreciar a imagem do negro, conforme ocorria até então, exalta-a, configurando o momento apoteótico da negritude na literatura da Amazônia:

CHEIRO
De mulata

—*Vesos para minha frôr*”
(De um poeta crioulo)

O que tu põe
no teu corpo
que êle chêra

até no vento?

Tu não é rosa
nem cravo
nem ubiganti....

O que tu é
é a Frôzina
que tem tudo
que tem as ôtra mulhé.

Tudinho não.
Póde sê
que as ôtra
tenha demais.

Mas pra tê
teu chêro bão
só tu mesmo
ôtra não tem!.... (MENEZES, 1993, v. 1, p. 272).

Quando se enfatiza que Bruno de Menezes assumiu-se modernista, percebe-se esse posicionamento estético do autor presente no editorial escrito por ele, para a revista *Belem Nova*, visto ser o modernismo um momento de mudanças nas letras, na qual esse suporte material possibilitou a divulgação do movimento modernista na sociedade local. No referido editorial intitulado “Uma reacção necessaria”, que será analisado posteriormente, é o próprio Menezes que assume esse momento de mudança, nas características que embasarão o fazer estético daquele momento e, de certa forma, o fazer estético desencadeado na estética moderna que viria a ser feita pelos escritores paraenses em outro momento.

Nós, os de a BELEM-NOVA, somos daquelles que pensam, inimigo que hemos sido do archaísmo, ser chegado o momento de predominar no Brasil uma outra Arte, isenta de modelos estrangeiros, livre de imitações escolásticas, independente no sentido lato da palavra, – regional – plasmando a vitalidade de uma raça. (MENEZES, *Belem Nova*, n. 5, s/p, 1923, grifo do autor).

Bruno de Menezes assume que o momento era de mudança nas artes, no entanto, isso não significa que as obras produzidas por ele nesse período, ou mesmo posteriormente, sejam modernistas. Quanto aos seus dois livros de ficção, Bruno de Menezes age de forma semelhante ao apresentado acima, no que diz respeito a algumas características que não são unicamente vinculadas à estética moderna, como a relação entre o homem e a sociedade ou mesmo o uso da linguagem regional de forma expressiva. Quebrando a ordem cronológica das

publicações do autor, tome-se primeiramente *Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina*, 1939/1954. Neste romance, o autor explora a temática da migração nordestina para colônias na região bragantina, no estado do Pará, destacando assim os desvalidos em fuga da seca do sertão e sua aventura em busca de uma vida de prosperidade: “[...] Quando se esgotaram os últimos recursos, viram-se êles, desesperados e sucumbidos, na contingência de abandonar o recanto amado, à procura das zonas litorâneas, lá, noutras plagas distantes, onde viver não fosse aquela expiação tremenda [...]” (MENEZES, 1993, v. 3, p.101). Em *Maria Dagmar*, 1924/1950, segue-se a mesma linha de *Candunga*, pois a protagonista é uma jovem/mulher comum, sem grandes realces, sendo apresentada de modo que se assemelha a uma pessoa real, que poderia, porventura, ser encontrada no cotidiano citadino: “Dagmar, em devaneios de moçoila romântica, sonha pertencer a alguém, digno e viril, que a ame, além da vida e fique o único, o senhor, o donatário, de seu corpo e de sua alma.” (Ibid., p. 39). Os argumentos apresentados configuram Bruno de Menezes como o escritor da margem, ou seja, aquele que dá voz aos marginalizados. A crítica não apresenta esses epítetos relacionados à prosa literária de Bruno de Menezes, visto que relaciona esses epítetos ao seu texto poético, em especial “Batuque” (1931), considerado como introdutor ao posicionamento modernista na região Norte, como já fora anteriormente evidenciado. No entanto, nesta pesquisa, são apresentados os epítetos relacionados às suas obras em prosa literária que apresentam características relacionadas ao modernismo, pois, não se pode afirmar, que a obra *Maria Dagmar*, pertença totalmente ao modernismo, ela foi concebida durante o período da estética modernista brasileira e congrega características dessa fase literária. Dessa forma, *Candunga*, o romance, também apresenta características que talvez tenham contribuído para que futuros prosadores no estado do Pará tenham percorrido a criação de romances aos moldes da estética modernista.

No Brasil, os brados do Modernismo se anunciaram quando do descontentamento em relação aos acontecimentos do século XX, período em que o mundo viveu expressivas transformações em decorrência das duas grandes guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945). De finais do século XIX até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a Europa vivia a chamada *Belle Époque*, que se caracterizou como o período dado ao progresso, à velocidade e a todos os avanços advindos do desenvolvimento industrial:

O período da literatura européia que se estende de 1886, por aí, a 1914, corresponde, de um modo geral, ao que informalmente se denomina “belle époque”. Uma de suas características, sob o ponto de vista da história literária, é a pluralidade de tendências

filosóficas, científicas, sociais e literárias, advindas do realismo-naturalismo. Muitas das quais não sobreviveriam à grande guerra, transformando-se ou desaparecendo no conflito e arrastando o final do século XIX que em vão tentava ultrapassar os seus próprios limites cronológicos [...]. (TELES, 1983, p. 39).

Durante esse período de encantamento pelo progresso material e pelos benefícios trazidos por ele, houve um verdadeiro culto ao conforto e ao bem viver, que valorizaram o consumo e revolucionaram os costumes. No contexto amazônico paraense, a dimensão da *Belle Époque* é imposta pelo domínio das águas, através da navegação a vapor, que promoveu o progresso e o engrandecimento de suas principais províncias: Manaus e Belém. As elites dessas regiões tentam impor, a partir das reformas nas cidades, o progresso advindo do conforto material que fora facilitado pela produção da borracha. Mais uma vez, o imperativo das águas, através da navegação a vapor, possibilitou a internacionalização do mercado local. Entretanto, com a eclosão da Primeira Grande Guerra, essa euforia burguesa foi interrompida e as consequências fizeram crescer sentimentos completamente diferentes e opostos aos descritos acima.

[...] a atmosfera do mundo é conflituosa. A guerra iniciada em 1914 continua, e dela resultariam novas condições sociais e econômicas. O capitalismo e a política do liberalismo, apoiados no individualismo e no princípio da livre concorrência, entram em estado de choque e, diante dos seus reveses, procurarão, em adaptações e superações, os meios de subsistirem à sua crise. (BRITO, 2004, v.5, p. 10).

O conflito inicial estabelecido pela Primeira Grande Guerra Mundial baseada em aspectos meramente mercantis, envolve, inicialmente, as duas nações mais produtivas e poderosas, Inglaterra e Alemanha. Posteriormente, o conflito alastra-se pelo mundo inteiro contribuindo para os impactos tanto econômicos quanto sociais. É nessa conjuntura que algumas políticas entram em choque como o liberalismo e o capitalismo, que buscaram apoio no princípio da livre concorrência e no individualismo, tentando, de todas as formas, resistirem à crise criada por ambos. Na Itália de 1919, Mussolini já prenuncia o fascismo, cujas origens encontram-se no “Manifesto Futurista”, de Marinetti. O líder italiano da facção política fascista é categórico ao afirmar que o “mundo moderno precisa antes de tudo de poetas” (apud BRITO, 1997, p. 20). No contexto brasileiro, as direções da nacionalidade ajudam a construir o retrato do país, com o processo de modernização não só de bens materiais, mas também da cultura brasileira. Logo, posteriores à *Belle Époque* surgiram

sentimentos de desilusão e de perplexidade diante do sofrimento humano causado pela guerra. Sentimentos que tomaram parte da primeira metade do século passado. Esses questionamentos em torno da modernidade abriram espaço no âmbito das artes para as vanguardas.

O vocábulo vanguarda, de formação híbrida (avant, latim; garde, germânico), reflete bem as suas mais remotas origens germânicas: wardôn ou como no alemão warten –esperar, aguardar, cuidar”. Ao pé da letra, era o que estava na expectativa, o que estava aguardando alguma coisa ou acontecimento mas para dele se precaver [...]. (TELES, 1983, p. 81, grifo do autor).

No caso específico das tendências literárias, o termo *vanguarda* refere-se aos grupos que preveem e anunciam o futuro. Nas primeiras décadas do século XX, de acordo com Abdala Júnior e Campedelli (1997), as vanguardas artísticas aparecem na Europa. Essa atmosfera vanguardista inapropriadamente, na época, denominada de *futurista* influencia, de maneira direta e indireta, a reflexão modernista dos escritores brasileiros. Os movimentos vanguardistas nos quais os escritores modernistas brasileiros apreendem de maneira superficial suas características e que os influencia são o *futurismo*, de Marinetti, pautado na ideia de simultaneidade e de liberdade das palavras; o *expressionismo*, para o qual importa o choque, a oposição e o contraste entre o homem e as coisas, na busca pela representação das desigualdades por meio de uma linguagem fragmentária como –expressão interior do escritor” (ABDALA JÚNIOR; CAMPEDELLI, 1997, p. 20); o *cubismo*, cujo rompimento com os aspectos que imprimem imitação da realidade desde a época renascentista, reduziu, dessa forma, a realidade a traços esquemáticos e sintéticos, e acredita-se que este é o mais radical dos movimentos vanguardistas e que, por influencia deste tenha aparecido o *construtivismo*, uma das características mais influentes na origem da poética moderna de João Cabral de Melo Neto; o *dadaísmo*, constituído sob a ótica da antiliteratura, considerado pelo seu aspecto de recusa e/ou de insulto à vida social e à cultura. Os aspectos da vanguarda dadaísta que impulsionaram os escritores a participarem da Semana de Arte Moderna, em especial na figura de Oswald de Andrade, são a irreverência e a força destruidora. O *surrealismo*, que procura associações com o subconsciente e não aceita a tendência destrutiva da vanguarda dadaísta. É de natureza surrealista construir ou compor uma arte voltada para a transformação do mundo em seus aspectos sociais, filosóficos ou religiosos, com exemplo para a poesia de

Murilo Mendes. Essas vanguardas apresentadas são apenas alguns exemplos dentre os outros que vigoram para citar alguns.

No caso do contexto sociocultural brasileiro, no final da década de 1920 e início da década de 1930, o país encontrava-se em plena conturbação política, em virtude da instauração da República. No âmbito literário, vislumbrava-se o nascimento de muitas revistas literárias, decorrentes das concepções advindas de São Paulo acerca do movimento modernista que já se instaurava naquele estado e que aos poucos estava tomando conta de todo o país a partir da publicação de alguns manifestos e revistas literárias.

No contexto paraense, encontra-se, no final da primeira década do século XX, a decadência da borracha, principal produto de exportação da região Norte do país. Essa crise econômica acarretou, para o Estado do Pará, perdas sociais e culturais. Mas antes dessa decadência, Belém usufruiu bastante do chamado *boom* da borracha, deixando de ter em sua arquitetura lembranças da colônia de Portugal e adquirindo ares de uma requintada cidade aos moldes europeus, com praças, avenidas, *boulevards* etc. No auge da expansão da borracha, Belém chegou a ser uma das mais notáveis cidades da América Latina.

Belém teve a sua Renascença na época de Antônio Lemos e ainda hoje guarda os sinais de vitalidade da grande transformação que a colocou, no princípio deste século, em predomínio urbanístico sobre o Rio de Janeiro anterior às reformas de Pereira Passos. Uma pequena Paris, dela diziam os viajantes encantados. (TOCANTINS, 1976 apud COELHO, 2003, p. 21).

Foi nessa configuração sócio-histórica e cultural que surgiu o Modernismo, que se caracteriza como “[...] o movimento literário que se prolonga da Semana de Arte Moderna até o meado do século. Seu signo principal é o da liberdade de pesquisa estética, isto é, cada poeta não encontra regras prefixadas que seguir; tem de eleger as suas próprias [...]” (RAMOS, 2004, v.5, p. 44). É nesse ambiente de posições políticas e artísticas que surgem os anseios pela divulgação da literatura local, com o advento da revista literária *Belem Nova*, dirigida por Bruno de Menezes. Pode-se verificar a influência de diversos estilos na obra de Menezes, desde o Simbolismo, por seus versos serem extremamente carregados por uma musicalidade e repletos de aliterações; passa também pelo Realismo/Naturalismo, na revelação das sinestésias das cores e dos cheiros, e do folclore que evidencia a realidade do povo amazônico, bem como de seus textos de prosa literária que evidenciam os problemas sociais e apresentam uma linguagem regional característica amazônica com seu léxico

próprio; e Modernismo, com o uso de versos livres que simbolizavam uma verdadeira reação contra as amarras do Parnasianismo, além de explorar em seu poema “Batuque” (1931), o tema social como forma de variação da literatura em perspectiva. Tudo isso, a partir de uma linguagem de características peculiares e autênticas.

Convém esclarecer que, apesar de Bruno de Menezes ser um escritor que contribuiu de forma mais efetiva para o início das mudanças rumo à consolidação da prosa literária amazônica, o clímax da prosa literária romanesca de expressão amazônica no Pará ocorre com Dalcídio Jurandir, escritor nascido no Marajó, que tem em *Chove nos campos de cachoeira*, uma das suas obras-primas, escrita, de acordo com Amarílis Tupiassú (2006), por mais de dez anos.

[...] [Dalcídio Jurandir] dominou todos os registros da língua portuguesa. Diz-se que é impossível conhecer a fundo a Amazônia sem o mergulho na Amazônia construída em seus livros. Acreditem: a Amazônia paupérrima, a dos medos e danações, em contraste com uma outra, a dos excessos e ostentação dos ricos se evolui em poesia para os seus romances. Não acumulou nenhuma riqueza, nenhuma vaidade acalentou na vida, apesar de seus romances premiados pela crítica nacional. Dedicou o refino de seu discurso à lavra de onze romances, dez deles compondo a saga do extremo-norte. (TUPIASSÚ, 2006, p. 50).

Assim como Dalcídio Jurandir, podem-se citar outros nomes de importância para a configuração de uma prosa amazônica de merecido destaque, como Inglês de Sousa, Marques de Carvalho, Haroldo Maranhão, Eneida de Moraes, Lindanor Celina, Maria Lúcia Medeiros, Benedito Monteiro, Vicente Cecim, cujos discursos artísticos primam pela associação a temas genuinamente amazônicos. Ao lado desses escritores, não se pode deixar de destacar os amazonenses Milton Hatoum e Márcio Sousa. Como se verifica, o escritor Bruno de Menezes é um dos nomes importantes da Amazônia a ser citado como divulgador das inovações estéticas pretendidas. Abguar Bastos, da mesma forma, é um dos nomes destacados quando o tema é a prosa literária de expressão amazônica. O escritor Abguar Bastos, no caso específico do Modernismo, é um nome de destaque, visto que escreveu um dos manifestos utilizados pelos estetas modernos, o “Manifesto Flami-n’-assu: manifesto aos intelectuaes paraenses”, publicado em 1927, na Revista *Belem Nova*. Esse manifesto seria uma espécie de versão amazônica do “Manifesto Pau-brasil”, publicado por Oswald de Andrade. A importância de Bruno de Menezes para o movimento modernista brasileiro, de acordo com Figueiredo (2001), deve-se, sobretudo, pelo empenho do escritor em produzir uma poesia livre das

amarras do parnasianismo, mesmo que ainda estivesse, em um primeiro momento, preso ao simbolismo.

O surgimento e o avanço dos círculos literários regionais contribuíram para dar força ao movimento iniciado em São Paulo e propiciou como dito anteriormente, a criação de revistas literárias, cujo objetivo era divulgar as novas ideias. A revista *Belem Nova*, ao lado de outras publicações amazônicas de mesmo cunho – *Revista Paraense*, de 1909 e *A Semana*, de 1918 –, foi um dos exemplos concretos de um empenho coletivo em acirrada disputa intelectual com objetivo de definir a realidade regional amazônica a partir da publicação da obra literária produzida na região e veiculada por esse suporte material.

Em torno da revista –“Belém Nova” [sic.], iria aglutinar-se a falange dos novos do Pará, em princípio com algumas concessões ao passadismo, depois com algum colorido agressivo. Chegaram-lhe notícias dos arreganhos paulistas através de Pernambuco, e não certamente pelo discurso de Graça Aranha, pois ali, desde 1922, começara o movimento em tons iconoclasta. Surpresa alguma, aliás, deve causar esta afirmativa, sabido que os ecos da *Semana de Arte Moderna* atingiram Recife no mesmo ano de 1922, antecipando-se ao Rio de Janeiro no que iria representar de luta e violência, a pregação modernista. (INOJOSA, 1994, p. 113-14, grifo do autor).

Bruno de Menezes, desde 1920, com ardor pelos novos rumos da literatura, que havia necessidade de mudanças, empenhava-se na divulgação e construção desse momento crucial que viviam as letras em todo o Brasil, isso é mostrado nas análises feitas com o *corpus*. No entanto, por a obra *Maria Dagmar* ter sido concebida durante a efervescência do modernismo, e, desse modo conter algumas características da fase moderna, faz-se necessário tecer alguns comentários sobre essa estética para situar o contexto histórico, social e ideológico de concepção da novela escrita por Bruno de Menezes, bem como as explicitações acerca do suporte material, a revista literária *Belem Nova*, órgão de divulgação dos novos rumos que a literatura e as artes de maneira geral estavam vivenciando.

Arte Nova

Eu quero um‘Arte original... Daí
Esta insatisfação na minha Musa!
Ânsias de ineditismos que eu não vi
E o vulgo material inda não usa!

E a Idéia é ignota... A Perfeição em si,
Tem segredos de morte e alma reclusa...

Sendo a glória espinhosa, – eu me feri...
Justo e, pois, que este sonho arda e reclusa!...

Toda volúpia estética do Poeta
que eu sou, - para a Poesia que mim sinto,
provém desse Querer em linha reta!

Gloriosa um'Arte que os Ideais renova!
– Razão da causa por que eu me requinto
na extravagância de uma imagem nova! (MENEZES, 1993, v. 1, p.454).

Como se observa no poema “Arte Nova”, de 1920, o autor-criador aponta para uma nova forma de fazer literatura, aponta para o modernismo, irrequieto que estava por uma nova poética, que foi concretizada, de certa maneira, pela instauração no Pará, do grupo *Os Vândalos do Apocalipse*, liderado por Bruno de Menezes, Dalcídio Jurandir e Jacques Flores, cujo prenúncio era de mudanças; animados pelo espírito novo que rondava os escritos dos que faziam parte do grupo, que queriam libertar as métricas da época e construir uma poesia mais forte. São dessa época os primeiros versos de “Lua Sonâmbula”, do livro *Bailado Lunar*, de 1924 e “Batuque”, do livro *Poesias*, de 1931. Pouco tempo se passou para que o grupo *Os Vândalos do Apocalipse* logo mudasse de nome, para então se chamar *Grupo do Peixe Frito*,

O peixe-frito foi seu símbolo. Pelos botecos do Ver-o-Peso, abastecendo-se de postas de 200 réis, farinha d'água de 10 tostões o litro e cachaça de 500 réis a dose, o grupo boêmio e sonhador — Abguar Bastos, Paulo Oliveira, De Campos Ribeiro, Jacques Flores, Nuno Vieira, Muniz Barreto, Sandoval Lage, Clóvis de Gusmão, Orlando Moraes, Lindolfo Mesquita, Ribeiro de Castro, Rodrigues Pinagé e Bruno — debatia literatura e equacionava revoluções, captando a simpatia do povo, nos bares e cafés, nas festanças do Umarizal e outros subúrbios, onde se tornavam reis, como oradores e poetas. (SILVA, 2001, p. 11.).

Nessas vinculações e recorrências a grupos literários, há um verdadeiro ciclo de pertencimento e não pertencimento, que relaciona autor-pessoa e autor-criador e a partir de tal posicionamento ético e estético advêm das imagens do autor-criador Bruno de Menezes, imagens essas que encontram nesse pertencimento à posição axiológico-valorativa, os epítetos mais difundidos que são o de escritor do povo, o de divulgador das coisas da terra. Sabe-se que a crítica literária reduz a obra de Bruno de Menezes à imagem de poeta de gente simples por vinculação à estética literária moderna, por conta do poema “Batuque” (1931), considerada uma de suas obras mais genuinamente paraense e de importância para a história

literária do Pará. Nesta tese, os epítetos vinculados a Bruno de Menezes são abordados desde a vinculação destes percebida pela realização concreta da língua, expresso de diversas formas pelo léxico e construções sintáticas, pelas chamadas linguagens-estilo, para usar um termo bakhtiniano, o que possibilita visões de mundo socialmente diferentes, possíveis a partir da apreensão da linguagem pelo autor-criador, do desmascaramento das línguas sociais e das ideologias, isto é, a partir do estudo direcionado à estratificação da linguagem presente no gênero discursivo romance. Bakhtin, ao falar da estratificação da linguagem, afirma que,

[...] As correntes literárias e outras, os meios, as revistas, certos jornais, e mesmo certas obras importantes e certos indivíduos, todos eles são capazes, na medida da sua importância social, de estratificar a linguagem, sobrecarregando suas palavras e formas com suas próprias intenções e acentos típicos e, com isso, torná-las em certa medida alheias às outras correntes, partidos, obras e pessoas [...]. (BAKHTIN, 2010b, p. 97).

Desse modo, este trabalho depreende as imagens do autor-criador Bruno de Menezes, a partir das posições axiológico-valorativas assumidas por este quando da construção de sua obra em prosa literária. É necessário, no entanto, dar uma visão global do percurso autoral de Bruno de Menezes, que além de prosador foi poeta, jornalista, ensaísta etc., o que configura a arquitetura da obra de Menezes, para que se possa analisar de forma mais adequada, de acordo com o pensamento bakhtiniano, as obras selecionadas para análise, a novela *Maria Dagmar* e o romance *Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina*. Não se poderiam tomar as obras analisadas de forma isolada, por isso, para tratar a obra em prosa de ficção do Bruno de Menezes, são abordados de forma dialógica, os manifestos presentes na revista *Belem Nova*, quando da publicação da novela *Maria Dagmar*, um dos textos que compõe o *corpus* desta tese. A análise dos manifestos serve para a visualização dos valores da época e para a perspectiva identitária amazônica presente neles e que ditaram a forma do fazer literário de toda uma época na literatura amazônica produzida no Pará.

Esta tese apresenta três seções produzidas evidenciando-se a relação entre o querer-dizer do locutor, os gêneros do discurso escolhidos por Bruno de Menezes e as imagens veiculadas pela crítica, contrapondo-as com as “línguas-estilo” adotadas nos dois textos utilizados aqui nesta pesquisa.

A primeira seção intitulada “Da vontade discursiva e do projeto enunciativo de Bruno de Menezes”, divide-se em duas partes. Na primeira, faz-se uma explanação sobre a

fundamentação teórica dos conceitos bakhtinianos e de todos os demais conceitos utilizados ao longo do trabalho, concernentes principalmente às noções de gêneros do discurso, diálogo, plurilinguismo, cronotopo, estilo, arquitetônica. Outros teóricos como Raymond Williams (1979, 2001), Stuart Hall (2006), Antonio Gramsci (1985) e Pierre Bourdieu (2003, 2007, 2010) também são evidenciados para dar um suporte maior às análises produzidas, basicamente em função de sua ligação com o pensamento bakhtiniano, no que diz respeito à cultura, povo e nação, além de outros que são percebidos durante a explanação da fundamentação teórica. Na segunda parte dessa seção apresentam-se os textos que compõem o *corpus* de pesquisa, evidenciando-se, principalmente, a escolha deles e o motivo de analisá-los sob a ótica de Bakhtin, além de um resumo de cada uma das obras destacadas.

A segunda seção, “Do sujeito e de sua linguagem”, segue em direção à construção da vontade discursiva e do projeto enunciativo de Bruno de Menezes, com base nos manifestos literários presentes em *Belem Nova*, que servem de base para a concepção da forma arquitetônica de sua obra, que transborda na forma composicional de sua literatura, nesse contexto, evidenciado pelos gêneros novela e romance. A seleção dos manifestos e editoriais segue a apresentação da novela *Maria Dagmar*, isto é, os manifestos e editoriais publicados nos mesmos números que os da novela, com exceção do editorial denominado *Portico*, assinado por Severino Silva, que é utilizado por ser o primeiro editorial publicado na revista. A utilização dos manifestos em relação dialógica principalmente com o gênero novela vai configurar a imagem da linguagem presente nos textos de Menezes. Essa imagem da linguagem serve para abordar os aspectos ideológicos das obras, no que diz respeito principalmente aos valores que cada uma expressa. O manifesto literário é um gênero produzido no momento do Modernismo e caracteriza-se por estar vinculado a essa posição axiológico-valorativa; por essa razão, a concepção de valor e de ideologia, presente no pensamento bakhtiniano, é o grande foco da seção. Como o aspecto valorativo desencadeia na construção da identidade de uma coletividade, o conceito de identidade também faz parte deste capítulo da tese, para, dessa forma, dar uma visão ampla da forma composicional das obras, no que concerne ao tema, ao conteúdo e ao estilo.

A terceira seção intitulada “Do sujeito e de seus interlocutores” trata as imagens que a crítica veicula ao fazer literário de Menezes. É importante ressaltar que parte dos epítetos atribuídos ao autor-criador advêm dos seus textos poéticos. Além de partir desses epítetos designados pela crítica, a análise dos gêneros do discurso – novela e romance –, produzidos pelo escritor paraense, é feita com base nas vozes presentes nos dois textos que fazem parte do *corpus* desta tese, para desta forma corroborar para o diálogo que se trava na materialidade

da obra em conjunto com os elementos externos, nesse caso, a crítica de Bruno de Menezes, bem como o diálogo de *Maria Dagmar*, com a obra do escritor português Fialho D'Almeida, na sua novela *A Ruiva* (1881), e também da associação da novela com a obra *Lucíola*⁹ (2002), de José de Alencar. No que diz respeito ao outro texto de Menezes, além dos aspectos não-verbais presentes na capa do romance *Candunga* e de sua associação com a obra imagética *Retirantes* (1944), de Cândido Portinari, são feitas associações com o texto bíblico do Êxodo, que mostra a “fuga” dos hebreus para a “terra prometida”, além dessa relação com o texto bíblico, é mostrada a relação dialógica com a obra *Vidas Secas*¹⁰ (1993), de Graciliano Ramos, que constitui umas das referências da literatura brasileira que trata da temática da seca e da migração.

O que se busca, enfim, é apreender as imagens de Bruno de Menezes, em especial relacionadas a duas temáticas, a cultura e o povo. Com isso, espera-se contribuir para a configuração da identidade literária amazônica. Uma Amazônia que nutre a literatura com suas expressões de beleza natural e uma Amazônia usurpada, cuja degradação é causada pela devastação da natureza física e humana. A literatura de expressão amazônica é atravessada pelo rio, mas também por sujeitos e elementos que constituem o discurso inspirado na/pela região, tanto no que diz respeito à sua impressionante natureza grandiosa, quanto pelo sentimento de diminuição do ser humano que nela habita, causado pelo impacto dos elementos naturais que o circundam. A literatura de expressão amazônica produzida no Pará, que é mostrada aqui nesta tese, conjuga padrões de riqueza e miséria, encantos e desencantos provocados pelos seres que nela habitam, retratados por Bruno de Menezes, num flagrante das figurações representadas em seus textos em prosa literária.

⁹A primeira edição de *Lucíola* data de 1862.

¹⁰A obra de Graciliano Ramos foi escrita em 1937.

1 DA VONTADE DISCURSIVA E DO PROJETO ENUNCIATIVO DE BRUNO DE MENEZES

E, por me estranhar, vi-me por um instante como sou. Gostei ou não? Simplesmente aceitei. (LISPECTOR, 2004, p. 35).

Nesta primeira seção é feita uma apresentação da fundamentação teórica do trabalho, cujo enfoque central recai sobre o Círculo de Bakhtin, em especial os trabalhos do próprio Bakhtin, de Medviédev e de Volochínov. As categorias abordadas para esta pesquisa constituem-se de uma explanação sobre a concepção de linguagem, articulada aos conceitos de “discurso” e “ideologia”. Em seguida, são focalizadas as categorias de “diálogo” e “dialogismo”, que constituem umas das principais contribuições bakhtinianas, e que desencadeiam nos estudos dos “gêneros do discurso”. Os gêneros relacionam “sujeito” e atividade estética, por isso, “autor” e “autoria” são enfocados para esse estudo. E a partir disso, identidade, alteridade e cultura são temas que merecem destaque, ainda mais em um estudo cujo *corpus* constitui-se de duas obras literárias. Diante disso, buscou-se colaborações de outros teóricos, como Raymond Williams, Stuart Hall, Pierre Bourdieu e Antonio Gramsci, que também dialogam com os estudos do Círculo de Bakhtin.

Em um primeiro momento da seção são abordados os aspectos mencionados acima, direcionados para o âmbito crítico-filosófico dos fundamentos desta tese de doutorado, para em seguida, por uma questão de conhecimento do *corpus* em análise, serem enfatizados os aspectos do querer-dizer do locutor Bruno de Menezes, no que diz respeito à forma arquitetônica de cada uma de suas obras em análise e, caso se faça necessário, sua obra poderá ser tomada em conjunto a partir dos livros de folclore, poesia e ficção, como se constrói seu projeto enunciativo. Para as formas composicionais em *Maria Dagmar* e *Candunga*, convém afirmar que os aspectos intralinguísticos e extralinguísticos foram analisados com base na constituição dos manifestos literários presentes na revista *Belem Nova*, suporte material no qual foi publicado o texto *Maria Dagmar*, e que, de certa forma, ditou as normas do novo fazer literário no Pará.

Essa primeira seção abarca duas grandes partes, a primeira relacionada com os aspectos das categorias de análise e discussão da literatura em que se baseia o estudo, com ênfase nas concepções do pensamento bakhtiniano, bem como sua relação com outros teóricos que discutem identidade e teoria literária. Em um segundo momento, são explicitadas as obras

que compõem o *corpus* de pesquisa e sua relação com o suporte material no qual o primeiro texto de ficção de Bruno de Menezes aparece presente, visto se tratar de um modo de fazer literatura que se baseava justamente nos “preceitos” evidenciados nas revistas literárias produzidas nessa época, que foi um verdadeiro intercâmbio com os escritores de vários estados brasileiros (e também de outros países) e que veiculavam a afirmação de novos ideais estéticos, que culminaram para a renovação do quadro literário do país. Os manifestos literários são utilizados como a base do estudo da identidade da Literatura Amazônica de Bruno de Menezes, visto que a estética que inspira esses textos é a da temática nacional e a do interesse pelas realidades regionais.

A literatura produzida por Bruno de Menezes é processo e produto de sua vivência nos mais diversos círculos, cujo contato direto com a cultura popular é a fonte de conhecimento necessária para a tessitura de seus discursos e a consolidação de sua obra enquanto um dos intérpretes da Amazônia, conjugando seu posicionamento ético e sua arquitetônica estética na construção identitária da Literatura Amazônica produzida no Pará. Todas essas questões relacionadas ao ato ético de Bruno de Menezes levaram à escolha do referencial teórico de Bakhtin e do Círculo. Para verificar essa escolha, pode-se apresentar a definição de ato, evidenciando que:

A filosofia do ato ético (ou ato responsável, ou ainda, como propusemos alhures, ato responsável) de Bakhtin, é em termos gerais uma proposta de estudo do agir humano no mundo concreto, mundo social e histórico e, portanto, sujeito a mudanças, não apenas em termos de seu aspecto material, mas das maneiras de os seres humanos o conceberem simbolicamente, isto é, de o representarem por meio de alguma linguagem, e de agirem nesses termos em circunstâncias específicas. (SOBRAL, 2009, p. 24).

Esse agir no mundo do escritor Bruno de Menezes pode ser percebido em diferentes momentos, um deles é a própria escolha dos gêneros novela e romance, que passaram a fazer parte do agir dele no mundo, visto que estava acostumado a transitar apenas pelas veredas dos versos, mas a instituição discursiva propiciou essa nova faceta de suas obras, visto ser o momento de configuração de uma nova identidade amazônica com o advento da estética modernista. São justamente esses aspectos que serão apresentados a partir desse momento na tentativa de explicitar nesta seção a vontade discursiva e o projeto enunciativo do autor-criador Bruno de Menezes, na construção de suas obras aqui analisadas, principalmente sob a perspectiva do pensamento bakhtiniano.

1.1 DAS CONTRIBUIÇÕES DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Para a ancoragem teórica que sustente a análise, os conceitos bakhtinianos que serão utilizados são os que se referem diretamente aos “gêneros do discurso” como “tema”, “forma” e “estilo”, visto que, se é através do gênero que se estabelece uma interconexão da linguagem com a vida social é a partir dessa concepção dos gêneros do discurso, que serão depreendidas as imagens do autor-criador Bruno de Menezes. Bakhtin com sua concepção social, dialógica, histórica e também, ideológica da vida e da linguagem foi um dos responsáveis pela efervescência das ideias em torno da história das ideias da linguagem e dos estudos sociais da/na virada do século XIX para o século XX, e também de abordagens científicas possíveis a partir de seus estudos. O fenômeno social-ideológico que é o discurso não pode deixar de levar em conta a noção de signo ideológico, tal qual apresentada por Bakhtin/Volochínov em *Marxismo e Filosofia da linguagem*¹¹ (2004), na qual é considerada a importância da ideologia ou do valor ideológico para a concretização dos atos que a consciência humana veicula a partir do material semiótico.

1.1.1 Linguagem, discurso e ideologia

Um dado constitutivo da linguagem de acordo com os estudos de Bakhtin e o Círculo é o discurso poder ser abordado tanto do ponto de vista interno, quando de uma perspectiva externa, o que configura o ponto de vista dialógico, intrínseco à linguagem e aos discursos. Diante de tal afirmativa, a concepção bakhtiniana de linguagem encontra-se concretizada em dois conceitos, texto e discurso. Esses dois conceitos foram amplamente abordados por Bakhtin e o Círculo, em especial os estudiosos Volochínov e Medvedev, que compartilham uma mesma concepção de língua e obra verbal. E como língua é um fenômeno socioideológico, ela pressupõe sujeitos e sujeito é um conceito um tanto controverso dentro dos estudos do Círculo bakhtiniano, posto que para Volochínov e Medvedev a concepção de

¹¹Convém afirmar que a publicação original desta obra é de 1929.

sujeito vincula-se ao viés sociológico e materialista, enquanto para Bakhtin essa mesma noção tem base fenomenológica.

A língua, em Bakhtin, é um sistema linguístico e socioideológico, visto que se constitui por signos linguístico-ideológicos e é por meio desses signos que a linguagem humana materializa-se verbalmente para, dessa forma, fazer referência ao mundo, à realidade do sujeito e, assim, constituir e representar não apenas o mundo imediato, mas o outro mundo para além deste. Por essas razões, afirma-se que a linguagem é ideológica. Além desse aspecto, o conceito de linguagem nos estudos bakhtinianos encontra-se vinculado aos termos da ética, sendo, portanto, relacionada aos atos singulares e únicos do sujeito, portanto, ao ser-evento-único. Desta forma, a linguagem é carregada de expressividade, ela carrega a atitude valorativa dos sujeitos do discurso. Há duas dimensões da linguagem, uma que é vista como um sistema e outra que é vista como enunciado, essa última enfatiza a dimensão singular, irrepetível, concreta e plurivalente da linguagem, enquanto a outra enfatiza a dimensão da linguagem que é previsível, logo, abstrata, reiterável, estrutural e unívoca.

A concepção da linguagem em Bakhtin/Volochínov (2004) é dada por meio da interação social, a linguagem é o produto da interação entre locutor e interlocutor na sua forma mais evidente que é o diálogo, não o diálogo face a face, mas para Bakhtin “diálogo” é mais do que essa interação face a face, significa dizer que a “palavra” procede de alguém e dirige-se para outro alguém. O termo “palavra” para Bakhtin designa um fenômeno ideológico, isto é, está intimamente ligado à realidade e, portanto, transforma-se em signo ideológico. A palavra bakhtiniana é tanto um signo interior quanto exterior e, portanto, cria-se o fundamento que existe, antes mesmo da interação verbal, uma forma de consciência e que esta é de cunho sociológico. Bakhtin, a respeito do estatuto da consciência, direciona uma crítica às concepções idealistas e positivistas que consideravam a consciência pertencente a um indivíduo autoconstituente, sob a qual o teórico russo afirma:

[...] A única definição objetiva possível da consciência é de ordem sociológica. A consciência não pode derivar diretamente da natureza, como tentaram e ainda tentam mostrar o materialismo mecanicista ingênuo e a psicologia contemporânea (sob suas diferentes formas: biológica, behaviorista, etc.). A ideologia não pode derivar da consciência, como pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato

fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem [...]. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 35-6).

Consoante ao que fora dito, a consciência é um fato social e por conta disso, os indivíduos não recebem a língua construída e preparada para uso, todavia eles a penetram e entram em contato com ela partir da corrente comunicativa e só então a consciência é despertada e, enfim, passa a operar, pois, de acordo com Bakhtin/Volochínov (2004), “[...] os sujeitos não adquirem sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência [...]” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 108, grifo do autor). A existência da consciência e do sujeito bakhtinianos, só é possível, posto que são mediados pela linguagem e estabelecidos na e pela interação. Essa linguagem, de acordo com o que foi dito anteriormente, concretiza-se em dois conceitos, o de texto e o de discurso. Nas teorias linguísticas esses conceitos têm inúmeras definições; para os estudos bakhtinianos, à medida que propõem sua teoria enunciativo-discursiva da linguagem, refletem a respeito destes termos e de outros a eles ligados, no que se refere estritamente às concepções de enunciado/enunciação e sua vinculação com signo ideológico, comunicação, gêneros do discurso, dialogismo e outros tantos elementos que constituem a dinâmica enunciativo-discursiva da linguagem.

Brait e Melo (2010) apresentam que o “enunciado concreto” pode ser substituído ou fundido por palavra, texto ou discurso, de acordo com a obra do Círculo de Bakhtin adotada ou das diversas traduções que as obras bakhtinianas receberam. O adequado a afirmar é que os discursos sustentam os textos. O discurso é a ação produzida a partir das relações sociais e estabelecida em um determinado contexto histórico-social, isto é, em uma determinada enunciação. Por esse aspecto, de seu vínculo com a enunciação e por compreender “enunciação” como essa realidade concreta de realização da palavra, não se pode dizer que o discurso é neutro, pois, ao se tratar de discurso deve-se ter em mente para que ele foi produzido. Os discursos atuam sobre sujeito e interlocutor em relações intercambiáveis, de ações e respostas e repercute no espaço social em que é produzido; o discurso perscruta as distorções e as polêmicas pelas quais ele é envolvido. Entende-se que a atividade discursiva, como a forma de agir sobre os outros, realiza-se neste ambiente imerso de pontos de vista diferentes que marcam as relações sociais, na qual o discurso nasce e não pode ser estudado fora delas, refletindo esta diversidade e se posicionando diante dela.

Ainda sobre a questão do enunciado, Bakhtin (2010a) o define como a unidade real da comunicação discursiva, diferenciando-a das unidades convencionais da língua, como as

palavras e orações. As três características inerentes a todo enunciado são a alternância dos sujeitos falantes, a conclusibilidade do enunciado e a vinculação deste a um determinado gênero do discurso. Outro fato importante a se considerar no estudo do enunciado é que ele se dirige a alguém e ao mesmo tempo o sujeito falante constrói uma imagem de si e do outro a quem seu discurso é dirigido; logo, o discurso é orientado e também determinado por uma realidade social, ou seja, cada discurso é constituído como parte do universo discursivo-ideológico presente no espaço social e na realidade a qual ele se encontra vinculado. É a partir da relação entre linguagem, ideologia e consciência que Bakhtin/Volochínov (2004) vão caracterizar de que forma o signo ideológico funciona. O uso da palavra “ideologia” por membros do Círculo adquire, de forma geral, o estatuto de “[...] produtos do ‘espírito’ humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura **imaterial** ou produção **espiritual**.” (FARACO, 2009, p. 46, grifo do autor). Ideologia, no âmbito dos estudos bakhtinianos, é o universo da arte, da filosofia, da religião, da ciência, da ética, ou seja, das manifestações que se ocupam dos ramos da criatividade humana.

É salutar reiterar que o uso de ideológico é similar a “axiológico” e, dessa forma, os enunciados alcançam a significação de um viés avaliativo, pois expressa um posicionamento social valorativo, por essa razão, nos estudos do Círculo, o enunciado é sempre considerado ideológico, pois “[...] tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia.*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 31, grifo do autor). Isso significa dizer que o enunciado sempre se dá em um dos ramos da atividade humana e ele sempre vai expressar uma posição axiológico-valorativa.

[...] Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito a critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico [...].*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 32, grifo do autor).

É a partir dessa vinculação do semiótico com o ideológico que a teoria materialista presente nos estudos do Círculo é construída e que constitui o seu fundamento para os fatos relacionados aos produtos da cultura imaterial e de sua filosofia da cultura. Neste sentido, não se pode deixar de considerar os estudos de Raymond Williams, pois para o teórico dos

estudos culturais, a cultura produz a realidade. Na condição de força produtiva, ela constitui o mundo real quando, interagindo com ele, vale-se de meios materiais, tais como: a língua, as tecnologias específicas de escrita, as formas de escrever, os sistemas eletrônicos, os mecanismos de comunicação etc. O produto cultural é, em grande medida, um desdobramento das relações sociais que alteram a consciência prática que a produz. Entender a cultura, neste caso, é descrever essas relações e, em decorrência, os esquemas, as instituições, os mecanismos e as forças produzidas no processo prático de sua elaboração.

Williams (2011), como outros autores do século XX, usa o termo cultura como “prática social” e “produção cultural”, ambos entendidos como “sistema de significações”, o que ampliou o escopo de interpretação do termo, pois a cultura passou a incluir toda e qualquer “prática significativa”, contemplando três dimensões antes desagregadas: cultura como “modo de vida global”, como “sistema de significações” e como “atividades artísticas e intelectuais”. Cultura não exclui uma dessas dimensões, mas as agrega, as conjuga, pois tanto as vidas ordinárias, quanto a produção artística, literária e poética são culturais porque carregam em si significados e valores formulados no coletivo, nas interações humanas.

De acordo com Williams (2011),

A história da ideia de cultura é um registro de nossas reações, em pensamento e em sentimento, às mudanças nas condições de nossa vida em comum. Nosso significado de cultura é uma reação aos eventos que nossos significados de indústria e democracia definem com extrema clareza. Mas as condições foram criadas e depois modificadas pelos homens. O registro dos eventos encontra-se em alguma outra parte, em nossa história geral. A história da ideia de cultura é um registro de nossos significados e nossas definições, mas essas, por sua vez, só podem ser compreendidas no contexto de nossas ações.

A ideia de cultura é uma reação geral e uma mudança geral e significativa nas condições de nossa vida em comum. Seu elemento básico é seu esforço para realizar uma avaliação qualitativa total. A mudança na forma total de nossa vida em comum produziu, como uma reação necessária, uma ênfase na atenção a essa forma total. A mudança particular irá modificar uma disciplina habitual, substituir uma ação habitual. A mudança geral, quando já ocorreu e saiu do caminho, leva-nos de volta a nossos desígnios gerais, que temos de aprender a examinar uma vez mais e como uma totalidade. A elaboração da ideia de cultura é uma nova e lenta busca por controle. (WILLIAMS, 2011, p. 321).

Ao compreender cultura como a integração de um modo de vida e dos produtos das artes e do aprendizado, Williams incorpora ao estudo da cultura o exame de diferentes tipos de instituições e formações pelas quais ela se faz produzir, distribuir e divulgar. Na elaboração de uma teoria materialista da cultura, Williams (1979) levanta, ao lado do conceito

de cultura, as ideias de língua, literatura e ideologia, afirmando que só se pode pensar o que é cultura a partir da reflexão conjunta com esses outros conceitos. Na definição das fronteiras entre o marxismo e a literatura, o autor faz uma revisão dos conceitos da teoria cultural marxista e se estabelece não como marxista, mas como um teórico do materialismo cultural que, segundo ele, era uma teoria das especificidades da produção cultural e literária material, dentro do materialismo histórico.

Ao apresentar o conceito de literatura, Williams afirma que

[...] a novidade teórica crucial é o reconhecimento da “literatura” como uma categoria social e histórica, especializada. Deve ser claro que isso não lhe reduz a importância. Exatamente por ser histórica, um conceito-chave de uma importante fase de uma cultura, constitui evidência decisiva de uma forma particular do desenvolvimento social da linguagem [...]. (WILLIAMS, 1979, p. 58, grifo do autor).

A articulação desses conceitos de Williams, em especial esse último que diz respeito à literatura, subsidiará a realização desta pesquisa, pois o que se observou, a partir da explanação dos conceitos elencados, foi que passou a ser desenvolvida uma “literatura do povo”, ainda que esta fosse negada pela tradição literária, numa tentativa de relacionar a literatura à história econômica e social na qual ela foi produzida, criando o conceito de materialismo cultural, que consiste em considerar os produtos da cultura como práticas sociais e, por esta razão, o materialismo cultural preocupa-se em desvendar as condições dessa prática, isto é, os grupos e movimentos artísticos e intelectuais, de modo geral. Williams sabia que o intelectual não era uma ilha isolada, mas o produto de uma trajetória social, de um determinado processo de socialização, de um conjunto de relações sociais. Nesse sentido, o intelectual jamais deixa de ser, em algum grau, o porta-voz de seu grupo ou classe ou fração de classe.

Qualquer descrição das “situações” é manifestamente social, mas como descrição de prática cultural ainda é evidentemente incompleta. O que se acrescenta habitualmente (ou o que numa teoria anterior e persistente era considerada como definitiva) é uma especificação da prática cultural em termos de “meio”. A literatura, diz-se, é um tipo particular de obra realizada no meio da linguagem. Qualquer outra observação, embora importante, é periférica a esta: uma situação na qual a obra prática é iniciada, ou na qual é recebida. O próprio trabalho se faz nesse “meio” [...]. (WILLIAMS, 1979, p. 158, grifo do autor).

Assim como para Bakhtin e o Círculo, a linguagem ocorre por meio da interação social, para Williams, as relações sociais também são o grande viés para o desenvolvimento da cultura e do intelectual enquanto produtor de textos que veiculem essa cultura. Desta forma, a imagem do autor, como “autor-criador” e não como autor-pessoa, passa pelas condições históricas e culturais nas quais se podem basear as discussões e análises e as quais devem ser consideradas enquanto condições imprescindíveis para o sujeito se constituir como “autor-criador”. Além disso, o que Williams considera como parte integrante do sentido atribuído ao discurso é o *mídium* que, para o teórico dos estudos culturais, faz parte do processo maior no qual está inserida a noção de literatura que ele utiliza. Por essas razões e estabelecendo relações próximas entre o Círculo de Bakhtin e Williams, ante ao estudo do discurso literário de Bruno de Menezes, deve-se considerar o suporte material para fins de análise.

1.1.2 Diálogo e dialogismo

Nos estudos do Círculo, o “diálogo” está presente nas reflexões acerca da linguagem e da comunicação.

[...] É no âmbito da linguagem que insistimos, na afirmação de seu caráter dialógico, que aponta para a consideração do diálogo como uma boa amostra, um conceito-fonte irradiador e organizador da reflexão [...], que, além de explicar porque celebra o diálogo, também ajuda a defini-lo como alternância entre enunciados, entre acabamentos, ou seja, entre sujeitos falantes, entre diferentes posicionamentos [...]. (MARCHEZAN, 2010, p. 116).

Bakhtin (2010a) considera a forma clássica da comunicação verbal, o diálogo. Uma das características do diálogo é sua conclusibilidade específica, que garante uma ação responsiva. Essa “ação responsiva” estabelece relações de troca em forma de pergunta, objeção, aceitação etc. com o enunciado pleno e acabado. Essa forma clássica e simples da comunicação discursiva constitui o diálogo, que precisa de pelo menos dois enunciados completos e acabados, no sentido bakhtiniano. Neste ponto, a concepção do sujeito postulada é a de que o outro desempenha um papel fundamental, pois, para o teórico russo, é impossível

conceber o sujeito fora das relações que o ligam ao outro. Desta maneira, entende-se, de acordo com Bakhtin/Volochínov (2004), que nenhuma palavra é nossa, pois ela traz sempre a perspectiva de uma outra voz.

[...] O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja [...]. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 123, grifo do autor).

Esse diálogo, no sentido amplo, compreende a dialogicidade da palavra. Quando Bakhtin (2008) fala a respeito da dialogicidade que perpassa todo o dizer, ele afirma que nela está presente três dimensões diferentes: todo o dizer se orienta para o “já dito”, isto é, o dizer é uma réplica; todo dizer é direcionado para a resposta, isto é, a réplica é esperada pelo enunciado e ele está predisposto à influência da resposta antecipada; e todo dizer é dialogizado internamente, ou seja, é perpassado por uma multiplicidade de vozes que se encontram e se confrontam.

[...] O diálogo real (a conversa do cotidiano, a discussão científica, a discussão política, etc.). A relação entre as réplicas de tal diálogo é o tipo mais externamente notório e simples de relações dialógicas. Contudo, as relações dialógicas não coincidem, de maneira nenhuma, com as relações entre as réplicas do diálogo real; são bem mais amplas, diversificadas e complexas [...]. (BAKHTIN, 2010a, p. 331).

As relações dialógicas, portanto, são o objeto efetivo do dialogismo e o que de fato o constitui. Se por um lado, o diálogo face a face, isto é, o diálogo no sentido estrito, constitui-se como “[...] um documento sociológico sumamente interessante [...]” (BAKHTIN, 2008, p. 316), por outro lado, o interesse pelo diálogo face a face para os estudos bakhtinianos refere-se à relação de forças que atua sobre ele e que condiciona, de certa maneira, a sua forma e as suas significações. Assim, o diálogo face a face importa para o teórico russo como um dos eventos em que se manifestam as relações dialógicas mais amplas e complexas, e, sob essa perspectiva, o diálogo no sentido estrito interessa ao Círculo como um dos lugares em que ocorre o entrecruzamento das inúmeras verdades sociais, isto é, o espaço em que acontece o

diálogo no sentido amplo, ou seja, o confronto das diversas relações sociais estabelecidas nos enunciados de todo e qualquer tipo e tamanho que são efetivamente relacionados.

A teoria dialógica deve considerar, em primeira instância, o ser e seu agir no mundo, visto que um sujeito só existe na sua relação com outros sujeitos, sendo assim, ele só age baseado nos atos desses outros sujeitos e jamais deixa de evidenciar atos presentes, passados ou futuros, isto é, o dialogismo parte do princípio de que o sentido se constitui em um *continuum*, visto que a origem do dizer não está no indivíduo. Martin Buber¹², filósofo austríaco, é um dos primeiros a abordar a filosofia (relação) do encontro, pautando seus estudos, quer no âmbito da religião, da filosofia propriamente dita, da educação, da política e da sociologia nas discussões acerca da relação e *Eu e Tu*, título de um de seus livros. Logo, a noção de dialogismo é apresentada por Buber, em 1923, na obra acima referida, considerando que “[...] O Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando Eu que digo Tu. Toda vida atual é encontro [...].” (BUBER, 2001, p. 79). Dessa forma, a teoria dialógica vê a diferença não fechada num sistema, mas como o fundamento e o produto das relações entre o sujeito, a sociedade na qual ele se insere e a história da qual ele faz parte. Alguns aspectos desses podem ser estáveis; outros são, no entanto, considerados instáveis, o que configura dinamismo ao sistema.

As palavras-princípios da teoria desenvolvida por Buber são “-Eu-Tu”, que designa o encontro de dois, na reciprocidade estabelecida entre os parceiros e, desta forma, uma confirmação mútua; e “-Eu-Isso”, que é a atitude objetivante, confirmada tanto pela experiência quanto pela utilização. Talvez aí já se perceba a diferença entre a teoria buberiana e os estudos de Bakhtin e o Círculo, visto que para o teórico russo nem sempre ocorre essa reciprocidade, acontece, pois, uma atitude responsiva, que pode ser de concordância ou discordância. Outro ponto que merece destaque para desmistificar as relações entre Buber e Bakhtin é que para o primeiro, a relação “-eu-tu” é apenas inter-humana, enquanto para Bakhtin, a relação é entre sujeitos, e neste caso, entre discursos veiculados por textos, pela materialidade linguística. Mais um destaque, para que se possa finalizar as relações entre os dois estudiosos, é a categoria denominada como “-entre”, que configura o fenômeno da resposta para Buber, sendo que para Bakhtin o que caracteriza a atitude responsiva, a alternância, neste caso, dos sujeitos do discurso, é o acabamento. O que Buber propõe é a

¹²Alguns teóricos nos alertam para não confundirmos o diálogo de Bakhtin, que é uma interação especial, com a relação Eu-Você de Buber. (Cf.: MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 68).

articulação harmônica entre os seres, e Bakhtin e o Círculo, por outro lado, propõe a ação de sujeitos no mundo, baseados na ética e na estética.

Embora para alguns dialogismo e diálogo possam parecer sinônimos, vale enfatizar que essas concepções não devem se confundir. Na obra do Círculo de Bakhtin, o diálogo é um procedimento discursivo que pode estar presente no dialogismo, e todo discurso sempre terá a presença do diálogo, isto é, ele “*conversa*” com outros discursos, visto que o enunciado sempre vai ser produzido por um sujeito, que não age fora de uma interação e essa interação pressupõe um diálogo. Esse diálogo demarca as fronteiras do enunciado, isto é, seus limites, que, de acordo com Bakhtin (2010a), são determinados, dentre outros fatos, pela alternância dos locutores do enunciado, ou seja, pela alternância dos sujeitos falantes, que é percebida no diálogo em que a fronteira de cada interlocutor é bem delineada, como pode estar presente em qualquer tipo de enunciado. Isso constitui o que se denomina de uma dupla dialogização do enunciado, na qual um enunciado responde aos enunciados que o precedem como também se volta para outros que o sucedem, visto estar sempre dirigido a alguém, sendo uma de suas características a de estar voltado a um destinatário.

De acordo com Bakhtin, o que cria a possibilidade do dialogismo é a exterioridade, que cria a possibilidade de se compreender uma cultura de forma mais profunda, visto que toda e qualquer cultura contém significados desconhecidos por esta mesma cultura e que só podem ser compreendidos se a pessoa que compreende estiver localizada *fora* do objeto fonte de sua compreensão criadora. No caso do discurso literário, um fato importante a considerar é a relação autor-herói, pois o autor é a consciência da consciência, o que condiz com a noção de acabamento, pois o personagem recebe o acabamento dado pelo autor-criador de uma obra estética, sendo que todos os passos do herói e os valores veiculados pela obra são possíveis graças ao “*excedente de visão*” do autor, que constrói a arquitetura do todo da obra. Sendo assim, o cuidado que se deve ter no enfoque do objeto literário é o de não desvinculá-lo da cultura e de procurar compreendê-lo nesse processo de diferenciação, isto é, na totalidade da cultura de uma época.

Esse processo de diferenciação refere-se ao tratamento dado à determinada obra, que não pode ser feito de forma isolada, como faziam os formalistas russos, mas deve-se tratar a obra considerando-se o contexto social, histórico, cultural e ideológico no qual ela está inserida, como estabelecido por Bakhtin e o Círculo. Essas considerações expressas pela obra estética significam dizer que ela é tanto a criatura quanto a criadora de uma cultura, pois advém dela, por meio da qual se delimita e se constrói, seguindo as coerções e os parâmetros de uma determinada cultura e ao mesmo tempo é a representação/amostra desta cultura, logo,

a constrói, dá-lhe existência concreta, pois da totalidade da cultura só temos acesso a amostras que são seu indício, visto que essa totalidade é, portanto, intangível e apenas pressuposta idealmente, conceitualmente. É a partir desse quadro epistemológico que outras ciências, como a História, a Filosofia, a Psicanálise, a Antropologia, as Ciências Sociais etc., debruçaram-se sobre a obra literária, desenvolvendo suas pesquisas sem deixar de lado essas características de constituição e emergência das obras.

Outro fator a se considerar quando se trata de diálogo e dialogismo nos estudos bakhtinianos, é a categoria conhecida como —plurilinguismo”, que designa “[...] todas as vozes sócio-ideológicas da época, ou seja, todas as linguagens, qualquer [que] seja sua importância [...].” (BAKHTIN, 2010b, p. 201). Isso implica dizer que o romance, a partir do plurilinguismo, representa o homem, isto é, representa o mundo social no qual está inserido.

[...] Na base da exigência de que o romance deva conter a plenitude das linguagens sociais da época, encontra-se uma percepção correta da essência do plurilingüismo [sic.] romanesco. Toda linguagem só se revela em sua originalidade quando é correlacionada a todas as outras línguas integradas numa mesma unidade contraditória do devir social. No romance, toda linguagem é um ponto de vista, uma perspectiva sócio-ideológica dos grupos sociais reais e dos seus representantes personificados [...]. (BAKHTIN, 2010b, p. 201).

O que se evidencia na concepção do plurilinguismo é que ele faz parte da perspectiva socioideológica e é a orquestração das vozes sociais de um romance, sendo considerada como a representação da linguagem, a representação do homem que fala no romance, daí a importância deste conceito para o estudo dos epítetos relacionados ao autor-criador Bruno de Menezes. Outro fator relevante, ainda nesse âmbito que integra essa representação por meio da linguagem, o diálogo e o dialogismo, é que o plurilinguismo atua como significado último da réplica, percebido quando o discurso se abre ao diálogo, quando ele se caracteriza como finalizado, quando recebe acabamento, perceptíveis no momento em que se busca descobrir as línguas orquestradoras, ou seja, compreender a representação da linguagem, de acordo com o grau de refrações, a partir de suas relações dialógicas.

1.1.3 Gêneros do discurso

De acordo com Bakhtin (2010a), “[...] a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso* [...]” (BAKHTIN, 2010a, p. 282, grifo do autor). É essa vontade discursiva, também denominada de “~~int~~enção discursiva” ou “~~querer~~-dizer” do locutor, é o que vai determinar o todo do enunciado, tanto ao que se refere ao seu tamanho, quanto às suas fronteiras. Algo importante a enfatizar na noção de “~~g~~ênero de discurso”, talvez, um dos principais conceitos contidos na obra do filósofo russo, é dizer que esse conceito engloba justamente o que se pode considerar no desenvolvimento desta pesquisa, o aspecto social do texto e suas relações com a história e a ideologia, pois Bakhtin considera o gênero como a noção na qual se articulam a língua, a conjuntura social e a estrutura histórica, é um espaço articulado de ações e coerções nas quais essas forças impulsionam uma ação de interdependência entre produção discursiva, contextos sociais e históricos pautados de forma irregular e desigual, o que contribui para a consolidação, o condicionamento e a produção de efeitos de sentido dos discursos. Todas essas questões fazem parte da assim chamada concepção dialógica da linguagem, na qual o processo de produção dos discursos está indissolivelmente ligado ao conceito de interação, que constitui o pilar do dialogismo bakhtiniano.

Nos estudos bakhtinianos, convém iniciar a análise do todo da obra a partir da noção de gênero do discurso, que se baseia no pressuposto de que se podem encontrar, nos textos e nas práticas discursivas da sociedade, critérios de semelhança e de diferença que contribuem, dessa forma, para classificá-los. O gênero é conhecido por ser considerado a totalidade do enunciado, e por se constituir como um todo acabado – no sentido temático e não estritamente composicional, sendo o problema do acabamento um dos aspectos mais relevantes da teoria dos gêneros – em que cada elemento constitutivo no interior do enunciado só é possível de atribuição de sentido se compreendido em conexão estrita com o gênero ao qual é veiculado. E, ao se considerar o enunciado e sua interação com o conceito de gêneros do discurso como um dos fatores para o acabamento, não se pode deixar de apresentar outros aspectos que estão intimamente ligados com a questão dos gêneros, como o “~~e~~onteúdo temático”, o “~~e~~stilo” e a “~~f~~orma composicional”. Dessa maneira, antes de abordar esses três fatores e aprofundar a definição de gêneros do discurso em Bakhtin, convém lembrar o que fora dito anteriormente acerca dos aspectos constitutivos do “~~e~~nunciado”.

O “~~e~~nunciado” enquanto unidade do discurso é compreendido como a “~~u~~nidade da comunicação verbal”, e pode ser definido basicamente pelo que ele é como pelo que ele não é, ou seja, considera-se distinguir o enunciado da proposição de uma unidade da língua enquanto sistema, visto o enunciado difundir-se em forma de discurso e pertencer a um determinado

sujeito, posto que não pode existir de outra forma, considerando-se que mesmo constituindo-se de diferentes formas de enunciação, de acordo com os aspectos anteriormente citados como “~~e~~onteúdo”, “~~e~~stilo” e “~~f~~orma composicional”, além do seu volume, as enunciações contêm estruturas comuns, o que as torna unidades de comunicação discursiva, além de “[...] *limites* absolutamente precisos [...]” (BAKHTIN, 2010a, p. 274-5, grifo do autor), tornando-se assim não uma unidade convencional, mas uma unidade real da comunicação discursiva. Dessa forma,

[...] Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo de fala. Se os gêneros dos discursos não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível [...]. (BAKHTIN, 2010a, p. 283).

O que Bakhtin afirma é que os gêneros do discurso estão associados às esferas de atividades e que eles são elaborados de acordo com cada uma dessas esferas de troca social (esfera de utilização da língua), a isso ele chama de gênero discursivo, ou seja, ao utilizar a língua, o falante sempre faz isso associando-a a um determinado gênero, mesmo que não se dê conta disso, visto a variedade de gêneros ser muito grande, abrangendo situações de comunicação tanto de ordem escrita quanto oral, e diz respeito tanto a formas cotidianas (saudações, despedidas etc.) como a formas mais elaboradas, como as literárias, científicas, as jurídicas, as políticas etc.

Bakhtin (2010a) subdivide os gêneros do discurso em primários (simples) e secundários (complexos). Essa distinção entre gêneros primários e secundários, proposta por Bakhtin, estabelece que os gêneros possuem uma determinada forma de composição e um determinado estilo e um determinado tema; não é preciso ter um bom domínio dos gêneros para poder usá-los livremente, pois os sujeitos fazem isso sem se dar conta.

[...] Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram

diversos gêneros primários (simples), que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem a sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. No seu conjunto o romance é um enunciado, como a réplica do diálogo cotidiano ou uma carta privada (ele tem a mesma natureza dessas duas), mas à diferença deles é um enunciado secundário (complexo) [...]. (BAKHTIN, 2010a, p. 263-4).

Essa discussão em torno das concepções de gênero primário e secundário é muito pertinente para esta pesquisa, tendo em vista que serão apresentados basicamente dois gêneros, a novela e o romance; o gênero manifesto literário não será apresentado com a função de configurar esse gênero, mas apenas pelo fato de que os manifestos selecionados para comporem a análise, fazem parte do suporte material que é a revista *Belem Nova*, *mídiu*m que publicou pela primeira vez um dos textos em prosa literária de Bruno de Menezes, a novela *Maria Dagmar*, em 1924. Pode-se dizer que o gênero possui a mesma natureza do enunciado, isto é, ele está de acordo com o fato de se utilizar a língua em situações sociais concretas e determinadas socialmente, isto significa afirmar que as “[...] formas de interação verbal acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social [...]” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 42). Por isso, afirma-se que não existe discurso sem gênero, e o gênero é o responsável pelas características compartilhadas pela diversidade dos grupos de enunciados. Dessa forma, assim como o enunciado, o gênero possui três características peculiares que são o “conteúdo temático”, o “estilo” e a “forma (ou construção) composicional”. Estes três elementos estão diretamente ligados aos domínios da atividade humana, isto é, às esferas de atividade da criação ideológica.

[...] Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis [...]. (BAKHTIN, 2010a, p. 266).

Além disso, é importante considerar a noção de “arquitetônica”, que organiza o todo do discurso, unindo material, forma e conteúdo e, para se ter uma compreensão ampla do

objeto artístico no que diz respeito tanto ao tempo e espaço quanto ao sentido, essa noção se faz pertinente. As formas arquitetônicas servem para determinar os procedimentos estáticos externos, que advêm dos critérios de acabamento e da visão artística. A forma arquitetônica determina a forma de composição, visto que aquela é a concepção da obra enquanto objeto estético e esta é a maneira específica como uma obra é estruturada de forma externa, a partir da sua concepção arquitetônica, que pode ser relacionada à formação de gênero e daí, aos elementos de tema, estilo e composição.

Por “forma composicional” ou “construção composicional” entende-se o modo de organizar o discurso, refere-se à estrutura formal propriamente dita, são os elementos das estruturas comunicativas compartilhadas pelos gêneros, considerando as estratégias lexicais, semânticas e pragmáticas para que o enunciado cumpra sua função comunicativa. Bakhtin ainda enfatiza que da mesma maneira como as formas gramaticais são organizadas, assim os gêneros do discurso também se organizam. Diz-se que é a forma de conclusão e de estruturação do todo discursivo, isso significa analisar o tipo de aproximação entre sujeito e locutor ou os demais envolvidos na interação verbal, seja a relação que envolve o ouvinte, o leitor, o discurso de outrem etc. Consideram-se, na forma composicional, os aspectos da estrutura discursiva que constituem processos de semelhanças entre diferentes textos.

Nesse sentido, cabe ressaltar que a variedade dos gêneros é determinada pela situação discursiva, pela posição social que o locutor ocupa e pelas relações pessoais existentes entre os interlocutores do processo comunicativo. Os gêneros também admitem uma “entonação expressiva” ligada diretamente a sua estrutura e que marca de forma singular o “conteúdo ideológico” veiculado pelo enunciado, visto que para Bakhtin aprender a falar implica aprender a construir enunciados e não somente a dominar o complexo uso de orações que fazem parte da língua. Relacionar o conteúdo ideológico com a entonação ou com o “tom” do discurso, significa considerá-lo como relacionado ao nível do enunciado e não ao nível da palavra. O tom é um elemento constitutivo do enunciado, visto que fora deste não existe entonação expressiva, não há tom no nível da língua, apenas no nível do enunciado.

[...] Todo enunciado é um elo na cadeia de comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo temático semântico-objetal. A escolha dos meios lingüísticos [sic.] e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela idéia) [sic.] do sujeito do discurso (autor) centradas no objeto e no sentido [...]. (BAKHTIN, 2010a, p. 289).

Dessa forma, deve-se explicitar que os gêneros se constituem levando em consideração as “enunciações valorativas” presentes no enunciado, que constituem o significado, isto é, o sentido concreto enquanto enunciado acabado. As palavras selecionadas para comporem o enunciado de determinado locutor são escolhidas tendo em vista o “tom” que ele deseja dar, ou seja, “[...] selecionamos aquelas que pelo tom correspondem à expressão do nosso enunciado e rejeitamos outras. É precisamente dessa maneira que os poetas representam o seu trabalho com a palavra [...]” (BAKHTIN, 2010a, p. 291).

O “conteúdo temático” ou o “tema” é ideologicamente marcado, e trata dos sentidos verbais e não-verbais, singulares, únicos, ideológicos, históricos e valorativos da língua. O tema é determinado tanto pelas formas linguísticas quanto pelo contexto extraverbal que compreende o compartilhamento pelos interlocutores do horizonte espaço-temporal, do conhecimento da situação e de avaliações e julgamentos.

[...] A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas) [...].” (BAKHTIN, 2010a, p. 282, grifo do autor).

Sendo assim, o tema é interdependente dos gêneros do discurso, pois corresponde a situações típicas da comunicação discursiva; a contatos entre a significação da palavra e a realidade concreta, o que desencadeia certo estilo. Em Bakhtin/Volochínov (2004), ao ser apresentada a relação entre tema e significação, é enfatizado que “[...] o tema da enunciação é na verdade, assim, como a própria enunciação, individual e não reiterável [...]” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 128). O tema é, portanto, o sentido da enunciação e por isso, ele é “[...] determinado não só pelas formas linguísticas (sic.) que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação [...]” (Ibid., p. 128). Isso significa afirmar que o tema possui um caráter histórico que não se reduz à análise e que não é reiterável. Por esses aspectos, diz-se que o tema resulta da enunciação e que a significação relaciona-se com as formas da língua.

[...] O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza, etc.). Contudo, alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.). Todo o dado se transforma em criado [...]. (BAKHTIN, 2010a, p. 326).

O conteúdo temático resulta da interação entre a esfera de atividade, as formas composicionais e o estilo, que resulta no significado real do enunciado, a partir do juízo de valor a ele relacionado. Todavia, o gênero do discurso é a real interpretação estabelecida a partir de um lugar social onde a linguagem é produzida, ao invés de ser considerado apenas o alojamento dos conteúdos ideológicos, o que conduz à afirmação de que o gênero possui uma dimensão criativa.

[...] Todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também qualquer campo de comunicação discursiva (*rietchevóie obschênie*) – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual [...]. (BAKHTIN, 2010a, p. 265, grifo do autor).

Ao falar em criatividade, pode-se dizer que ela representa o estilo no enunciado, ou seja, reflete a individualidade do locutor e, por um lado, esse estilo do gênero corresponde à forma de representar certo estilo individual. Sendo assim, o “estilo” vem a ser o conjunto de procedimentos de acabamento de um enunciado. São as particularidades discursivas, textuais que criam uma imagem do autor-criador, o que se denomina efeito de individualidade, levando em conta questões individuais de escolha e opção de escolha de vocabulário, estrutura frasal, preferências gramaticais etc.. Há uma relação de valor com o objeto do discurso que estabelece a expressividade deste, visto ser um elemento constituinte de todo enunciado; logo, não há possibilidade de enunciado totalmente neutro, visto a expressividade ser o elemento que define o estilo, pois, “[...] sem levar em conta a relação do falante com o *outro* e seus enunciados (presentes e antecipáveis), é impossível compreender o gênero ou o estilo do discurso [...]” (BAKHTIN, 2010a, p. 304, grifo do autor). A expressividade não pode deixar de existir em um discurso, todavia ela pode ser dissimulada, como ocorre nos chamados gêneros “objetivos”.

[...] os chamados estilos neutros ou objetivos de exposição, concentrados ao máximo em seu objeto e, parceria, estranhos a qualquer olhada repetida para o outro, envolvem, apesar de tudo, uma determinada concepção de seu destinatário. Tais estilos objetivo-neutros produzem uma seleção de meios lingüísticos [sic.] não só do ponto de vista de sua adequação ao objeto do discurso mas também do ponto de vista do proposto fundo aperceptível do destinatário do discurso, mas esse fundo é levado em conta de modo extremamente genérico e abstrato do seu aspecto expressivo (também é mínima a expressão do próprio falante no estilo objetivo). Os estilos neutro-objetivos pressupõem uma espécie de triunfo do destinatário sobre o falante, uma unidade dos seus pontos de vista, mas essa identidade e essa unidade custam quase a plena recusa à expressão. Cabe observar que o caráter dos estilos neutro-objetivos (e, conseqüentemente, da concepção que lhes serve de base) é bastante diverso em função da diferença de campos da comunicação discursiva [...]. (BAKHTIN, 2010a, p. 304-5).

Os gêneros, dessa forma, ligam-se a práticas sociais relacionadas à produção da linguagem. Por essa razão, os gêneros possuem um caráter sócio-histórico determinado. Mesmo que o gênero seja de propriedade dos elementos constitutivos da língua, ele difere do enunciado por constituir-se de formas estáveis; no entanto, o elemento histórico do gênero do discurso atribui-lhe um caráter eminentemente provisório ao que se refere à estabilidade. A maneira como os gêneros do discurso articulam a individualidade do locutor à do interlocutor é pertinente para se pensar as formas de tratamento das obras literárias e a apreensão do estilo individual. É necessário, estabelecer uma relação eficaz com o fato de se relacionar gênero com práticas sociais e, neste sentido, convém recorrer aos estudos de Pierre Bourdieu. Pode-se dizer que a gênese e a estrutura das práticas sociais constituem a maior parte das preocupações doutrinárias de Pierre Bourdieu. Procurando superar tanto concepções subjetivistas quanto objetivistas da ação, o autor francês identifica a ação social nas relações entre as estruturas incorporadas de ação, denominadas por ele de “*habitus*”, e as estruturas objetivas — regras de ação, educação formal, gostos, relações de produção e concorrência — de cada espaço social, os “*campos*”.

Bourdieu apresenta em *Questões de sociologia* (2003) uma sintética definição de campos como

[...] espaços estruturados de posições (ou postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes [...]. *Há leis gerais dos campos*: campos tão diferentes como o campo da política, o campo da filosofia, o campo da religião

possuem leis de funcionamento invariantes [...]. (BOURDIEU, 2003, p. 119, grifo do autor).

Assim, um campo é um espaço social onde seus participantes se engajam em relações recíprocas no transcurso de suas atividades, e a passagem citada esclarece que campos muito diferentes entre si (como o da política, o da religião etc.) apresentam propriedades comuns que permitem que se possa falar em leis características desses campos.

A noção de campo comporta três leis gerais, de acordo com Luís Mauro Sá Martino, em *Mídia e poder simbólico* (2005) que se aplicam a qualquer campo. A primeira lei geral é “[...] o reconhecimento de um objeto de luta comum [...]”, a segunda é que haja “[...] atores que denotem conhecimento das regras do jogo [...]”, na qual os jogadores, “[...] dominantes e dominados adotarão estratégias de conservação ou de subversão em função de sua situação relacional num momento específico [...]” e, por fim, a terceira lei geral dos campos que é “[...] a unidade manifestada por seus agentes contra todo ataque que tente denunciar os interesses reais em jogo [...]”. (MARTINO, 2005, p. 33).

O conceito de campo está intimamente ligado ao de “~~h~~abit~~us~~”. De acordo com Bourdieu (2007), pode-se definir “~~h~~abit~~us~~” como:

[...] sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas [...]. (BOURDIEU, 2007, p. 201-2).

Dessa forma, a vida em sociedade é um aprendizado contínuo da prática social, na qual atitudes, ideias e valores são constantemente interiorizados pelo indivíduo como maneira de agir corretamente. A incorporação progressiva dessas práticas, como aprender a dirigir um carro, faz com que elas percam a sua condição de “~~pr~~áticas estruturadas” e comecem a parecer “~~pr~~áticas naturais”. O caráter arbitrário do processo de aprendizagem e de inculcação submerge diante da ilusão de naturalidade da ação. A passagem da norma para a ação prática cria o hábito dessa ação. Em situações posteriores, o indivíduo tende a agir de uma determinada maneira, sem o cálculo necessário à ação original. O “~~h~~abit~~us~~” torna-se uma espécie de matriz geradora de esquemas de ação e percepção social que, sob a ilusão da naturalidade, parecem ao indivíduo como absolutamente corretos e coerentes.

O estudo do “habitus” está relacionado ao conceito de “ethos”. Essa noção se inscreve em uma troca simbólica regrada por mecanismos sociais e por posições institucionais exteriores. Para Bourdieu (2003):

[...] A noção de *habitus* engloba a noção de *ethos*, e é por isso que emprego cada vez menos essa última noção. Os princípios práticos de classificação que são constitutivos do *habitus* são *indissociavelmente* lógicos e axiológicos, teóricos e práticos (a partir do momento que dizemos branco ou preto, dizemos bem ou mal). Orientando-se para a prática, a lógica prática mobiliza inevitavelmente valores. Foi por isso que abandonei a distinção à qual tive que recorrer uma ou duas vezes, entre *eidos* como sistema de esquemas lógicos e *ethos* como sistemas de esquemas práticos, axiológicos (e isto tanto mais que compartimentando o *habitus* em dimensões, *ethos*, *eidos*, *hexis*, corremos o risco de reforçar a visão realista que leva a pensar em termos de instâncias separadas). Acresce que todos os princípios de escolha estão incorporados, se tornaram posturas, disposições do corpo: os valores são gestos, maneiras de estar de pé, de andar, de falar. A força do *ethos* e ter-se tornado uma moral que se tornou *hexis*, gesto, postura [...]. (BOURDIEU, 2003, p. 139, grifo do autor).

Para Bourdieu, a ação exercida pelo orador sobre seu auditório não é de ordem linguageira, mas social; sua autoridade não depende da imagem de si que ele produz em seu discurso, mas de sua posição social e de suas possibilidades de acesso à palavra oficial.

Será feita nessa tese de doutorado, sobre o discurso de Bruno de Menezes, uma abordagem sobre o “ethos”, ou seja, sobre a imagem do autor-criador Bruno de Menezes. Dessa forma, o que interessa aqui também são as afirmações de Bourdieu a respeito de campo. Pode-se dizer que o campo constitui um microcosmo social, e define-se por relações de tensão, lutas entre seus diferentes grupos de agentes para ocupar posições dominantes, mobilizando, para se constituir e consolidar, estratégias de outros campos.

Outro fato relacionado à teoria bourdieusiana é quando se afirma que ela não é uma “leitura” entre tantas outras do fato literário, mas é uma teoria geral da produção simbólica, é um empreendimento profundamente crítico das ilusões que estão na base das representações dominantes da literatura e das práticas que as tornam possíveis; caso particular relacionado às avaliações e comentários das obras. Nesse sentido, não se pode ocultar que, no âmbito da análise do discurso, a abordagem da literatura se torna mais salutar, e, desta forma, convém acrescentar que “[...] a articulação língua-literatura vai aparecer como um dos elementos fundadores da epistemologia bakhtiniana [...]” (BRAIT, 2010b, p. 19). Esse fato vem para corroborar a utilização de Bourdieu para esta pesquisa, cujas concepções bakhtinianas de linguagem irão conduzir a análise, pois tanto para o teórico russo quanto para o francês os

textos literários são importantes para a compreensão de um determinado momento histórico e para a compreensão da humanidade.

[...] A literatura é um lugar estratégico, ainda que não seja o único, para a observação das relações entre linguagem cotidiana e criatividade. Ela constitui uma das possibilidades de exploração da língua, como forma criativa e atuante de mobilização de palavras e estruturas linguísticas, apontando para inúmeros fins, para diferentes propósitos. Artisticamente arquitetado, o texto literário é objeto de estudo de diversas vertentes das teorias literárias e linguísticas, as quais têm contribuído para caracterizar a natureza de acordo com diferentes momentos históricos, povos, línguas, culturas, variantes culturais e linguísticas dentro de um mesmo país. Apesar de todas as diferenças e da riqueza representada pela multiplicidade de gêneros, conteúdos, finalidades, fazer literário e fazer poético aparecem como construções em que a língua, escrita ou oral, é mobilizada e explorada para expressar e justificar a existência humana [...]. (BRAIT, 2010b, p. 41-2).

Essa mobilização da linguagem por meio dos textos literários e, dessa forma, a importância de tais elementos para a construção desta tese sobre os epítetos pelos quais o escritor Bruno de Menezes é designado, conduz à reflexão dos estudos de Bourdieu para fins de análise. O que se pode observar é que os estudos de Bourdieu estabelecem ligações diretas entre o espaço das obras e o espaço das escolas literárias e dos escritores. Assim, a relação instituída é entre um campo de tomada de posições e um sistema de posições diferenciais no campo de produção. O que se funda na teoria dos campos de Bourdieu é uma permanente luta de interesse e de desinteresse. Para que os atores sociais adquiram maior autoridade e legitimação, devem criar condições de efetivar um posicionamento a partir de estratégias sempre renovadas.

As noções de “campo intelectual”, de Bourdieu (2007) e “campo discursivo”, de Bakhtin/Volochínov (2004), ainda que sejam separadas por qualquer incompatibilidade teórica – uma refere-se à realidade empírica enquanto a outra à linguagem – aqui são utilizadas devido à aproximação com o modo como refletem, no âmbito das produções discursivas, as referências históricas que se localizam no plano da linguagem. O percurso teórico-metodológico proposto aqui, a respeito dos epítetos de Bruno de Menezes e da construção de sua literatura amazônica produzida no Pará, servem para evidenciar os argumentos retirados das teorias utilizadas, a respeito da teoria dos campos de Bourdieu, como por exemplo, a relação do escritor, enquanto artista e intelectual, propagador e disseminador de ideias, que por mais que seja uma figura singular e individual, não pratica uma ação nem fala fora de uma rede institucional e discursiva, sob qual seu discurso é

enquadrado e seu agir no mundo revelado. É no âmago desse campo intelectual das ideias como elementos concorrentes e de tensão de produção de sentido e no qual os sujeitos, por sua vez, cooperam ou entram em conflito entre si, que, de acordo com Bourdieu (2007), o campo é definido pelas lutas que se desenrolam e pelas condições de poder que se consolidam.

Ainda a respeito das articulações entre o Círculo de Bakhtin e o sociólogo Pierre Bourdieu, convém ratificar que ambos fizeram críticas severas aos pensamentos filosóficos de suas épocas, o subjetivismo e o objetivismo, tendo em vista as contribuições dos teóricos no que se refere à inserção de temas pertinentes aos estudos das Ciências Sociais, como os aspectos relativos à linguagem, ao sujeito, à ideologia, ao social e à história. Todos esses aspectos desembocam na expressão individual “[...] que se manifestará em razão das condições sócio-históricas da existência dos sujeitos e da relação com a alteridade [...]” (GRILLO, 2010, p. 138). Tanto para o Círculo como para Bourdieu

[...] Os sujeitos são formados pela incorporação de disposições produzidas por regularidades objetivas, situadas dentro da lógica de um campo determinado (ciência, religião, mídia, família, classe social, etc.), mas que são redimensionadas em razão da trajetória individual e da posição ocupada pelo sujeito nesse campo. A relação entre as condições sociais nas quais se constitui um *habitus* e as condições sociais nas quais ele é operado produz o sentido prático, o qual é engendrado sem a sua representação explícita pelos sujeitos, que são pegos na urgência de agir [...]. (GRILLO, 2010, p. 130-40).

Desta maneira, o sujeito existe e se constitui no e pelo discurso, no momento da enunciação, sendo assim, sujeito e sentido não são dados *a priori*; eles se constituem no discurso. Entender essa constituição do sujeito concomitante com a de discurso significa eliminar a contraposição estabelecida entre interioridade discursiva e exterioridade extradiscursiva, sendo o sujeito marcado pela cisão entre o eu e o outro, cuja dinâmica produzida entre identidade e alteridade, a partir das práticas de linguagem no âmbito das práticas sociais, constitui o discurso.

1.1.4 Sujeito e atividade estética: autor e autoria

Os conceitos bakhtinianos até aqui apresentados servem para sustentar a análise quanto ao que se pretende, articulando as categorias forma, conteúdo e estilo ao conceito maior de gênero do discurso, visto que o efeito de individualidade que serve para a apreensão da imagem a partir dos epítetos –a voz do nosso povo”, –divulgador da cultura” e –escritor dos marginalizados” relacionados a Bruno de Menezes perpassam pela construção de toda sua obra, de toda a arquitetônica, que considera o todo integrado de uma obra e por assim dizer um conteúdo, forma e material, pois, esse efeito de individualidade leva em consideração a relação do autor com o representado como parte integrante da composição de sua imagem.

[...] As imagens de autor, as imagens das personagens são determinadas [...] por linguagens-estilos; as diferenças entre elas se resumem a diferenças entre linguagens e estilos, isto é, a diferenças meramente lingüísticas. [...] essas imagens (linguagens-estilos) não estão lado a lado na obra como dados lingüísticos, aí elas entram em complexas e dinâmicas relações semânticas de tipo especial. Esse tipo de relações pode ser definido como relações dialógicas [...]. (BAKHTIN, 2010a, p. 322-3).

Para a apreensão das imagens do autor-criador nas obras selecionadas, será levado em conta também a relação entre ética e estética. O agir do sujeito se realiza em vários planos que unem um processo, que é próprio agir no mundo, um produto, que é a teorização e uma valorização, que é o senso estético propriamente dito. Isso tudo vinculado à responsabilidade do sujeito humano. Essa articulação entre responsabilidade e sujeito, enfatiza que uma linguagem que num determinado período foi considerada pelas instituições como literária em outros períodos pode não ser. Assim como as instituições da época de um determinado escritor podem não considerar sua obra como literária e posteriormente sua obra ser revista e passar a fazer parte do cânone. Dessa forma, fica evidente que a obra literária é considerada como tal, segundo preceitos diferenciados em cada momento ou tipo de metodologia utilizada para avaliá-la.

Além disso, o –sujeito”, e nesta noção encontra-se também um dos conceitos fundamentais do pensamento bakhtiniano, constitui-se em relação com a dialogia, a alteridade e a ideologia. O que constitui o sujeito é o elemento social, vinculado à interação verbal estabelecida entre o sujeito e o outro. Sendo assim, o sujeito é constituído de fora para dentro, um sujeito que é ativo na constituição da linguagem e que por ela é constituído, numa relação

de instabilidade e estabilidade. Desta relação do sujeito com a linguagem e o discurso dependem-se os conceitos de autor e autoria e sua realização a partir da obra estética.

O autor-criador é compreendido como posição estético-formal e sua característica essencial encontra-se materializada na relação valorativa entre o herói e seu mundo. Isso significa que aí se incluem também a forma composicional e o material, ou seja, a completude da obra estética se define pelas escolhas tanto composicionais quanto de linguagem que desencadeiam no posicionamento axiológico.

[...] Desse modo, qualquer texto tem, como seu ponto de partida e como seu elemento estruturante, um posicionamento axiológico, uma **posição autoral**. No ato artístico, especificamente, a realidade vivida (já em si atravessada por diferentes valorações sociais porque a vida se dá num complexo caldo axiológico) é transposta para um outro plano axiológico (o plano da obra): o ato estético opera sobre sistema de valores e cria novos sistemas de valores [...]. (FARACO, 2009, p. 90).

O que se evidencia é o plano da vida e o plano artístico interagindo de forma a constituir um todo integrado, na qual o autor-criador é quem dá a forma ao conteúdo veiculado pela obra estética, na qual os eventos da vida são transpostos para a obra.

Ainda se pode enfatizar a distinção entre o autor-pessoa e o autor-criador, que envolve o deslocamento no plano da linguagem concebida como “~~plurilinguismo~~¹³”, que é “[...] um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes ou línguas sociais, isto é, um conjunto de formações verboaxiológicas [...]” (Ibid., p. 92). Desta forma, o autor-criador é quem sustenta o todo artístico, a partir da identificação das vozes sociais que perpassam pelo discurso. Deve-se considerar, no âmbito das vozes sociais e da dinâmica que envolve e é envolvido o discurso pelo autor-criador e pelo interlocutor a consideração do conceito de “~~eronotopo~~”, que é conceito que representa o mundo e a sociedade, isto é, a relação entre espaço e tempo que determina a imagem do homem no discurso literário.

[...] Entendemos o cronotopo como uma categoria conteudístico-formal da literatura (aqui não relacionamos o cronotopo com outras esferas da cultura).

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, cumpri-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o

¹³Faraco (2009) utiliza o termo heteroglossia.

espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico [...]. (BAKHTIN, 2010b, p. 211).

Desta forma, o cronotopo é a categoria que diferencia autores e gêneros, pois é o elemento que conduz o discurso literário, visto que os gêneros e suas variantes são por ele determinadas. As categorias de tempo e espaço devem ser analisadas conjuntamente, pois formam a unidade da obra, unidade esta repleta de valores que a obra veicula e que são constituídos cronotopicamente.

1.1.5 Identidade, alteridade e cultura

Trazer para o debate em literatura termos como cultura e identidade é uma questão delicada, mas importante, pois leva em conta a leitura interdisciplinar que atravessa a pesquisa, em especial em torno do tema da cultura popular. Este fato direciona a reflexão para uma pluralidade de movimentos, tanto de aceitação quanto de negação, no caso específico desta pesquisa, relacionado ao fazer literário de Bruno de Menezes na construção de seu discurso e de sua imagem.

Definir identidade não é tarefa fácil, em virtude de seu caráter múltiplo e dinâmico. No entanto, essa mesma característica que lhe confere dificuldade, apresenta uma complexidade positiva, pois ao conceito de identidade vem atrelado a um conjunto de fatores como flexibilidade, variações e reformulações que facilitam sua manipulação. O universo dos estudos da instituição discursiva literária, ao trabalhar com o conceito de cultura, práticas culturais e sociais, remete ao conceito de identidade, que se caracteriza por pertencer a um terreno movediço:

[...] A identidade torna-se uma celebração móvel; formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente [...]. (HALL, 2006, p. 12-3, grifo do autor).

Esse conceito está de forma bastante estreita ligado à noção de reconhecimento, de contato com o outro, no contexto bem dialógico, pois se reconhece uma identidade a partir de associações que são estabelecidas com o outro, com o qual as pessoas se identificam ou não. A questão das identidades pode ser analisada de forma subjetiva individual ou de forma coletiva, quando se trata da questão das culturas nacionais que

[...] são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas [...]. (HALL, 2006, p. 50-1, grifo do autor).

No caso específico da instituição discursiva literária, pode-se apresentar a identidade integrante da cultura nacional como símbolos ou representação de experiências partilhadas, como continuidade de uma tradição, como invenção de uma tradição, como um mito fundador — que seria talvez o aspecto mais comum no que diz respeito à literatura amazônica —, como ideia de um povo puro e original.

Esses aspectos apresentados, que fazem parte das interpretações em torno da concepção de cultura nacional, devem levar em conta que

[...] Tal como se deseja transmitir aos filhos os valores e a cultura do passado intactos, assim também se espera transmitir-lhes a herança da língua. (...) e é por isso que a língua é um desafio tamanho no conflito das gerações tanto quanto no das classes sociais [...]. (YAGUELLO, 2001, p. 280).

De acordo com Stuart Hall (2006), o que determina a negação ou a reconstrução da identidade é o convívio e as relações sociais. Para Hall a identidade não é algo estável, ela se abre ao processo de movência

[...] O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos como lugares objetivos

que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, —stura”) o sujeito à estrutura [...]. (HALL, 2006, p. 11-2, grifo do autor).

Dessa forma, a abordagem de Hall pode dialogar com os estudos apresentados por Bakhtin/Volochínov, pois a construção da identidade perpassa pelo entrecruzamento de valores; pelo aspecto plurivalente do signo social, tal qual apresentado em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2004), que é o aspecto que torna o signo vivo e móvel, com a capacidade de evoluir. Daí surgem os aspectos de movência e não estabilidade relacionados ao conceito de identidade de Hall.

Bruno de Menezes e o grupo de literatos que convivia com ele à época do surgimento da revista *Belém Nova* contribuíram para um novo aspecto da identidade literária amazônica naquele momento; posto que foi o momento de renovação das letras em todo o país, o momento de efervescência que configurou de fato uma mudança na identidade nacional, na qual a literatura produzida no Pará merece destaque pela sua importância no âmbito da cultura popular produzida no Norte do país e que serviu de base para o desenvolvimento de vários discursos sobre a literatura nacional, tão em voga naquele momento e atualmente.

Para finalizar as contribuições teóricas que fazem parte desta pesquisa, é preciso estabelecer alguns diálogos entre Bakhtin e Gramsci. Um dos principais pontos a explicar é que eles desenvolvem suas respectivas teorias em contextos diferentes e, no começo de suas discussões, eles tomam diferentes focos de concepção. Gramsci estava envolvido na revolução política em seu país, Itália, enquanto Bakhtin estava envolvido com reflexões religiosas e filosóficas.

Em artigo de Craig Brandist(2010) —Gramsci, Bakhtin e a semiótica da hegemonia”, o autor aborda os dois filósofos e suas perspectivas de estudos na intenção de apontar que ambos “[...] tentavam formular uma teoria marxista da ideologia e a sua relação com a linguagem [...]” (BRANDIST, 2010, p. 186). O autor começa seu artigo mostrando que Saussure e os Formalistas Russos apontavam para a linguagem como a base da estrutura da consciência. É importante dizer que os Formalistas Russos eram contra ou, de certa forma, inimigos comuns do positivismo. No entanto, Gramsci e Bakhtin tentavam superar a dicotomia entre —langue” e —parole” ou a separação de tratamento dada aos conceitos de —energeia” e —ergon”. O foco deles era compreender os fenômenos culturais de forma dinâmica e avançarem na compreensão dos pontos de vista que viam a linguagem apenas de forma determinista e burocratizada. Por outro lado, mesmo Gramsci e Bakhtin tendo uma

proximidade das ideias dos filósofos românticos em algumas concepções, os dois utilizaram a Linguística como Ciência Histórica e, nesse aspecto, tentavam superar também a visão idealista da linguagem como uma expressão artística individual. De acordo com Brandist, Gramsci aponta que

[...] A arte e a linguagem precisavam ser reconhecidas. Elas são a autoexpressão criativa do indivíduo e das massas populares nacionais e, como tal, não podem estar sujeitas aos esquemas abstratos dos gramáticos, que apenas servem para limitar e restringir a criatividade popular [...]. (BRANDIST, 2010, p. 187).

Um aspecto no excerto acima chama a atenção, em especial para os estudos sobre o autor-criador Bruno de Menezes, que é a criatividade do indivíduo e das massas populares, isto é, a expressão da coletividade. Essa relação entre povo, nação e cultura é explorada por Gramsci e é a partir desse aspecto que são utilizadas as concepções do referido estudioso que enfatiza, tal qual Bakhtin, o tratamento dispensado às linguagens unificadas, que disfarçam muitas vezes as questões políticas em dados culturais, deslocando-se a política para a esfera da arte e da cultura.

Outra questão do pensamento de Gramsci (1985) que merece destaque é sobre as noções de hegemonia e contra-hegemonia. O processo de dominação causado pela cultura hegemônica comporta o processo da resistência cultural dos denominados povos subalternos. Esse embate entre resistências e aceitações conduz ao fundamento da noção de hegemonia por Gramsci, na qual não se deve considerar a assimilação da cultura hegemônica pela subalterna como uma forma de submissão, bem como a recusa não é uma forma de resistência. Isso é apenas reflexo das articulações entre ambos para a construção de uma identidade. Identidade que para Hall (2006) é formada e transformada no interior das representações. Neste sentido, as expressões artístico-culturais refletem essa visão multicultural bem característica da identidade cultural e literária brasileira. No que diz respeito à literatura de expressão amazônica convém afirmar que ela se mostra como parte de toda dinâmica que envolve o fazer literário voltado para o popular e sua afirmação enquanto uma literatura de divulgação de sua cultura e de sua gente, além de outras temáticas discutidas pela sociedade.

O que ficou claro nesta seção, apesar das especificidades de cada autor, é que o discurso está vinculado às suas condições de produção, entre as quais se devem considerar a condição histórica, a social, a cultural e a ideológica, da qual as obras literárias em prosa de

Bruno de Menezes, que constituem o *corpus* desta tese, não podem estar desvinculadas, visto que nesta análise prioriza-se depreender as imagens do autor-criador cujas obras estão em análise nesta tese, bem como conhecer os valores veiculados pelas obras, as condições de produção e circulação dela, a relação do escritor com o público. As condições citadas possibilitam a legitimação da função escritor, da própria obra e das dimensões histórico-culturais e ideológicas das quais ela faz parte, para, desta forma, a partir dos epítetos dados ao escritor pela crítica, depreender as imagens do eu-para-mim, do eu-para-o-outro e do outro-para-mim na construção da identidade literária amazônica a partir das obras em prosa literária do referido autor paraense.

1.2 DO QUERER-DIZER DO LOCUTOR: O *CORPUS* DE PESQUISA

A prosa literária de Bruno de Menezes é composta de três (3) obras: *Maria Dagmar*¹⁴ (1924, 1950, novela), *Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina* (1939, 1954, romance) e *Povo avoante* (romance inédito). Nesta tese, são analisadas as duas primeiras obras, em virtude de o romance *Povo avoante* – inédito em publicação em livro, constando apenas o manuscrito original do autor – não ter sido disponibilizado pela família de Bruno de Menezes para estudos. Dessa forma, as obras que compõem o *corpus* de pesquisa são *Maria Dagmar* e *Candunga*, que são analisadas considerando suas respectivas conjunturas enunciativas, observando a construção da imagem do eu-para-mim (representação que o eu faz de si) e do eu-para-o-outro (representação do eu devolvida pelo outro) e do outro-para-mim, relacionado-as aos gêneros, aos conceitos de conteúdo, forma e estilo, bem como a concepção ética e estética do referido autor-criador.

A novela *Maria Dagmar* é apresentada como sua publicação original na revista *Belem Nova* em 1924. Em outros momentos de análise são utilizados exemplos extraídos da publicação em livro de 1950, que ganhou reedição pelo Governo do estado do Pará em 1993, ano do centenário de nascimento do escritor. Nesta mesma edição aparece o texto de sua outra obra *Candunga*, escrita em 1939, mas publicada em 1954, conforme apresentado anteriormente, de acordo com as informações do teórico da literatura paraense J. Eustachio de Azevedo (1990).

¹⁴Anexos do A ao G, texto completo da referida novela, publicado nas páginas de *Belem Nova*.

A incursão de Bruno de Menezes na prosa literária deve-se, sobretudo, à publicação de uma revista literária, da qual ele foi diretor, intitulada *Belem Nova*. Nessa revista, a presença dos gêneros manifesto literário e editorial serve para compreender as condições de produção de sua obra em prosa literária. A revista *Belem Nova* foi uma publicação quinzenal que tinha como subtítulo *Artes e mundanismo*. No âmbito das artes, contava com seções de poesia, crítica literária, fotografia, moda, cinema e outros temas. As seções de arte tinham entre suas denominações *Modas e elegancias*, *Bellas letras e bellas artes*, *A arte dos gestos e dos olhares*, *Contos e chronicas*. No que se refere ao mundanismo, a revista contava com seções relacionadas à vida social, casamentos, formaturas, primeira comunhão, piadas etc. Essas seções receberam os seguintes títulos: *Da vida dos nossos dias*, *A vida que passa*, *A cidade maliciosa*, *A vida pelo sorriso d'ellas* etc.

1.2.1 Síntese de *Maria Dagmar* (novela)

Na apresentação da síntese da novela *Maria Dagmar* convém enfatizar que quando ela foi publicada na revista *Belem Nova* saiu em três partes, isto é, em três números da revista. Depois, na publicação em livro, não há a divisão em capítulos e não se observa a mesma divisão empregada para a sua primeira publicação, até mesmo pode-se considerar uma ampliação do texto original, conforme se pode observar no texto integral em anexo¹⁵ que acompanha esse estudo. A síntese apresentada segue a publicação de 1924.

Em um primeiro momento, Dagmar é descrita como “mulher que vem ao mundo para cumprir os determinismos da sua sorte”. Fala-se de seus “namoricos ingenuos” e de seu envolvimento com o homem, “animal viscoso e vulpino”. Dagmar vivia com alguns parentes em uma casa simples, sofrendo com a falta de dinheiro, as dívidas crescentes, “todos os elementos aliados, que preparam, sinuosos, a queda de quantas mulheres!...” e começa a viver com o homem, “não casara (...) não tivera a dita de ser esposa”, mas não vivia os apertos de dinheiro como antes. Nesse tempo ela ficou grávida, mas a criança quando nasceu “viveu apenas algumas horas febris”, e, desta forma, Dagmar começa a se preocupar, pois “a criança seria o elo a algemar o seductor á sua desherdada pessoa”. Desde o início da novela, Dagmar

¹⁵Compõem os anexos dessa tese os textos integrais de publicação em livro de *Maria Dagmar e Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina*, gentilmente cedido pela família Menezes para fins de estudo.

já trava uma luta, já se enquadra no contexto de luta que vai se estabelecer durante todo o enredo. E essa primeira parte termina com um questionamento que pode ser atribuído tanto ao narrador quanto à própria personagem Dagmar, ante ao tratamento dispensado a ela pelo homem, um sentimento de desprezo e frieza: —~~Q~~e seria aquillo, bom Deus dos afflictos?!¹⁶

No segundo momento, Maria Dagmar desconfia que ~~a~~ sombra de uma outra mulher se antepuzera aos olhos deslumbrados do homem, phantasiado”, ao mesmo tempo sua avó morre, fato que, de acordo com Dagmar ~~p~~arecia trazer malefícios e agoiros”. Então, ela busca cartomantes para saber o que o destino lhe reservava. Até que um dia, ~~o~~ homem recusou-se a concorrer com a despesa diária e o mesquinho aluguel da casa”. Dagmar estava totalmente abandonada e entregue à sorte, ~~a~~ndou morando de favor” e então ~~o~~ enxame de zangões fescenninos entrou de volitar em torno ella toda”, mas ela negava. ~~D~~agmar arrastava esta existencia (...) quando aureou no horizonte de seus infortunios o novo sol de um dos seus primaveris amores”. Então, Dagmar começa a fazer confidências a esse amigo de outrora, contando-lhe inclusive da criança que morreu. O ~~h~~omem [que] julgava-a inviolada”, ~~a~~chava-a mais desenvolta e maturente”, e passou a visitá-la com frequência e ela inclusive, em um momento de dificuldades, pediu-lhe dinheiro emprestado, ao qual ~~o~~ homem apresentou-se imediatamente”, pois ~~s~~acrificaria tudo, por um beijo”. Até que ~~n~~o dia em que realizaram a boda lúbrica, o homem convenceu-se de que diparara uma esphyngue no seu caminho. E nevrostizou-se, deu largas a uma neura entediante e amarga¹⁷.

Finalmente, na terceira e última parte em que o texto aparece nas páginas de *Belém Nova*, Dagmar encontra-se ~~s~~ervil e insensível” ante aos beijos e afetos desse novo homem, ~~t~~alvez mais como recompensa á bondade do retornado namorado, travestido, em freguez de seus beijos”. E o homem sonhava em ver ~~D~~agmar, acabada de amor a seu lado”. Até que um dia ela foi atender a porta e ele avistou ~~u~~m vulto de gola alteada” enquanto ~~D~~agmar sorria”. Quando ela retornou, ele ~~m~~irou-a irritado”, despediu-se e saiu pensando que não deveria ~~d~~ar credito áquella bisca”. Depois de alguns dias ele volta e ambos ~~e~~nfrentavam-se rangentes, de garras acerradas e iris chispantes” até que ~~D~~agmar chorou, convulsa, soluçosa” e o ~~t~~riumphador clarinou alarmas! Vencêra a praça forte do coração da enigmatica” e foi nesse momento que ~~a~~ mulher esfacelava a virgindade da propria alma”, pois o homem ~~f~~izera dessa infeliz um instrumento de prazer”. E quando se desinteressa de vez por Dagmar, ele ~~d~~esappareceu, num escuro eclipce de dias, de semanas, de mezes até sumir-se, apagar-se, e não mais brilhar”. Dagmar nem se preocupou mais, já estava acostumada com esses

¹⁶Cf. MENEZES, B. *Maria Dagmar*. In: *Contos e chronicas: Belem Nova*. Belém, n.9, s/p, 31 jan. 1924.

¹⁷Cf. MENEZES, B. *Maria Dagmar*. In: *Contos e chronicas: Belem Nova*. Belém, n.10, s/p, 23 fev. 1924.

abandonos, tendo apenas que “manter seguras as convenções sociais e mundanas”, adaptada “ao rosto já em ruínas formosas”, Dagmar vai passando seus dias. Ela, “agora, serve a contento os freguezes... Compreendeu que a alma pura e os sentimentos boníssimos só devem viver amordaçados... E o que será mais horrível é o dia da sua morte, porque, sabe lá, se ella não vae ter, na anonymia da rafaméa, desconhecida e calumniada, mercadejando lascívias torpes!... Maria Dagmar vae passando por nós...”¹⁸

Essas são as três partes que foram apresentadas na revista, que, posteriormente, na edição em livro, recebeu acréscimos e substituição de vocábulos por outros. Essas três partes se associam ao processo de metamorfose da protagonista, a qual tem a vida também dividida em três momentos: 1) a mulher (moça) desejada que se transforma na amante, 2) a mulher que deixa de ser amante, mas que ainda não é a prostituta, pois está em busca de um caminho e 3) a prostituta que tem que assumir seu destino.

1.2.2 Síntese de *Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina* (romance)

O romance *Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina* possui divisão em capítulos, ao todo são vinte e três (23) capítulos, divididos em duas (2) partes. A primeira parte vai do capítulo um (1) até o sete (7). A segunda parte inicia-se no capítulo um (1) e vai até o vinte e três (23), todavia, há a omissão do capítulo quinze (15), o capítulo quatorze (14) inicia-se na página cento e noventa e nove (199) e vai até a página duzentos e quatro (204). Na página duzentos e cinco (205) há o capítulo dezesseis (16). Não há referências se o capítulo foi esquecido ou se foi um erro tipográfico, no entanto, não há comprometimento de sentido pela falta deste capítulo. O divisor das duas partes do romance se dá com o aparecimento do Dr. Romário, agrônomo que vai modificar a forma como os nordestinos eram tratados nas colônias.

A síntese da narrativa consiste, de início, na configuração da estrutura familiar, notada nitidamente na disposição em que os personagens vão surgindo logo no começo do romance. Primeiramente é anunciado o chefe da família:

¹⁸Cf. MENEZES, B. *Maria Dagmar*. In: *Contos e chronicas: Belem Nova*. Belém, n.11, s/p, 15 mar. 1924.

Francisco Gonzaga, cearense do Canindé. Bordejando pelos sessenta anos, apresenta a mesma fisionomia sofrida de todos os retirantes. Em meio ao emaranhado sujo da barba, quando fala, retorce a boca vincada, com a dentadura amarela, salivando —masca”. Entre as pestanas roídas de tracoma, seus olhos pardos fusilam. Indiferente à sorte que o acabrunha, não esconde a mística do fatalismo que persegue a sua raça. (MENEZES, 1993, v. 3, p. 99).

Após a apresentação de Gonzaga, segue-se a de Candunga, outro personagem masculino e que dá nome ao romance de Bruno de Menezes.

Antonio Candunga, seu afilhado, pelo físico dessorado, lembra um novilho desgarrado, de ossatura à mostra, a quem abriram a porteira do curral, quando nem um carço, raiz, ou pinga d’água, podia se conseguir para animais. (Ibid., p. 99).

Depois da apresentação dos personagens masculinos, aparecem os femininos, primeiramente na figura da esposa de Gonzaga, seguida das duas filhas do casal, Ana e Josefa:

Tereza Rosa, a jovem mãe conformada, que em vários anos de matrimônio, cumprira o seu voto, aumentando a prole de Gonzaga com uma récuca de barrigudinhos, ainda estampa nas feições maceradas traços de beleza sertaneja, que os sofrimentos não puderam extinguir. Casara-se quase criança, quando em sua natureza cálida, os anseios do sexo começavam a se impor. Felizmente, talvez por misericórdia divina, os filhos nasciam-lhe, chupavam-lhe as tétas cheias, chegavam a gatinhar, e depois, esvaídos de enterite, ruflavam as asas, rumo ao céu implacável. Vingaram somente aquelas, Ana e Josefa, que ali se acham, já manifestando faceirice nos gestos e nos olhares. Dois tipos característicos de nordestinas novas e bonitas, apesar dos horrores da sêca. (MENEZES, 1993, v. 3, p. 99-100).

Por fim, completando a estrutura familiar, aparece Maria Assunção:

Maria Assunção, integrante do grupo, nascera meses depois do casamento de Tereza, quando Gonzaga, seu marido, levava-a consigo, como um objeto todo seu.

Daí ter ficado no aconchego do lar alegre e feliz, já órfã de mãe, a —Assunção do vovô”, como a chamava, com denguice, o patriarca da família. E não houve ensejo da caçula conhecer a irmã que casara.

[...]

E nunca mais a desposada pôde (sic.) se defrontar com a irmã que ficara, entregue às solitudes do avô, embora sem os carinhos maternos. (MENEZES, 1993, v. 3, p. 100).

Depois de muito sofrer nas intempéries da seca e ter morrido o avô, Assunção foi “resgatada” pelos parentes, quando estava fugindo da seca. A saída do interior do Ceará é penosa, e muitos não conseguem chegar ao destino, Fortaleza, para então embarcar no navio que os conduzirá à Terra de Promissão. Dentre os que sucumbiram no meio do caminho, encontra-se o avô de Tereza e Assunção. Foi após a morte do ancião que Assunção, casualmente, juntou-se ao grupo de Gonzaga. É Candunga quem lhe reconta a história de como a encontraram, e assim eles e os demais conterrâneos “vêm de abandonados pontos do nordeste, rumo ao sonhado Pará [...]” (MENEZES, 1993, v. 3, p. 103).

Tendo chegado ao seu destino, os retirantes desembarcam do Loide, famintos, desnutridos e adoentados. Primeiramente são acomodados no próprio porto, sob o olhar de curiosos e sob vigilância de guardas civis, para depois serem conduzidos aos caminhões que os levarão ao albergue montado pela Companhia Nipônica de Plantações do Brasil.

A ida para a colônia é efetuada na locomotiva Peixe-Boi. No meio do caminho, ante um dos maiores obstáculos enfrentados pelos novos trabalhadores, ocorre a forte chuva característica da região. A locomotiva encosta para o abastecimento de lenha, porém os funcionários se negam a fazer o serviço, alegando que seria melhor esperar que o temporal se acalme. No entanto, para que não atrasem a viagem, os próprios retirantes se lançam à lida, a fim de dar continuidade ao traslado. Neste momento ocorre um fato chave que vai selar de vez a relação de gratidão entre Candunga e Gonzaga. Aquele, no trabalho citado, ficou soterrado por um deslizamento e foi resgatado pelo outro: — Padrinho, o sinhô me sarvou a vida... Não hei de esquecê...” (MENEZES, 1993, v. 3, p. 112).

Ao chegarem à colônia, são recepcionados por João Deodato, “[...] um capataz ‘estradeiro’, vindo para as colônias ainda rapazote.” (MENEZES, 1993, v. 3, p. 113). Este trata os novos colonos com arrogância e ar de superioridade, por ser tido como homem de confiança do prefeito. Na localidade, todos estão submetidos à exploração dos maiorais do local, especialmente os comerciantes. A prática da exploração é assim feita por:

Um comissário de polícia, pouco letrado, [que] representa a arbitrariedade e a ordem. Um luso espertalhão [João Portuga], um sírio sem escrúpulos [Salomão Abdala], um piauiense manhoso [Minervino Piauí], combinados nas artimanhas, absorvem todo o trabalho e produção do burgo. E nada mais. (MENEZES, 1993, v. 3, p. 114).

E assim, –João Portuga, Salomão Abdala e Minervino Piauí, monopolizam toda a atividade comercial do povoado. O milho, o arroz, o feijão, a farinha, a fibra, a madeira, a lenha e o carvão, que saem dali, não têm outros donos senão eles.” (Ibid., p. 115). Os créditos para os colonos são abertos nos estabelecimentos dos comerciantes, porém sob o compromisso de disponibilizarem sua safra agrícola como garantia, o que possibilita a manutenção do sistema de exploração. Ante a mínima tentativa de evitarem ser espoliados, indo à feira, por exemplo, para comprar à vista, João Deodato se encarrega de os prejudicar, seja atrasando o pagamento, seja deslocando-os das terras onde estão alojados, seja prendendo as sementes disponibilizadas pela prefeitura.

Depois de muito sofrerem, incluindo o trabalho escravo que são obrigados a praticar, há um dia em que ocorre uma devastação no roçado que Gonzaga e Candunga estavam preparando, em virtude do clima seco da região. Eles conseguem conter o fogo, mas precisam mudar e ir fazer uma nova [..] habitação e ficarem todos juntos, menos afastados dos terrenos de seu roçado [..].” (Ibid., p. 123). Ana e Josefa começam a expressar seu descontentamento com o serviço braçal que muitas vezes precisam desenvolver, [..] que as expõe ao sol e lhes tira a macieza das mãos.” (Ibid., p. 123). Nessa época, chega ao povoado o doutor Romario, [..] agrônomo designado para dirigir o núcleo colonial do burgo, diplomara-se à custa de persistência e de estudo. Pobre, sem outras armas para lutar na vida, senão a sua inteligência e vontade de vencer [..].” (Ibid., p. 131). Nesse mesmo tempo, Gonzaga e Tereza Rosa sofrem com a –fuga” das filhas Ana e Josefa que se dão ao trabalho sexual para os fazendeiros da região. Enquanto isso, o Doutor Romário, orientado por Candunga e recebendo a ajuda do povo, exige melhores condições de vida junto aos proprietários locais e funda uma cidade que posteriormente recebe o nome de –Novo Porvir”.

A apresentação da síntese das duas obras serve para contextualizar o querer-dizer do locutor e também melhor explicitar esta seção denominada –Da vontade discursiva e do projeto enunciativo de Bruno de Menezes”, bem como seu respectivo subitem que de maneira geral enfatiza o projeto discursivo do locutor que se realiza na escolha dos gêneros do discurso, neste caso, a novela e o romance.

2 DO SUJEITO E SUA LINGUAGEM

*Terminei sendo uma pessoa que procura o que profundamente se sente e usa a palavra que o exprima.
É pouco, é muito pouco (LISPECTOR, 2004, p. 46).*

2.1 DA MODERNA LITERATURA NO PARÁ

A revista *Belem Nova*, lançada em Belém do Pará, em 15 de setembro de 1923, com o subtítulo de “Artes e mundanismo”, foi dirigida por Bruno de Menezes e recebia contribuição do grupo *Associação dos Novos*, formada em 1921, por Ernani Vieira, Abguar Bastos, Jacques Flores, Paulo de Oliveira e De Campos Ribeiro. A revista era uma mescla das mais diversas linguagens, entre elas a fotografia, a pintura, a crônica, o cinema, o teatro e a poesia, construindo, pois,

Um longo percurso nas artes amazônicas [que] parecia concluir-se ali [na revista], num trajeto que começou antes, muito antes. No Pará, a história inventou o modernismo e, certamente, o modernismo criou uma certa leitura da história da nação. Se no princípio foi necessário pintar um novo passado amazônico, como na tela inaugural de Theodoro Braga, e com isso firmar uma nova interpretação da Amazônia na história do país, nos anos seguintes, foi imprescindível estabelecer os contornos políticos desse movimento intelectual, no intenso cotidiano de festas e datas cívicas revestidas de cunho literário. O modernismo amazônico, vale dizer, se configurou no rescaldo de tudo isso, com o aprendizado e a indignação dos novos letrados locais (FIGUEIREDO, 2001, p. 190).

Belem Nova tinha publicação quinzenal e foi configurada, de acordo com Figueiredo, como o “~~o~~mbrião da nova geração moderna do Pará” (Ibid., p. 193).

A revista era, pois, um veículo de expressão dos literatos do Norte do país, que se consideravam esquecidos pelos que faziam a literatura no Sul do país. Por isso eles entendiam que era necessária uma reação dos escritores locais, que foi realizada de maneira singular por todos os que compunham a revista. As formas encontradas pelos escritores para se expressarem no novo modo de fazer literatura variam entre os gêneros editorial¹⁹ e manifesto

¹⁹A pesquisadora Marinilce Coelho usa a denominação editorial-manifesto Cf. COELHO, 2003.

propriamente dito, além do conto, do artigo de crítica literária, entre outros gêneros que compunham o magazine paraense.

O Modernismo estabeleceu mudanças decisivas na cultura nacional e a revista *Belem Nova*, enquanto origem e produto da estética modernista na região Norte, especificamente no Pará, serviu como meio para que os autores locais compreendessem o que de fato estava acontecendo no universo literário, nas artes e na história social do país.

É por meio dos manifestos, que constituem “a crítica [literária] coletiva por excelência”, de acordo com Coutinho que “velhos e novos numa ambiciosa empresa literária” sinalizavam “para uma das principais preocupações dos escritores locais: o nacional e o regional na literatura brasileira” (FIGUEIREDO, 2004, v.5, p. 598), e também conclamavam novos adeptos ao movimento (FIGUEIREDO, 2001, p. 193-4). Esse gênero expunha a tomada de posição assumida pelos escritores chamados a produzir literatura naquele momento de mudança. Pode-se dizer que “os manifestos são marcos da atividade cultural do início do século. A partir deles, diversas linhas artísticas e intelectuais ganham força” (NUNES, 2003, p. 49).

2.2 DOS MANIFESTOS LITERÁRIOS E O PROJETO ENUNCIATIVO DO AUTOR

A partir da leitura do primeiro editorial, percebe-se a apreensão da literatura como prática artística e política, pois o espaço enunciativo do “Portico” permite ao autor-criador expor de modo direto e indireto sua teoria estética, além de atacar seus adversários. Conjugava, portanto, a luta pela liberdade da arte e pela conquista de um público leitor mesmo estando a revista envolvida por uma tensão entre a proposta estética de renovação e a oposição conservadora em uma literatura arraigada aos moldes europeus, mas ainda muito apegada a eles.

Portico²⁰

Índice fundamental na trama physiologica dos seres animados, nos agglomerados humanos, nos grupos inteligentemente organizados a reacção caracteriza o mais alto clímax da vitalidade. O organismo que reage vive, nem que seja numa só remota cellula obscura.

²⁰Anexo H. SILVA, Severino. Portico. **Belem Nova**. Belém, n.1, s/p, 15 set. 1923.

E' reacção, e reacção corajosa, e reacção fecunda a iniciativa desses moços que resolveram crear uma publicação de litteratura e de arte, entre nós, nestes dias de tão desalentadora estagnação mental. Não flammejasse no seu peito a chamma do mais puro idealismo, não cerrassem elles os olhos, illuminados de chromatismos celestes, ao desolador espectaculo ambiente, e desfalleceriam, escrevisados á feroz dogmatização burgueza e á pífia indiferença da mentalidade androgyna. Pulando na arena, dispostos aos prélios mais violentos, hão de vencer com aquella virtude, a que o pensador germanico capitulou de <<faculdade apollinea>> e que consiste no privilegio de arrancar luz e imagens do ambiente tenebroso da vida real...

Que <<avancem silenciosos e cheios de audacia>> como os gregos de Homero, decididos a esmagar a horda bravia dos troianos.

Duas virtudes possuem-nas, opulentas, os fundadores desta revista: — fantasia e intrepidez juvenil... Corressem arredios da vida múltipla e exhaustiva, para embrutecedora segregação cenobial ou, se engolphassem na multidão alvar dos bailarinos hystericos e Álvares, e passariam inuteis e apagados como os mais solidos e exemplares da carneirada burguezia. Não. Têm mocidade... Tem, sobretudo, phantasia, sem a qual, consoante Benedetto Croce <<nenhuma parte da natureza é bella...>>

Surgem, entretanto, modestos. Seu programma é discreto. Poderiam, com audacia da presumpção cega, impôr-se a reconstrucção do edificil nacional, desde a humilde actividade agricola até ás supremas directrizes mentaes... Poderiam reclamar odes loucas ao calamos atrevido, brandindo-o como gládio de humilhação a uma tyrannia invisível e de regeneração do character universal... E seriam ridículos... Talvez heroicos no seu reles e esteril quixotismo, mas ridículos a valer.

Estes meus esclarecidos confrades da <<Belem Nova>> comprehendem que a vida, por mais bella e mais fascinante que se afigure á visão dos optimistas, não vale a pena viver-a sem amor e sem poesia...

Não é pessimismo... Nem Heraclito, nem Leopardi, nem Antonio Nobre, que chorava, coitado, esses rudes e grandes azares nestes versos doentes,

E a vida foi, e é assim, e não melhora...

Esfôrço inútil... Tudo é em vão!

E' preciso, emquanto vae, lá fora o tropel dos barbaros de Atila e sobre a nossa cabeça crucitam os corvos fataes, quebrar a aspreza dos formalismos exigentes, dos estatutos inflexíveis com o rythmo da Lyra de ouro da Poesia...

Os legionarios da <<Belem Nova>> intelligentes, corajosos, tenazes, percebem que a nossa actividade intellectual vae, molle e flacida, deperecendo... Lê-se, estuda-se... Mas, cada um para seu lado, egoísta, desalentado, ou desencantado, vive a existencia improductivas das Tubaras.

Ha, entretanto, muita intelligencia vigorosa e exhuberancia de cultura. Falta cohesão, affinidade, sympathia...

E, reagindo, energicos, contra essa vergonhosa atonia, contra essa extenuação apparente, contra esse egoísmo vil, ou melancolia de lutadores desilludidos, os creadores da <<Belem Nova>> trazem uma affirmacção de vitalidade regeneradora...

Não são culteranistas, não são arcadistas, não embocam a tuba do dulce stil nuovo... São um troço de jovens de talento, que cantam e mergulham os olhos no céu, emquanto uma dolorosa mocidade de botequins e de alcouces afocinha na lama bastarda das paixões vorazes...

Meus cordiaes companheiros! As rãs de Aristophanes entram, já, de coaxar no Paul de sua maledicência; os zoilos atordoam o espaço com o ganido da inveja infeliz; quadrupedes preciosos, de orelhas empinadas e patas potentes, nitrem o seu rincho desesperado, e desabalam em carreira louca...

Mas, vós não vos detereis... Para a frente e para cima! E, como Tyrteu, obscuro e feio, com a sua musa alcandorada e amiga, inspirou sympathia e heroísmo aos espartanos bellazes, vós despertareis os poetas silenciosos e os prosadores

enervados, para vos ajudarem... E recebereis louvores e bênçãos de todas as almas em que vasastes o philtro precioso da Poesia e da Illusão. (SEVERINO SILVA²¹)

Na leitura do editorial escrito por Severino Silva, percebe-se o quanto ele está consciente desse espaço enunciativo que é a *Belem Nova*, como lugar de fortalecer as posições do grupo da revista, caracterizado por um “habitus” revolucionário. No referido editorial, Severino Silva apresenta como “reacção corajosa e reacção fecunda” a maneira que o Grupo *Associação dos Novos* do Pará encontrou ao “criar uma publicação de litteratura e arte”, a revista *Belem Nova*, visto que o momento cultural comungado pelos escritores da época era de “desalentadora estagnação mental”.

Apesar dos infortúnios do momento cultural, o grupo de Bruno de Menezes, dentre os partícipes estreantes nas letras paraenses, surgiu de maneira sutil, mas convergiam para si duas “virtudes” singulares, que foram como verdadeiras pilastras para a sustentação do empreendimento literário a que se propunham, eram elas “fantasia e intrepidez juvenil”, para seu maior intento que consistia na “reconstrucção do edificil nacional”, contrapondo-se aos modelos europeus de fazer literatura, isto é, “uma tyrannia invisível e de regeneração do character universal”, conclamando que a “vida, por mais bella e mais fascinante que se afigure [...] não vale a pena viver-a sem amor e sem poesia...”.

É a partir dessa configuração da luta que o editorial apresenta as características de *Belem Nova* tanto no que diz respeito aos seus organizadores quanto aos seus oponentes, enfatizando sua reacção enérgica “contra essa vergonhosa atonia, contra essa extenuação apparente, contra esse egoísmo vil, ou melancolia de lutadores desilludidos”. Indo em direcção a esse “egoísmo vil” os anseios dos “jovens de talento” que compunham a revista era como um coro coletivo.

Dessa forma, *Belem Nova* estava no espaço de luta contra uma literatura estagnada, e lutava também contra os “zoilos [que] atordoam o espaço com o ganido da inveja”, os quais, neste contexto, zoilos seriam os críticos invejosos, pessoas das letras, contrárias ao empreendimento do grupo de *Belem Nova*.

²¹—Veio do Rio Grande do Norte para Belém moço ainda e, após notável (*sic.*) tirocínio, obteve o diploma de bacharel pela Faculdade de Direito do Estado. Exerceu na capital o cargo de redator da “Folha do Norte” e do “República”, onde a sua atuação foi de realce, tendo sido também deputado estadual, no govêrno (*sic.*) do dr. Sousa Castro. É poeta, prosador e tribuno fluente. Num concurso literário, em 1910, no Pará, deram-lhe o título de “príncipe dos poetas paraenses”, da geração de 1910-1920. Publicou apenas dois livros, até sair do Pará para o Rio de Janeiro: “Poemas de um triste”, sua estréia (*sic.*) em Natal, 1906; e em 1928, “Senhores e escravos”, conferências, ensaios de crítica, artigos filosóficos, etc., livro de erudição que, por si só, firma a reputação de um escritor. Severino Silva é fervoroso adepto da doutrina evangélica, setário, portanto, do protestantismo, e por êle se bate, convicto, como um dos seus ilustres pastores” Cf. AZEVEDO, 1990, p. 115-6, Op. Cit.

É desta forma que se institui o espaço enunciativo da revista, na apresentação de seu primeiro editorial, considerado um manifesto, construído de forma híbrida, que une o literário e o político, num cronotopo que pretendia instituir a mudança e não mais o tempo do fazer literário tradicional, essa configuração deveria ser modificada e deveria ser instaurado um novo tempo, um novo modo de fazer literatura. Essa mudança no cronotopo seria estabelecida na topografia do aqui, do regional, que não seria mais a cópia do fazer europeu, mas que seria construída nas condições de enunciação que os próprios escritores vivenciavam e não as copiadas de outra realidade que não a deles.

Belem Nova foi o anseio materializado dos literatos do Norte. O Modernismo, que estava brotando no Pará, recebeu grande força com a publicação da revista, que era a junção do passado e do futuro ao mesmo tempo, apesar de ter textos, em sua grande maioria, voltados para a nova literatura que estava sendo feita também no resto do país, possuía textos que conjugava elementos de estéticas literárias diversas, como a novela *Maria Dagmar*, cujas características mantêm a presença do romantismo e do realismo em suas páginas. Essa atitude de unir passado e futuro parece um paradoxo, que pode muito bem ser resolvido, como já foi dito, no ~~hábitus~~ "revolucionário dos escritores dos manifestos, ou seja, no conjunto de códigos que regem as condutas dos agentes sociais e que, muitas vezes, assumem um caráter inconsciente. Os escritores se utilizavam da tradição e da renovação (modernidade) juntas para definir um novo espaço discursivo, uma nova identidade enunciativa no campo literário da época, designado como instante da beleza, invocando várias vezes ~~Renovação!~~ Renovação! Renovação!".

O manifesto da Belleza²²

Francisco Galvão, o festejado autor de ~~Victoria Regia~~, vibrando num entusiasmo de renovação da belleza esthetica, escreveu o brilhante manifesto que estampamos nestas columnas.

Nós estamos no instante da Belleza.

Rolaram por terra os falsos ídolos.

Nós não consentimos mais no assalto vandático dos barbaros — os que procuravam mentir a Arte, encarcerando-a nos muros estreitos da Fórma.

A Arte venceu o Artificio.

Todo aquelle que atraiçoar a Belleza será castigado pela sua infamia criminosa.

Porque nós sabemos affastar o joio do trigo, o oiro da prata, o alumínio do cobre, a platina do estanho.

Os ~~ourives~~ do verbo passaram.

²²Anexo I. GALVÃO, Francisco. O manifesto da belleza. **Belém Nova**. Belém, n.2, s/p, 30 set. 1923.

Foram-se os realistas sanguinolentos.
 A Arte não admite cerceamento.
 Anceia e quer Liberdade.
 Um idéia não pôde estar presa nos quatorze versos de um soneto parnasiano.
 Não.
 Nem uma symetria paralela de rimas raras e ricas, como apregôam os bufarinheiros do artifício.
 Não e não.
 Nós compreendemos a grandeza da nossa missão.
 O Brasil adquiriu a liberdade dos escravos; teve a democracia como fôrma de governo.
 Mas a Litteratura estava entregue ao contrabando criminoso de PIVETTES nacionaes.
 Copiava-se Bourget, imitava-se Zola, plagiava-se Alexandre Dumas.
 Todo mundo plagiava.
 Todo.
 A poesia é a mesma da França!
 Vinha-nos de Paris directamente.
 De Castro Alves a Alberto de Oliveira.
 Do condoreirismo inquieto das <<ESPUMAS FLUCTUANTES>> ao parnasianismo régio, engommado das <<MERIDIONAES>>.
 Estamos no instante luminoso da Belleza.
 Chegou o momento da Liberdade!
 Nós estamos fazendo a Arte verdadeira, a Arte-Arte.
 Não copiamos e não plagiamos.
 Guerra de morte aos pastranos, aos nullos de toda a especie.
 Nós estamos realizando a Arte Legitima.
 São Paulo está com as nossas idéas.
 –KLAXON” é um grito de revolta na amplidão.
 Graça Aranha, na academia, como Augusto de Lima, estão vibrando com a Mocidade.
 Renovação !
 Nós temos ao nosso lado a intelligencia luminosa de Ronald de Carvalho, a operosidade brilhante de Almachio Diniz, a encantadora erudição de Renato de Almeida.
 Renovação !
 Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Mario de Andrade, Affonso Schmidt e outros, vibram ao nosso lado.
 Renovação !
 Ángelus, Di Cavalcanti, Correia Dias, Cunha Barros, Paim, Buecherét, na Pintura e na Escultura, estão sob a nossa bandeira.
 Renovação !
 Na Musica, possuímos Villa Lobos.
 Renovação !
 Paulo Torres, Carlos Fontes, Oswaldo Orico, Onestaldo Pennafort, Jarbas Andréa, Olegario Marianno, Zolachio Diniz, Carlos Drummond, Sergio Buarque de Hollanda, Teixeira Soares, Carlos Lobo de Oliveira, além de outros, estão vibrando em nome da Arte Nova !
 Renovação !
 Guerra sem tréguas aos imitadores!
 A Arte venceu o Artificio.
 Renovação !
 A Belleza, para o sempre a Belleza, a embriaguez deliciosa da Belleza.
 Nós vencemos em nome da Belleza.
 Nós somos a força e a renovação do Brasil, do Brasil que aspira e quer a victoria da Belleza.
 Meus irmãos de Arte, ovelhas pacientes que vos apascentaes ainda aos rebanhos, pelas planuras aridas do Parnasianismo, desgarræe-vos em nome da Belleza.
 Vinde ter ao nosso chamado.

Porque nós estamos fazendo a grande obra da criação de uma Arte puramente nossa, verdadeiramente nacional, dentro dos limites da Belleza.
 Renovação !
 Renovação !
 Renovação !
 Numa tarde cheia de sol, em Setembro de 1923.

No manifesto acima, escrito por Francisco Galvão²³, percebe-se que a instauração de luta continua se construindo, o leitor é chamado a ocupar seu lugar também na luta, fosse como homem comum ou como homem produtor de literatura, o que não fica claro na materialidade linguística que aponta para as duas possibilidades a partir do vocativo “Meus irmãos de Arte” e mais ainda pela interpelação “Vinde ter ao nosso chamado”. Dessa forma, os literatos paraenses compreendiam o grande momento que estavam vivenciando, a grande “missão” que tinham que enfrentar, não apenas no campo literário, mas no campo sociopolítico e cultural de modo geral, visto que, assim como “Brasil adquiriu a liberdade dos escravos; teve a democracia como forma (sic.) de governo”, a literatura precisava de liberdade, mas ela ainda “estava entregue ao contrabando criminoso de PIVETTES nacionais”.

Em uma típica atitude de intelectual daquele momento, o autor do manifesto desdobrava-se numa acirrada crítica à poesia nacional, que se configurava como plágio, na qual “todo mundo plagiava”, evidenciando, dessa forma, a crítica à poesia feita aos moldes europeus, afirmando que “a poesia é a mesma da França” e que era necessário assumir uma atitude de mudança, reivindicar para o movimento modernista valores estéticos e literários presentes na cultura brasileira. Esses exemplos evidenciam mais ainda o tempo que a revista constrói. Um tempo da juventude, da mocidade, do novo, que se opõe ao que é velho, tradicional, ao que se repete. O autor-criador do manifesto aponta o oponente, que pode ser melhor percebido no editorial “Para a frente”.

No que diz respeito ao manifesto “Para a frente”, transcrito abaixo, sua escrita se refere à sobrevivência da revista *Belem Nova*, em meio a tantos problemas, seja de ordem

²³ Francisco Galvão [1906-1948), ex-deputado estadual do Amazonas, jornalista, escritor e romancista, publicou no primeiro número do periódico [Cultura Popular, em 1940] um artigo relacionando os problemas locais e a redenção amazônica que o governo Vargas iria proporcionar, além da valorização do elemento regional, agora um herói por ter anexado o Acre ao território brasileiro no início do século” Cf. ANDRADE, Rômulo de Paula. (2010). “Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar floresta”: Getúlio Vargas e a revista “Cultura Política” redescobrem a Amazônia (1940-1941). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 5 (2), 453-468. Acessado 04 jan 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222010000200015&Ing=eng&tlng=pt.10.1590/S1981-81222010000200015

literária, política ou mesmo econômica, e aos intercâmbios literários feitos com escritores de outros estados, principalmente os da região nordeste do país.

Para a frente!²⁴

Nesta encantadora terra guajarina, tremendo o arduo batalhar, que exige vigorosas sommas de energias, é esse de dar publicidade a uma revista de artes e litteratura.

Terra ensoalhada e farta, seducvente pela sua natureza fecunda, neste privilegiado pedaço do norte, é até irrisorio que as coisas do espirito e da intelligencia se dessorem e quebrem, ante a manifesta indiferença com que as recebe o publico.

Verdade é que atravessamos o momento mais perigoso e ingrato para tentativas de Bellas Lettras; momento em que as energias se corrompem no degladiar de ambições, e em que o proprio artista, — o divino iluminado, — manifesta-se o <<espirito pratico>> do yankee.

E outra não é, entre nós, a causa dessa amalgama de tantos, desnorteantes e aberrativos *credos litterarios* que, vistosos e frageis cogumelos, repontam dia a dia, em graciosas e ephemeras pollulações...

Nos Estados do Sul, onde alguma coisa se lê e há um natural e louvavel orgulho em valorizar as publicações regionaes, — é flagrante o domínio de uma forte corrente intellectual, semeadora do bom gosto esthetico.

Mas, neste recanto tropical, neste Estado democrata e florescente, qual a victoriosa affirmativa do predomínio dos que lêem e até dos que escrevem, sobre os outros que vivem nedios, felizes, lendo apenas os matutinos e os libretos, por um principio de bôa e facil digestão !...

Estamos no momento em que mais nos preocupamos com as oscillações do cambio, do que com letras de forma...

Felizmente, porem, esta infatigavel e luctadora BELEM NOVA, vem realizando o milagre de interessar certo numero de leitores.

Sentimos que um gesto de franca sympathia começa de se voltar para o nosso lado; temos o intimo presentimento de ir agradando, cada vez mais.

E' a justa recompensa ao nosso esforço, o premio à nossa tenacidade em proseguir, pugnando pelo levantamento das letras nortistas.

E' que os espiritos caldeados em rijas temperas, tenazes e arremêssivos, alem de um formidavel feixe de vibrações sympathicas, communicam, por meio de fluidos attrahentes, àquelles que os circundam, as invisiveis correntes do *querer*.

E nós, sobre tudo, havemos de saber *querer*.

Ensurdça a grita estulta dos frustes e levianos; siflem, escurejantes, os dardos de seus malagouros escarninhos, - BELEM NOVA ha de ir vencendo, ha de ir ganhando terreno passo a passo, sem estardalhaços nem vanglorias, até attingir o Ideal culminado.

Tudo, até agora, é de molde a nos fazer nutrir esta suave esperança.

O intercambio intellectual que iniciamos com os confrades de outros Estados, consagrados escriptores e publicistas, está definitivamente firmado; o que podemos contar de altamente illustre entre os homens de letras que aqui vivem, está fazendo parte do nosso selecto corpo de collaboradores. Emfim: BELEM NOVA venceu!

Venceu, porque, num meio safaro e quase hostile à litteratura do magazine, meio em que as proprias revistas do Rio são compradas, na maior parte, exclusivamente, por uma *élite* intellectual, este 4.º numero de BELEM NOVA, que entra hoje em circulação, representa, de certo modo, um surto de victoria e é a prova segura e incontestavel de que, serenos e inflexiveis, vamos palmilhando a nossa estrada espinhosa e longa, sem mostras de enfraquecimento, e cheios de encorajante certeza de vencer.

²⁴Anexo J. MENEZES, Bruno de. Para a frente. *Belem Nova*. Belém, n.4, s/p, 31 out. 1923.

Nesse editorial escrito pelo diretor de *Belem Nova*, o escritor Bruno de Menezes, pode-se perceber seu entusiasmo ao “dar publicidade a uma revista de artes e litteratura”, nessa terra, que apesar de ter vida “farta, seducvente pela sua natureza”, opera em direções contrárias em outros aspectos, principalmente “as coisas do espirito e da intelligencia” que são deixadas de lado e tratadas com indiferença pelo público paraense. Essa indiferença é expressa pelo autor-criador também em relação aos seus opoentes, que, de acordo com a seleção vocabular os caracteriza como “medios” e “levianos”, mas como o momento para a produção intelectual era “perigoso e ingrato”, no qual o artista, denominado de “divino iluminado” deveria agir de forma prática e cuidadosa, não se deixando corromper pela ambição, apenas somando energias junto aos outros que se demonstrassem hábeis em produzir uma literatura efetivamente nova, o autor afirma a cautela com a qual deveriam agir aqueles que sentissem a qualificação para produzir no espaço enunciativo da nova literatura.

Pela seleção vocabular utilizada nos exemplos retirados do manifesto sob análise percebe-se também a tomada de posição assumida pela revista, uma posição contrária ao que se apresentava até então no campo literário. No entanto, o público continuava indiferente, por isso a voz enunciativa do manifesto “Para a frente” se insurge contra esse oponente do grupo que compõe *Belém Nova*, conclamando outros escritores que pudessem colaborar nessa tarefa. Esse perfil colaborativo pode ser percebido na materialidade linguística de uso da 1ª ou 3ª pessoa por parte do autor-criador do manifesto. Severino Silva, que produziu o “Portico”, utiliza-se tanto da 1ª quanto da 3ª pessoa, “É reacção, e reacção corajosa, e reacção fecunda a iniciativa **desses moços** que resolveram crear uma publicação de litteratura e de arte”, “Duas virtudes possuem-nas, opulentas, **os fundadores** desta revista”. Apesar de usar também a 1ª pessoa, isso não se caracteriza como se o autor fosse pertencente ao grupo dos novos, mas apenas como alguém chamado a produzir no mesmo espaço enunciativo, que tivesse a mesma identidade enunciativa adotada pelo grupo, que naquele momento ansiava por mudança: “entre **nós**, nestes dias de tão desalentadora estagnação mental”, e ainda, “É preciso, enquanto vae, lá fora o tropel dos barbaros de Atila e sobre a **noossa** cabeça crucitam os corvos fataes, quebrar a aspereza dos formalismos exigentes, dos estatutos inflexíveis com o rythmo da Lyra de ouro da Poesia...” (SILVA, *Belem Nova*, n.1, [s.p], 1923, grifo nosso). Essa alternância entre o uso da 1ª e 3ª pessoa pode ser índice de que o autor não fizesse parte do grupo *Associação dos Novos* – observe-se que o único que utiliza a 3ª pessoa é Severino Silva, que de fato não pertenceu ao “Grupo dos Novos” –, mas fica claro que era simpatizante do mesmo propósito defendido pelo grupo.

O uso da 3ª pessoa, nos manifestos selecionados para análise, fica limitado ao “Portico”, pois, nos demais manifestos e editoriais, percebe-se a participação dos enunciadores no mesmo grupo de Bruno de Menezes, a *Associação dos Novos*, como se pode verificar no editorial “Uma reacção necessaria”.

Uma reacção necessaria²⁵

De há dois annos pra cá, em todo o Brasil, de norte a sul, nota-se como que uma endomose de concepção e sentimento, revolucionando as artes e as letras.

A mocidade de agora, a par de uma instrução meticulosa e polyformica, acceita e pratica os desportos em todas as suas modalidades, tornando-se homens de talento, fortes e resolutos, aptos, portanto, aos embates da Vida, — que se sentem manietados num meio que ainda não se desvencilhou dos moldes preferidos pelos nossos antepassados. E é por isso que uma tarandula de novos Apollos que dedilham lyras, onde lucejam novas harmonias e novos metros, ajustados a uma Arte moderna, hasteou no mastaréo das letras, desassombradamente, a bandeira rubra do futurismo.

E’ uma hoste dextra e aguerrida que se propõe, dando guerra aos lyricos e néo-parnasianos, firmar neste Mundo Novo uma nova escola litteraria. Dahi essa plethora de Iniciados que se desdobram, congestionando as casas editoras, em dar á luz da publicidade livros e mais livros, cada qual mais abstruso, mais divorciado das antigas regras, extravagantes uns, enigmaticos outros, porém, todos attestando o valor intellectual de seus procreadores.

Haja vistas para a bizarra Paulicéa que, parece-nos, é a séde onde pontifica essa pletade de reformadores. E’ lá que Monteiro Lobato, qual outro Fernão Dias Paes Leme, dono que é de uma bem montada casa editora, encoraja a mocidade, injectando-lhe sangue novo, imprimindo as suas producções.

Nós, os de a BELEM-NOVA, somos daquelles que pensam, inimigo que hemos sido do archaismo, ser chegado o momento de predominar no Brasil uma outra Arte, isenta de modelos estrangeiros, livre de imitações escolasticas, independente no sentido lato da palavra, - regional - plasmando a vitalidade de uma raça.

Se o que vemos, a cada instante, atulhando as prateleiras das livrarias, não é a realidade almejada, ainda não preenche a lacuna que o novo Ideal culmina, dá-nos, comtudo, a satisfação de que muito se há feito para libertar-nos desse feio vicio de copiar o que é alheio.

E por essa razão a BELEM-NOVA, triumphadora no seu tentamen, dá guarida em as suas columnas a gregos e troyanos - novos e velhos - até que desta Babel de pensamentos surja a escola de que carecemos.

E’ uma reacção necessaria.

A partir dos enunciados “a satisfação de que muito se há feito para libertar-nos desse feio vicio de copiar o que é alheio” (MENEZES, **Belem Nova**, n.5, [s.p], 1923, grifo nosso), e mais ainda “Nós, os de a BELEM-NOVA” (MENEZES, **Belem Nova**, n.5, [s.p], 1923, grifo nosso), pode-se perceber que o uso da 1ª pessoa reflete o pertencimento ao grupo, aos propósitos da revista, cuja configuração continuava sendo de luta, luta contra a cópia aos modelos europeus, luta para se firmar nesse campo literário que desejava o novo, que

²⁵Anexo K. MENEZES, Bruno de. Uma reacção necessaria. **Belem Nova**. Belém, n.5, s/p, 10 nov. 1923.

encorajava a mocidade a produzir, mesmo que fosse ao lado dos “velhos” produtores de literatura, o que já foi dito, poderia constituir um paradoxo, mas que “por essa razão a BELEM-NOVA, triunphadora no seu tentamen, dá guarida em as suas columns a gregos e troyanos – novos e velhos – até que desta Babel de pensamentos surja a escola de que carecemos”. Até que a batalha fosse vencida, novos e velhos conviveriam juntos, para construir, juntos também a identidade enunciativa daquele tempo.

A simples existência da revista já era uma batalha vencida, e logo vieram outras, como a aceitação da crítica e a sedução de certo número de leitores e de colaboradores. Foi nesse ambiente de aceitação, seguindo os mesmos passos dos outros manifestos que surgiam no resto do país, que Abguar Bastos²⁶, lança um novo manifesto nas páginas de *Belem Nova*.

A ‘ GERAÇÃO QUE SURGE²⁷

Mocidade:

E’ chegada para o Norte brasileiro a hora extraordinaria de seu levantamento.

Ergamo-nos!

Seja o Pará o baluarte da liberdade nortista!

Cangloremos trompas de oiro para o rebate da Ressurreição! Cangloremos!

O Sul, propositamente, se esquece de nós.

A Literatura equatorial é uma historia de mythologia que se anda a contar nos corredores da Academia Brasileira.

O Norte tem poder, tem força, tem filhos guerreiros e filhos altruístas!

O Norte tem os seus genios, os seus esthetas, os seus scientistas, os seus philosophos!

O Norte é dynamica! E’ temperamento! E’ vibração –E’ intellectualidade.

Ergamo-nos!

Creemos a ACADEMIA BRASILEIRA DO NORTE!

Façamos os nossos *immortaes*; coroemos os nossos príncipes de Arte; estabeleçamos concorrência; analysemos os valores!

Publiquem-se livros! Movimentemos as estantes.

Que Bahia, Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte, Parahyba, Ceará, Maranhão e Amazonas, se unam, se fraternizem para o apoio da nossa Renascença!

Que o intercâmbio entre esses Estados seja um facto nacional!

Mocidade:

Tendes uma academia do Direito, uma academia onde o talento faz o seu lar!

Que essa academia seja torre de marfim do nosso principio de solidificação!

Os mestres serão os Palinuros!

Os mestres serão os Sacerdotes!

²⁶—Este fêz parte do ruidoso grupo ‘Associação dos Novos’ e chegou mesmo a escrever versos de difícil percepção para as almas simples [...]. Era a fase das grandes novidades literárias, dos futuristas, dos antropofagos, dos plasmadores da ‘brasilidade’... africanista, e o nosso Abguar foi na onda da escola ultra moderna, sucessores dos nefilibatas de 1895...[Aqui ele se refere ao grupo denominado Mina literária, também do Para, e do qual, Abguar fez parte]. Melhor orientado, porém, e abandonando a sua musa abstrata tornou-se romancista. Melhorando o estilo, deixando-se de nebulosidades e não querendo mais ser o assombro do mundo, escreveu ‘Terra de Icamiaba’ e ‘Certos caminhos do Mundo’, dois livros que o honram. Enfileirou-se ao grupo de José Américo, Romeu de Avelar, Aurélio Pinheiro e outros vanguardeiros e cruzados do romance moderno, tornando-se assim um novelista de pulso firme e de visão segura, sem os exageros primitivos, *pour epater*... O seu terceiro livro, ‘A Selva’, veio confirmar os seus méritos de romancista de linha” Cf. AZEVEDO, 1990, p. 154. Op. Cit.

²⁷Anexo L. BASTOS, Abguar. À geração que surge. *Belem Nova*. Belém, n.5, s/p, 10 nov. 1923.

Os mestres serão os Medices!
 O Norte precisa ser brasileiro!
 Unamo-nos.
 A união faz a Força!
 A Força faz a Vontade!
 A Vontade é o domínio!
 Libertemo-nos! Mostremos aos anemicos de iniciativa, de patriotismo, de
 actividade, que o Norte póde ter a sua Literatura!
 Creemos a ACADEMIA BRASILEIRA DO NORTE.
 Sagremos e immortalizemos!
 Façamos concursos interestaduaes.
 Movimentemos as Livrarias.

Nesse manifesto é latente o desagrado do grupo de *Belem Nova* em relação aos escritores do Sul do país que, segundo o escritor, se esqueciam dos escritores do Norte, que é uma região que ~~tem~~ força, tem filhos guerreiros e filhos altruístas!”, uma região que ~~tem~~ os seus genios, os seus estetas, os seus cientistas, os seus philosophos!”. Esse total descaso com a literatura produzida no Norte era uma afronta para todos os que se empenhavam em produzir uma literatura nacional e regional, por isso, Abguar Bastos, em seu manifesto de cunho altamente político, conclama de dentro do campo literário: ~~Creemos a ACADEMIA BRASILEIRA DO NORTE!~~”.

A construção de luta se estabelece com a presença de um novo oponente: o Sul. Mesmo tendo vencido a primeira parte da batalha com o estabelecimento da revista, a aceitação do público etc., o grupo do Pará deveria se estabelecer no cenário nacional, ao lado de outros Estados, considerados ícones na produção literária brasileira. Vencer essa nova luta não seria fácil, e o Pará foi considerado ~~o~~ baluarte da liberdade nortista”.

Unindo claramente o campo literário e o campo político, Abguar Bastos usa de metáforas como se percebe em ~~Libertemo-nos! Mostremos aos anemicos de iniciativa [...]~~ que o Norte póde ter sua literatura”. Esse enunciado está vinculado ao campo literário, com a analogia feita entre os produtores de literatura a seres anêmicos, sem vida, sem produção, entregues à ~~desalentadora estagnação mental~~”, como foi exposto no editorial ~~Portico~~”. No que diz respeito ao campo político, é usada pela primeira vez na seleção vocabular dessa cena genérica a palavra ~~patriotismo~~”. Esse senso patriótico, também era percebido ~~no~~ intercambio entre outros Estados”, que se constituía como ~~um~~ fato nacional”, uma típica estratégia política de aliança trazida para o campo literário, pois de acordo com o estudioso José Ribamar Freire (2003), ao falar sobre língua geral na Amazônia, considerando-a esquecida por parte de alguns, ele afirma que ~~a~~ produção literária [principalmente da época

do Modernismo] valorizou a língua como elemento de identidade nacional” (FREIRE, 2003, p. 202).

Não há ligações estreitas entre o uso da língua geral e os propósitos da revista *Belem Nova*, nem ao que se refere aos textos em prosa literária do escritor Bruno de Menezes. No entanto, de forma indireta, percebe-se a utilização da língua geral e que, por essas razões, faz-se necessária a discussão desse elemento e de sua importância para o modernismo e também para outras estéticas, em especial, a literatura de expressão amazônica. Anteriormente, foi apresentado um manifesto de Abguar Bastos, chamado “À geração que surge”, que divulga as ideias modernistas dos escritores da região Norte, enfatizando que “Norte precisa ser brasileiro”. Diante dessa apropriação da brasilidade e também do viés amazônico, Bastos publica em número posterior na revista *Belém Nova*, um manifesto denominado *Flami-n'-assú*²⁸, título escrito em tupi, que significa “grande chama”. A pretensão com o referido manifesto era tanto combater os representantes do passadismo literário que ainda imperava na região, bem como conclamar os intelectuais paraenses para o movimento das ideias renovadoras iniciadas na capital paulista e que, no contexto paraense amazônico ganharia feições próprias de acordo com as peculiaridades da natureza local.

A revista *Belem Nova* estabeleceu mudanças decisivas na cultura literária amazônica enquanto origem e produto de uma nova configuração das letras na região Norte, especificamente no Pará, serviu como meio para que os autores locais compreendessem o que de fato estava acontecendo no universo literário, nas artes e na história social do país. Desta forma, tal como apresentado por Freire (2003), “o imaginário da língua se sustenta na existência de um conjunto de obras que contribuem para lhe proporcionar coesão e que as manifestações literárias desempenham um papel capital na delimitação social das línguas” (FREIRE, 2003, p.204). Unindo campo literário e campo político nesse cronotopo de mudança, de novos tempos, da literatura local, a literatura produzida no Pará, as palavras de ordem eram “para a frente”, “para a frente e para cima”, incentivando os escritores a produzir, para, desta forma, serem mercedores do capital simbólico a que estavam destinados, que “É a justa recompensa ao nosso esforço, o prêmio à nossa tenacidade em prosseguir, pugnando pelo levantamento das letras nortistas”. Esse capital simbólico só poderá ser alcançado se forem efetivadas práticas sociais para tal intento, por isso, o idealizador do manifesto pedia que se fizessem “concursos interestaduais”, que se movimentassem “as livrarias”, pois são

²⁸ Anexo M

justamente as práticas sociais dentro do campo que conferem autoridade e reconhecimento ao agente, que resulta da acumulação de capital econômico, cultural e social.

Sobre os manifestos convém dizer que é característica do modernismo a publicação desse gênero e também a criação de revistas literárias durante este período, como por exemplo, *Klaxon* (São Paulo, 1922-23), *Estética* (Rio de Janeiro, 1924-25), *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-26), *Terra Roxa e outras terras* (São Paulo, 1926), *Verde* (Cataguases, 1927-28; segunda fase em 1929), *Festa* (Rio de Janeiro, 1927-28; segunda fase 1934-35) e *Revista de Antropofagia* (1928; segunda fase em 1929). No que diz respeito aos manifestos, podem-se citar em 1924, publicação do *Manifesto da poesia pau Brasil*, de Oswald de Andrade; em 1927, *Manifesto do grupo verde de Cataguases*; em 1928, *Manifesto Antropófago*; em 1946, *Manifesto para não ser lido*; em 1959, *Manifesto do Verde-amarelismo, ou da escola da anta ou Nhengaçu Verde Amarelo*; apenas para citar alguns que iniciaram e sustentaram as ideias modernistas ainda incipientes.

No que diz respeito aos manifestos publicados na revista *Belem Nova*, pode-se enfatizar que eles se desenvolvem vinculados à luta, que se configura como a origem e o produto do discurso. Por estarem vinculados a esse espaço de luta, esse cronotopo muitas vezes vêm ao leitor como um campo de batalha que se estabelece no ambiente das letras do Norte do país. De acordo com a seleção vocabular para a delimitação desse espaço e desse tempo tem-se: ~~a~~rena”, ~~p~~lanuras áridas”, ~~e~~strada espinhosa e longa”, ~~B~~abel”. Outros vocábulos vêm para ratificar essa configuração de luta, como ~~r~~eacção”, ~~l~~iberdade”, ~~r~~evolta”, ~~r~~enovação”, ~~b~~andeira”.

Constroem-se, a partir dessa seleção vocabular, as imagens relacionadas ao triunfo, ao prêmio máximo após a batalha. Essas imagens são apresentadas com o auxílio de outros elementos presentes nos manifestos e, ativados pela memória do leitor, por referência intertextual. Desta forma, os autores utilizam imagens pertencentes também ao cronotopo da luta, para validar a configuração discursiva dos manifestos, como a remissão aos ~~g~~regos de Homero”, ou mesmo a imagem de Dom Quixote. Mais ainda, tem-se a referência à ~~l~~iberdade dos escravos”, aproximando-se da luta dos escravos por liberdade, e mesmo da luta do povo pela ~~d~~emocracia como forma de governo” e a batalha ia ser vencida com a configuração de luta no momento do nascimento, já que assim como a mãe espera e luta, de certa forma, para o filho nascer, os escritores que desejavam mudanças no fazer literário, iriam finalmente ~~d~~ar a luz da publicidade livros e mais livros”.

Com isso, a esfera literária, configurada pelo gênero discursivo dos manifestos literários, que compunham a revista *Belem Nova*, conclama os leitores, os reais interlocutores

do referido suporte material, a partir do cronotopo da luta, a construir imagens de vencedores num espaço designado como arena ou campo de batalha, no tempo da guerra, pela reconstrução de uma identidade nacional literária. Esse cronotopo é a articulação da obra e das condições de sua produção, que configuram o efeito de sentido pretendido ou mesmo construído no e pelo discurso entre autor e leitor.

E assim, *Belem Nova* ia vencendo a batalha, a luta, rumo ao ideal que era de ganhar mais espaço junto à sociedade local, nutridos que estavam, os pertencentes ao grupo de colaboradores da revista, de uma “suave esperança”. O intercâmbio com autores consagrados de outros Estados serviu para dar maior credibilidade ao trabalho desenvolvido por *Belem Nova*, como prova do valor e da certeza, desses escritores que compunham o quadro da revista, de serem merecedores do capital simbólico a que estavam almejando e, mesmo diante dos percalços, seguiam confiantes na “certeza de vencer”.

A revista *Belem Nova* propiciou possibilidade ao movimento modernista na sociedade local. Sendo assim, a formação do escritor paraense da época compreendia um processo de amplo descobrimento do Modernismo, a partir da configuração que essa revista literária, como órgão de imprensa, passou a ter, visto que pode ser vista não apenas como meio de divulgação da nova literatura e crítica, mas também como um canal de contato direto e imediato com o público com o qual mantinha relação.

Quando da extinção da revista *Belem Nova* em março de 1929, os nomes mais relevantes do movimento modernista paraense já haviam construído uma nova identidade enunciativa das letras do Norte, pautada no jogo entre o regional e o nacional, o que encorajou o reencontro de artistas, a partir do grande rebuliço no qual as artes haviam se encontrado desde o início do novo século, no qual *Belem Nova* certamente deixou sua história gravada definitivamente.

A obra *Maria Dagmar* de Bruno de Menezes, cujo aparecimento se deu na seção “Contos e crônicas”, trouxe, ao público leitor de *Belem Nova*, a caracterização de uma mulher que não estava inserida no contexto modernista, mas que contradizia em parte a visão que esse posicionamento impetrava para a mulher, pois,

Uma nova mentalidade se impunha em tudo, por tudo e para tudo. Conseqüentemente outra terá de ser também a atitude dos modernistas em relação à mulher, que vão valorizar em termos destoantes, do consenso geral, vendo-a agora de modo diverso e em choque com a concepção que o meio social estabeleceu (BRITO, 1972, s/p).

Esse era, pois, o contexto de publicação da novela do escritor paraense, que na mesma seção –“Contos e crônicas” –, entre outros textos também publicados, tem-se títulos como: *Castidade de Celina*, de Alba Lirio; *A noiva da castidade*, de Bertoldo Nunes; *O casamento das três amigas*, de José Carvalho; *Adultera*, de Elmano Queiroz; *A loucura de Bilú, cortezã*, de Elzamann de Freitas; *Feia...*, de Chermont de Britto, apenas para citar alguns títulos.

Na próxima seção são apresentados os valores veiculados nas obras *Maria Dagmar* e *Candunga*, no que diz respeito aos temas apresentados em cada obra, os valores ora são positivos ora negativos. A temática é basicamente relacionada aos problemas sociais, como a prostituição presente no gênero novela, e a migração do nordestino no gênero romance, nesse gênero também expõem-se os contrastes culturais do caboclo amazônico com o nordestino na relação estabelecida entre cultura e identidade. Todos esses aspectos, relacionados com a imagem do autor-criador, estão embasados nos estudos bakhtinianos e nas contribuições dos autores apresentados na fundamentação teórica. Há também a associação dos gêneros utilizados em sua relação dialógica com outros textos.

3 DO SUJEITO E SEUS INTERLOCUTORES

Bem sei que terei de parar, não por causa de falta de palavras, mas porque essas coisas e sobretudo as que eu só pensei e não escrevi, não se ousam publicar em jornais (LISPECTOR, 2004, p. 51).

3.1 DOS VALORES IDEOLÓGICOS NAS OBRAS EM ANÁLISE

Falar em valor implica tomar um conceito bakhtiniano que se relaciona e se articula com vários outros conceitos ou termos utilizados pelo Círculo como orientação social, avaliação social, horizonte social, expressividade, ou ainda orientação apreciativa, como consta em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2004). Essa noção de valor articula-se e imbrica-se a outras terminologias trabalhadas na teoria bakhtiniana; estas podem ser utilizadas para melhor compreensão da noção. São elas: tom, entonação, tom emocional-volitivo. Desde *Para uma filosofia do ato* (2010c), o termo valor já figurava entre as noções abordadas pelo Círculo:

[...] todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do ato: valores científicos, estéticos, políticos (incluídos também os éticos e sociais) e, finalmente, religiosos. Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro (BAKHTIN, 2010c, p. 114-5).

No âmbito desta pesquisa, essa noção de valor está diretamente relacionada ao todo arquitetônico da obra, vinculada, inclusive, à escolha do gênero de discurso. Isso advém da relação entre significação e tema, linguagem e sociedade, o que implica dizer que o diálogo estabelecido entre autor, obra e leitor perpassa pela posição assumida pelo falante em relação ao que é dito. Visualizando desta ótica, estabelece-se a parceria entre locutor e interlocutor, posto que a valoração do enunciado concreto feita por parte do locutor, pressupõe já a resposta presumida do interlocutor. Essa valoração é estabelecida como única e singular, visto que quando se relaciona tema e significação nenhum ato é repetível e as avaliações ou

respostas dependem, em primeira instância, das relações sociais criadas entre os protagonistas do discurso, nesse caso, entre autor, herói e interlocutor.

Por valores entendem-se as razões que justificam as escolhas das pessoas, as suas preferências e existe uma diversidade de classificações relacionadas aos valores. Entre os valores abordados nessa pesquisa têm-se os éticos ou morais e os religiosos, em princípio. Os valores podem ser positivos ou negativos. Em *Maria Dagmar* tem-se a oposição constante de valores positivos e negativos, entre eles os mais destacados são opressão/liberdade e miséria/fartura, que desembocam na relação entre dominador e dominado que se estabelece na obra em destaque.

Mas o homem apareceu. Vulpino e arteiro, percebe que as quatro sofrem, heróicas e dissimuladas, vexames de dinheiro, de falta de remédios, de comida, de roupas, contando com os alugueis da palhoça em atraso. Então, êle aperta o assédio. Reúne em conclave os seus instintos. Urde planos resolutos de assalto fulminante à cidadela (...). O homem abre a dar mimos a Dagmar, como um príncipe lendário” (MENEZES, 1993, v.3, p. 40).

No exemplo acima, percebe-se claramente os valores de miséria e fartura. A miséria representada pela condição de Dagmar em detrimento de sua situação econômica e a fartura representada pela condição do homem, que possui bens materiais e que pode pagar para ter uma vida boa vida econômica.

Outros valores bastante recorrentes na obra são o de dignidade e honra, princípios básicos de vida em sociedade, pois envolvem o princípio maior de respeito ao próximo. Na obra, os valores expressos estão relacionados com a personagem Dagmar, como valores positivos; em relação ao personagem masculino não há valores positivos, apenas negativos, pois ele sempre é visto como usurpador, ~~ardiloso~~ e sagaz” (idem, p.41).

O perdulário paga tudo, pois ressarce com ágio, gozando a carne moça, resistente à pressão queimosa de seus dedos, do pujante corpo de Dagmar, completamente dominada (MENEZES, 1993, v. 3, p.42).

Desde o início da narrativa, a mulher é apresentada evidenciando suas características sensuais, os atrativos de seu corpo e de seu perfil físico, é o tratamento da mulher como objeto de conquista, de desejo e de dominação. Outros elementos linguísticos que devem ser

considerados para essa configuração tanto da mulher quanto do homem, são as metáforas, como se pode observar a seguir:

[Dagmar] Fica uma dessas ovelhas nédias que acirram o faro corruto dos lobos sociais que vestem calças. E num dos ditos, aguçando dentes famintos de suas formas, surpreende Dagmar no seu redil de pobreza (MENEZES, 1993, v. 3, p. 40).

No exemplo, Dagmar, vista como uma ovelha, um ser indefeso, ingênuo, ou mesmo a figura da Chapeuzinho Vermelho, já que o homem é o lobo, não o lobo da floresta, mas o lobo social. Em outro trecho, ele deixa de ser o lobo mau e passa a ser o príncipe:

O homem abre mão a dar mimos a Dagmar, como um príncipe lendário. A não fazer caso de cédula. Põe tudo à disposição daquelas necessitadas, com ares de filantropo desinteressado. Sabe que elas não têm protestos nabados, mantendo, sabe Deus como, uma linha ridícula de conduta. Só ambiciona um troféu – Maria Dagmar – segrêdo que tranca consigo (idem, p. 40-1).

Além de ser o príncipe, ainda compara Dagmar a um troféu, logo, a um objeto. E “fantasiado” desta forma, como um príncipe, ele consegue seduzir a mulher, utilizando-se de todos os artifícios possíveis e como um lobo, assim age e Dagmar se rende ao homem “farejando-a, perseguindo-a, impelindo-a para o abismo” (MENEZES, 1993, v. 3, p. 41). Ele é o lobo e ela a ovelha, e por ser ovelha, “Dagmar não se apercebe desses (sic.) complexos e se deixa amar como um animal quando partilha a função procreadora” (idem, p. 74).

Depois desses aspectos, relacionados às metáforas, e ainda evidenciando os valores mobilizados pelo autor-criador, observa-se novamente, Dagmar associada ao perfil de pureza, inocência e sonhos:

Sim, Dagmar era donzela, um tanto tímida, receosa de namorar, com medo da avó, dos frades, da velha que tomava conta das cantoras (MENEZES, 1993, v. 3, p. 75).

Desta condição de inocência, Dagmar vê-se mercantilizando o corpo:

Dá em abominar a companhia dos parentes que a impedem de se prostituir à vontade, ganhando a vida como entenda, pelo menos feirando aquêlo corpo venusino, único bem de que dispõe. E lembrando-se que teria de manter sob máscara certas atitudes, Dagmar pensa em maluquices de se envenenar e morrer (MENEZES, 1993, v. 3, p. 79).

O vocábulo “feirando” marca a condição ideológica relacionada à mulher por parte do autor-criador, pois a feira é o local onde tudo acontece, é de todo o povo, é o popular. Desta forma, os valores, tanto em relação à Dagmar quanto aos homens com os quais ela mantém relação, são vinculados aos aspectos pejorativos, criando esse ambiente cercado de miséria e desonra.

Podem-se visualizar as expressões com que os personagens são designados ou mesmo caracterizados, e desta forma associar os valores já apresentados, que configuram o autor-criador. Os números após as designações referem-se às páginas nas quais estão localizadas as expressões na edição em livro, reeditada em 1993.

a) relacionados à Dagmar:

Virgem, púbere, romântica (39); vistosa, apeteçível, extasiante, tentadora, ovelhas nédias (40); mulher sacrificada, iniciada, belo animal, carne moça, dominada (42); inferior, sacrificada, florida mocidade (43); industriada, sedosa, meiga, envolvente, submissa, criança mimosa (44); natural ou fingida (45); fria (47); envergonhada (48); desiludida (49); senhoras ricas (50); banal, vulgaríssima, asseada, cheirosa, fisionomia primaveril, resoluto, apática (51); silenciosa (53); tola, mártir, impassível (54); abroquelada, destemida, estranha criatura essa!, abandonada, sozinha, repudiada (57); pobre (58); adúltera, uma donzela, quando perde sua pureza, “ótulo de empréstimo vai passando como pequena ajuizada, mulher livre e irresponsável (59); espreguejada (60); solitária (61); infeliz, ciumenta (62); ré injustiçada, honesta, candura simples, objeto amado (64); desenvolta, maturo, robusta, mulher de outras maneiras, a “sua Dagmar” que o mundo corrompera (65); condição secundária, ex-noiva (67); humílima, sucumbida (68); “sua pequena” dos primeiros amôres, alma sucumbida (69); mulher de efeito (70); impudica, irresistível (71); condenada, desgraçada, como felina se espreguiçando, servil, insensível (73); esvaída, refém, coitada, bestializada, impudente, animal quando partilha da função procreadora, esfinge (74); lânguida, inconsciente, imácua, donzela, tímida, receosa, tola, incauta moça de subúrbio, pobre, contente (75); leviana,

pérfida, a sofredora, diabo de mulher desfrutável, bisca, comediante, bandoleira dum raio!, comparando-a às cadelas e às gatas (76); infida, triste degradada, criatura que mendiga o seu perdão (77); pequena (vocativo), vencida, os restos de pureza corporal, mulher que o amor traía (78); insurreta, mulheres conformadas, inferior às outras?, corpo venusino, indignada, destruidora, apóstata de velhos credos (79); gordalhufa, deusa humanizada, o demônio da mulher, um espetáculo hílare de saltimbancos, mulher singular, mulher – eterna Eva seducente – com o pomo da tentação prêso aos dentes (80); misteriosa (81); radiante, desventurada, infeliz (82); não é casada, não é viúva, nem amásia de ninguém, corista, cortezá de terceira categoria, gafada, sífilítica (83); vampira, criatura anônima, heroína, alma pura, coração generoso, sensibilidade afetiva, desdenhosa (84); foi bonita, foi jovem (85), ser humano, escrava (86); nossa heroína é um símbolo persistente, satisfeita, pomposa, desconhecida, caluniada, tolerada, Maria Dagmar é um símbolo... (87).

b) relacionados aos personagens masculinos:

Lobos sociais que vestem calças, dito, o tal sujeito, vulpino, arteiro, príncipe lendário (40); conquistador (41); felizardo, responsável, perdulário, galã vitorioso, ser de mistério e bruxedo (42); –seu homem” (44); amante, egoísta, alvar (47); homem ardente, gato felpudo, amigo (48); empavonado, sedutor (49); enamorado, homem aventureiro (51); penalizado (52); homem insatisfeito (53); homem-ventoinha, blandicioso, brutamontes (54); sacrificador, achasse espoliado, roubado, extorquido; homem extraviado, amásio, mulherego, rufião, peralta, homem esquivo (55); o causador de sua desdita, desalmado (57); zangões (58); o tal (61); amigo, esquecido do passado; leviano (62), satanaz, fauno ressureto, cerebralista, egoísta do amor, abutre carnívoro (63); o homem torturado, espoliado, lezado, vesano, caprichoso (64); homens passageiros, dêste ou daquele homem (67); amor em reprise, bem vindo indulto, bondoso, humanitário (68); homem bom (69); sátiro (70); retornado amante, gozador de seus beijos, predileto, indivíduos aberrados, o homem insatisfeito, constrangido (74); absorto, emocionado (75); revoltado, o homem se revela, como um ciclone, com um olhar tigrino, ingrato (76); precavido, envernizado de falso brio, traído, triunfador (77), untuoso, demoníaco, passivo, como os outros itinerantes (78); rafeiro, apassivador, inertes, chumbados numa interrogação (80); notívagos, homens comprometidos (83); marítimos chegadiços, enfarados do balanço do mar, mareante, adoradores ocasionais (84); mancebos, os homens maduros, convocados, materialistas, brutais (85), calhorda, –penetras”, os homens continuam os mesmos, ou ainda piores, senhores burgueses (86).

A partir dessa divisão apresentada entre as designações atribuídas pelo autor-criador à Dagmar e aos personagens masculinos, percebe-se sua vinculação à posição axiológico-valorativa romântica e realista. Romântica principalmente pelas designações iniciais à personagem feminina, que é sonhadora, com sentimentos cândidos e virginais, que vive a ilusão de encontrar um “príncipe” como nos contos de fadas. As conotações positivas atribuídas à figura do homem na novela são feitas pelo autor-criador quando Dagmar está pensando em encontrar esse tipo de “namorado”, de homem, mas não é o que ocorre. Então, apresenta-se um autor-criador vinculado à posição axiológico-valorativa realista, na qual o cenário social no qual está inserida Dagmar envolve o interlocutor, com temática sobre a ascensão e pobreza, próprias da estética realista, retratando a vida contemporânea, a partir do foco dado à temática da prostituição. Desta forma, o homem, é designado principalmente pelas expressões: amante, sacrificador, egoísta do amor, e assim, o autor-criador designa todos os homens como senhores burgueses, termo bem propício à vinculação realista da literatura.

Dando continuidade à exemplificação da noção de valor bakhtiniana, pode-se apresentar a obra *Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona Bragantina*, pertencente ao gênero romance.

Uma das principais preocupações na obra é a relação entre cultura e identidade; de um lado, a cultura nordestina e, de outro, a cultura amazônica cabocla. Os valores expressos perpassam por vários caminhos, sendo apresentados como positivos ou negativos. Pode-se associar como positivos os valores dignidade, trabalho, honra, solidariedade, esperança, persistência, liberdade, justiça. E entre valores negativos identificam-se preconceito social, flagelo, exploração (inclusive sexual), humilhação, ambição.

Percebem-se as culturas abordadas na obra, nordestina e cabocla amazônica, como valores que interagem na formação da identidade local, zona bragantina, no Estado do Pará, na fase do *boom* da borracha:

Conscientemente, para esse povo cigano, se punha deixar o sertão, acabado de fome e sede, seria a mesma resignação fatalista, que aceitariam outro **habitat**, numa região menos agressiva, onde sol dos mártiros, não queimasse tanto os roçados e nem reduzisse a ressequido leito o fundo arenoso das cacimbas (MENEZES, 1993, v. 3, p. 108).

O êxodo de lavradores do nordeste, em consequência dos anos de penetração e do povoamento precário na zona bragantina, com a introdução de hábitos tipicamente cearenses, como se tornou generalidade chamar aos métodos desses inconstantes migradores, tem transformado completamente a primitiva fisionomia social da região (MENEZES, 1993, v. 3, p. 202).

Os trechos apresentados evidenciam o flagelo do povo nordestino e sua inserção em um novo cenário, a dinâmica sócio-cultural na zona bragantina, fazendo-se agente social nessa localidade, o que causa certo estranhamento, nesse complexo jogo de culturas diversas e afirmação de identidade.

Os seus costumes, a sua religião, a sua índole, são outros. Em lugar do foguetório, preferem disparar as armas, gastando balas, ao contrário do caboclo que se amolece todo por um foguete, um samba, um “ehorinho” tocado melosamente, num clarinete, num cavaquinho, num violão penteado. Eis porque, na zona bragantina, a dentro (*sic.*) das colônias os divertimentos festivos são pouco animados; as músicas que executam nas sanfonas e nas violas, só arrastam os pares no passo do “baião”, do “orrido”, num ritmo desajeitado (MENEZES, 1993, v. 3, p. 203).

Quando se fala em costumes, religião e comportamento enfatizam-se os valores voltados para a divulgação da cultura, um valor bastante abordado na obra. Ao mesmo tempo em que é o aspecto cultural é valorizado, ele também é apresentado para estabelecer uma relação de invasão dos hábitos nordestinos no ambiente caboclo de Bragança. Pode-se afirmar que o autor-criador Bruno de Menezes, utiliza-se dessa característica, isto é, a de valorizar e divulgar a cultura, ou os aspectos culturais, como forma de firmar sua imagem, sua expressividade, seu horizonte social, que compreende o espaço-tempo abordado por outros escritores de literatura de expressão amazônica vinculados aos mesmos propósitos também valorizaram a cultura da *terra brasilis*, nessa empreitada estética, divulgando a linguagem, os hábitos e costumes do povo brasileiro, nesta atitude que, desde a época de vanguarda, já se assumia.

A aflição dominante emudece as palavras. Velhas supersticiosas dizem que o fogo não cede, por terem trabalhado no roçado em dia santo de guarda. Balbuciam rezas lamentosas em melopeia dolente. Por que não vinha uma chuva diluvial, como as que caem em Belém? Olhos súplices voltam-se para um ponto escuro no céu, com espessas nuvens carregadas de vapores, semelhantes a sôbrenatural aquilíneo, com grandes asas paralizadas (MENEZES, 1993, v. 3, p. 121)

Assunção tivera preferência para cuidar dos afazeres caseiros, preparar a comida, lavar as roupas, dar de comer aos xerimbabos, que estavam começando a criar (MENEZES, 1993, v. 3, p. 125).

Nos dois exemplos acima, verifica-se o uso do misticismo amazônico, relacionado à chuva e às superstições; de outro lado, também, pode-se perceber o uso de vocabulário local: xerimbabo, que designa animais domésticos. O uso de vocabulário genuíno foi uma das características também da estética modernista, que tendia para o uso de léxico mais brasileiro. Diante desse contexto, a obra *Candunga* pode ser caracterizada pela estética modernista. Alguns teóricos o consideram naturalista. É importante destacar que Bruno de Menezes é um autor-criador de uma época de transição, cujas multiplicidades de leitura, contato, influências é que garantem sua especificidade, seu gênio e o destacam de outros.

No que diz respeito aos valores positivos e negativos apresentados no início desta seção, pode-se destacar como exemplo de positivos a solidariedade, a honra, o trabalho, a esperança, a confiança:

Da ração que lhe toca, por um pendor todo seu, reparte com os companheiros menos aquinhoados. Escolhe, cuidadoso, para a mulher e as filhas de Gonzaga, pedaços de “carne grossa” mais tenros, na panela fumegante, de feijão aguado.

Tereza Rosa, a jovem mãe conformada, que em vários anos de matrimônio, cumprira o seu voto, aumentando a prole de Gonzaga com uma rédua de barrigudinhos, ainda estampa nas feições maceradas traços de beleza sertaneja, que os sofrimentos não poderam extinguir (MENEZES, 1993, v. 3, p. 99).

O rapaz arquitetara sonhos de um futuro generoso, na terra estranha, confiante que está no seu trabalho, no santo de sua devoção. O outro, experimentado pela idade, daria curso a idênticos anseios, na esperança de retornar ao seu jamais esquecido Ceará (MENEZES, 1993, v. 3, p. 109).

A relação eu-outro é bem percebida nos trechos acima, por se tratar da interação do nordestino na nova dinâmica social que lhe é imposta, na tentativa de criar raízes em outras terras. A partir dessa nova dinâmica, o autor-criador apresenta os valores negativos provenientes de tal relação, ou seja, apresentam-se os valores que podem ser percebidos quando uma cultura se relaciona com outra tão divergente da sua. Dessa interação, sobressaíram os valores negativos como a exploração (sexual), a humilhação, a ambição:

Triste rebanho aos tombos, é a caravana escorraçada, palmilhando a estreita prancha do navio. O chicote de um sol em brasa tengêra-os dos sertões nativos. Aboletados nas terceiras classes de passageiros do Loide, desembarcam lerdos, em meio aos curiosos e desocupados do cais (MENEZES, 1993, v. 3, p. 103).

As que eram “pescadas” no interior, se mostravam satisfeitas com o “luxo” do ambiente para onde as traziam. Um quarto mobiliado, com leito acolchoado para o amor; vestidos da moda; um traje de “soirée” para as recepções noturnas obrigatórias. Muitas vezes, isso tudo era alugado, como, com o decorrer do tempo viriam a saber (MENEZES, 1993, v. 3, p. 150).

Em relação aos aspectos femininos, as mesmas construções em torno da figura feminina que aparecem em *Maria Dagmar*, encontram-se também em *Candunga*, quando Tereza, esposa de Gonzaga, é assim descrita:

Tereza seguira a Gonzaga para onde o destino os impelira. Em seu ato de posse, êle fora o comprador, que chega ao redil, escolhe uma ovelha ainda não coberta, e leva-a como seu dono, para outro curral distante (idem, p. 100).

Mais uma vez, comparada a um animal, é assim que o autor-criador refere-se a mulher. Além disso, o marido é considerado o dono, como se a mulher fosse realmente um objeto. Isso é algo que deve ser considerado como o aspecto de subserviência presente nos textos de Menezes, que constroem a arquitetura de sua obra. A mulher ora pode ser vista como dependente do homem, ora como se ela não tivesse condições de agir por si mesma.

Possuídos desses anelos voltam os olhos para as criaturas que dependem dêles, e ali se encontram, partilhando de suas desditas, principalmente Tereza e Assunção, dispostas a tudo e que nunca se queixam (MENEZES, 1993, v. 3, p. 109).

Sendo consideradas como animais, não possuem voz, pois nem sequer “se queixam”, como se para elas viver fosse essa inércia, e que elas apenas deveriam aceitar a condição em que se encontravam. E a realização das tarefas, como femininas, também constitui a forma de

agir do autor-criador, diante dos personagens femininos, isso implica em considerar a subserviência feminina, como um dos valores pregados pela arquitetônica de Menezes:

Assunção tivera preferência para cuidar dos afazeres caseiros, preparar a comida, lavar as roupas, dar de comer aos xerimbabos, que estavam começando a criar (MENEZES, 1993, v. 3, p. 125).

Como se para a figura feminina cuidar da casa fosse a melhor atividade a fazer. É necessário considerar o ano em que o romance foi escrito e publicado e verificar que a figura da mulher é tratada de forma pejorativa por parte de alguns escritores. O próprio romance *Senhora*²⁹ (1875) de José de Alencar, apesar de não apresentar uma figura de mulher mais emancipada, contudo, menos subserviente, por conta da sociedade da época, que ainda pregava o casamento como uma das formas de se “reconhecer” uma “mulher honesta”.

Aurélia era órfã; tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade. Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido certa emancipação feminina (ALENCAR, 1973, p. 9).

Apesar da temática da emancipação feminina pelo menos fazia parte da forma composicional do gênero, mas ainda neste romance de Alencar, a mulher não era considerada um objeto, e assim apresentada como a dona do homem, conforme a divisão da obra em preço, quitação, posse e resgate.

Ao se considerar, para o prosseguimento da análise das obras, os manifestos literários e os editoriais da revista *Belem Nova* apresentados na seção anterior, tem-se a base de análise da própria configuração das obras *Maria Dagmar* e *Candunga*, pois tanto os manifestos e editoriais quanto as obras encontram-se vinculados – em especial os manifestos e editoriais escritos por Bruno de Menezes – a utilização de recursos linguísticos que evidenciam uma literatura voltada para o povo. O grupo *Associação dos Novos*, liderado por Bruno de Menezes, queria despertar os poetas e escritores da região Norte do país, não importando quem fosse ajudar. Tanto na construção dos manifestos, quando nas obras em prosa literária

²⁹Cf. ALENCAR, José de. *Senhora*: texto integral, cotejado com a edição original – B. L. Garnier. 3. ed.. São Paulo: Ática, 1973.

apresentadas nesta tese, são usados recursos linguísticos que remetem à concepção greco-romana, como, por exemplo, no editorial “Portico”, em que Severino Silva compara o grupo de *Belem Nova* a gregos de Homero: “Que <<avancem silenciosos e cheios de audácia>> como **gregos de Homero**, decididos a esmagar a horda bravia dos **troianos**” (SILVA, *Belem Nova*, n.1, s/p, 1923, grifo nosso). Em *Maria Dagmar*, a comparação também é com o modelo grego-romano, na qual Dagmar é identificada com Vênus: “[...] ganhando a vida como entende, pelo menos feirando aquele corpo **venusino**, único bem de que dispõe” (MENEZES, 1993, v. 3, p. 79, grifo nosso). Já em *Candunga* percebe-se, sem grandes dificuldades, a musicalidade dos versos, que podem constituir o romance de Menezes com uma tonalidade de poema em prosa, sugerindo o recorte dado aos ambientes a partir da utilização do léxico composto por grupos nominais: “Quer nas **estradas pedregosas**, ou trilhas e picadas, por onde os seus passos se arrastam, a **povoação** se torna **dolorosa**, tendo apenas suavizado o tormento da sede e do calor” (MENEZES, 1993, v. 3, p. 113, grifo nosso); ou ainda uma tendência para uma ilusão evasiva ou o sonho: “**Consoladora** esperança enche-lhes o coração. O trabalho será recompensado. A terra é forte, humosa e **boa**. Contam com uma safra **animadora**” (MENEZES, 1993, v. 3, p. 126, grifo nosso). Os destaques dados em negrito servem também para sinalizar a presença da rima nos trechos da prosa literária de Bruno de Menezes.

Quando se afirma acima que os recursos evidenciam uma literatura voltada para o povo, isso conduz ao aspecto relacionado aos conceitos de hegemonia e contra-hegemonia tratados por Gramsci (1985). Esses conceitos estão intimamente ligados aos de cultura hegemônica e cultura subalterna. Nos manifestos e editoriais de *Belem Nova* são visíveis essas questões, considerando-se que os estados do Sul inflamados por uma renovação ligada à estética modernista ditavam as regras relacionadas aos rumos da literatura em todo o país. O que se percebe em torno dessa discussão é que considerar a cultura em termos hegemônicos, não é considerar a cultura apresentada nos textos de literatura de expressão amazônica como fonte e resultado de um único padrão de cultura e/ou de literatura a ser seguido, mas de perceber que as tendências literárias dominantes pelas quais os intelectuais do eixo São Paulo e Rio de Janeiro estavam envolvidos, não eliminam as várias concepções e modos do fazer literário a que elas se contrapõem. Desta forma, os intelectuais de *Belém Nova* conseguem realizar seu projeto enunciativo de movimentar as letras do Norte do país com a publicação desta revista.

3.2 DAS VOZES EM DISCURSO

Entende-se por perspectiva dialógica da linguagem a concepção bakhtiniana na qual todo o discurso é permeado pelo discurso do outro. Essa alteridade que transpassa o discurso se faz presente tanto entre autor-criador e leitor, autor-criador e herói, quanto entre discursos, posto que, segundo Bakhtin/Volochínov, em *Marxismo e Filosofia da linguagem* (2004):

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 123).

O que está evidente no dialogismo de Bakhtin/Volochínov é uma dialogização interna da palavra, que é sempre perpassada pela palavra do outro. Isso significa que, para um sujeito constituir um discurso, ele leva em conta o discurso de outrem que está presente no seu. Portanto, não se pode pensar o dialogismo como relações lógicas ou semânticas, visto que o diálogo estabelecido no discurso é verificado a partir de posições de sujeitos que manifestam diferentes pontos de vista sociais, de acordo com sua realidade.

Ao falar dessas diferentes posições assumidas pelo sujeito, há um deslocamento do conceito de sujeito como centro, passando este a assumir o papel de sujeito histórico e ideológico. Esse ponto de vista adotado por Bakhtin/Volochínov constitui-se visto o teórico afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas ela traz sempre a perspectiva de outra voz.

Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra ao mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo está mútua-orientação dialógica do discurso alheio para o objeto (BAKHTIN, 2010b, p. 88).

O autor-criador, ao produzir seu discurso artístico, constrói a imagem de um leitor/contemplador, pois o autor-criador não é o detentor de todos os sentidos. De acordo com Bakhtin, criador e contemplador são construídos no/pelo discurso. Para exemplificar esse

tipo de dialogismo, parte-se dos efeitos de sentidos criados a partir da relação entre autor-criador (consciência exotópica) e leitor/criador.

3.2.1 Da palavra alheia que a condena

Os exemplos apresentados da obra –*Maria Dagmar*” ora são da publicação na revista datada de 1924, ora da publicação em livro de 1950, que recebeu nova publicação em 1993, ambas as edições utilizadas aqui para fins de análise.

Quando se começa a ler a novela de Bruno de Menezes, ela chega ao leitor com um tempo e um espaço indefinido:

Creatura invejavel essa Maria Dagmar. Opulenta de physico, perfil suave e sympatico, olhos brilhantes e rasgados, collo amplo, bocca expressiva, e umas lindas mãos, de esculptura (**Belem Nova**, 31/01/1924).

O narrador conta a história ora da perspectiva de Dagmar ora da sua própria perspectiva, por esse motivo em algumas passagens pode-se extrair exemplos que chegam ao leitor sob uma dupla perspectiva, ora vinculados à instância do narrador ora vinculados à instância da personagem Dagmar. Isso conduz o trabalho à concepção dialógica da linguagem de Bakhtin que estabelece a interação verbal no centro das relações sociais. Neste ponto, a concepção do ser humano postulada é a de que o outro desempenha um papel fundamental, pois, para o teórico russo, é impossível conceber o ser humano fora das relações que o ligam ao outro.

Pode-se perceber esta relação dialógica entre autor-criador e leitor no exemplo retirado de *Maria Dagmar*:

Não casára, pensava: não tivera a dita de ser esposa; terminara amazia. E isso que prejuizo lhe adviera? Fôra a primeira que havia chegado áquele estado? (**Belém Nova**, 31/01/1924).

Nesse exemplo, o discurso está centrado na presença de um narrador que conta a história na perspectiva da 3ª pessoa, neste caso, um narrador que conta a história de Dagmar. O fenômeno dialógico encontrado no trecho anterior é a presença da interrogação, que se configura como uma pergunta retórica no âmbito do enunciado, mas como um diálogo entre autor-criador e leitor/contemplador, no âmbito da enunciação.

Outra evidência desse tipo pode ser observada na publicação em livro:

Na sua fala sentia uma tonalidade especial. Seria porque cantava no coro, na capela dos capuchinhos, que a sua voz ganhava aqueles harpejos celestiais? Seria porque era imácula como um lírio e a sua castidade influía nessa ternura vocal? Notava-se qualquer cousa de doçura no trinar que lhe fluía da garganta, assim como o gorjeio dos pássaros confiantes e livres. Para que Dagmar deixara se modificar a sua personalidade? A sua vida, o seu encanto, haviam se transformado tanto em comparação àquele amor que fora quimera... (MENEZES, 1993, p. 75).

E assim a interação entre autor-criador e leitor/contemplador vai pontuando toda a narrativa seja pelo uso de vocativos ou interrogação, seja pelo uso de enunciados inacabados que “podem” ser completados pelo leitor da forma como por este é apreendida a enunciação da narrativa. Outro momento da narrativa em que se percebe essa interação entre os sujeitos é no próprio final da primeira parte publicada na revista, no qual há um questionamento, já apontado aqui como uma dupla articulação, que pode pertencer tanto ao autor-criador quanto à personagem Dagmar:

Dagmar entrou de sentir visível, uma frieza doida, uma desatenção irritante, da parte delle. Elle, que até então manifestára-se todo ternuras!... Que seria aquillo, bom Deus dos afflictos?!... (MENEZES, **Belém Nova**, n. 9, [s.p], 1924).

Em passagem na publicação em livro, tem-se o uso do advérbio de afirmação “sim”, como marca do fenômeno dialógico:

Até na rua em que morava, na sua juventude descuidada, se alegravam quando ela passava, retomando o andar cadenciado, pelos caminhos rústicos, abertos ao apressado pisar do povo. Sim, Dagmar era donzela, um tanto tímida, receosa de namorar, com medo da avó, da velha que tomava conta das cantoras (MENEZES, 1993, v. 3, p. 75).

No âmbito do dialogismo, ainda há o que dizer e isso se refere à distinção entre textos dialógicos monofônicos (aqueles em que uma voz domina as demais), e os textos dialógicos polifônicos (aqueles em que se fazem ouvir diferentes vozes).

Na novela *Maria Dagmar*, o autor-criador não só representa a vida de uma moça que é levada a se prostituir, como ele faz mais que isso, ele representa a consciência de muitas mulheres que vivem nas amarras da dominação, subservientes, que mantêm o corpo como mercadoria, única e exclusivamente para o prazer alheio. Nesse ponto, a personagem é representada como uma autoconsciência.

Além desse ponto característico em comum com a descrição polifônica, estabelecida por Dagmar, ainda temos a de representação da “heroína” no momento de crise e reviravolta de sua alma. Dagmar a todo o momento se questiona pela sua participação no mundo, vive numa crise de identidade constante. Outro aspecto bem familiar é o de que Dagmar parece trazer no interior de seu discurso, o discurso dos outros, ou seja, o que os outros dizem ou pensam ao seu respeito.

Ao analisar a construção do discurso indireto livre, Bakhtin/Volochínov (2004) afirma que “que faz dela uma forma específica é o fato de o herói e o autor exprimirem-se conjuntamente, de, nos limites de uma mesma e única construção, ouvirem-se ressoar as entoações de duas vozes diferentes” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 177).

Em *Maria Dagmar* há dois pontos de vista díspares: a visão do narrador, que vê a condição de Dagmar de um contexto amplo (olhar extraposto), e a visão de Dagmar, condicionada juntamente com sua família, ao seu universo citadino, à triste situação em que se encontra. Essas duas visões de mundo, definidas na novela através de vozes, são consoantes quando estabelecem uma aproximação, e são dissonantes quando se afastam.

A consonância da voz do narrador com a voz de Dagmar é estabelecida a partir de um sentimento de revolta, apresentado na estrutura de discurso indireto livre:

A’s vezes Dagmar conjectura sobre o seu porvir nebuloso, do qual ella teme e nada espera, pois não tem um christão que a ampare, a defenda, a respeite. Os homens?... Ah! estava bem servida se acreditasse novamente neles. Não vêm vocês? (MENEZES, **Belem Nova**, n. 11, [s.p], 1924).

Essa parte final do trecho pode-se considerar tanto um questionamento do narrador, como uma conclusão da personagem diante dos fatos. Dagmar sente o peso da idade e ao mesmo tempo o narrador conhece as razões de sua angústia por esse fato.

Outro trecho em que se vê a consonância das duas vozes, que podem ser do narrador e do ex-noivo, é quando o homem, ex-noivo de Dagmar, deixa entrever sua revolta diante da situação na qual a mulher se encontra:

Quando a leviãna voltou, elle mirou-a irritado. Despedio-se. Diabo de mulher desfructavel, rugia em doéstos. Fosse dar credito àquella bisca! Invencionices de comediante tudo quanto lhe contára do outro! Bandoleira dum raio! Por força que o ingrato, o que a despresára, não podia sustentar mulher para badernas e cachorradas... E liquidava Dagmar, comparando-as ás cabras e ás gatas (MENEZES, *Belem Nova*, n. 11, [s.p], 1924).

Em um primeiro momento predomina a voz do narrador ao descrever o estado de revolta da personagem masculina. No segundo momento, afluído esse aspecto de indignação: “Diabo de mulher desfructavel”, esse enunciado pode pertencer tanto ao contexto do personagem, transmitindo a ideia de revolta, como ao do narrador, expressando, desta feita, seu pessimismo em relação ao destino de Dagmar.

A ideia de uma voz abafada, reprimida, é manifestada a partir do uso do discurso direto, que representa a exteriorização da palavra de Dagmar. Isso é entendido como se o pensamento da personagem viesse à tona nesse momento. Comumente, o discurso direto aparece na narrativa em momentos de clímax e deixa entrever que Dagmar, por vezes, não aceita a condição na qual se encontra e se deixou levar:

Há um silêncio de recolhimento entre eles, interrompido por ela, que fala em surdina: — Tenho medo de gostar de ti... Sou uma desgraçada... Nasci para sofrer... Antes eu morresse logo!... (MENEZES, 1993, v. 3, p. 73).

Em muitos momentos, como o apresentado anteriormente, percebe-se a polêmica de Dagmar com esse outro que traz dentro de si. Têm-se aí duas vozes, a de Dagmar, que deseja encontrar o seu “príncipe”: — Tenho medo de gostar de ti...” e a de Dagmar que se acovarda diante da situação e que se submete a ela: — Sou uma desgraçada... Nasci para sofrer...”. Essa ideia, alheia ao pensamento de Dagmar, conflita com o que ela tem dentro de si e

caracteriza o que se chama de polêmica que a personagem trava interiormente, deixando perceber os últimos resquícios de dignidade da “eortesã”. Ela se debate o tempo todo a aceitar a palavra alheia que a condena.

Mas o destino já pontuou o epílogo do ciclo terreno de Dagmar com os seus esplendores e as suas descaídas, como o dessas toleradas, que entre beijos mortos e lascívias abomináveis, seduzidas pelo amor, vendem o amor, sofrem pelo amor e morrem esquecidas pelo amor (MENEZES, 1993, v. 3, p. 87).

O que se pretendia comprovar, por meio da análise de trechos que constituem o *corpus* selecionado, era a presença do diálogo entre autor-criador e contemplador e de vozes polêmicas que manifestam diferentes pontos de vista sociais.

3.2.2 Da dignidade como produto de seu trabalho

No que se refere à relação entre autor-criador e leitor no romance *Candunga*, isso é percebido logo de início a partir do seguinte trecho:

Onde ao menos um cangirão d’água para desalterar a garganta dos que ainda possuíam algumas fôrças, quanto mais molhar os lábios moribundos? (MENEZES, 1993, v. 3, p. 101).

Esse questionamento apresentado pelo autor-criador a partir de sua visão exotópica dos personagens, confere ao recurso da pergunta retórica um diálogo entre ele e o leitor, sinalizando, de certa forma, para o que iria ser apresentado na narrativa. Na continuação do trecho, observa-se a descrição do povo nordestino e a maneira como eram tratados.

Só as estradas ermas e intermináveis, por onde o carreiro de famintos se arrastava, testemunhavam o desespero dos que tombavam, de olhos desvairados, clamando piedade aos céus, quem nem a graça do sepultamento lhes concedia. Assunção não sabe como chegara a Fortaleza, fazendo parte do comboio de Gonzaga. Como ocorrera aquilo, Senhor Deus? Parecia que o drama da sêca lhe

perturbara o juízo. Não se lembra de nada. Nem se o encontro com Tereza lhe trouxera alegria.
Candunga lhe conta: [...] (MENEZES, 1993, v. 3, p. 101).

O questionamento apresentado no trecho acima é um elemento bastante presente no estilo do autor-criador Bruno de Menezes, a recorrência a questionamentos que conferem uma dupla articulação de vozes, aqui entre a voz do autor-criador e de Assunção, como se partisse dela a pergunta. A continuação do trecho não está presente, mas é uma oportunidade de identificar como o romance, gênero secundário, comporta os gêneros primários e desta forma é apresentada a narrativa para relatar a história de como Assunção chega para fazer parte do grupo de Gonzaga.

Candunga lhe conta:

—Uns homens falastrões andavam recolhendo os retirantes que encontravam pelos caminhos, para interná-los nas concentrações. No meio dêstes (sic.) coitados destacavam-se filhos sem mãe nem pai, viúvas (sic.) sem parente algum, mulheres da vida parecendo honestas, safados corridos da justiça. Aqueles homens tinham o direito de agarrar as crianças abandonadas, as moças e meninas sem ninguém, para tomar conta delas.

Candunga marchava, quando ouvira um grito de cortar a alma. Assuntara de onde partira o apelo e divisara um vulto de mulher abraçado a um corpo caído, que estrebuchava, a boca escancarada, como suplicando uma fresca d'água. E a que havia, nessa hora, escorria dos olhos dela.

O povão continuava passando, como se nada estivesse acontecendo, tão comuns eram essas cenas naquele êxodo infernal. Um apertume disso tudo doera-lhe no coração. Pedira ao padrinho Gonzaga esperasse um instante, com a família e correria a levar socorro à mocinha que chorava.

Ao chegar próximo, deparara um corpo encarquilhado, estendido no chão pedrento, quase só o esqueleto. Morto nesse momento o velho babava uma gosma verde.

Ele (sic.) ficara tamanha pena, e num átimo, levantara a criatura aflita, que parecia querer se acabar também, agarrada ao cadáver (sic.). A moça gemera, completamente naufragada: — Morreram todos... Agora, meu avô, o único bem que me restava... O que vai ser de mim?'

Candunga levava-a para junto da tropa de Gonzaga, que vinha em busca de adjuntório do govêrno (sic.). Tereza ficara aflita, com um pressentimento de que ela era sua gente. Assunção não continuaria só no mundo" (MENEZES, 1993, v. 3, p. 101-2).

Esse trecho além de apresentar o uso da narrativa oral no interior do romance, justificando a escolha da teoria bakhtiniana como fundamento deste estudo, mostra o jogo de vozes entre os personagens nordestinos e o narrador. O autor-criador articula de forma conjunta o discurso direto e o discurso indireto. No começo da narrativa, iniciada a partir do enunciado —Candunga lhe conta”, parece que realmente seria Candunga a narrar a história à

Assunção. Todavia, o autor-criador muda o foco para 3ª pessoa e daí, as vozes, ora atribuída a Candunga, ora ao narrador de todo o romance, se misturam. Há a presença também da voz de Assunção, visivelmente perceptível, pois está em discurso direto.

Outra questão relacionada a essa presença de vozes e que constitui um dado fecundo para a apreensão da imagem do autor-criador é no trecho a seguir:

Desconhecedores dos valores de **nossas** essências florestais, repetindo o tradicionalismo de seus patrícios, que transplantam a aridez em vez do florescimento, Gonzaga e Candunga derrubam sem conta nem medida uma vasta porção da mata, onde caberiam centenas de tarefas plantadas, que seriam totalmente colhidas, se o cultivo fôsse (sic.) tènicamente organizado (MENEZES, 1993, v. 3, p. 120, grifo nosso).

A presença da utilização de 1ª pessoa (nossas) assumida pelo narrador do romance, que até então era feito totalmente em 3ª pessoa, adquire um elemento primordial no discurso do autor-criador, na qual o eu-para-mim, que se constitui também pelo outro-para-mim e pelo eu-para-o-outro, configura o autor-criador como divulgador da cultura, ao assumir aquela cultura do cultivo de ervas como dele.

Os recursos linguísticos presentes na obra *Candunga* para construir o discurso dos desvalidos estão relacionados à noção de vozes sociais, de acordo com as concepções bakhtinianas. O uso das aspas, no trecho a seguir, vem corroborar para a indicação da própria concepção discursiva estabelecida por Bakhtin para quem construímos um discurso aspeado, pois nenhuma palavra é nossa, ela sempre pressupõe a contraposição a outra voz.

A noite vai alta e já sem lua. As corujas e os curiangos soltam seu canto solitário. Os insetos noturnos trilam com insistência e os vagalumes piscam a sua luz fosforescente. Candunga habituara o ouvido aos rumores mais familiares ao meio circundante. Preocupado como vivia, espertando na rede, nota estralejos estranhos, como se andassem passos abafados, quebrando hastes no roçado. –Seria alguma vara de porcos, ratos do mato, cotias ou pacas, que viessem comer as plantações? (MENEZES, 1993, v. 3, p. 166).

Não apenas as aspas remetem o discurso do narrador ao de Candunga, mas o uso da interrogação, que confere o fenômeno dialógico ao trecho. Além de estabelecer o contato

entre autor-criador e leitor, no que diz respeito à constituição da enunciação. Esse mesmo aspecto pode ser percebido ainda a seguir:

Tereza e Assunção ficam atônitas. Que resolução êle tomara? Neste instante, os entrincheirados resistem como feras. Os de fora estão bem municados. O fogo não cessa. Com a meia escuridão, pouco se enxerga. Inesperadamente, os atacantes escutam, repercutindo no silêncio assombrado, galopes acelerados. –Quem seriam? Quantos viriam? Seria Romário com os seus homens?” (MENEZES, 1993, v. 3, p. 167).

O dialogismo é um princípio de funcionamento do discurso bastante recorrente na construção do gênero romance. Mais uma vez o uso de aspas e de interrogação, caracteriza esse fenômeno. O autor-criador poderia ter usado o discurso direto, com uso de travessão, mas, de forma inesperada, usa as aspas e ainda acrescenta o recurso do questionamento por meio do sinal de pontuação. Isso relaciona mais uma vez a completa interação entre narrador e leitor, que faz parte do estilo de Menezes, visto ser uma marca bastante recorrente em seu discurso. Logo, além de dar voz aos nordestinos que desejavam ser tratados dignamente por conta do trabalho desenvolvido, o autor-criador, assume-se tanto como autor dos marginalizados, como o divulgador da cultura.

3.3 DO DIÁLOGO ENTRE TEXTOS

3.3.1 *Maria Dagmar* e sua relação com outros textos

A presença do diálogo pode ser percebida também na relação entre textos. Desta forma, logo na publicação da novela, ainda nas páginas de *Belem Nova*, o próprio Bruno de Menezes estabeleceu uma relação dialógica com a obra *A Ruiva*, a partir da qual se desenvolve a análise intertextual que segue. Nos dizeres de Bruno de Menezes, encontra-se a seguinte dedicatória: **A“ memoria do grande Fialho, o mestre Impeccavel das paginas doentias „A Ruiva“**. Em outro aspecto, serão analisadas relações dialógicas ou intertextuais, isto é, relações estabelecidas com textos pertencentes a gêneros diversos do *corpus* analisado,

textos estes ora presentes na própria revista, suporte material que veiculou a obra *Maria Dagmar*, por se vincularem ao mesmo posicionamento assumido por Bruno de Menezes, um posicionamento perceptível a partir dos valores que a obra veicula.

Pode-se dizer que na própria materialidade linguística de *Maria Dagmar*, percebe-se a vinculação dialógica, quando Bruno de Menezes, ao dedicar sua obra ao escritor português, Fialho D'Almeida, estabelece essa identidade interdiscursiva.

Nas páginas de *Belem Nova*, no artigo intitulado *Evocações: traços da Literatura Portuguesa*, escrito por Dias Junior, é afirmado que “Fialho d'Almeida (sic.) imprime nos seus escriptos um cunho individualista, propriamente seu, que os distingue, dos coevos pela rusticidade minhôta de um ruborisante” (JUNIOR, **Belem Nova**, [s.n], [s.p], 1925). Desta forma, o autor português assume um posicionamento em sua época similar ao assumido por Bruno de Menezes em outro momento histórico, em outras terras, pois ambos traziam para o meio literário do qual faziam parte ideias novas, que eram contra a arte da imitação. Assim como Bruno de Menezes e toda geração de novos do Pará desejava uma “reacção necessaria”, também Fialho, sempre considerado “revoltado inclusive com as formas literárias em voga” (VIEIRA, 2008, p. 20), em sua pátria, desejava “que algum surgisse, planta do solo, madura de succos portuguezes genuinos, capaz d'agitar neste phantasma de povo a consciencia dormida” (D'ALMEIDA, 1910, p. 273).

O conto *A Ruiva* tem aparição semelhante à novela “*Maria Dagmar*”, pois também sua primeira redação foi nas páginas de uma revista, **Museu Ilustrado**, com publicação em Portugal de 1876 a 1879³⁰ e sua posterior publicação em livro datou de 1881, no livro denominado “*Contos, os doentios*” (Parte I). O ambiente caracterizado n' *A Ruiva* também é o citadino, tal qual o abordado por Bruno de Menezes, por esses aspectos quanto à escrita de ambos os escritores, já se percebem alguns traços de intertextualidade.

A história d' *A Ruiva* é contada em analepse³¹ a partir da morte de sua protagonista, Carolina, que depois de morta é denominada “a ruiva”, e o legista-narrador passa a contar fatos da vida de Carolina, ao dissecar seu cadáver, no qual, a partir da ilustração de dissecação, o que de fato ele dissecava era “a sociedade morta de valores, hipócrita, minada pelo vício e

³⁰Cf. PIMPÃO, Álvaro J. da Costa. Fialho e o Alentejo. In: **O País das uvas**. Lisboa: Livraria Clássica, 1946.

³¹Cf. E-Dicionário de termos literários de Carlos Ceia:

http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=558&Itemid=2 (acesso em 22 ago. 2013) “Na narrativa literária ou cinematográfica, diz-se de todo o facto que, pertencendo ao passado, é trazido para o presente da história relatada. Trata-se, portanto, de um fenómeno de anacronia, a que também se chama *flash-back*, *cutback* ou *switchback*. A noção que se lhe opõe é a de prolepse. Gérard Genette distingue duas espécies: a *analepse interna*, que não ultrapassa o momento em que a história narrada se iniciou, e a *analepse externa*, que pode ultrapassar esse limiar. Na teoria de Genette, uma analepse distingue-se ainda pelo seu *alcance*, ou limite retrospectivo, e *amplitude*, ou extensão de tempo coberta pela retrospectção”.

[que] condena seus filhos à prostituição” (VIEIRA, 2008, p. 94), na qual Carolina era apenas um pretexto para abordar tais questões.

Para pessoa pobre não havia outra. Que ser séria é bom fallado, mas o resto, tudo patacuada. Havia tolos que davam vestidos, ricos chalés de cachemira, pagavam a cêa, sua noite ao Price — os babosos! (...) A prostituição desenhava-se-lhe como a solução natural no problema da vida de uma rapariga pobre (D’ALMEIDA, 1881, p. 40-1).

Em *Maria Dagmar*, a mesma situação de miséria da protagonista a impele ao ambiente de prostituição, pois tendo que cuidar da família que sofria com a falta de condições econômicas, não encontra outra saída a não ser ceder ao galanteador:

Foi a necessidade — e sempre tem sido a necessidade de subsistir — que arrastou Dagmar àquele gesto de abandono total e repelente, calcando o grito de sua consciência cristã e os brados de sua alma de mulher que nascera para ser feliz, como nascem tôdas as mulheres e todos os homens, mas que não o foi porque a vida ainda é prêsa fácil às mãos dos egoístas e maus e porque os homens, no egoísmo irrefreável de seus apetites mesquinhos, vão destruindo — quantas vezes, quantas, por méro capricho sexual! — a santidade dos sentimentos femininos (FRANCO, 1993, p. 34-5).

A temática da prostituição que envolve os dois textos, na qual as personagens (Carolina e Dagmar) se veem levadas a se prostituir por motivos semelhantes, é abordada pelos autores da mesma forma. Primeiramente as “donzelas” têm sonhos, de ter um namorado, um príncipe, algo semelhante aos contos de fadas, mas, depois, são conduzidas ao “abismo”, tão envolvidas que estão em promessas daqueles que no final nada cumprem, e nisso vão se arruinando ainda mais, até o ponto de nada poderem fazer, gastas que estão pelos caprichos dos homens a quem deram confiança. E, sem ter como voltar desse lugar para onde se deixaram conduzir, vão afundando cada vez mais e se contentando com a vida, que deixam ir e que se esvai por esse caminho tenebroso no qual tantas são levadas pela ingenuidade e por acreditarem que poderiam ser felizes.

Havia no entanto dentro d’ella ainda, uma cousa ideal e inexplicavel, certa virgindade infantil: de noite rezava! Vinham-lhe tristezas intimas, a insomnia

triturava-lhe por vezes a saude, como n'um almofariz de bronze. Sem saber porquê, era desgraçada (D'ALMEIDA, 1881, p. 22)

Maria Dagmar, em devaneios chloroticos de moçoila, sonhava pertencer a alguém digno e viril, que a amasse alem da vida, e que ficasse o unico, o dono do seu corpo e da sua alma (MENEZES, **Belém Nova**, n. 9, [s.p], 1924).

Nesses dois fragmentos, percebe-se essa intertextualidade, apoiada nas ideias de virgindade, de sonhos, de amor fisico e espiritual.

Outra obra literária que merece destaque por dialogar com *Maria Dagmar* de alguma forma, é *Lucíola*, de José de Alencar, na qual a mesma configuração de entrada na prostituição é percebida:

Eis a minha vida. O que se passava em mim é difícil de compreender, e mais difícil de confessar. Eu tinha-me vendido a todos os caprichos e extravagâncias; deixara-me arrastar ao mais profundo abismo da depravação; contudo, quando entrava em mim, na solidão de minha vida íntima, sentia que eu não era uma cortesã como aquelas que me cercavam. Os homens que se chamavam meus amantes valiam menos para mim do que um animal; às vezes tinha-lhes asco e nojo. Ficaram gravados no meu coração certos germes de virtude... Essa palavra é uma profanação nos meus lábios, mas não sei outra. Havia no meu coração germes de virtude, que eu não podia arrancar, e que ainda nos excessos do vício não me deixavam cometer uma ação vil. Vendia-me, mas francamente e de boa-fé; aceitava a prodigalidade do rico; nunca a ruína e a miséria de uma família (ALENCAR, 2002, p. 123-4).

O discurso da prostituição em *Maria Dagmar* é similar ao ocorrido em *Lucíola*. Na novela de Menezes, ouve-se a voz de Lúcia (Maria da Glória), personagem de Alencar, visto que o contexto sócio-histórico^{32 33} em que ocorre a prostituição das personagens é o mesmo.

Um fato interessante de ser tratado no que concerne à intertextualidade é que, na obra *A Ruiva*, o escritor Fialho D'Almeida menciona o hábito de comer peixe frito como um costume adotado pelos personagens da obra, como demarcação do aspecto cultural festivo, percebem-se semelhanças desse tipo na constituição do Grupo do Peixe frito, grupo ao qual

³²A mesma configuração de *A dama das camélias*: —éébre romance 91848) e drama em cinco atos (1852) de Alexandre Dumas Filho (1824-1895), que gozou de enorme popularidade em todo o século passado e até nossos dias. Narra, como Alencar neste romance, a vida de uma mulher que se prostitui. (N.E.)”. Cf. ALENCAR, 2002, p. 92, Op. Cit.

³³FILHO, Alexandre Dumas. **A dama das camélias**. Tradução Therezinha Monteiro Deustsch. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2003. 270 p.

Bruno pertencia e que, aos moldes de farras e boêmias com seus companheiros, adotava esse hábito cultural paraense para se fazer do povo, se envolver mais na realidade/vida.

A procissão saída da igreja de Santos, por entre farrapos de bandeiras e verdores de buxo, devia entrar na capella do cemitério, á noitinha, em meio de foguetes e aromas de peixe frito, cuidadosamente consumido pela fome do povoleo curioso (D'ALMEIDA, 1881, p. 26).

E iam semeando o chão de espinhas de peixe, de cascas de laranja, e os ares de rumores de palestra (D'ALMEIDA, 1881, p. 28).

A partir dos exemplos retirados d'*A Ruiva*, percebe-se que a forma de enunciação de Fialho está vinculada aos mesmos moldes de Bruno, na forma como ele estava junto ao povo e era considerado deste o porta-voz, na forma como o peixe frito se tornou o símbolo de seu grupo, e é nesse contexto, no ambiente descontraído, que tem no hábito de comer peixe frito, bebendo e conversando informalmente, que submete o escritor aos hábitos por ele adotados, tanto na vida quanto na arte, hábitos esses que são peculiares de seu fazer literário e do fazer literário da época, que é parte da enunciação e do posicionamento estético que sustenta as obras e é por elas sustentado. Esse hábito vincula o autor paraense ao fazer literário da época, quebrando o academicismo e permitindo reuniões menos formais, nos bares, nos encontros casuais com amigos que tinham o mesmo objetivo de mudança. Perfil este também próximo ao do intelectual divulgado por Gramsci (1985).

Outra aproximação intertextual entre os dois textos diz respeito ao desinteresse do ~~homem~~”, no caso de Dagmar, e de João, no caso de Carolina. Em *Maria Dagmar* o homem se desinteressa dela por causa de outra mulher, o mesmo ocorre para Carolina.

— Sabes tu, sabes tu? Vai todas as noites ao moinho de Vento palestrar com uma sirigaita do primeiro andar (D'ALMEIDA, 1881, p. 104).

Rufião e peralta, Dagmar bem notára que elle se conprazia em offerecer ceias (...) onde bailarinas rasgavam maillots, a beberem champagne, de bôcca unida á outra bôcca, tinido taças, cantando sordices em voga, em gritos de nymphas em choréas (MENEZES, **Belém Nova**, n. 10, [s.p], 1924).

O recurso ao sobrenatural, ao “misticismo”, também foi usado nos dois discursos como forma de conhecer o que se passava com o homem do qual Dagmar ou Carolina estavam desconfiadas.

— Queres tu experimentar as cartas? A vê o que dizem. — Carolina estremeceu.
— Credo! Tenho medo. — É mais baixo: — Dizem que aparece o diabo!...
(D’ALMEIDA, 1881, p. 103)

Maria Dagmar consultou cartomantes adestradas em configurações de azes e damas, deu a ler, nas retículas gisadas às palmas das mãos, o seu sombrio futuro. Queria saber, para seu mal definitivo, o que lhe reservava seu signo... (MENEZES, **Belém Nova**, n. 10, [s.p], 1924). E assim, Dagmar e Carolina não têm outro fim a não ser o de enveredarem pelos caminhos da prostituição. E adquirem vícios comuns dessa vida, entregues aos homens com os quais se dão por qualquer preço, para poderem ao menos se sustentar. Será que ambas ainda achariam o verdadeiro amor?

Carolina de cabeça um pouco erguida, tinha ficado a escutar; toda a gente ria quando ela chorava!... Em que coração acharia interesse? — E via de pé a sua desdita envolta em fumos negros, olhal-a cheia de rancor inquebrantável (D’ALMEIDA, 1881, p. 108).

Seria por que amava sinceramente, com lealdade e abnegação? Que lhe faltava para suscitar paixões duradouras, imprecava? Olhassem se ella devia corar de ser inferior às outras (MENEZES, **Belém Nova**, n. 11, [s.p], 1924).

Pode-se perceber a partir dos exemplos o dialogismo presente nas obras no que se refere ao discurso da luta da mulher contra o preconceito da prostituição, um tipo de preconceito que se encontra ainda hoje na sociedade. Os textos ao lado do diálogo se constroem tendo em vista a noção de vozes sociais, que ressoam e se fazem ouvir no discurso de ambos os escritores numa forma de denúncia política contra os preconceitos vividos por alguns membros da sociedade. Pois, conforme pontuado na apresentação de Geogenor Franco na obra *Maria Dagmar*, quando de sua publicação em livro, “a Dagmar que êle (sic.) [Bruno]

criou é igual a todas (sic.) as outras que nós encontramos diàriamente (sic.) nas ruas de Belém ou de outras cidades” (FRANCO, 1993, p. 35).

3.3.2 *Candunga* e sua relação com outros textos

O romance *Candunga*, diferentemente de *Maria Dagmar*, não possui indicações diretas de referência a outro texto, como na dedicação da novela ao mestre Fialho. No entanto, numa leitura atenta, o romance de Menezes sobre os migrantes nordestinos, os assemelha a um povo, que também foi migrante e bastante conhecido, o que, através da ativação da memória do leitor, pode estabelecer relações dialógicas entre textos:

E alargando a boca dos bornais, os hebreus nordestinos estendem chapéus sebosos, colhem das mãos dos impacientes distribuidores, algumas pencas de bananas, dois ou três tijolos de rapadura, punhados de farinha escoteira (MENEZES, 1993, v. 3, p. 104).

Os vocábulos “hebreus nordestinos” remetem ao episódio da fuga do Egito, no livro bíblico do Êxodo. Esse episódio se configura também como um líder que guia o povo para a libertação. Se isso for levado em conta, tem-se, claramente, a associação da obra de Menezes com o texto bíblico, de uma forma direta entre as realidades mostradas.

Há ainda outra associação dialógica entre *Candunga* e *Vidas Secas*, romance de Graciliano Ramos. No caso da associação entre os dois romances, isso é percebido pela questão escolar. Em *Vidas Secas*, Fabiano se torna presa fácil, pois não possui a instrução necessária para fugir da dominação:

Difícil pensar. [Fabiano] Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na calça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos (RAMOS, 1993, p. 36).

Muitos atribuem à falta de instrução, ou seja, à falta de saber como se defender, como argumentar, a arma que poderia livrar muitos dos processos de dominação a que são submetidos. Desta forma, percebe-se isso em *Candunga*:

- O douto sabe como é nossa sujeição. Os home da “vila”, os grande, dizem que são os dono de tudo, Adispois êles vem em riba de nós...
- Eu não sei lê pra modi enchê uma caderneta, com tantas fôia, seu doto.
- Nem sua mulher, nem seus filhos? Ninguém sabe ler em sua casa? – inquire Romario.
- Sabem não. Nunca vimo professô aqui! – é a resposta da maioria.
- Nunca houve uma escola nesta colônia? – insiste o agrônomo.
- Inhor não. Na “ila” é que tem um velho zanôio que ensina os meninos A B C corrido...
- E contar, vocês sabem? – quer inteirar-se Romário, para capacitar-se de tudo.
- Apois só de cabeça... Escrevendo os número, inhor não... Vamo pelo tino... Romario considera as consequências (*sic.*) dessa ignorância. O analfabetismo colabora com a falta de estímulo, de assistência aos lavradores (MENEZES, 1993, v. 3, p. 156).

Pelo que se evidencia, a escola seria um instrumento de libertação, tanto para Fabiano quanto para Candunga, assim como foi para o agrônomo Romario.

No que diz respeito ao romance *Candunga*, além dos aspectos abordados a partir da obra, há ainda um específico relacionado ao discurso verbo-visual. Diferentemente da novela *Maria Dagmar*, que em sua capa apresenta apenas o título, o nome do autor e o gênero a que pertence, em *Candunga* há uma imagem, que merece ser analisada. Não há no livro, ou mesmo em qualquer outra anotação, referências a respeito de quem produziu a ilustração. Abaixo, pode-se verificar a ilustração para uma melhor apreciação:

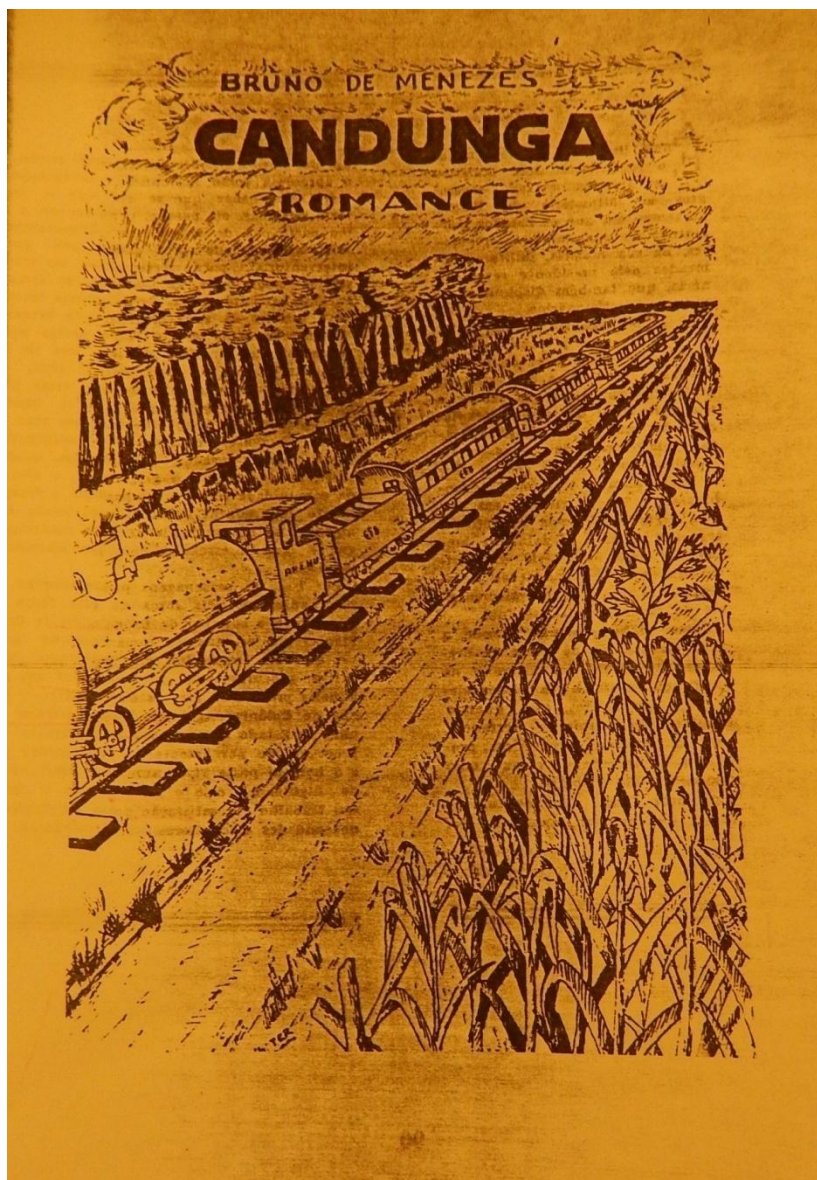


Figura 1: Capa de *Candunga*
Fonte: Foto de Ana Cleide Guimbal de Aquino, 2013.

Ao visualizar a ilustração da capa do livro, tem-se como elemento o nome do autor Bruno de Menezes, que detém realmente o poder de decisão sobre tudo o que acontecerá no decorrer do romance. Abaixo, o título do livro e nome do principal personagem *Candunga*. O nome vem envolto em nuvens e isso nos remete a outra figura, a pintura *Transfiguração*³⁴, produzida entre 1518 e 1520, por Rafael Sanzio (1483-1520), pintor italiano, pertencente ao movimento renascentista.

³⁴Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Rafael_Sanzio. Acesso em 9 abr. 2012.



Figura 2: *Transfiguração*, de Rafael Sanzio.
Fonte: Wikipedia.

A relação dialógica que se pode estabelecer entre a capa do livro, na presença do nome *Candunga* e no quadro da *Transfiguração* é a relação entre o personagem Candunga e o próprio Cristo. No romance, o personagem sofre todos os martírios com sua família, mas depois do contato com o agrônomo Romário opera-se o “milagre” da transfiguração. O episódio bíblico da transfiguração é um dos milagres da natureza divina de Jesus, que se deixa transparecer naquele momento, no alto de uma montanha, transformando-se diante dos discípulos e se realiza o milagre que é o próprio Jesus. Essa interseção de “milagre” ocorre também com Candunga, que se transforma, transfigura-se diante dos seus familiares e torna-se, ao lado de Romário, um dos redentores:

É que imagina Candunga engrandecendo-se, agigantando-se, em meio aos albores da alvorada a irromper, e em que êle, em pessoa, se interroga, iluminado:

- Ainda tardará esse Porvir?!... Hoje! Amanhã! Depois! Quando virá?!...
É que havia um símbolo de redenção, no batismo de luz daquelas terras!
(MENEZES, 1993, p. 239).

As escolhas lexicais corroboram para o estabelecimento das relações dialógicas com a pintura de Rafael, pois Candunga aparece como ~~agigantando-se~~, em meio aos albores da alvorada”, é visto como o ~~–símbolo da redenção”~~.

Os elementos presentes na capa do livro, como o trem e a vegetação são referências do que ocorre no romance. O trem, separando as duas regiões, traz a ideia de prosperidade, de mudança, mas ao mesmo tempo traz as mazelas consigo dos lugares por onde andou, da carga que transporta e nesse caso, gente simples, as pessoas migrantes da região nordestina, simbolizada pela vegetação à direita, com alguns pés de cana-de-açúcar, que logo se transforma em caatinga e termina por cruzeiros, que simbolizam a morte da vegetação. De outro lado, a abundância da floresta amazônica e a esperança de uma vida melhor, a temática envolve as questões sociais e ideológicas, presentes em muitos romances da época, visto que, conforme dito anteriormente, Bruno de Menezes escreveu *Candunga*, em 1939 e deu-lhe como título original *Flagelados*, trocado posteriormente para a publicação em 1954.

Quando analisamos o título *Flagelados* estabelecemos outra relação dialógica com o quadro *Retirantes*³⁵, da série de mesmo nome do pintor brasileiro Cândido Portinari (1903-1962).

³⁵*Retirantes*, de Cândido Portinari (1944). Disponível em <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2733>. Acesso em 9 abr. 2012.



Figura 3: *Retirantes*, de Cândido Portinari (1944).
Fonte: Portal Portinari.

A mesma configuração familiar apresentada no texto de Bruno de Menezes é percebida no quadro de Cândido Portinari. A temática abordada também é a mesma, a fuga das famílias do sertão em busca de melhores condições de vida. Com o início do ciclo da borracha, a região amazônica, a partir de 1844, precisava de um grande número de mão de obra, para a construção da estrada de ferro Belém-Bragança. A seca histórica do nordeste, de 1887, contribuiu para que uma grande proporção da sua população migrasse para a zona bragantina, os chamados soldados da borracha, para fazer parte do projeto de colonização em decorrência da construção da estrada de ferro que iria unir os dois municípios amazônicos. A relação dialógica apresentada entre os dois textos pode ser evidenciada pela associação entre os personagens das obras, já quem em ambos apresenta-se o núcleo familiar como motivo.

Diante do exposto desta seção, pode-se perceber que os epítetos pelos quais o autor-criador é designado pela crítica se justificam e se mantêm em seus textos em prosa literária. O que se pretendia alcançar com esta tese era depreender as imagens do autor-criador de acordo

com as imagens a ele atribuídas, ora como o poeta de gente simples, a voz do nosso povo, o coração do subúrbio, autêntico intérprete da gente de cor e outros. Aqui, decidiu-se, a partir da constituição de todos esses epítetos, expressá-los de duas formas, como escritor dos marginalizados e divulgador da cultura, até mesmo porque seria uma tarefa muito extenuante, tentar identificar todas essas imagens na prosa literária de Bruno de Menezes. Espera-se que não se entenda essa utilização de apenas dois epítetos gerais relacionados à imagem do autor-criador, representada pela imagem de sua linguagem, não seja vista como uma forma de reduzir a arquitetura de sua obra, mas apenas como uma forma de direcionar os estudos em torno do autor-criador que contribuiu e fez sua história na literatura de expressão amazônica produzida no Pará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tenho que falar pois falar salva. Mas não tenho uma só palavra a dizer. As palavras já ditas me amordaçaram a boca (LISPECTOR, 2004, p. 50).

Com esta tese, escrita com o objetivo de apreender as imagens do autor-criador Bruno de Menezes, conseguiu-se apresentar um quadro objetivo e pontual dos rumos que a literatura de expressão amazônica, produzida no Pará, alcançou e ditou durante a chamada *Belle Époque*, no campo literário configurado pelo “habitus” de luta por uma nova literatura. As análises das obras em prosa literária do escritor Bruno de Menezes, exaltado pela crítica como introdutor do modernismo na região, por sua obra poética, em especial o livro *Bailado Lunar* (1924), com a publicação da poesia “Eua Sonâmbula”. De outro lado, sua obra mais estudada, o livro *Poesias* (1931), cujo poema “Batuque” ganhou dimensões de êxito incontestável pela crítica e pelo público ao tratar a poética da negritude, numa temática que une o africanismo sugestivo do retrato das festas tradicionais populares e da musicalidade peculiares dessa raça, divulgando a figura do negro “pelo que ele representa na América e pela América” (ROCHA, 1994, p. 26). O que se percebe com as obras que constituem o *corpus* desta tese, obras quase totalmente desconhecidas do público leitor e também da crítica de Bruno de Menezes, é que tanto *Maria Dagmar* quanto *Candunga*, apresentam características que podem vinculá-las como pertencendo à estética modernista, posicionamento axiológico-valorativo em torno do qual giram os epítetos mais difundidos relacionados a Bruno de Menezes, e isso faz com que as referidas obras tenham seu destaque no que diz respeito à importância das mesmas para a literatura produzida na região, bem como sua significativa contribuição para os novos rumos da história intelectual literária que o Pará viveu nas décadas de 1920 e 1930, período que as obras *Maria Dagmar* e *Candunga* foram produzidos respectivamente (1924 e 1939), mesmo que só tenham sido lançados em livro em 1950 e 1954, conforme apresentado e discutido durante as análises.

No que diz respeito à análise do *corpus* esta foi conduzida pela teoria bakhtiniana e esse é certamente um ponto relevante a se observar durante a realização deste trabalho, pois desde o começo buscou-se atrelar um referencial teórico que desse conta das temáticas apresentadas no discurso de Bruno de Menezes, que se constrói, principalmente, a partir dos problemas sociais, como a prostituição, presente na novela *Maria Dagmar* e a migração e o exílio evidenciados no romance *Candunga*: cenas das migrações nordestinas na zona

bragantina. A apresentação das noções bakhtinianas utilizadas na análise, em destaque a noção de gênero do discurso e a articulação das obras *Maria Dagmar* e *Candunga* a partir da noção de valor são os pontos que unem vida e cultura, relação cara aos estudos do Círculo de Bakhtin e ao estudo da prosa literária, neste caso, a prosa de Bruno de Menezes. Os estudos empreendidos pelo Círculo de Bakhtin constituíram a força motriz para se alcançar os objetivos propostos para esta tese. Há muito que o estudo da prosa literária vem sendo conduzido por uma abordagem em perspectiva dialógica, visto que a própria constituição dos gêneros, isto é, a decisão ou a opção de um autor em escrever sob a égide de determinado gênero do discurso já constitui um dos elementos de análise. Desta forma, a tese aqui apresentada, que contou com a discussão em torno do autor-criador de *Maria Dagmar* e *Candunga*, ratifica de forma clara essa proposta.

Nesta tese, buscou-se depreender as imagens que representam o autor-criador da novela e do romance pertencentes à literatura de expressão amazônica. Entre os epítetos relacionados a Bruno de Menezes pode-se evidenciar dois, que estão também arrolados às obras em análise, são eles: o escritor dos marginalizados e o divulgador da cultura, este último que abarca também a presença da religiosidade amazônica, com suas superstições e misticismos³⁶. A constituição dessa representação do autor-criador é evidenciada a partir das relações dialógicas estabelecidas pelos textos estudados. Em *Maria Dagmar*, a relação é estabelecida pelo próprio autor-criador, na dedicatória ao escritor português Fialho D'Almeida, logo, não foi uma tarefa difícil estreitar os vínculos e encontrar conexões com outros textos conhecidos da literatura como os romances *Senhora* e *Lucíola*, de José de Alencar, que tratam de perfis femininos. Em *Senhora* a temática apresentada é a relação feminina com o amor e o dinheiro, constituindo, desta forma, uma crítica à sociedade burguesa, uma das temáticas do realismo, no entanto, por esse aspecto, a obra ainda é considerada como presa aos moldes românticos. O mesmo fato se opera em *Lucíola*, obra que enfatiza a temática da prostituição ocorrida entre as camadas sociais mais elevadas. Os romances de Alencar são classificados de romances urbanos. A novela *Maria Dagmar*, também trata da relação entre indivíduo e sociedade, tais quais os romances urbanos, e utiliza-se do tema da prostituição, uma temática ousada para a época.

As relações dialógicas mostradas na análise dos textos foram estabelecidas a partir dos manifestos e editoriais presentes na revista *Belem Nova*, suporte material no qual o texto

³⁶Como, no âmbito desta tese, a discussão em torno da temática do misticismo e superstição faz parte da imagem de divulgador da cultura relacionada ao autor-criador e não à imagem do homem religioso como apresentado por alguns críticos.

Maria Dagmar foi publicado pela primeira vez. Como a revista foi o órgão de divulgação do que se produzia em termos de arte no Pará, recebendo, contudo, colaboração de escritores de outros estados, foi profícuo o debate em torno desses textos veiculados pela revista. O que foi evidenciado a partir dessa relação é que *Maria Dagmar* possui características modernista; no entanto, alguns teóricos a consideram apenas como impressionista³⁷. Pode-se atribuir, no âmbito das análises aqui empreendidas, que essa obra, pertencente ao gênero novela, possui forte carga realista que resvala em alguns pontos para o romantismo. A relação estabelecida pelo próprio Bruno de Menezes, na dedicatória ao escritor realista português Fialho D'Almeida por sua obra *A Ruiva* corrobora para a apreensão de *Maria Dagmar* de algumas características de obra realista. No que diz respeito aos toques de romantismo presentes na obra, podem ser evidenciados pela própria descrição da personagem central, a mulher em idealização absoluta de virgindade e inocência, com a realização do amor regada a sonho e fantasia.

Criatura invejável essa Maria Dagmar! Opulenta de física, perfil suave e simpático, olhos maiúsculos e brilhantes, em negrimes de noites de naufrágios. Colo amplo, seios levantados, boca expressiva no riso albente, que lhe mostra os dentes puros. Cabelos fartos e trevinos, lindas mãos de escultura. Mulher que vem ao mundo para atrair, entontecer, cumprir os determinismos de sua sorte.

Desde virgem e púbere, em maravilhosa eclosão feminina, ostentando proeminências de ancas arqueadas, em vigorosos movimentos cadenciados. Dagmar, em devaneios de moçoila romântica, sonha pertencer a alguém, digno e viril, que a ame além da vida e fique o único, o senhor, o donatário de seu corpo e de sua alma (MENEZES, 1993, v. 3, p. 39).

Embora essas características de virgindade e inocência pesem para a configuração do perfil feminino, a mulher, nesta obra de Bruno de Menezes, é apresentada como cedendo aos arroubos que são investidos por parte de seu admirador e, em decorrência disso, entrega-se às insistências do homem para a concretização de suas lascívia. Essas passagens são associadas ao romance urbano da estética romântica. Subvertendo todas as expectativas criadas pelo autor-criador no início do romance, apresenta-se uma atmosfera na qual o cenário social é o grande foco. Ascensão e pobreza lado a lado, evidenciado, no centro da obra literária, a sociedade, de forma objetivada, expressando um abandono da valorização da emoção. Nesse ambiente gerado pela industrialização, a pobreza tornou-se um dos principais problemas e,

³⁷—Novela impressionista, de inspiração fialhesca, já publicada na revista *‘Belém-Nova’ (sic.)*, de janeiro a março de 1924” (Cf. ROCHA, 1994, p. 26). Op. Cit.

desta forma, gerou a mendicância e a prostituição como subprodutos dessa sociedade em ascensão. Nesse ambiente, o realismo tornou-se a estética literária que mostra essas facetas da sociedade cheia de mazelas, que foram geradas pela consolidação do poder exercido pela burguesia. Os romances, então, foram utilizados para analisar essas mazelas, evidenciando suas causas e suas consequências.

O autor-criador nas obras de cunho realista está preocupado em mostrar uma sociedade, com base nos menos favorecidos e nos fatos do cotidiano citadino. Por essas razões, além das já apresentadas anteriormente, *Maria Dagmar*, na figura de sua personagem principal revela essas circunstâncias, pois a personagem Dagmar evolui lentamente, é apresentada ao leitor de forma gradativa no que diz respeito aos seus sucessos e fracassos. A novela de Bruno de Menezes retrata a vida contemporânea, característica dominante na estética realista, na qual a preocupação do autor-criador é mostrar a vida de Dagmar, com seus sucessos e fracassos, suas emoções e temperamentos, evidenciando os conflitos enfrentados pela mulher-prostituta no ambiente que a circunda, bem como seus enfrentamentos com o seu próprio eu. O autor-criador em *Maria Dagmar* de certa forma une as características do romantismo e do realismo e isso constitui um paradoxo, visto que o realismo se opunha ao romantismo, fato que constitui uma falsa verdade para alguns estudiosos.

Em todo caso, só no século XIX é que, em rebeldia contra o idealismo romântico, relacionado com a classe alta, o Realismo logrou impor a pintura verdadeira da vida dos humildes e obscuros, os homens e mulheres comuns que estão habitualmente em torno de nós, vivendo uma vida compósita, feita de muitos opostos, bem e mal, beleza e feiura, rudeza e requinte, sem receio do trivial e do monótono. Embora opostos em muitos sentidos [...], o Realismo e o Romantismo propendem para o mesmo alvo, continuam-se em vez de se oporem (COUTINHO, 1976, p. 185-6).

Esse paradoxo também está presente no suporte material que divulgou este primeiro texto de Bruno de Menezes. Considerando-se o contexto sócio-histórico e ideológico que congregava os artistas de *Belem Nova* para uma “arte nova”, a própria novela estabeleceu relações similares quando foi relacionada à obra do escritor português Fialho D’Almeida, autor de *A Ruiva*. No momento em que as artes e as letras de forma geral queriam fazer uma literatura nova, sem cópias ou plágios, uma arte verdadeiramente nacional, relacionar a novela paraense à novela portuguesa dizia justamente o contrário. Isso não diminui a obra, nem relega a literatura a ser tratada de forma trivial. O que se mostra nas análises, a partir da

leitura dos editoriais e manifestos é que a revista *Belem Nova* dá voz a gregos e a troianos³⁸, visto que se tratava de um órgão que divulgava todas as posições axiológico-valorativas que compunham a literatura paraense na época de publicação desses textos. Não eram divulgados apenas textos modernistas, como nas outras revistas que circulavam no país, o que se buscou com a publicação de *Belem Nova* foi movimentar os intelectuais paraenses para saírem do comodismo. E nisso, o autor Bruno de Menezes merece ser destacado, visto que em algumas passagens de *Maria Dagmar*, além de dar voz à figura da prostituta, divulga, em alguns trechos da referida obra, o exotismo amazônico, com suas ervas e benzedadeiras, corroborando para considerá-lo como escritor dos marginalizados e divulgador da cultura local, cultura esta que compunha um dos principais focos em divulgar o que é brasileiro com a nova arte literária em voga. Diante de tais explicações, pode-se considerar a novela *Maria Dagmar* como modernista.

Ao falar em cultura, volta-se a análise para o romance *Candunga*, cujo subtítulo é *cenar das migrações nordestinas na zona bragantina*, relacionando duas culturas, a do nordestino e a do caboclo amazônico. A partir dessa constituição entre individual e coletivo não se pode deixar de justificar, mais uma vez para a fundamentação desta tese, a escolha da teoria bakhtiniana para as análises. Em primeiro lugar porque a obra pertence ao gênero romance, um gênero considerado como secundário para Bakhtin, isso significa que o romance pode englobar os gêneros ditos primários, que podem ser um bilhete, uma carta, uma narrativa em forma de reminiscência etc. Por outro lado, e isso foi levado bastante em consideração para a construção desta tese, é dizer que o romance constitui-se pela multiplicidade de vozes, a representação do homem e sua linguagem. Estudar a literatura de expressão amazônica produzida pelo autor-criador de *Candunga*, enquanto manifestação estética discursiva dessa linguagem é considerar os discursos sociais representados e que se fazem representar por Bruno de Menezes, configuração justificada pela escolha da teoria do Círculo de Bakhtin.

Todo esse complexo mundo da linguagem e do discurso, apreendido com base nos estudos bakhtinianos, conduziu as análises em torno do romance de Bruno de Menezes e a partir disso, pode-se considerar que o romance *Candunga* não possuía nenhuma “pista” direta, como a dedicatória em *Maria Dagmar*, que conduziu as análises às relações dialógicas que pudessem ser estabelecidas. Entretanto, após uma leitura atenta e a percepção dos aspectos verbo-visuais, pode-se chegar aos dados apresentados com base na análise dos elementos da capa e da relação com o quadro *Retirantes*, de Portinari. Outra relação estabelecida diz respeito ao processo de migração e, dentro desta temática foi apresentada a relação com o

³⁸Cf. MENEZES, Bruno de. Uma reacção necessaria. **Belem Nova**. Belem, n. 5, s/p, 10 nov. 1923. Op Cit.

episódio bíblico da fuga dos hebreus do Egito rumo à terra prometida, além da relação entre o personagem Candunga e o personagem Fabiano, do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. É a partir desse olhar entre migração e identidade, que se analisam as imagens relacionadas ao autor-criador no que diz respeito aos epítetos veiculados pela crítica e que, no âmbito desta tese, foram designados como escritor dos marginalizados e divulgador da cultura.

A relação eu-outro, constituída a partir da temática identidade-migração, presente em vários momentos do romance *Candunga* é entrecortada por temáticas e conflitos diversos, seja no tocante às classes sociais, seja no respeito ao local de origem dos personagens, isto é, suanaturalidade. De qualquer forma, o tema que se mostra como principal é a condição dos retirantes vindos do estado do Ceará, nordeste do Brasil, para alojarem-se no estado do Pará, região Norte do país, na tão sonhada “Terra da Promissão” (MENEZES, 1993, v. 3, p. 103). Desta maneira, conforme apresentado nas discussões desta tese, de acordo com o teórico da literatura J. Eustachio de Azevedo (1990)³⁹, o romance pode ser incluído na tradição do romance de cunho social e de costumes, bem próprio da estética naturalista. No entanto, algumas das características evidenciadas na análise conduzem à percepção de características da estética moderna. Logo, pode-se ratificar que a prosa literária de Bruno de Menezes tem uma preocupação sociológica com as temáticas apresentadas tanto em *Candunga* quanto em *Maria Dagmar*. Além disso, as imagens do autor-criador veiculadas pela crítica estão associadas a essa temática sociológica e também aos valores presentes nas obras.

Esses traços singulares da obra *Candunga*, de Bruno de Menezes, de que concerne à temática sociológica e aos valores presentes na mesma, vão ao encontro das características tanto da estética naturalista quanto da moderna, cujos alvos de atenção foram, por excelência, a classe menos favorecida, representada pelas pessoas pobres e os que estão relacionados a algum tipo de exploração. O meio devora o indivíduo que é completamente envolvido pelo mesmo. É na configuração deste cenário que se testemunha o cruzamento de raças, a exploração sexual, a violência e a exploração do homem. Esses elementos, característicos da estética naturalista, são evidenciados pelo autor-criador de *Candunga*.

Triste rebanho aos tombos, é a caravana escorraçada, palmilhando a estreita prancha do navio. O chicote de um sol em brasa tangêra-os (*sic.*) dos sertões nativos. Aboletados nas terceiras classes de passageiros do Loide, desembarcam lerdos, em meio aos curiosos e desocupados do cais.

³⁹Cf. AZEVEDO, 1990. Op. Cit.

Vêm de abandonados pontos do nordeste, rumo ao sonhado Pará. Crivados de “bicho de pé”, macilentos e desnutridos, transportam as trouxas dos terens (*sic.*), sem esquecerem as cabaças d’água.

As mulheres do bando, enforquilhando nas ancas ossudas, as crianças magras e piolhosas, carregam-nas com esforço, ao passo que os homens, resignados e solícitos, apressam-se a caminhar.

Em terra, arroladas as famílias, procuram a sombra mormacenta dos galpões. E alongando olhares saudosos para a embarcação ancorada, dizem adeus ao berço natal, porque chegam à Terra da Promissão (MENEZES, 1993, v. 3, p. 103).

Os personagens criados pelo autor-criador em *Candunga* evidenciam o homem em relação com o meio e, como os demais naturalistas, procura a verdade e não há qualquer referência ao sentimentalismo amoroso. Se há sentimentalismo é aquele relacionado às reações que o autor-criador desperta no leitor, muitas vezes, em decorrência dos mecanismos linguísticos presentes em seu discurso, entre eles, a pergunta retórica, que foi analisada nesta tese, como a articulação das vozes sociais presentes no romance, a partir do estudo da consonância/discordância das vozes em vista do diálogo bakhtiniano, vozes estas que podem ser associadas tanto ao narrador quanto ao personagem.

Sabido e aclimatado ao meio, com ordenado da verba da Imigração, nota-se na arrogância de suas maneiras a pessoa de confiança do prefeito, de uma soberba enjoativa.

Conterrâneo dos que ali (*sic.*) se aventuram, passando os maus bocados que êle experimentara, como se fôra (*sic.*) grande coisa, segue a cavalo, nas pisadas dos forasteiros, só lhe faltando um chiquerador, para ser o comboieiro, açoitando animais de carga.

Surge, enfim, a silhueta de um povoado. Será o ponto de chegada? Ou terão de andar ainda, sem pouso e humilhados, ansiosos para que possam ter socego? (*sic.*) (MENEZES, 1993, v. 3, p. 114).

No trecho transcrito acima, percebe-se claramente a espoliação do nordestino, até mesmo por seus conterrâneos que já estavam no local há algum tempo, em uma associação do homem e do meio, em situação de exploração, em uma busca de expressar a natureza e a vida, próprias ao homem inserido no ambiente físico que o rodeia.

[...] *Candunga*, verte-se ao desvalido da seca nordestina, forçado à migração para a Amazônia. Os flagelados são movidos à ilusão de que a floresta é o úbere fecundíssimo e sereno, o solo acolhedor, ofertório do teto, do pão, da acalmia, o fim da errância. E vêem-se (*sic.*) tangidos às zonas rurais do Pará e submetidos à violência da grilagem e do latifúndio. É marco, por ficcionalizar uma das questões

mais graves, insolúveis e desalentadoras do Brasil, com ênfase angustiante na Amazônia, a luta pela terra e, em decorrência, a desagregação da família, o que arrasta as meninas à prostituição e à perda da identidade social (TUPIASSÚ, 2006, p. 49).

A obra *Candunga*, dessa maneira, constitui-se como uma crítica aos problemas enfrentados pelo povo nordestino que buscou asilo na Amazônia, em especial pela oferta de trabalho na estrada de ferro Belém-Bragança, na zona bragantina do Pará. O problema relatado à época pelo autor-criador do romance, constitui-se, acima de tudo, como um depoimento do que ocorria na região. Há que se relatar que o romance foi escrito quando o escritor José Américo de Almeida, autor de *A Bagaceira*⁴⁰, compunha o quadro do Ministério da Viação, período de 1930-1934, na relação visível com a pior seca vivenciada pelos nordestinos no ano de 1932. Neste sentido, é mesmo bom ratificar que o romance foi escrito em 1939, visto todos esses dados apresentados inclusive em apreciação crítica nas páginas introdutórias do romance:

Êste (*sic.*) livro foi escrito, quando o romancista José Américo e Almeida, baixava severos atos no Ministério da Viação, ao tempo em que os Estados federativos tinham como interventores, na sua maioria, militares nomeados pelo presidente revolucionário, que também dispunham de poderes discricionários. Na gestão daquele titular, autor de “*A Bagaceira*”, seriamente integrado nos problemas cíclicos do Nordeste, houve uma das estiagens periódicas que atingiu a economia e a vida rural das populações localizadas nas áreas mais castigadas pelo flagelo (*sic.*) das secas (MENEZES, 1993, v. 3, p. 90).

As reflexões empreendidas até o momento conduzem a uma visão clara da necessidade de se depreender as imagens do autor-criador de *Candunga*. Partiu-se, portanto, do pressuposto de que os epítetos a ele relacionados estão vinculados à posição axiológico-valorativa expressa pelo romance e articulam-se às linguagens-estilo presentes no mesmo. Compreende-se que a obra literária paraense sob análise, como já fora dito, possui fortes características modernas, o que podem conduzir os estudos a considerá-las sob o enfoque modernista, cujos valores veiculados são na polaridade positiva, dignidade, trabalho, honra, solidariedade, persistência, liberdade, justiça e, no que tange à polaridade negativa, preconceito social, flagelo, exploração (inclusive a sexual), humilhação e ambição. Os valores

⁴⁰A obra *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida foi escrita em 1928. A edição que se usa neste trabalho é de 2008.

buscam relacionar os aspectos consonantes e dissonantes pelos quais se constituem o eu e o outro no aspecto da identidade nordestina e do caboclo amazônico em uma perspectiva baseada nas trocas culturais que criam possibilidades históricas, sociais e ideológicas das imagens do escritor dos marginalizados e do divulgador da cultura em uma fisionomia singular do autor-criador no que diz respeito às dimensões políticas, culturais e estéticas.

Buscou-se, nesta tese, evidenciar que os epítetos tão difundidos pela crítica literária às obras poéticas de Bruno de Menezes, ajustam-se à sua obra em prosa literária, neste caso, à imagem do autor-criador de *Maria Dagmar* e *Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina*. A evolução desta pesquisa demonstrou, com base nas análises empreendidas que as obras possuem características modernistas e, que, diante de tal afirmação o escritor Bruno de Menezes tem seu lugar legitimado pelas instituições literárias as quais teve ligação e mesmo aquelas com as quais não teve contato, mas que o consideram como o escritor dos marginalizados e divulgador da cultura, conforme discutido e apresentado neste estudo e que conduzem a considerar Bruno de Menezes como o escritor que traz para a literatura de expressão amazônica elementos que exaltam a realidade local mesmo que em um tom romanesco ou naturalista, mas que configuram as obras com forte carga sociológica, vinculada aos modernos.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos de literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1997. 360 p.

ALENCAR, José de. **Lucíola**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002. 151 p. (Coleção a obra-prima de cada autor, 100).

_____. José de. **Senhora**: texto integral, cotejado com a edição original – B. L. Garnier. 3. ed.. São Paulo: Ática, 1973.

ANDRADE, Rômulo de Paula. (2010). **–Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar floresta”**: Getúlio Vargas e a revista “**Cultura Política**” redescobrem a Amazônia (1940-1941). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 5 (2), 453-468. Acessado 04 jan 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222010000200015&Ing=eng&tlng=pt.10.1590/S1981-81222010000200015

Asas da Palavra: Revista do Curso de Letras da UNAMA. Belém, v.6, 1996.

AZEVEDO, J. Eustachio de. (Jacques Rolla). **Literatura Paraense**. 3. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN); Secretaria de Estado da Cultura (SECULT), 1990. 198 p. (Lendo o Pará, 7).

BAKHTIN, Mikhail. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin N. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 145-81.

_____. Arte e responsabilidade. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, XXXII-XXXIV, 2010a.

_____. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a, p. 3-192.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a, p. 261-306.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a, p. 307-335.

_____. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. 6. ed. São Paulo: Hicitec Editora, 2010b, p. 85-106.

_____. A pessoa que fala no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hicitec Editora, 2010b, p. 134-163.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010c. 155p.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. [revisada e ampliada]. Tradução direta do russo, notas e posfácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 341p.

_____. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Viera com colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik & Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 11. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BASTOS, Abguar. **À geração que surge**. Belem Nova. n.5. Belém, 10 de novembro de 1923.

Belem Nova, n.9, 31 jan. de 1924.

Belem Nova, n.10, 23 fev. de 1924.

Belem Nova, n.11, 31 mar. de 1924.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim do século, 2003.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli.. São Paulo: Perspectiva, 2007. 361p. (Coleção Estudos, 20, dirigida por J. Guinsburg).

_____. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed.; tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 431p.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 4. ed.. São Paulo: Contexto, 2010a, p. 61-78.

BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010b. 235p.

BRANDIST, Craig. Gramsci, Bakhtin e a semiótica da hegemonia. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (Org.). **Mikhail Bakhtin**: linguagem, cultura e mídia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 185-210.

BRITO, Mario da Silva. **História do modernismo brasileiro**: I – Antecedentes da semana de arte moderna. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. 320 p.

_____. O alegre combate de Klaxon: o primeiro periódico modernista. In: **Klaxon**. São Paulo: Livraria Martins e Governo do Estado de São Paulo: 1972.

_____. A revolução modernista. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). **A literatura no Brasil: a era modernista**. São Paulo: Global, v. 5, 2004.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001. 152p.

CEIA, Carlos. 2009. **E-Dicionário de termos literários** [online]. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=558&Itemid=2>. Acesso em 22 ago. 2013.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

COELHO, Marinilce Oliveira. **Memórias literárias de Belém do Pará: o grupo dos novos (1946-1952)**. Campinas/SP, [Tese] — Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade de Campinas, 2003.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo Faria. **A literatura no Brasil: era modernista**. São Paulo: Global, v.5, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 12. ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. 321p.

D'ALMEIDA, F. 1881. A Ruiva, em **Contos: os doentios (Parte I)**. Porto e Braga, Livraria Internacional de Ernesto Chardon Editor [online]. Disponível em: <http://purl.pt/231/3/1-87936-p_PDF/1-87936-p_PDF_24-C-R0072/1-87936-p_0000_rosto-383_t24-C-R0072.pdf>. Acesso em 15 ago. 2013.

D'ALMEIDA, F. 1919. **Barbear, pentear: jornal d"um vagabundo**. Lisboa, Livraria Clássica [online]. Disponível em <<http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?ID=196>>. Acesso em 15 ago. 2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIGUEIREDO, Aldrin. **Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)**. Campinas/SP, [Tese]. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 2001.

FILHO, Alexandre Dumas. **A dama das camélias**. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch. São Paulo: Nova Cultural, 2003. 270p.

FRANCO, Geogenor. Apreciação de Geogenor Franco da Academia Paraense de Letras. In: MENEZES, Bruno de. **Obras Completas – ficção**. Belém: Secretaria Estadual de Cultura; Conselho Estadual de Cultura, 1993, v.3, p. 33-35.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Língua Geral Amazônica: a história de um esquecimento. In: FREIRE, J.R. Bessa; ROSA, M.C. (Org.). **Línguas Gerais**. Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, p. 195-209.

GALVÃO, Francisco. **Manifesto da Belleza**. Belém Nova. n. 2. Belém, 30 de setembro de 1923.

GRAMSCI, Antonio. **Selections from cultural writings**. London: Lawrence and Wishart Limited, 1985. 448 p.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Esfera e Campo. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 133-160.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INOJOSA, Joaquim. Modernismo no Pará. In: ROCHA, Alonso (org.). **Bruno de Menezes ou a sutileza da transição**. [Ensaio]. Belém: CEJUP, Universidade Federal do Pará, 1994, p. 109-133.

JUNIOR, Dias. Evocações: traços da Literatura Portuguesa. **Belém Nova**. [sem número]: 19 set. 1925.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. 220p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 115-131.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2005.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. São Paulo: Contexto, 2012.

MENEZES, Bruno de. **Obras Completas – poesia**. Belém: Secretaria Estadual de Cultura; Conselho Estadual de Cultura, v.1, 1993.

_____. Bruno de. **Obras Completas – ficção**. Belém: Secretaria Estadual de Cultura; Conselho Estadual de Cultura, v.3, 1993.

_____. Bruno de. **Para a frente**. Belém Nova. n. 4. [s/p], 31 de out. de 1923.

_____. Bruno de. **Uma reação necessária**. Belém Nova. n. 5. [s/p], 10 de nov. de 1923.

_____. B. Maria Dagmar. In: MENEZES, Bruno de. *Contos e chronicas: Belem Nova*. Belém, n.9, s/p, 31 jan. 1924.

_____. B. Maria Dagmar. In: MENEZES, Bruno de. *Contos e chronicas: Belem Nova*. Belém, n.10, s/p, 23 fev. 1924.

_____. B. Maria Dagmar. In: MENEZES, Bruno de. *Contos e crônicas: Belém Nova*. Belém, n.11, s/p, 15 mar. 1924.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 552p.

NUNES, José Horta. Manifestos modernistas: a identidade nacional no discurso e na língua. In: ORLANDI, Eni P. (org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. São Paulo: Pontes, 2003.

PEREIRA, João Carlos. Bruno de Menezes: As Aventuras do Barão de Goré entre Bumbás e Mastros Votivos. In: ROCHA, Alonso (org.). **Bruno de Menezes ou a sutileza da transição**. [Ensaio]. Belém: CEJUP, Universidade Federal do Pará, 1994, p. 77-107.

PIMPÃO, Álvaro J. da Costa. 1946. Fialho e o Alentejo. In: **O País das uvas**. Lisboa, Livraria Clássica [online]. Disponível em: <<http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?ID=86>>. Acesso em 22 mai. 2013.

PORTINARI, Cândido. 1944. Os retirantes. Disponível em <<http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2733>>. Acesso em 9 abr. 2012.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Posfácio de Álvaro Lins, ilustrações de Aldemir Martins. 93. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2004. 160 p ilustr.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). **A literatura no Brasil: a era modernista**. São Paulo: Global, v.5, 2004.

ROCHA, Alonso. Bruno de Menezes: traços biográficos. In: ROCHA, Alonso (org.). **Bruno de Menezes ou a sutileza da transição**. [Ensaio]. Belém: CEJUP, Universidade Federal do Pará, 1994, p. 7-36.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed.. Petrópolis: vozes, 2009. 133p.

SILVA, Severino. **Portico**. Belém Nova. Belém, n.1, s/p, 15 set. 1923.

SILVA, Jucileide Monteiro. **Bruno de Menezes: presença do Simbolismo**. Belém, 33p. Monografia de Letras (TCC). Universidade da Amazônia, 2001.

SOBRAL, Adail. Ato/Atividade e evento. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 11-36.

_____. Dialogismo e interação. In: SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2009, p. 21-46.

SOUZA, Geraldo Tadeu. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. 149p.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Petrópolis: Vozes, 1983. 448p., ilustr. (Vozes do mundo moderno, 6).

TUPIASSÚ, Amarílis. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. In: TUPIASSÚ, Amarílis (Org.). **Escrita literária e outras estéticas**. Belém: Unama, 2006, 287 p.. (Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais, 1).

VIEIRA, Lilian Cristina da Silva. 2008. **A imaginação grotesca na obra de Fialho de Almeida: uma “diabólica óptica deformante”**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura y sociedad**. 1780-1950: de Coleridge a Orwell. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

YAGUELLO, Marina. Não mexe com a minha língua! In: BAGNO, Marcos (Org.). **Norma lingüística**. São Paulo: Loyola, 2001, p. 279-283.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABREU, Marcia (Org.). **Trajetórias do romance**: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Cmapinas, SP: Mercado de Letras, 2001. (Coleção Histórias da Leitura).

ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**: romance; ilustrações Poty; [introdução de M. Cavalcanti Proença; glossário de Ivan Cavalcanti Proença e José Américo de Almieida]. 43. ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. il. 293p.

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. 207p.

ASSIS, Rosa. **Batuque de Bruno de Menezes**: um glossário. Belém: FCV; Secretaria Especial de Estado de Promoção Social, 2006. 91p.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7. ed.. São Paulo: Hucitec, 2010. 419p. (Linguagem e Cultura, 12).

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed.. São Paulo: Cultrix, 2006. 528p.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. 207p.

BRANDIST, Craig. **Repensando o Círculo de Bakhtin**: novas perspectivas na história intelectual. Organização e notas Maria Inês e Rosemary H. Schettini. Tradução Helenice Gouvea e Rosemary H. Schettini; Revisão de tradução Maria Inês Campos, Rosemary H. Schettini, Nathalia Salinas Polachini. São Paulo: Contexto, 2012. 190p.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. Tradução Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg; produção e revisão Plínio Martins Filho. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982. 171p. (Coleção Debates).

CAMARGOS, Marcia. **Semana de 22**: entre vaias e aplausos. São Paulo: Boitempo editorial, 2003. 183p.

CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. **A questão do ser, do si mesmo e do eu**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 87p.

CÂNDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005. 114p.

_____. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 6. ed.. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981, v. 2, il. 441p.

CEREJA, William Roberto. Ensino de Literatura: uma perspectiva dialógica. In: TUPIASSÚ, Amarílis (Org.). **Escrita literária e outras estéticas**. Belém: Unama, 2006, 287 p.. (Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais, 1).

CHACON, Vamireh. **A construção da brasilidade**: Gilberto Freyre e sua geração. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Marco Zero, 2001. 160p.

COELHO, Frederico. **A semana sem fim**: celebrações e memória da Semana de Arte Moderna de 1922. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012. 168p.: il. (Modernismo +90, 2).

COSTA, Carlos. **A revista no Brasil do século XIX**: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro. São Paulo: Alameda, 2012. 456p.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira**. 3. ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 112p.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti et al. **Migração e identidade**: olhares sobre o tema. São Paulo: Centauro, 2007. 199p. il.

CUNHA, Raymundo Cyriaco Alves da. **Paraense illustres**. 2. ed.. Belém: J. B. dos Santos e Cia, 1900. 160p.

DAHLET, Véronique. **As (man)obras da pontuação**: usos e significações. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 302p.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed.. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 350p.

DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. 3. ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. 77p. (Descobrindo o Brasil).

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. ; tradução Waltensir Dutra; [revisão da tradução João Azenha Jr.]. 6. ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 387p. (Biblioteca Universal).

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. O Anti-herói e a cobra-grande: fronteiras literárias do modernismo na Amazônia. In: TUPIASSÚ, Amarílis (Org.). **Escrita literária e outras estéticas**. Belém: Unama, 2006, 390 p.. (Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais, 2).

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento bakhtiniano**. São Paulo: Ática, 2008. 144p.

_____. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed.. São Paulo: Ática, 2001. 318p. (Ensaio, 144).

FISCHER, Luís Augusto. **Machado e Borges e outros ensaios sobre Machado de Assis**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2001.

GADET, François; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pecheux**. Tradutores Bethania S. Mariani et al. 3. ed.. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. 319p. (Coleção Repertórios).

GONÇALVES, Marcos Augusto. **1922: a semana que não terminou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 366p.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. **A produção do real em gêneros do jornal impresso**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004. 248p.

HOBBSBAWN, Eric. **Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011**; tradução Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 423p.

JAMES, Henry. **A arte da ficção**. Tradução Daniel Piza. Osaco, SP: Novo Século Editora, 2011. 129p.

KAHN, Daniela Mercedes. **A via crucis do outro: identidade e alteridade em Clarice Lispector**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas; Fapesp, 2005. 136p.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. 2. ed.; tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2009. 240p. (Coleção Espírito Crítico).

MACHADO, Irene. **O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin**. Rio de Janeiro: Imago Ed., São Paulo: FAPESP, 1995. 340p. (Série Diversos).

MANZANO, Thais Rodegheri. **Artimanhas da ficção: ensaios de literatura**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2008. 176p.

MARINHO, Maria Celina Novaes. **A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos: uma análise da heterogeneidade discursiva nos romances *Angústia* e *Vidas Secas***. 2. ed.. São Paulo: Humanitas, 2010. 112p.

MARQUES, Ivan. **Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. il., 175p. (Modernismo +90, 4).

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 215p. (Na ponta da língua, 7).

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012. 269p.

MENEZES, Bruno de. **Obras completas de Bruno de Menezes**. Belém: Secretaria Estadual de Cultura; Conselho Estadual de Cultura, 1993, v. 2, Folclore. (Lendo o Para, 14).

MIRANDA, Vicente Chermont de. **Glossário Paraense: coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968. 98p. (Coleção Amazônica, Série Ferreira Pena).

MORETI, Franco (Org.). **O romance, 1: a cultura do romance**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 1120pp., 40 ils.

NUNES, Benedito. **Dois ensaios e duas lembranças**. Belém: SECULT/UNAMA, 2000. 48p.

NUNES, Paulo. Limiares entre o nacional e o universal: um caso de *outridade* na Amazônia de Dalcídio Jurandir e Mário de Andrade. In: TUPIASSÚ, Amarílis (Org.). **Escrita literária e outras estéticas**. Belém: Unama, 2006, 390 p.. (Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais, 2).

PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas,SP: Mercado de Letras, 2010. 447p. (Série Bakhtin: Inclassificável; v. 1).

PICON, Gaëtan. **Introdução a uma estética da literatura: o escritor e sua sombra**; tradução de Antônio Lázaro de Almeida Prado. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1969. 245p. (Série 5ª letras e lingüística, v. 2).

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**; tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 271p.: il. + 1 DVD-ROM (Humanitas).

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**; organização Carlos Augusto Calil. 9. ed.. São Paulo: Companhia das letras, 1997. 320p. (Retratos do Brasil).

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. Tradução Angela Bergamini et al. 2. ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 187p. (Leitura e crítica).

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. 30. ed.. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2008. 279p.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o ofício do escritor**. Apresentação e notas de Franco Volpi; tradução Luiz Sérgio Repa (alemão), Eduardo Brandão (italiano); revisão da tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 207p.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas: polémicas, manifestos e textos críticos**. São Paulo: Edusp/Iluminuras/Fapesp, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 390p.

_____. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 259p.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** 3. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 240p. (Estudos Culturais, 2).

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. **Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura**. 2. ed.; prefácio de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 212p.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. **A voz embargada**: imagen da mulher em romances ingleses e brasileiros do século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. 154p.

WILLIAMS, Raymond. **Política do modernismo**: contra os novos conformistas. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 312p.

ANEXOS

ANEXO A. Maria Dagmar (Parte 1 a)

Contos e chronicas

Maria Dagmar

Por Bruno de Menezes

A memoria do grande Fialho,
o mestre impeccavel das paginas
doentias - A Ruiva s.

Creatura invejavel essa Maria Dagmar. Opulenta de physico, perfil suave e sympathico, olhos brilhantes e rasgados, collo amplo, bocca expressiva, e unhas lindas mãos de escultura.

Mulher que vem ao mundo para cumprir os determinismos da sua sorte.

Desde virgem e pubere, quando em magnifica sazão feminiil, e já ostentando proeminencias de seios turgescidos e arqueados, comuns vigorosos quadris moventes, ondulando em cadencias de lanço, que Maria Dagmar, em devaneios chloroticos de moçoila, sonhava pertencer a alguem digno e viril, que a amasse alem da vida, e que ficasse o unico, o dono do seu corpo e da sua alma.

Não passara sem os seus namoricos ingenuos com bigorriilhas, respondando missivas enfebrecidas e amorudas, com trechos melancolicos, pastichados do «Conselheiro dos Amantes».

Temente a Deus, humilhava-se em mystico fervor á Suprema Corte Celeste.

Com uma voz em som de harpa, quantas irrequietas e bisadas vezes, nas novenas e vespéras solemnes, chegava á igreja em festa, para cantar dólidos «Amem», tendo nos labios rainunculados cantando em allegros alvoroçantes, o nome do seu amor de esquina!

Os donzeis que a inquietavam faziam atalaia á sua sabida depois da missa.

Aos dezeseis annos arredondara-se em mulher forte, de grande estampa; tornára-se vistosa e appetecida, na ténra e jameada carnção das faces, revelando-se tentadora na amphorisação das ancas, ciliciadas por birra, em roupas leves, de modelos collantes. Ficou uma dessas ovelhas nédidas, que acirram o furo corrupto aos lóbos sociais que vestem calças...

É um dos ditos, aguçando dentes famelicos, surprehendeu-a, certo dia, no seu redil de pobreza.

A principio, Maria Dagmar resistiu, emmanhçada em tólos escrupulos. Não lhe era muito á feição o tal sujeito. Achava-o grosseiro, com uns olhos congestionados e cúpidos.

E continuava vivendo assim, num labor satisfeito, escudada na ternura da mãe e precavida avó, na solicitude zelosa de uma tia sem illusões, na amizade preciosa de uma irmã mais moça. Dagmar fizera-se a flor dos olhos de todos, e tal em o presti-

gio da sua graça, que, em casa, com a sua presença, os dias amargos eram passados com alegria.

Mas o homem percebeu que as quatro soffriam, ás vezes, heroicas e dissimuladas, os mais jugulantes vexames. E apertou o assedio. Reuniu em conclave os seus instinctos faunescos. Urdiu planos resolutos de assalto á cidadeilla e immisceu-se na estima das tres vigilantes da outra, que eram as unicas a alimentarem o vigor daquella esperança de posse, com sorrisos faceis e acolhedores.

O homem abriu mão a dar presentes de principe Aladino, a não fazer caso de dinheiro. Poz tudo á disposição daquellas pobres creaturas. Sabia-as sozinhas; sem protectores bababos, mantendo milagrosamente, sabe Deus como, uma linha ridicula de conducta. Só ambicionava um trophéu—Maria Dagmar,—segredo que trancava consigo.

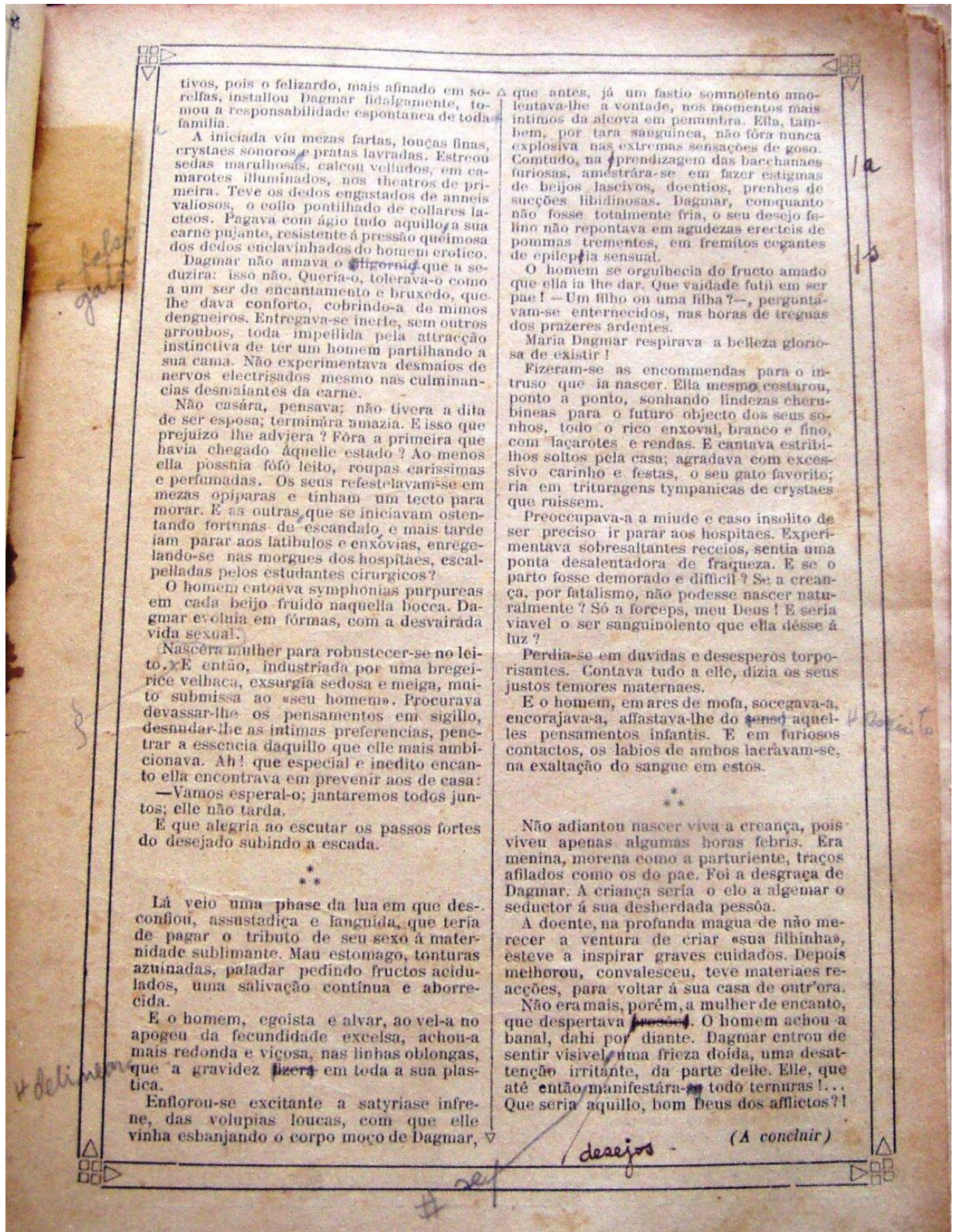
E a deflagração das scentelhas explosio em voragem de chammias... O que se havia de dar veio vindo, fatalmente, magneticamente. Ellas, insuladas entre paredes hostis, aperturas medonhas da vida, necessidades cruas de dinheiro, dividas sérias a pagar, enfim—todos os elementos alliados, que prepararam, sinuosos, a queda de quantas mulheres l...

Animal viscoso e vulpino, o homem se foi fazendo de casa.

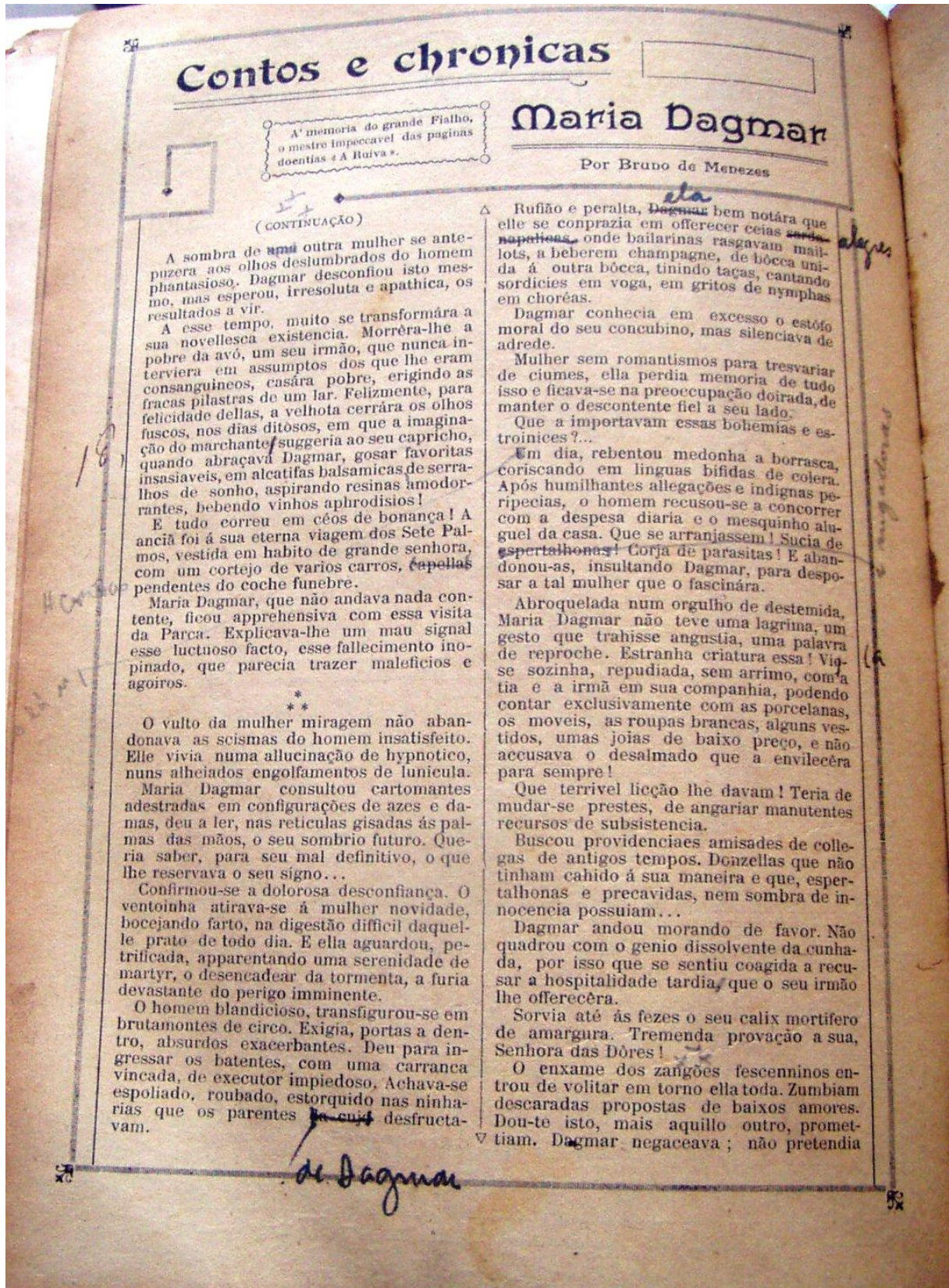
Iniciou o prologo das astucias, arranjando consentimentos chorados, para ir com Dagmar a ver troupes de debutantes, que faziam successo, em theatros baratos, armados com lonas e sarrafos, trezandando a linta frescas. Depois vieram os cinemas, os passeios divertidos em auto, as ceíatas alegres e amigas. Volviam altas horas á casa, que nem sempre a irmã vestal podia acompanhar-os, nessas sortidas estrategicas á honra debil de Dagmar.

Quando succedeu o inevitavel e Maria Dagmar rendera-se, accedendo á força da insistencia daquelle homem farejando-a, impellido-a ao abysmo, as velhas, mais a irmã, deixaram-se conduzir em galéras de ouro, vogando em verdes mares de lenda, todas entregues á sorte dos factos consummados com arte. E levantaram braços vo-

ANEXO B. Maria Dagmar (Parte 1 b)



ANEXO C. Maria Dagmar (Parte 2 a)



ANEXO D. Maria Dagmar (Parte 2 b)

aviltar-se tanto. E ia passando, com um ro-
tulo de emprestimo, como rapariga apuzada
e sensata. Por que não apparecia um filho
de Deus, que a quizesse sob a sua respon-
sabilidade, como havia tantos, casados
mesmo, que têm mulheres na rua, por sua
conta? Então, o paraizo florente do amor
cifrava-se em que a paixão fosse breve, sem
delirantes aplástias, ~~casamentos~~, procura-
ndo o homem a mulher para esgojar-se
em refocillos de suino, atirar-lhe uma ce-
dula como quem paga um jantar, e sahir,
fumaçando charutos, todo lampeiro? Entri-
tecia-se, pensando nessas miserias.

E ella, que se contentava com pouco, sa-
bendo-se sem impertinencias abusivas, con-
tente de tudo, prompta a evitar escarcões e
intrigas, consentindo até, na sua bondade e
temor do mundo, que esta ou aquella par-
tilhasse do amor do seu amigo?!

Acreditava-se victima de um perverso
fadario, julgava-se esprauejada sem causa,
sequestrada no seu exiguo quinhão de feli-
cidade.

Dagmar arrastava esta existencia de es-
gastulo, quando aureoreou no horisonté de
seus infortunios, o novo sol de um dos seus
primaveris amores.

Circunstancias fortuitas proporcionaram-
lhe este encontro.

Ignorando todos os tranzes, todas as pri-
vações que tanto haviam atormentado essa
mulher, o homem julgava-a inviolada. E fi-
caram amigos, confraternizados na amiza-
de, que antes eram desavindos de todo,
por malquerenças zelosas dos primeiros
affectos.

Este trazia emoções bizarras para lhe
dar. Homem de ~~forte~~ cerebro
brino e nevropatia, tinha requintes, violen-
cias hírcinas, sabia extravagancias de sa-
turnaes debochadas. A sua arte subtil de
conquistar definia-se por escravisar a alma,
para depois tripudiar, em grunidos de bar-
baro, sobre a presa rugalinhada.

E vieram as confidencias chorosas, as de-
lações lancinantes das injusticias que Da-
gmar soffrera. Ella contou-lhe, detahada-
mente, todo o seu romance de maguas.
Evocou a odyssea revoltante dos seus; pin-
tou a rubro o seu dramalhão de ré expulsa.
Quando Dagmar historiou a tragedia do
nascimento da criança, o homem esverdi-
nhou, crispou os punhos, como se lhe rom-
pessem uma arteria... Outro fecundára aquel-
le ventre, fazendo-o procrear um ser. Foi
como se o despojassem de um bem adqui-
rido difficilmente, lezando-o num direito só
a elle pertence.

Na intimidade reiniciada que se operou,
elle pode estudar melhor a elegancia das
curvas, o talhe amaciado e resvaladio
das ~~suas~~ espaldas. Achava-a mais desen-
volta e maturrente. Quem diria, poetisava,
que essa mulher viesse a plasmear o typo
selecto, que elle não julgára encontrar? Tor-
nou-se romanescamente assiduo em visital-a.

Habitando uma casa esconsa, que ella
mesma alugára, Maria Dagmar, em capri-
sismos de enfeitçada, baixou ao leito, pre-
sa de duvidosos incommodos. Mandou cha-
mar o seu novo amor em reprise. Queria
pedir-lhe um grande obsequio; negocio ur-
gentissimo, de diaheiro. E occupar a elle,
Senhor?!... E a quem recorrer? Se todos
allegavam razoaveis ou mentirosos motivos
e recusavam o que ella, em derradeiras re-
nuncias de pudor, supplicava esmoler!...
Fosse elle o bemvindo indulto, naquella
condemnação ao abandono, em que Dagmar
definhava.

O homem apresentou-se immediatamente.
Ella falou-lhe, estrangulada e humilima, en-
tre eícios e abemolagens de termos adoci-
cantes. Por fim, disse a suprema vergonha,
— pedio emprestado. Mais tarde, se Deus
quizesse, pagaria. Elle prometeu e cum-
priu; chegou a tornar-se prodigo e desinte-
ressado, offerecendo outros caritativos pres-
timos. E trouxe a importancia solicitada,
entregando-a a Dagmar, num gesto perdula-
rio de quem espalha ~~em~~ ^{cheias} as mãos
cheias...

Acovardada e mizerrima, eraditando da
alma o unico sentimento que lhe restava
perder, — a altivez, a mulher soprou um sim,
um odioso muito obrigada, pois nunca
imaginára ter de fazer, na vida, aquelle pe-
dido a um homem.

E nesse ambiente de approximação peri-
gosa, um sentimento renovado, avassal-
lante, conflagrou essas duas almas! Não
vamos ingenuamente acreditar que isso
fosse amor permutado. Cataloguemos em
desregros sentimentaes ~~retornamos~~, essa
união transitoria.

O homem sacrificaria tudo, por um beijo
que com que Dagmar lhe galvanizasse
os sentidos. Mas a mulher permanecia cal-
ma, sem marezias escachoantes de affagos,
desaguando, tranquilla, num rio de respos-
tas chulas, as ondas mansas dos seus ner-
ves lassos. Os seus olhares mortifcos, sem
chispas fulvas, semelhavam-se a agulhas
imantadas, neutralizando raios fulmineos.

O homem, pelo contrario, derramava flui-
dos, glabros, sobre a carnção durazia des-
sa mulher de effeito. Impossivel Dagmar
não se arrepiasse ás faiscas, ás labaredas,
daquelles olhos lambendo-a, mordicando-a,
incendiando-a. Até que uma certa noite,
beijaram-se finalmente, em suffocações de
halitos, tocando-se os labios, quaes petalas
~~brancas~~, enovelando-se, refranzindo-se.
Mas fraguejavam em coragem para propór
as nupcias clandestinas, que ambos já não
podiam delongar por mais tempo.

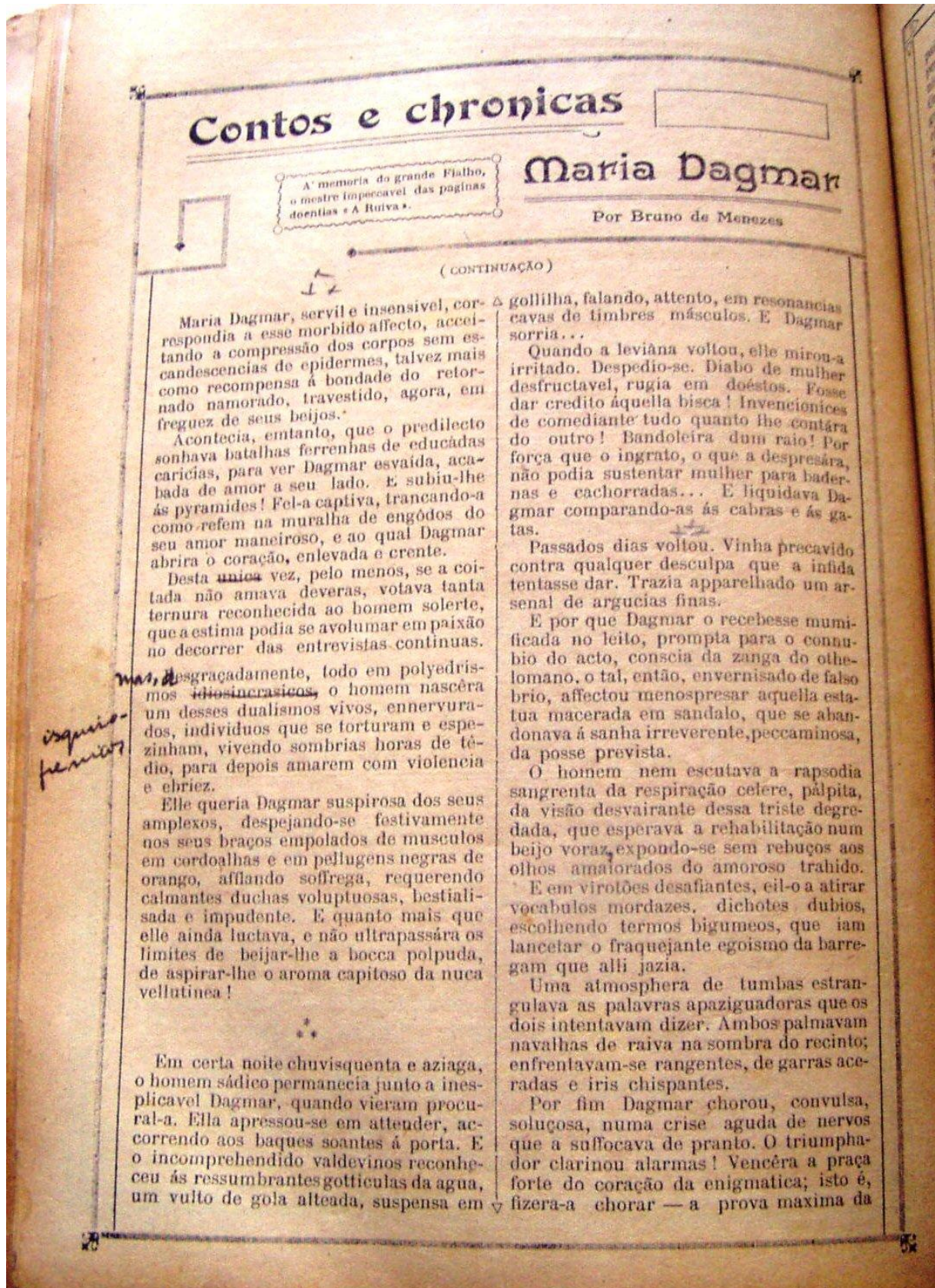
E no dia em que realizaram a boda lu-
brica, o homem convenceu-se de que de-
parára uma esphyge no seu caminho. E
nevrou-se, deu largas a uma neura en-
tediante e amarga.

(Conclue no proximo numero)

H
erotismo
psicológi-
cos,

la non amante
dui maximo.

ANEXO E. Maria Dagmar (Parte 3 a)



ANEXO F. Maria Dagmar (Parte 3 b)

paixão—á evidencia do seu desprezo superior. Que tolice essas lagrimas, amenisava, sorrindo, perfido e demoniaco... Ora não vizm? Que pequena és tu, Dagmar?... E ameigava-a, abraçava-se a ella, levantava-lhe a cabeça de Magdala arrepelada do valle odorante das fronhas humidas. E nas suas mãos lacteantes havia carinhos de plumas alvas, nos seus olhares fulgiam rastilhos de perdão.

Dagmar, lacrimajante, estendeu os braços e o estreitou. Rompêra a protophonia do hymno á Volupia! A mulher esfacelava a virgindade da propria alma. E deu-se toda, em evocações de suburras languescientes...

Amara essa anómala, com ciúme e histeria, nesta occasião suprema? Ou dava-se o caso que o requintado, ~~psicológico~~ habil em subornos affectivos, fizera dessa infeliz um instrumento de prazer com teclas e abafadores, prompto a vibrar á pressão de magica e occulta mola? A continuidade das noites que passaram juntos, noites em que o sybarita a immolava aos deuses luxuriantes, totalmente desnuda, soberba em delineamentos anatomicos, a cabelleira em desnastros de algas, noites que Dagmar, em rapidos momentos parecia olvidar, num esquecimento limbo, fizeram com que o entediado vesano comprehendesse urgir acabar com essa aventura maçante, em que elle desconfiava, descoroçoado, estar representando uma contra scena ridicula de pulha banal.

E premeditou o rompimento para dahi ha dias. Dagmar, inscia do inferno de duvidas em que o hypocrita convulsionava, ganhára até mais pendor e audacia, já idealizando submettel-o á sua leal camaradagem...

E em longa, adoravel noite—a ultima por signal—quando ruiam um sobre o outro, transfundindo-se travez os poros, moviam as narinas em refolgos tragicos, encravavam-se as unhas, fclmamente selvagens.

Ao peso duplo que o filaucioso desmoronava sobre ella inteira, Dagmar destronchava-se em rebôjos flacidos, nu-tante e ondivaga, ventre cobrejando, toda ella em elypsoides carnaes, braços e pernas em arrochos de ophidio, comprimindo a si o tal querido, que trazia em mente, para esta mesma noite, a ideia surrateira da fuga.

Dagmar chamava o pelo nome, docemente, debilmente, em modulagens entontecentes de arrulhos de ave que se

aninha; oscillava a cabeça em desordem, agonica e asphyxiada, a gemer, choramingas, que o sympathisado a não deixasse, que a estraçoasse de uma vez... E desfalleceu, inutil como se morresse, esgottada do excesso...

Uma floração de rosiclères abrolhava nos levantinos jardins. Madrugada rosea em alvorescencias ruraes. Ainda umas franjas luarentas a escorrerem leitosas. E vieram despedir-se á porta—até o outro dia. Maria Dagmar levantou-se aborta, de assim albejada que estava. E o refalsado galã, em remorso da deserção preparada, enlaçou-a pelo ~~trono~~, num abraço sem entusiasmos gallardos, sorvendo-lhe, ansiado, a roseta aguda de um seio tumido, que viera espiar, indiscreto, um tenue raio de lua...

Mas a esphinge volvéra ao seu estado de anesthesica, toda em calmaria languie e já desinteressada desse viajante que interrogára. Dagmar espreguiçava-se, morderando. E o libertino, experiente, a repousar a cabeça no collo cysneo da mulher prisão,—da qual elle se ia evadir, jurava-lhe constancia eviterna. E ella, quem sabe no que pensando, nem olhava o excitador, que se enliçava ao seu corpo tépido, talhado para os grandes lances...

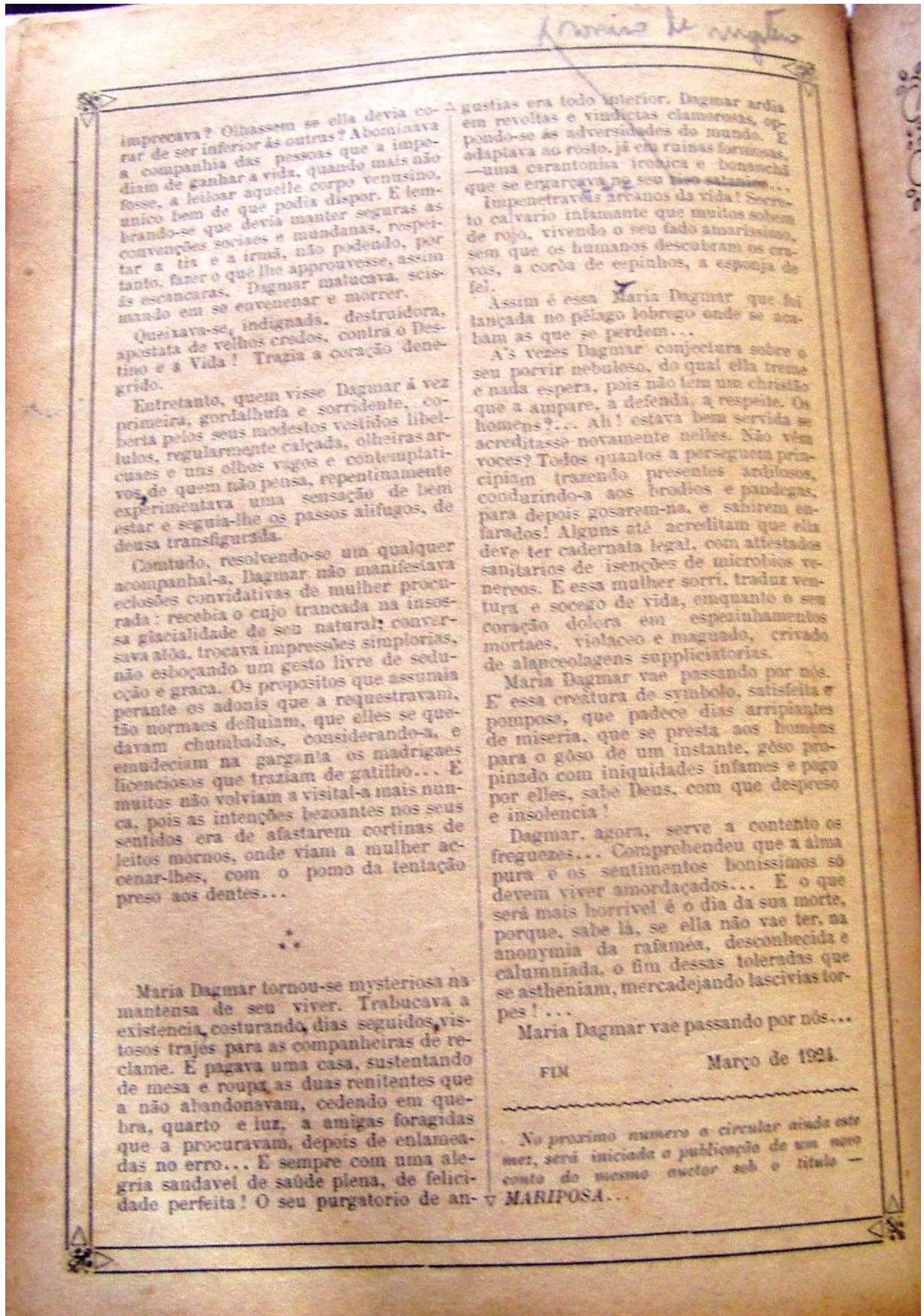
Maria Dagmar compoz o *pignoir* que resvalára e, como se fosse uma qualquer desconhecida que alli estivesse, esperou pela retirada breve, do migrador vicioso.

E elle desapareceu, num escuro eclipse de dias, de semanas, de mezes, até sumir-se, apagar-se, e não mais brithar entre os cirros constellados desse amor fastiento. Dagmar nem se ralou com a ausencia, acostumada como vivia, aparentemente, com as surpresas atraçoantes dos seus amigos... E mandou-o ás Calendas...

Com o decorrer do tempo, os desgostos profundos e os aperreios da sorte, rebelliões intimas, em rugidores nihilismos começaram a desarvoral-a, a fazel-a inquietante, a ponto da insurrecta dardear com apóstrophes ~~de~~ o Deus parcial e injusto que consentia ella vivesse galé, amargando fome, tudo por se fiar nos homens...

Seria por que amava sinceramente, com lealdade e abnegação? Que lhe faltava para suscitar paixões duradouras,

ANEXO G. Maria Dagmar (Parte 3 c)



imprecava? Othassem se ella devia corar de ser inferior ás outras? Abominava a companhia das pessoas que a impediam de ganhar a vida, quando mais não fosse, a leiloar aquelle corpo venusino, unico bem de que podia dispor. E lembrando-se que devia manter seguras as convenções sociais e mundanas, respeitadas a tia e a irmã, não podendo, por tanto, fazer o que lhe approovesse, assumia ás escancaradas, Dagmar malucava, scismando em se envenenar e morrer.

Queixava-se, indignada, destruidora, apostata de velhos credos, contra o Destino e a Vida! Trazia a coração denegrido.

Entretanto, quem visse Dagmar á vez primeira, gordalhufa e sorridente, coberta pelos seus modestos vestidos libellulos, regularmente calçada, olheiras arcuadas e uns olhos vagos e contemplativos de quem não pensa, repentinamente experimentava uma sensação de bem estar e seguia-lhe os passos alifugos, de deusa transfigurada.

Comitudo, resolvendo-se um qualquer acompanhá-la, Dagmar não manifestava eclosões convidativas de mulher procurada: recebia o cujo truncada na insossa glacialidade de seu natural; conversava atoa, trocava impressões simplórias, não esboçando um gesto livre de sedução e graça. Os propositos que assumia perante os adonis que a roquestravam, tão normaes desluziam, que elles se quedavam chutibados, considerando-a, e emudeciam na garganta os madrigaes licenciosos que traziam de galtilho... E muitos não voltiam a visitá-la mais nunca, pois as intenções bezonites nos seus sentidos era de afastarem cortinas de leitos mornos, onde viam a mulher accenar-lhes, com o pomo da tentação preso aos dentes...

Maria Dagmar tornou-se mysteriosa na mantença de seu viver. Trabucava a existência, costurando dias seguidos, vistosos trajes para as companheiras de reclame. E pagava uma casa, sustentando de mesa e roupa as duas renitentes que a não abandonavam, cedendo em quebra, quarto e luz, a amigas foragidas que a procuravam, depois de enlameadas no erro... E sempre com uma alegria sandavel de saúde plena, de felicidade perfeita! O seu purgatorio de an-

gustias era todo interior. Dagmar ardia em revoltas e vindictas clamorosas, oppondo-se ás adversidades do mundo. E adaptava ao resto, já em ruinas formosas, — uma carantonha íroica e bonançada que se ergarava no seu liso salame... Impenetráveis arcanos da vida! Secreto calvario infamante que muitos sobem de rogo, vivendo o seu fado amarrissimo, sem que os humanos descubram os cravos, a corda de espinhos, a esponja de fei.

Assum é essa Maria Dagmar que foi lançada no pélogo lobrugo onde se acabam as que se perdem...

As vezes Dagmar conjectura sobre o seu porvir nebuloso, do qual ella tremia e nada espera, pois não tem um christão que a ampere, a defenda, a respalde. Os homens?... Ah! estava bem servida se acreditasse notamente nelles. Não vêm voces? Todos quantos a perseguem principiam trazendo presentes ardilosos, coudarindo-a aos brodios e pandegas, para depois gosarem-na, e saírem enlarados! Alguns até acreditam que ella deve ter cadernata legal, com attestados sanitarios de isenções de microbios venereos. E essa mulher sorri, traduz ventura e socogo de vida, emquanto o seu coração dolera em espeinhamentos mortaes, violaceo e maguado, crivado de alapecolagens supplicatorias.

Maria Dagmar vae passando por nós. É essa creatura de symbolo, satisfeita e pomposa, que padeco dias arripiantes de miseria, que se presta aos homens para o goso de um instante, goso propinado com iniquidades infames e pago por elles, sabe Deus, com que desprezo e insolencia!

Dagmar, agora, serve a contento os freguezes... Comprehendeu que a alma pura e os sentimentos bonissimos só devem viver amordaçados... E o que será mais horrivel é o dia da sua morte, porque, sabe lá, se ella não vae ter, na anonymia da rafiméa, desconhecida e calumniada, o fim dessas toleradas que se astheniam, mercadejando lascivias torpes!...

Maria Dagmar vae passando por nós...

FIN

Março de 1924.

No proximo numero a circular ainda este mez, será iniciada a publicação de um novo conto do mesmo auctor sob o título — MARIPOSA...

ANEXO H: Portico.

BELEM, 15 DE SETEMBRO DE 1923

Belem Nova

ARTES E MUNDANISMO
Redacção: — Rua 28 de Setembro, 6
Caixa Postal n. 640

ANNO I DIRECTOR: — BRUNO DE MENEZES NUM. 1

PORTICO

Indice fundamental na trama physiologica dos seres animados, nos agglomerados humanos, nos grupos intelligentemente organizados a reacção caracteriza o mais alto climax da vitalidade. O organismo que reage vive, nem que seja numa só remota cellula obscura.

E' reacção, e reacção corajosa, e reacção fundada a iniciativa desses moços que resolveram crear uma publicação de litteratura e de arte, entre nós, nestes dias de tão desalentadora estagnação mental. Não flamejasse no seu peito a chama do mais puro idealismo, não cerrassem elles os olhos, illuminados de chromatismos celestes, ao desolador espectáculo ambiente, e desfilassem, escravizados á feroz dogmatização burgueza e á pífia indiferença da mentalidade androgyna. Pulando na arena, dispostos aos perigos mais violentos, não de vencer com aquella virtude, a que o pensador germanico capitulou de «faculdade apollinea» e que consiste no privilegio de arrancar luz e imagens do ambiente tenebroso da vida real...

Que «avancem silenciosos e cheios de audacia» como os gregos de Homero, decididos a esmagar as hordas bravias dos troianos.

Duas virtudes possuem-nas, opulentas, os fundadores desta revista:—fantasia e intrepidez juvenil... Corressem, arredios da vida multipla e exhaustiva, para a embrutecedora segregação cenobial, ou se engolphassem na multidão alvar dos bailarinos hystericos e alvares, e passariam, inuteis e apagados como os mais solidos exemplares da carneirada burgueza. Não. Têm mocidade... Têm, sobretudo, phantasia, sem a qual, consoante Benedicto Croce, «nenhuma parte da natureza é bella...»

Surgem, entretanto, modestos. Seu programma é discreto. Poderiam, com a audacia da presumpção cega, impôr-se a reconstrução do edificio nacional, desde a humilde actividade agricola até ás supremas directrizes mentaes... Poderiam reclamar odes louças ao calamo atrevido, brandindo-o como gládio de humilhação a uma tyrannia invisivel e de regeneração do character universal... E seriam ridiculos... Talvez heroicos no seu reles e esteril quixotismo, mas ridiculos a valer.

Estes meus esclarecidos confrades da «Belem Nova» comprehendem que a vida, por mais bella e mais fascinante que se afigure á visão dos optimistas, não vale a pena viver-a sem amor e sem poesia...

Não é pessimismo... Nem Heraclito, nem Leopardi, nem Antonio Nobre, que chorava, contado, os seus rudes e grandes azares nestes versos doentes.

*E a vida foi, e é assim, e não melhora...
Esforço inutil... Tudo é em vão!*

E' preciso, enquanto vae, lá fora, o trapel dos barbaros de Atila e sobre a nossa cabeça crocitam os corvos fataes, quebrar a aspereza dos formalismos exigentes, dos estatutos inflexiveis com o rythmo da lyra de ouro da Poesia...

Os legionarios da «Belem Nova», intelligentes, corajosos, tenazes, percebem que a nossa actividade intellectual vae, molle e flacida, deperecendo... Lê-se, estuda-se... Mas, cada um para seu lado, egoista, desalentado, ou desencantado, vive a existencia improductiva das Tubaras.

Ha, entretanto, muita intelligencia vigorosa e exuberancia de cultura. Falta cohesão, affinidade, sympathia...

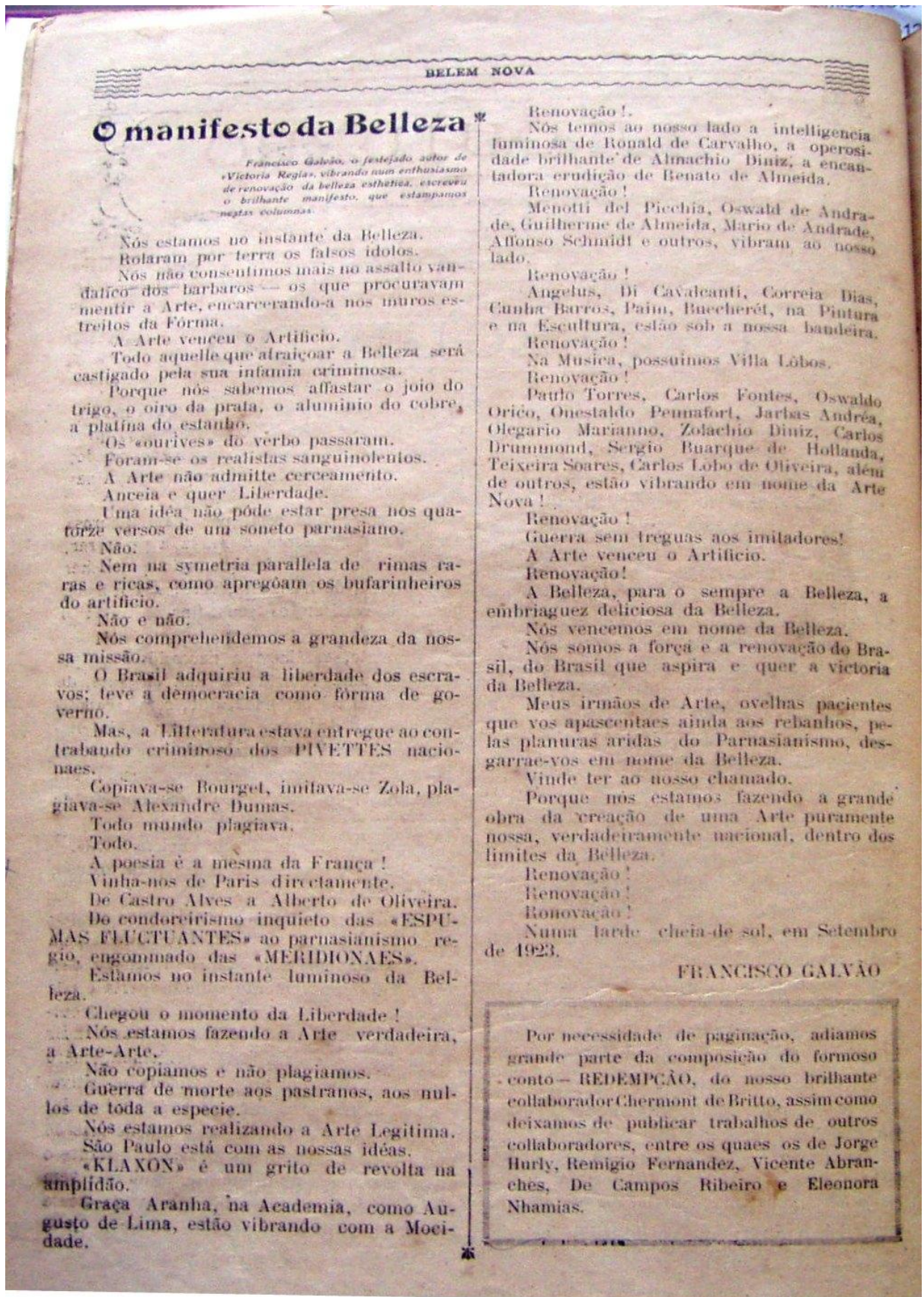
E reagindo, energeticos, contra essa vergonhosa atonia, contra essa extenuação apparente, contra esse egoismo vil, ou melancolia de lutadores desilludidos, os creadores da «Belem Nova» trazem uma affirmação de vitalidade regeneradora... Não são culteranistas, não são arcadistas, não embocam a tuba do *dolce stil nuovo*... São um troço de jovens de talento, que cantam e mergulham os olhos no céu, enquanto uma dolorosa mocidade de botequins e de aleouces afocinha na lama bastarda das paixões vorazes...

Meus cordiaes companheiros! As rãs de Aristophanes entram, já, de coaxar no paul de sua maledicencia; os zoitos atordoam o espaço com o gaulo da inveja infeliz; quadrupedes preciosos, de orelhas empinadas e patas potentes, nitrem o seu rincho desesperado, e desabalam em carreira louca...

Mas, vós não vos detereis... Para a frente e para cima! E, como Tyrtçu, obscuro e feio, com a sua musa alcandorada e amiga, inspirou sympathia e heroismo aos espartanos bellazes, vós despertareis os poetas silenciosos e os prosadores enervados, para vos ajudarem... E receberéis louvores, e bênçãos de todas as almas em que vasastes o philtro precioso da Poesia e da Illusão.

SEVERINO SILVA

ANEXO I: O manifesto da beleza.



BELEM NOVA

O manifesto da Belleza

Francisco Galvão, o festejado autor de «Victoria Regia», vibrando num entusiasmo de renovação da belleza esthetica, escreveu o brilhante manifesto, que estampamos nestas columnas.

Nós estamos no instante da Belleza.
 Rolaram por terra os falsos idolos.
 Nós não consentimos mais no assalto vandálico dos barbaros — os que procuravam mentir a Arte, encarcerando-a nos muros estreitos da Forma.
 A Arte venceu o Artificio.
 Todo aquelle que atraçoar a Belleza será castigado pela sua infamia criminosa.
 Porque nós sabemos affastar o joio do trigo, o ouro da prata, o aluminio do cobre, a platina do estanho.
 Os «couriues» do verbo passaram.
 Foram-se os realistas sanguinolentos.
 A Arte não admittre cerceamento.
 Anceia e quer Liberdade.
 Uma idéa não pôde estar presa nos quatorze versos de um soneto parnasiano.
 Não.
 Nem na symetria parallela de rimas raras e ricas, como apregôam os bufarinheiros do artificio.
 Não e não.
 Nós comprehendemos a grandeza da nossa missão.
 O Brasil adquiriu a liberdade dos escravos; teve a democracia como forma de governo.
 Mas, a Literatura estava entregue ao contrabando criminoso dos PIVETTES nacionaes.
 Copiava-se Bourget, imitava-se Zola, plagiava-se Alexandre Dumas.
 Todo mundo plagiava.
 Todo.
 A poesia é a mesma da França!
 Vinha-nos de Paris directamente.
 De Castro Alves a Alberto de Oliveira.
 De condoreirismo inquieto das «ESPU-MAS FLUCTUANTES» ao parnasianismo regio, engommado das «MERIDIONAES».
 Estamos no instante luminoso da Belleza.
 Chegou o momento da Liberdade!
 Nós estamos fazendo a Arte verdadeira, a Arte-Arte.
 Não copiamos e não plagiamos.
 Guerra de morte aos pastranos, aos nullos de toda a especie.
 Nós estamos realizando a Arte Legitima.
 São Paulo está com as nossas idéas.
 «KLAXON» é um grito de revolta na amplidão.
 Graça Aranha, na Aademia, como Augusto de Lima, estão vibrando com a Mocidade.

Renovação!
 Nós temos ao nosso lado a intelligencia luminosa de Ronald de Carvalho, a operosidade brilhante de Almachio Diniz, a encantadora erudição de Renato de Almeida.

Renovação!
 Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Mario de Andrade, Affonso Schmidt e outros, vibram ao nosso lado.

Renovação!
 Angelus, Di Cavalcanti, Correia Dias, Cunha Barros, Paiva, Buccherét, na Pintura e na Escultura, estão sob a nossa bandeira.

Renovação!
 Na Musica, possuímos Villa Lobos.

Renovação!
 Paulo Torres, Carlos Fontes, Oswaldo Orício, Onestaldo Pennafort, Jarbas Andréa, Olegario Marianno, Zolachio Diniz, Carlos Drummond, Sergio Buarque de Hollanda, Teixeira Soares, Carlos Lobo de Oliveira, além de outros, estão vibrando em nome da Arte Nova!

Renovação!
 Guerra sem treguas aos imitadores!
 A Arte venceu o Artificio.

Renovação!
 A Belleza, para o sempre a Belleza, a embriaguez deliciosa da Belleza.

Nós vencemos em nome da Belleza.
 Nós somos a força e a renovação do Brasil, do Brasil que aspira e quer a victoria da Belleza.

Meus irmãos de Arte, ovelhas pacientes que vos apascentaes ainda aos rebanhos, pelas planuras aridas do Parnasianismo, desgarræ-vos em nome da Belleza.

Vinde ter ao nosso chamado.
 Porque nós estamos fazendo a grande obra da criação de uma Arte puramente nossa, verdadeiramente nacional, dentro dos limites da Belleza.

Renovação!
 Renovação!
 Renovação!
 Numa tarde cheia de sol, em Setembro de 1923.

FRANCISCO GALVÃO

Por necessidade de paginação, adiamos grande parte da composição do formoso conto — REDEMPÇÃO, do nosso brilhante collaborador Chermont de Britto, assim como deixamos de publicar trabalhos de outros collaboradores, entre os quaes os de Jorge Hurly, Remigio Fernandez, Vicente Abrançhes, De Campos Ribeiro e Eleonora Nhamias.

ANEXO J: Para a frente!

BELEM Nova
ARTES E MUNDANISMO
Redacção: — Rua 28 de Setembro, 6
Caixa Postal n. 640

ANNO I DIRECTOR: — BRUNO DE MENEZES NUM. 4

PARA A FRENTE!

Nesta encantadora terra guajarina, tremendo o arduo batalhar, que exige vigorosas sommas de energias, é esse de dar publicidade a uma revista de artes e litteratura.

Terra ensoalhada e farta, seducvente pela sua natureza fecunda, neste privilegiado pedaço do norte, é até irrisorio que as coisas quebrantem, ante a manifesta indiferença com que as recebe o publico.

Verdade é que atravessamos o momento mais perigoso e ingrato para tentativas de Bellas Lettras; momento em que as energias se corrompem no degladiar de ambições, e em que o proprio artista, — o divino illuminado, — manifesta-se o «espírito pratico» do yankee.

E outra não é, entre nós, a causa dessa amalgama de tantos, desnorteantes e aberrativos *credos litterarios* que, vistosos e frageis cogumelos, repontam dia a dia, em graciosas e ephemeras pollulações...

Nos Estados do Sul, onde alguma coisa se lê e ha um natural e louvavel orgulho em valorizar as publicações regionaes, — é flagrante o dominio de uma forte corrente intellectual, semeadora do bom gosto esthetico.

Mas, neste recanto tropical, neste Estado democrata e floresecente, qual a victoriosa affirmativa do predomínio dos que têm e até dos que escrevem, sobre os outros que vivem nédios, felizes, lendo apenas os matutinos e os libretos, por um principio de boa e facil digestão !...

Estamos no momento em que mais nos preocupamos com as oscillações do cambio, do que com letras de forma...

Felizmente, porem, esta infatigavel e luctadora BELEM NOVA, vem realizando o milagre de interessar certo numero de leitores.

Sentimos que um gesto de franca sympathia começa de se voltar para o nosso lado; temos o intimo presentimento de iragradando, cada vez mais.

E a justa recompensa ao nosso esforço, o premio à nossa tenacidade em proseguir, pugnando pelo levantamento das lettras norlistas.

E que os espiritos caldeados em rijas tenperas, tenazes e arremessivos, alem de um formidavel feixe de vibrações sympathicas, communicam, por meio de fluidos attrahentes, àquelles que os circundam, as invisiveis correntes do *querer*.

E nós, sobre tudo, havemos de saber *querer*.

Ensurdeça a grita estulta dos frustes e le-vianos; sillem, escurejantes, os dardos de seus malagouros escarninhós. — BELEM NOVA ha de ir vencendo, ha de ir ganhando terreno passo a passo, sem estardalhaços nem vanglorias, até attingir o Ideal culminado.

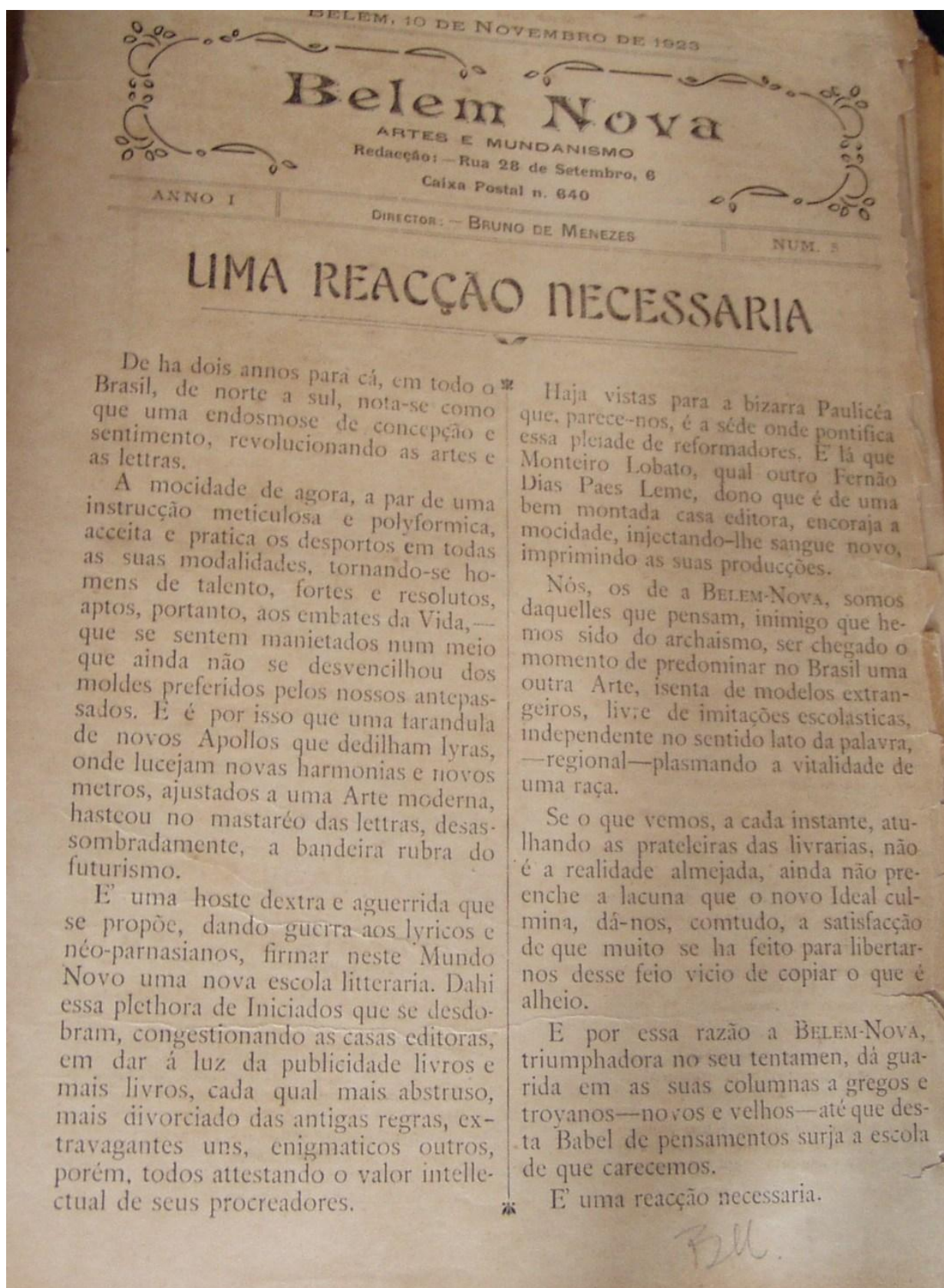
Tudo, até agora, é de molde a nos fazer nutrir esta suave esperanza.

O intercambio intellectual que iniciamos com os confrades de outros Estados, consagrados escriptores e publicistas, está definitivamente firmado; o que podemos contar de altamente illustre entre os homens de lettras que aqui vivem, está fazendo parte do nosso selecto corpo de collaboradores. Emfim: BELEM NOVA venceu!

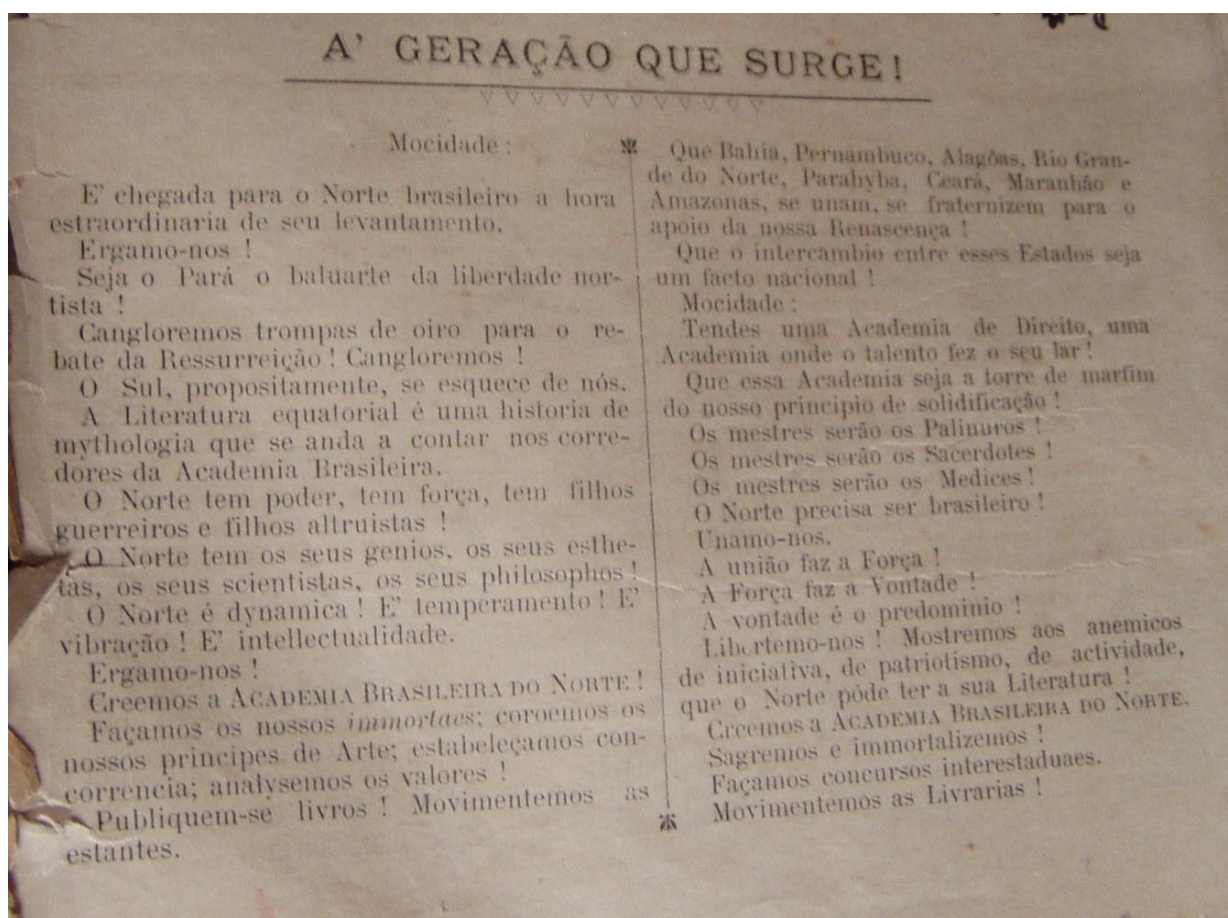
Venceu, porque, num meio safaro e quasi hostile à litteratura do magazine, meio em que as proprias revistas do Rio são compradas, na maior parte, exclusivamente, por uma *élite* intellectual, este 4.º numero de BELEM NOVA, que entra hoje em circulação, representa, de certo modo, um surto de victoria e é a prova segura e incontestavel de que, serenos e inflexiveis, vamos palmilhando a nossa estrada espinhosa e longa, sem mostras de enfraquecimento, e cheios da encorajante certeza de vencer.

Bruno de Menezes

ANEXO K: Uma reacção necessaria.



ANEXO L: À geração que surge!



ANEXO M: Manifesto Flami-n'-assu': manifesto aos intellectuaes paraenses.

BELEM NOVA

FLAMI - N' - ASSU'

Eis, aqui, um grito alvoroçante de verde-amarelismo artistico! Abguar Bastos, um dos mais bellos talentos da nova geração literaria do Pará, com o desassombro de um evangelizador rebelde, lança a mocidade

que sonha, pensa e realisa, este vibrante manifesto! E' uma ansia de renovação esthetica que se lê nas linhas abaixo! E' a idéa correndo, tumultuarimente, tomada de vibrações ineditas, pro-

curando o facies ethnico da nossa nacionalidade, buscando, mesmo, descobrir-lhe as mysteriosas estratificações moraes, para reduzi-lo a uma fórmula luminosa—Arte!

P.

MANIFESTO AOS INTELLECTUAES PARAENSES

Não é um apelo de audacia nem de reclamo. E' um apelo de necessidade e independencia.

Como ha dois annos atras, recorro ao meu dundunar de sapopema oriunda—porque eu vos falo da ponta dum planalto amazonico, entre selvas, uiaaras e estrelas.

Sapopema é o clamor do viajero que se perdeu nas matas e apela; não é só isto, pode ser, tambem, o simbolo da voz da mocidade que teve comigo identica maqueira d'ouro para um sonho extraordinario de liberdade literaria.

Ride, ó vós que não atinardes com as minhas palavras; ride-vos, a socapa, escondidos nos cipós da intriga como curupiras de casaca a assoviar feitiços atrás das encruzilhadas. Ride.

Eu terei a serenidade dos morubixabas heroicos e sorrirei, tambem, de vossa agonia em me não comprehendereis.

OUVI:

Primeiramente vós, poetas e prosadores divinos da minha geração; depois de vós, prosadores e poetas, apagelados á sombra das vossas tabas primitivas e que estaes a ver, espetados em paus sagrados, os despojos, as glorias, as caveiras—das vossas escaladas ás cordilheiras da Ilusão. A'queles a minha voz vac confiada. A estes ela se intimida. A'queles ela se recolhe como um zangão á sua colmeia. A estes ela recalçitra. Não que os receie no choque, mas, de facto, porque eles não procurarão, sem esforços dolorosos, mete-las em suas sacolas de Arte.

Assúnto vos agora o meu proposito de uma corrente de pensamento, cara a cara á que se inicia no sul com esta pele genuina: «Pau-brasil».

Oíço, rascantes, os aguços de serroto das gargalhadas puristas. E oponho-lhes, seguro, esta verdade: nem um dos garimpeiros desse bando, correu á briga, sem ter uma bagagem de vulto onde toda a gente meteu a mão e trouxe pepitas faiscentes. Eles correram, escoteiros, todas as escolas, acordando, maravilhosos, o ritmo do universo, com a mais intuitiva segurança. E venceram. E glorificaram-se. E entenderam, por fim, que nem uma delas era verdadeira para o espirito nacional.

Rasgaram, pois, as rédes do passadismo e deixaram passar a piracema da mais alta expressão da independencia emocional.

Houve balburdia, como em chinfrin de tasca, atôa, mirabolante até, num grande revoar de papagaios arrepiados, papagaios teratologicos, porque tinham dentes de ouro no bico e poleiros de jacarandá.

Pesar disso, noto, inflexivel, que o repiquete «pau-brasil» ainda não é o proprio volume da nacionalidade.

D'ali a minha idéa com um titulo incisivo: — FLAMI-N'-ASSU'. E' a grande chama, indo-latina, daquilo em que eu penso poderem apoiar-se as gerações presentes e porvindoiras.

FLAMI-N'-ASSU' é mais sincera porque exclue, completamente, qualquer vestigio transoceanico; porque textualisa a indole nacional; prevê as suas transformações etnicas; exalta a flora e a fauna exclusivas ou adaptaveis do paiz, combate os termos que não externem symptomas brasileiros, substituindo o cristal pela agua, o aço pelo acapú, o tapete pela esteira, o escarlate pelo assal, a taça pela cuia, o dardo pela flecha, o leopardo pela onça, a neve pelo algodão, o veludo pela pluma de garça e sumauma, a «flor de lotos», pelo «amor dos homens»... Arranca, dos rios as maravilhas ectiologicas; exclue o tedio e dá, de tacape, na testa do romantismo, virtualisa o Amor, a Belesa, a Força, a Alegria, e os heroes das planícies e dos sertões e as guerras de independencia; canta, ruidosa os nossos usos e costumes, dando-lhes uma feição de elegancia curiosa.

E, assim, FLAMI-N'-ASSU' marchará, selvas a dentro, montanhas acima, conservadora, patriótica, verde-amarela.

FLAMI-N'-ASSU' não é um estorvo aos grandes charivaris da civilização. Não! Ela admite as transformações evolutivas. O seu fim especialissimo e intrasigente é dar um calço de legenda á grandeza natural do Brasil, do seu povo, das suas possibilidades, da sua historia.

Entrego aos meus irmãos de Arte o exito desta iniciativa, lembrando que o Norte precisa eufonizar n'amplidão a sua voz poderosa.

Agosto—1927.

A B G U A R B A S T O S

ANEXO N: Carta de autorização para uso de cópia dos textos de Bruno de Menezes.

AUTORIZAÇÃO

Eu, IRMÃ MARÍLIA MENEZES, – em nome da família MENEZES – declaro para os devidos fins que a cópia da obra intelectual no todo dos livros *Maria Dagmar* e *Candunga: Cenas das Migrações Nordestinas na Zona Bragantina* foi autorizada pela família visto tratar-se de documento de ordem única e exclusivamente acadêmica, que constitui parte integrante da tese de doutorado de ANA CLEIDE GUIMBAL DE AQUINO, e por não ter fins lucrativos, não constitui violação de direito autoral e pode ser reproduzida unicamente para o fim de consulta em biblioteca acadêmica tanto na forma impressa quanto em publicação *on-line*.

A família MENEZES se responsabiliza por essa autorização, ressaltando que as análises e os estudos apresentados das obras são de inteira responsabilidade da autora da tese.

Marília Terezinha dos Santos Menezes
(Irmã Marília Menezes)

Belém, 21 de julho de 2014.

ANEXO O: Maria Dagmar - Novela.

Bruno de Meneses

MARIA DAGMAR

Novela



EDIÇÕES GETÚLIO COSTA
RIO DE JANEIRO — BRASIL



BRUNO DE MENEZES é produto autêntico do seu próprio esforço. Proletário emancipado, estreou nas letras em 1920, com "Crucifixo", versos simbolistas.

Dai por diante, trabalhando intelectual e materialmente em revistas e jornais de Belém, suas crônicas, poesias e apreciações literárias transpuseram fronteiras, aparecendo seu nome em várias publicações da Metrópole e dos Estados. Em setembro de 1923, chefiando uma plêiade renovadora, com Abguar Bastos, Paulo de Oliveira, Nuno Vieira, De Campos Ribeiro, Jaques Flores, Clóvis de Gusmão e outros, fundou a revista **BELÉM NOVA**, que foi, sob sua orientação, a flama reacionária da transição por que vinha passando a arte poética no país, com repercussão no Pará. Ainda naquele semanário, em 1924, publicou a novela *Maria Dagmar*, de estranha concepção realista, vindo a lume, nesse mesmo ano, o seu discutido poema modernista *Ballade Lunar*, que o consagrou falangiário desse movimento no Norte, com o aplauso de Paulo Torres, Raul Bopp, Jorge de Lima, Mário de Andrade e outros adeptos dessa escola.

Em 1931 lançou *Poesia*, seu livro definitivo, onde se encontra *Batuque*, seu maior poema, vasado em ritmos complexos. Poeta, jornalista, crítico, **BRUNO DE MENEZES**, que viveu o drama da migração nordestina na Amazônia, tem elaborados dois romances — *Candunga* e *Povo Avante*.

MARIA DAGMAR

LIVROS DE BRUNO DE MENEZES

PUBLICADOS:

- Crucifixo, poemas.
- Bailado Lunar, poemas.
- Poesia, poemas.
- Batuque, poemas, 3 edições.
- A Margem do "Cuia Pitanga", estudo literário sôbre o poeta Jaques Flôres.

A PUBLICAR:

- Candunga, cenas da migração nordestina, romance.
- Lua Sonâmbula, poemas.
- Dois Poetas, discursos acadêmicos.

BRUNO DE MENEZES

Da Academia Paraense de Letras

*Do Pedro Tupinambá
efetivamente*

Maria Dagmar
MARIA DAGMAR

(NOVELA)

Cur 21/3/55



Uma vez mais, 19

1950
EDIÇÕES GETULIO COSTA
AV. 28 DE SETEMBRO, 174
RIO DE JANEIRO

ALGUMAS PALAVRAS...

Talvez não haja inconveniente em esclarecer que esta novela foi escrita para a revista "Belém Nova", onde teve publicidade, nas edições dos números 9, 10 e 11, de janeiro a março de 1924.

Aquê tempo, a nossa chamada "nova geração", organizou o seu reduto de idéias, literariamente avançadas, nesse quinzenário, no qual, apesar das influências e do entusiasmo pela Arte Nova, da maioria de seus fundadores, colaboravam homens de letras de todos os credos estéticos.

O nosso grupo, penso, não perfeitamente integrado no espírito dessa "novidade", à procura de um rumo, voltou o seu gosto pela frequente leitura de estilistas fortes, rebuscados, achando um sabôr inédito em Fialho, Eça, Gonzaga Duque, Raul Pompéia, Euclides da Cunha, Carlos Vasconcelos, Vargas Vila, Severo Portela, Raul de Polillo, Cruz e Sousa, Paulo Barreto, Adelino Magalhães, enfim, uma ânsia preferencial pelos escritores de frases cheias, sonoras, beirando o gongorismo repudiado.

De par com essa seleção vocabular, tínhamos exceções pelos temas um tanto revolucionários, cerebralistas, com ficções ou realismos extra-românticos, consistindo nêsse "intelectualismo" o nosso contingente às convocações de Graça Aranha e seus prosélitos.

Eram militantes neste clã: Abguar Bastos, Nuno Vieira, Paulo de Oliveira, Clóvis de Gusmão, De Campos Ribeiro, Jaques Flôres, que sob o influxo da "flama renovadora", deram de urdir as suas crônicas, os seus contos, as suas novelas, cada qual a seu modo, com personagens em água-forte,

BRUNO DE MENEZES

numa, linguagem campanuda, num jôgo pintural de paisagens humanas, objetivando a estrutura de uma poesia, de uma prosa livre, como se tornara atualidade e as edições de "Belém Nova" poderão atestar.

Foi então que mestre Fialho dominou o meu "psiquismo" literário, a minha bronca sensibilidade, com a sinfonia orquestral de seu estilo, com a pompa verbal de sua adjetivação pessoalíssima.

A história de sua "Ruiva" causou-me perigosas insônias, num desabrido afã de lhe assimilar a maneira sutil de escrever, com independência e elegância, sobre casos triviais, sobre tipos excêntricos, sobre campônios e ceifeiras, olhando o campo e o trabalho rural com olhos de paisagista romancero.

Dêsse impressionismo no meu subconsciente, procurando entender os seres que êle criou para a alegria, ou para a tristeza e a dôr, é que se concretizou "Maria Dagmar", divulgada há vinte e seis anos pretéritos, ressumbrando a "água de juventude" fialhesca, que eu bebia nas páginas do amado esteta suicida.

Nêsses idos, plunitivos que são hoje proletários da pena, como Georgenor Franco, Dalcídio Jurandir, Santana Marques, andavam pelos cursos secundários, e, jôvens que eram, apreciaram com efusão "Maria Dagmar", e não só êstes, como também Alfredo Rodrigues de Souza, Edgar Franco, companheiros de jornada na fundação e lançamento de "Belém Nova".

Eis porque, constantemente advertido, para reeditar esta novela em livro, revendo e recompondo os seus períodos, que fantasiadamente escrevi, no arroubo da mocidade entusiasta, quer me parecer haver criado a "existência" dessa mulher dentro da Arte, que é possível alguém a reconheça, se êstes capítulos lhe caírem sob os olhos.

E como, no joeirado e no ampliamto que fiz nêsse antigo trabalho, procurei conservar a essência de sua idealização primitiva, desbastando-lhe um tanto do "preciosismo",

MARIA DAGMAR

que eu admirava e contornando os flagrantes de certas situações, que hoje o domínio da auto-crítica me aconselhou a fazer, "Maria Dagmar" aqui está, para o julgamento do público letrado.

Portanto, aos meus amigos, literatos ou não, entre os primeiros Georgenor Franco, sempre tão pródigo em simpatia por essa Degmar que êle conheceu, na infância, prontificando-se a lhe dedicar a sua apreciação valiosa, apresento-lhes novamente essa "criatura de símbolo", agora um pouco mais experiente, envolta num ar outoniço, que a torna a "heroína" de uma geração que vai ainda sobrevivendo.

B. M.

APRECIÇÃO DE GEORGENOR FRANCO

Da Academia Paraense de Letras.

O próprio Bruno de Menezes classifica a sua maravilhosa novela, ao encerrá-la:

"Maria Dagmar é um símbolo".

Sim, símbolo de amor, símbolo de desengano, símbolo de pobreza envergonhada, símbolo de esperanças malogradas, símbolo da vida de hoje, corrompida até o cerne, símbolo de um destino que os homens arruinaram.

Na história das vidas humanas, o amor ainda é um eterno motivo de todos os sofrimentos, quando o devia ser de todas as felicidades.

Dagmar é uma expressão diferente no cenário da vida, porque ela, objectivando a subsistência dos seus, sacrificou a virgindade, consciente de que não amava o homem que lhe dava conforto por admirar as formas de seu corpo jovem. E pela razão direta de não haver amor — amor amor — um dia o céu azul que Dagmar antevia, com a filha que lhe morreu logo após o nascimento, se transformou por completo, surgindo a tempestade das ofensas, na qual os homens são pródigos, razão também pela qual sempre terminam seus dias desgracadamente, suportados apenas e nunca queridos.

E quando se diz que Dagmar é uma expressão diferente no cenário da vida, o fazemos à lembrança do fato de que ela, quando pensou em ser feliz dentro do amor verdadeiro, pobre como nascera, ao lado do homem com o qual esteve às portas do noivado, sofreu a amargura incenarrável de novo desengano.

BRUNO DE MENEZES

A novela que Bruno de Menezes apresenta ao público reclama de quem a leia percuciência para penetrar no fundo moral da mesma. Devemos, portanto, analisá-la à luz da própria realidade, não exaltando apenas o seu valor intelectual, o que o autor dispensa, pela projeção que seu nome alcançou merecidamente no cenário das letras nacionais, como escritor de mérito.

Da sua leitura, que nos deleita o espírito tal a beleza do estilo usado, depreende-se que o amor ainda não é aquilo que na verdade devia de ser: o alicerce e a base da felicidade humana. Tudo decorrente da ausência de educação moral, tanto nas altas como nas baixas camadas.

Verifica-se, pelos personagens criados, que nenhum estava verdadeiramente capacitado, pela virtude e pelo sentimento, a merecer a bênção divina ungida da ventura que Deus jamais nega a quem sabe dignificar a vida, por compreender a sua responsabilidade perante o Destino.

Apesar de instruída dentro de todos os preceitos cristãos, Dagmar não teve, no recesso de seu lar, a educação adequada a resistir às grandes e inevitáveis tempestades da existência humana. E vale logo aqui destacar um fator importante, que tem sido a origem de todas as quedas e de toda a degradação moral, principalmente no seio da chamada classe média: o econômico.

Pobre materialmente — impossibilitada por isso mesmo de manter a riqueza de suas virtudes — ela sacrificou tudo para salvar os seus da miséria, renunciando aos sonhos de moça, mercantilizando seu sentimento afetivo.

Caiu aos seus próprios olhos e aos olhos do mundo, que vê e sente os erros mas não estuda os meios de diminuir os males; mas se elevou perante os seus parentes, empolgados pela riqueza vergonhosa, que passaram a conhecer os esplendores das coisas boas com o dinheiro que a carne quente de Dagmar conquistava.

Foi a necessidade — e sempre tem sido a necessidade de subsistir — que arrastou Dagmar àquele gesto de abandono to-

MARIA DAGMAR

tal e repelente, calcando o grito de sua consciência cristã e os brados de sua alma de mulher que nascera para ser feliz, como nascem todas as mulheres e todos os homens, mas que não o foi porque a vida ainda é presa fácil às mãos dos egoístas e maus e porque os homens, no egoísmo irrefreável de seus apetites mesquinhos, vão destruindo — quantas vezes, quantas, por méro capricho sexual! — a santidade dos sentimentos femininos.

Nesta novela magnífica do grande e inigualável Bruno de Menezes, mestre da geração intelectual à qual pertence, sente-se que a Dagmar que ele criou é igual a todas as outras que nós encontramos diariamente nas ruas de Belém ou de outras cidades, que nós possuímos e abandonamos sem nunca procurar conhecer o quanto de nobre exista na mentira dos gestos que ela usa para facilitar nossa conquista.

Verifica-se sem esforço, bastando apenas sentir, que o homem ainda é o único responsável pela desgraça da vida e pela desventura dos destinos humanos, porque somos nós que, para a posse de um minuto de prazer efêmero, arruinamos com todos os sonhos da mulher, manchando seu destino, sem também, por causa do nosso egoísmo, conhecer a tranquilidade de uma ventura completa.

Bruno de Menezes, poeta do Altar da Beleza, como o classificou o não menos brilhante De Campos Ribeiro, realiza nesta novela um estudo apurado, consciente, dos dramas humanos que atualmente afligem todos os cantos do mundo.

A novela de Bruno deve ser lida com os olhos da alma e, para melhor senti-la e analisá-la, devemos sobre ela debruçar toda a emoção de nossos sentimentos, para podermos, ao fim, compreender o fundo moral que a reveste.

Ajoelhemos nossa emoção que Maria Dagmar vai passando por nós...

MARIA DAGMAR

Criatura invejável essa Maria Dagmar! Opulenta de físico, perfil suave e simpático, olhos maiúsculos e brilhantes, em negrimes de noites de naufrágios. Colo amplo, seios levantados, boca expressiva no riso alente, que lhe mostra os dentes puros. Cabelos fartos e trevinos, lindas mãos de escultura. Mulher que vem ao mundo para atrair, entontecer, cumprir os determinismos de sua sorte.

Desde virgem e púbere, em maravilhosa eclosão feminina, ostentando proeminências de ancas arqueadas, em vigorosos movimentos cadenciados, Dagmar, em devaneios de moçoila romântica, sonha pertencer a alguém, digno e viril, que a ame além da vida e fique o único, o senhor, o donatário de seu corpo e de sua alma.

Não passa sem os seus namoricos ingênuos, com rapazolas imberbes, respondando missivas amorudas e enfebrecidas com trechos pastichados do "Conselheiro dos Amantes".

Alfabetizada nos cursos elementares, lê o catecismo, o "Adoremus". Fêz a sua primeira comunhão, com véu e cachos no cabelo, na ilusão de que fôsse de fato uma das noivas do Senhor. Teme a Deus e se humilha em místicos fervores ao pensar nas sentenças da Suprema Côrte Celeste.

Com uma voz harmoniosa e cheia, canta em novenários e vésperas festivas, no côro da capela de seu subúrbio, hinos a Jesus e a Maria Santíssima, sobressaindo entre as companheiras, não só pela sua figura e as pernas regularmente proporcionadas, como também pelos dúbios "Amen" que lhe fluem dos lábios rainunculados.

Ela mesma aprecia as tonalidades de sua garganta argentina. E quando solfeja límpidos trechos, os donzéis que lhe fazem atalaia porfiam em aplaudir os seus "alegros", julgan-

BRUNO DE MENEZES

do escutar o nome de seu amor de esquina, ou de algum menos tímido que a acompanha depois da missa.

Aos dezesseis anos arredonda-se em mulher vistosa, de grande estampa, torna-se apetecível e extasiante, desde a aveludada coloração das faces, revelando-se tentadora, no quebrado móbil da garupa, ciliciada, por birra, em roupas leves, que mais exasperam os olhares da turba. Fica uma dessas ovelhas nédias que acirram o faro corruto dos lóbos sociais que vestem calças. E um dos ditos, aguçando dentes famintos de suas formas, surpreende Dagmar no seu redil de pobreza.

A princípio, ela resiste, emaranhada em tolos escrúpulos. Não lhe é muito à feição o tal sujeito. Acha-o grosseiro, materialista, com uns olhos congestionados e cúpidos.

Continua vivendo assim, num labor satisfeito, escudada na ternura de sua precavida avó, na solicitude de uma tia devota, sem mais pretensões a matrimônio, na preciosa amizade de uma irmã mais jovem, no zelo convencional de um irmão proletário e musicista.

Dagmar torna-se a flôr dos encantos de todos. E tamanho é o prestígio de sua graça, de sua juventude, que, na barraca modesta, com registros de santos pelas paredes, da sala aos quartos, da Ceia do Senhor na cozinha-de-jantar, os dias amargos passam com alegria e otimismo.

Mas o homem apareceu. Vulpino e arteiro, percebe que as quatro sofrem, heróicas e dissimuladas, vexames de dinheiro, de falta de remédios, de comida, de roupas, contando com os alugueis da palhoça em atraso. Então êle aperta o assédio. Reune em conclave os seus instintos. Urde planos resolutos de assalto fulminante à cidadela, imiscuindo-se na camaradagem das velhas, vigilantes de Dagmar, que seriam as únicas a alimentar o viçor daquela esperança de noivado, de casamento, com sorrisos fáceis e acolhedores.

O irmão não toma defesa e nem se apercebe do cerco da praça.

O homem abre mão a dar mimos a Dagmar, como um príncipe lendário. A não fazer caso de cédulas. Põe tudo à

MARIA DAGMAR

disposição daquelas necessitadas, com ares de filântropo desinteressado. Sabe que elas não têm protetores nababos, mantendo, sabe Deus como, uma linha ridícula de conduta. Só ambiciona um troféu — Maria Dagmar — segredo que tranca consigo.

Artiloso e sagaz, começa a ir buscá-la à saída da igreja. Sempre que visita a desejada, manifesta sentimentos generosos, tornando-se, por êste meio, um pouco simpatizado por ela.

Mas a deflagração dos explosivos sentimentais crepita em voragem de chamas, e Dagmar se vê envolvida nos vórtices de fogo e fumo de uma paixão instável e calculada.

O que havia de se dar chegou fatalmente. Insuladas entre quatro paredes, elas sofriam aberturas medonhas, com dívidas a pagar, enfim, todos os elementos contrários, que preparam, sinuosos e magnéticos, a queda de quantas mulheres. Dagmar chega à conclusão disso mesmo e não sabe o que fazer, o que deliberar.

O homem vai se fazendo de casa. Inicia o plano premeditado, arranjando consentimentos chorados para Dagmar ir com êle, em companhia da irmã, ver troupes de debutantes em teatros de feiras. Consegue licenças para assistirem no cinema do bairro a êste ou àquele filme. Não custaram a vir os passeios noturnos, as ceias nos bares, com músicas e cantoras, de onde voltam de auto, divertidos e contentes.

Por vèzes, as horas avançam e a avó e a tia se inquietam, ficam à espera, que nem sempre a irmã guardiã acompanha o casal, quando se tornam mais produtivas as astúcias estrategistas à honra débil de Dagmar.

Quando sucedeu o inevitável e Dagmar se rendera à insistência do homem farejando-a, perseguindo-a, impelindo-a para o abismo, as velhas, mais a irmã, deixaram-se conduzir em galeras de ouro vogando em azuleos mares de lenda, entregues pacificamente aos fatos consumados.

Erguem braços votivos ao conquistador, que finalmente

BRUNO DE MENEZES

consequira com arte os seus intentos de felizardo. Afinado em requintes de sibárita, êle se torna o responsável pela casa, instala Dagmar de tal jeito, que os vizinhos invejam o luxo da mulher sacrificada por uma armadilha do destino.

A iniciada vê mexas fartas, louças finissimas, cristais legítimos, pratas lavradas, móveis de alcova com penteadeiras de bom gosto. Sua toilette apresenta uma variedade sem fim de perfumes, de pastas, de cremes, de pós-de-arroz, de rouges e brilhantinas. Que porção de bibelots, de pucarinhas, de miudezas! A barraca se transforma num céu aberto.

Dagmar veste sedas marulhosas, usa modelos roçagantes. Vai às récitas de assinatura, em camarotes de primeira, que o homem possui um fraco baboso, não tanto pelo teatro, mas pelos decotes, as coxas e pernas das coristas bonitas.

Gosta de mostrar o "belo animal" que domara com o seu dinheiro. E Dagmar tem os dedos engastados de anéis valiosos, o vale do colo pontilhado de colares lácteos, usa brincos exóticos, que lhe dão aparências de indígena dos mares do sul.

O perdulário paga tudo, pois ressarce com ágio, gozando a carne moça, resistente à pressão queimosa de seus dedos, do pujante corpo de Dagmar, completamente dominada.

Como num lance teatral, ela não ama o galã vitorioso que a seduzira com tantos artificios. Tolera-o, aceita-o como a um ser de mistério e bruxedo, que lhe dá conforto, lhe faz as vontades, adivinha os seus desejos, cobrindo-a com mimos dengueiros. O seu verdadeiro príncipe não havia aparecido...

Diante dêle, na intimidade do leito, não sente estremecimentos nos seus abraços, os seus beijos ávidos e frenéticos não lhe tomam os sentidos. Qualquer cousa lhe segreda que aquilo não é o que ela esperava, não há de durar sempre. Entrega-se inerte, passivamente langue, sem outros arruobos, levada apenas pela atração de ter alguém de outro sexo partilhando a sua cama. Tudo quanto faz, não vem do íntimo, não brota de sua sensibilidade; de seu psiquismo amoroso, que seria como harpa tangida se o amante entrasse no seu coração,

MARIA DAGMAR

se houvesse mutualidade no prazer. Não experimenta desmaios de nervos eletrizados, de plenitude, mesmo nas culminâncias extremas como no caso de satisfação em ser possuída.

Na ausência do homem que a sequestrara, Dagmar se perde em pensar na condição a que chegara. Os vizinhos, as amigas da família, vendo-a assim instalada, lhe gabam a chance e aproveitam as oportunidades para pedir emprestado utensílios de cozinha, pequenas quantias em dinheiro, a sua sombrinha moderna, até um pingo de seus caros perfumes. A avó, a tia e a irmã vivem radiantes, o irmão lhe toma os "aluminios" para gastar nos dançarás.

Dagmar, mesmo neste estado de euforia, julga-se inferior, sacrificada, porque não encontra a "afeição legal" que esperava e sente que aquilo é a compensação de sua florida mocidade. Não casara, que seu sonho seria amar a alguém, mesmo pobre, mas seu, pelo menos com a bênção do padre. Não como está pecando, e não tem ânimo de se preparar espiritualmente para confessar o seu erro, como lera nos livros de missa e aprendera nas aulas de catecismo das beatas desiludidas.

Não tivera a dita de ser espôsa, pois terminara amásia, se àquela ligação podia se dar êste caráter. Para desculpar-se perante si mesma, interroga-se nêsse sentido: que prejuízo lhe adviera? Fôra a primeira que havia chegado a êsse estado? E as que ficavam por aí, ao léu dos fados, sem um amigo que as quisessem como responsável, mesmo temporário? Ela não. Ainda assim deita-se em colchões macios, veste roupões de cetim, bordados de florões bizarros, que realçam os seus braços nus. Calça pantufas de seda, como as odaliscas, banha-se com loções feito água, de modo que a sua epiderme, os seus cabelos trescalam ao vento.

Os seus haviam encontrado a felicidade ambicionada, refastelando-se com manjares opíparos, têm um teto para morar, que o homem, para melhor se impôr, comprara em nome de Dagmar o seu ninho de amor. E as outras? Tantas que

BRUNO DE MENEZES

começavam ostentando fortunas de escândalo, exuberantes enquanto novas e depois morrendo como indigentes, com passagem pelos aloucos e enxovias, corpos enregelando-se nas morgues, retalhadas, expostas às necrópsias dos estudantes cirúrgicos?

Só ao homem não preocupam essas conjeturas. Não se dá conta das nuvens de melancolia que escurecem a alma de Dagmar, distanciando-a d'ele e do seu insopitado desejo. Interessa-o entoar cânticos purpúreos e pagãos em cada beijo fruído naquela bôca. Acariciar êsses seios núbeis, agradar a mulher, como quem o faz a um cão, a um cavalo de estimação. Dagmar, num torvelinho, debatendo-se nêsses complexos, evolue em formas, ganha detalhes plásticos, que não se notavam anteriormente. Os seus dezoito anos sazonom, e as solicitações sexuais que mais tarde a marcariam para sempre fazem-na mais mulher.

Nascera fisicamente para êsse evoluir na cama. E então, industriada por uma brejeirice especial, exsurge sedosa, meiga, envolvente, submissa ao "seu homem", sabendo pedir-lhe o que deseja com uma doçura de criança mimosa. Sua preocupação seria devassar-lhe os pensamentos recônditos, conhecer-lhe as preferências, penetrar a essência daquilo que êle mais ocultamente ambiciona. Ah, que singular encanto, ela acha em prevenir aos de casa: — Vamos esperá-lo... Jantaremos todos juntos... Êle não tarda...

E' que um presságio agourento lhe diz que o homem não é constante, que precisa cativá-lo, dando-lhe superioridade de ação, como se todos dependessem d'ele. Seu coração segredalhe que a bonança é efêmera, que o amor assim carnal não tem a consistência que ela espera.

De uma feita falara nisso a uma velha amiga, aposentada do falso meretrício e esta lhe dissera cousas incríveis dos homens, recomendando-lhe cautela, que êles, assim como dão a mãos largas, também lançam em rosto as suas oferendas, mal o seu capricho por esta ou aquela mulher vai acabando.

MARIA DAGMAR

Dagmar guarda êstes conselhos e teme. Porém é tôda satisfação, natural ou fingida, quando escuta os passos fortes, do homem esperado, entrando os batentes da casa amiga e próspera.

La veio uma fase da lua em que desconfia, assustadiça, teria de pagar o seu tributo à maternidade sublimante. Mau estômago, tonturas azuinadas, ligeiros desmaios, paladar pedindo frutos acidulados, uma salivação permanente e aborrecida. O cheiro das axilas do homem causa-lhe engulhos. Tem desejos esquisitos, como roer as unhas até à raiz, comer um bife sangrento cortado dos bíceps do amante. Mostra uma irascibilidade assustadiça.

E o homem, egoísta e alvar, ao vê-la no apogeu da fecundidade excelsa, apenas acha-a de quadris mais redondos, os seios viçosos e pétricos, as suas curvas salientes, denunciando a gravidez. Aconselhado pelas velhas traz rebuçados para os antójos, receitas deervas para chás antissalivosos, que as "experientes" ensinam.

Aos seus olhos enflora-se mais excitante a mórbida satiriasse com que esbanja o corpo de Dagmar, que antes, já bocejos sonolentos amolentam-lhe a vontade na intimidade do quarto em penumbra. Também ela, talvez por tara sanguínea, ou lá por que seja, não denota, não se mostra arroubada nas sensações delirantes. Contudo, por intuição sexual, na aprendizagem de bacanais desabridas se amestra em beijar com lascívia, com sucções libidinosas, cerrando os cílios, se abandonando inteira, num histerismo anormal, que enlouquece o homem.

Dagmar, nestes instantes, se desconhece a si mesma. Sua volúpia seria estrangular o conquistador, romper-lhe as artérias, furar-lhe a carne a lentas e intermináveis picadas. Conquanto não seja dessas mulheres que irradiam sensualismo, Dagmar não é totalmente fria, mas seu desejo não reponta em rigidezas de túmidos mamilos, em suspiros morrentes, —

BRUNO DE MENEZES

ou melhor — não encena aquilo que não sente. Seus frêmitos cegantes (se este é o termo) na luta luxuriosa com o homem ardente, entre os lençóis alvejantes, as fronhas fôfas, em que ela desvela a sua nudez estatuária, não têm gritos nem lamentos.

O futuro pai não quer saber de psicologia feminina: se envaidece apenas do ente amado que Dagmar frutificara no ventre. Que fútil orgulho em se ver continuador da espécie no pequenino ser que em breve nascerá! — Um filho ou uma filha? — pergunta êle, todo enternecido, nas tréguas dos esgotamentos, para Dagmar.

Ela sorri, responde-lhe com um afago, a ajeitar a cabeleira desfeita, a vestir a camisa, a se compôr, como que envergonhada da inconsciência do que fizera. Porém pensando em ser mãe, respira a beleza gloriosa de existir.

Fazem-se as encomendas para o anunciado prestes a vir. Quem sabe se não será um intruso? Dagmar costura, ponto a ponto, augurando lindezas querubíneas para o futuro enlêvo de suas horas, o lindo enxoval, branco, róseo, azulescente, com laçarotes e rendas. Que adianta não amar entranhadamente, apaixonadamente, o homem que a fecundara? Bem que poderia ter sido o seu príncipe... Idolatra, sim, antecipadamente, o germe que estremece, que virá à luz, como uma aurora vital nascendo de suas entranhas.

E nessa disposição de espírito, passados os aborrecimentos da gestação, canta estribilhos soltos pela casa, agrada com festas e carinhos o seu gato felpudo, estala beijos aos molhos para o canário que o homem lhe dera de presente.

Com a deformidade operada na sua elegância, Dagmar se excusa de ir aos lugares que habitualmente frequentava, acompanhada pelo amigo. Manda fazer vestidos de largos panos, para disfarçar as proeminências da gravidação. Entretanto, graceja com as pessoas de casa, ri, em triturgens timpânicas de cristais que ruissem.

Preocupa-lhe a miude o caso insólito de ser preciso parar nos hospitais. Experimenta sobressaltantes receios, uma

MARIA DAGMAR

ponta desalentadora de covardia, de temor da morte. Se o parto fôsse difícil? Vem-lhe à mente uma parturiente, nos seus tempos de donzela, que morrera com a criança "atravesada". Outra que fôra preciso tirar o filho aos pedaços, para salvá-la, e que depois pegara uma tal magreza, que acabara tuberculosa. Isto as que se recolhiam às Maternidades. E as que se entregavam às parteiras e "comadres", que tinham as dôres lavando roupa na beira das tinhas? Algumas que nem possuíam forças para "ajudar a naturêza", de tão fracas que estavam, de trabalhar, de cozinhar, de mexer as panelas de comida, com que subnutriam a si e aos filhos numerosos? E as que não eram casadas, as que o "seu homem" vinha auxiliá-las, ajudá-las, no ato gestante, a botarem no mundo um serviçal?

E se a criança não pudesse nascer naturalmente? Só uma intervenção, com fórceps e o mais. E seria viável, viveria, escutaria os tênues vagidos do sêr sanguinolento que ela lançasse ao mundo? Perde-se em dúvidas, em receios torporizantes. Conta-lhe isso, ao que seria pai e que talvez nem desse o nome ao seu filho, fala-lhe dos seus justos temores. Então o empavonado, com ares de mofa, socca-a, afasta-lhe do pensamento êsses presságios, e enlaça-a com fúria, enquanto as bôças de ambos se colam, na exaltação do sangue em estos.

Satisfeito o seu desejo, o homem sai, (agora raras vêzes fica) e vem para os bares, para as pensões de mulheres, dançar o seu tango, matar o seu vício, ao passo que Dagmar se queda nas suas cismas angustiosas, revolvendo-se no leito, apavorando-se sem saber de que e gritando pelos de casa.

Não adiantou nascer perfeita a criança. Viveu algumas horas, sem chorar alto, denunciando sinal de vida. Era uma robusta menina, amorenada como a parturiente, traços afilados como os do pai. A desgraça de Dagmar foi a criança não sobreviver ao nascimento. Seria o elo dourado a algemar o sedutor à sua pessoa, ao seu sentimento carnal por ela.

Dagmar entristece. Desiludida, repara no seu quarto de luxo do hospital, que custa uma diária fabulosa.

BRUNO DE MENEZES

Para que tudo aquilo, se de nada vale em comparação à má-gua de não criar "sua filhinha"? A enfermeira colocara o corpinho da criança junto dela, para lhe despertar os doces carinhos da maternidade. Ela sente os seios apoiados, que a boquinha nascitura sugaria. Vestiram-lhe um robe amplo, que lhe realça os braços, que lhe mostra a concavidade do colo. Não lhe deixam perceber que a criança morrerá. Levam o "anjinho", antes que ela desperte do sono em que se engolfara, depois da exaustão do parto. Mais tarde, quando pergunta pela filhinha, a enfermeira-chefe, consolando-a, com a freira encarregada daquela classe de senhoras ricas, lhe dão a notícia consternadora.

Apesar de seu estado não inspirar cuidados, aparece-lhe uma febrícula, que vai aumentando, depois de algumas horas em que tudo corria bem. A febre tem alternativas de preocupar o médico. Com o tratamento adequado, é debelada a causa. Dagmar melhora, entra em alviçarcira convalescença. Seu organismo reage, com a exuberância de sua mocidade.

O homem, que a internara no hospital como uma sultana, para não se comprometer pedia informações pelo telefone. Pagara dez dias adiantados do quarto esplendoroso. O médico seria com ele. E quando Dagmar "esperava a hora", enche-lhe a mesa de cabeceira de guloseimas, de frutas de outros climas, de biscoitos incomuns, recomenda à enfermeira, às criadas, que tenham atenções com a moça do quarto X, — o que fazia prever generosas gratificações.

Em radiosa manhã de sol, asas ruflando nas mangueiras e nos beirais, a rua atarefada com os seus problemas, Dagmar deixa o quarto branco, onde registros de santos olham impassíveis as dores maternais e um cortinado pendente dá jeito de móvel aristocrático ao leito hospitalar.

E quando Dagmar entra no automóvel que fôra buscá-la com a irmã para acompanhá-la, expressa o seu agradecimento aos que cuidaram dela, com um acenar de adeus, um sorriso gentil, que lhe realça os dentes magníficos.

MARIA DAGMAR

Suas parentas continuam satisfeitas. Ao irem visitá-la no hospital extasiavam-se ante a majestade do quarto, comem das finas iguarias que ela malmente debicava. A tia está nédua, a irmã nem se lembra que era pobre, a avó deu de usar uma cara de quem não dá confiança à bôca do povo. O irmão toca e se diverte nos forrós.

Voltando à casa de outrora, Dagmar não seria mais (quem poderia adivinhar?) a mulher que desperta inusitados desejos. O homem começa a arrefecer o entusiasmo, achando-a banal, vulgaríssima, daí por diante. Com a natural percuciência feminina, ela sente essa frieza, essa negligência, êsse menosprezo, que a preocupa e irrita. Tudo provinha de parte dêle, que até então não a deixava socegar com o ardor insatisfeito de seus amplos. Por que acontecia aquilo, Bom Jesus dos Aflitos?

A sombra de outra mulher se antepusera aos olhos do homem inconsciente. Ele se deslumbrara e se perde em fantasias de enamorado. Dagmar desconfia que êsse alheamento só poderá ser paixão. Ela, em cousa alguma, se acusa de infiel. Recebe-o como sempre: assada, cheirosa, fisionomia primaveril, beijando-o como êle gostava nos bons tempos. Que teria acontecido para aquela brusca mutação? Dagmar se convence de que é mulher a razão dêsse mistério. Espera, resoluta e apática, os resultados a vir.

Transformações desconsoladoras vêm se operando em sua vida. O homem a fugir de seus braços e ela a precisar dêle como nunca. Torna-se novelesca a sua existência.

Nesse ínterim morre-lhe a avó sexagenária. O irmão, envolvido num processo de sedução, casa com uma pequena paupérrima, erigindo as fracas pilastras de um lar. Felizmente, que o homem aventureiro, para felicidade dela, ainda não abandonara de todo a casa, quando a velhota cerrou os olhos, com uma cera pálida entre os dedos, um punhado de escapulários e bentinhas pendurados do pescoço, um cordão de São Francisco cingindo-lhe os rins, como a êsses taumaturgos sertanejos.

BRUNO DE MENEZES

Parece a Dagmar, que com o falecimento da velha, o homem sente remorsos, ou fica penalizado de abandoná-la. E voltam breves horas ditosas, em que a imaginação do incontentado lhe sugere ao estar junto a ela, disputar favoritas insaciáveis, em alcátiças balsâmicas, de serralhos de sonhos, aspirando resinas odorantes, bebendo néctares afrodisíacos.

Novamente as noites de estelários e céus bonançosos. Seriam as resas de Dagmar, a influência tutelar da morta? Ela devia ser agradecida, pois fôra à sua viagem dos Sete Palmos vestida em hábito de Santa Marta, com dois ônibus, um padre, automóveis, comissão da irmandade franciscana, carro de primeira classe, um caixão roxo, vistosamente agalado, até cores saudosas pendendo do côche fúnebre.

Todavia, Dagmar não anda contente. Malagoura-lhe aquela visita da morte, logo depois da criança, da qual nem assistira o sepultamento, como o da avó, com uma braçada de flôres para a sepultura. A sua filhinha merecia as lágrimas que vertera, pois era um tesouro que o Senhor lhe arrebatara.

Auguram-lhe um mau sinal êsses lutos, no coração e na alma, que o exterior pouco ou nada lhe preocupa. E o homem, sémanas depois, delonga, espaça as visitas, as estadas com ela, mesmo passageiras. Deixa de se interessar como dantes pelo sustento das bôcas que antes mantinha, até que Dagmar compreende ter de cuidar sôzinha de sua vida, cousa que jámais fizera.

O vulto da mulher-miragem não abandona as cismas do homem insatisfeito, engolfando-o em alucinações de hipnótico, em alheamentos de quem anda noutros mundos.

Dagmar observa-o silenciosa, entregando-se sem entusiasmos, quando êle a procura para o amor. Seu coração não lhe mentia, seus pressentimentos cada vez mais se comprovam. Agora, o amante chegava, fumava um cigarro, dizia-lhe quatro palavras, sem fazer referência aos de casa. Aquela indiferença feria fundo a alma de Dagmar. Se fôsse casada, pensava, teria direito de armar escândalo, de alegar que êle é quem se intrometiera em sua vida, que a iludira com as suas artimanhas. Mas, na situação em que a colocara, que imposições legais existiam para reprovar o seu proceder? Ele poderia lhe jogar em rosto tudo isso, rebaixando-a ainda mais. Verdade é que êle a infelicitara sem indagar cousa alguma, sem se interessar pelo que acontecesse com aquêle ato. Dagmar também nada lhe dissera, nada exigira como reparação de sua honestidade. De quem seria a culpa? Que adiantava ser de menor idade? Com êstes argumentos meio cínicos, o homem se justificaria do quanto houvera acontecido entre êles dois. E se provocasse um barulho, um aranzel desabrido, ameaçando envergonhá-lo na rua? Lembra-se de que o homem tem amizades com pessoas influentes na política, com gente de categoria na Policia. E a vizinhança, as colegas que se dizem moças e sabem tudo o que as raparigas fazem? As casadas que enganam os maridos, que "acham dinheiro na rua"? Como gozariam com o escarcêu que fizesse, até com as pancadas que levasse. — Está em que deu a soberbia, a prôa que ela mostrava, porque o homem lhe dava tudo, lhe enchia a barriga e a dos parentes, — diriam os comentários das comadres.

BRUNO DE MENEZES

Dagmar perde o contróle de suas idéias, quando coloca o seu caso neste dilema. Dominando-se, porém, contra qualquer atitude reagente, vai superiormente contornando a situação, aguardando os acontecimentos, sem nada deixar transpirar, para não dar gôsto aos vizinhos, tidos como abissínios que apedrejam o sol que morre...

Resolve consultar o sobrenatural, que desvenda o passado, o presente e o futuro. Não tem uma sólida crença nesses seres predestinados para intérpretes do que não está visível aos nossos olhos. Contudo, procura cartomantes e videntes, adestradas em decifrar configurações de baralhos e seixos cabalísticos. Entrega a mão bem cuidada para lerem nas linhas em que a quiromância descobre cousas surpreendentes, o que lhe está reservado. Quer saber, para seu mal ou seu bem, de forma definitiva, o que o destino lhe reserva, o que o seu signo denuncia. Parece que ela está "carregada" de mais.

Confirmam-se as angustiosas previsões. Há outra mulher subornando o amor que ela julgara, (como era tôla!) jámais se acabar, como estava sucedendo. O homem-ventoinha atirava-se a uma rival, que surgira como novidade para êle. Dagmar compreende. Porisso é que êle bocejava enfartado, na digestão incômoda, daquêle prato comum, que agora achava no seu corpo... Fôra para saber aquilo que ela pagara algumas cédulas, que deixara revelarem a sua vida, que permitira a um estranho saber o que ela sofria, se é que seria revelação o que o seu coração, a sua sensibilidade, de há muito tinham feito com que ela adivinhasse? O negócio do namôro era sério. Apareciam simbólicas flôres de laranjeira, véus, grinaldas, um altar, e dourando o ambiente, uma criaturinha loura, sorridente, num casamento festivo. A vidência parecia um livro aberto, contando a história de sua desilusão.

Aparentando uma serenidade de mártir, Dagmar aguarda, impassível, o desencadear da tormenta, a fúria devastante do perigo iminente. Seria o que Deus quisesse...

O homem, de blandicioso, transforma-se em brutamontes

MARIA DACMAR

de circo. Exige, portas a dentro, absurdos exacerbantes. Dá para ingressar os batentes com uma carranca de sacrificador. Acha-se espoliado, roubado, extorquido, nos gastos que os parentes de Dagmar desfrutam. Antes, assim não acontecia.

Havia de ser ela a maior vítima, porque, nisso tudo, traz de rastos o seu amor próprio, para alcançar o homem extrañado, que outra mulher desnorteara, com quem talvez estivesse prestes a casar. As cartas não haviam descoberto?...

Dagmar conhece do amásio o temperamento mulherengo. Porém nunca se preocupara com esta modalidade em seu proceder, porque êle parecia querê-la com ardor, da forma animal como sabemos.

Rufião e peralta, compraz-se em oferecer ceias estúrdias, onde bailarinas tiravam as roupas íntimas, tremelicavam as espáduas e os seios, trepavam nas bancas, impudicas e inconscientes, estorcegando-se em rumbas lascivas e nervosas. Bródios em que bebiam champanha de bôca unida a outra bôca, ou deixando o líquido escorrer do colo para o ventre, tinindo, quebrando taças, cantando sordices em voga, aos gritos histéricos, como ninfas perseguidas, para melhor acirrar a gula sensual dos convivas.

Conhecia, detalhadamente, o estôfo moral de seu amante. Mas evitava alertá-lo, temendo perdê-lo, e mesmo porque sabia ser inútil reclamar uma fidelidade ridícula. Mulher sem pieguices para tresvariar de ciumes, com lágrimas enervantes e desabafos inconsequentes, Dagmar perde a memória dessas cenas e se fica na florida ilusão de manter a seu lado o homem esquivo, que tanto se demonstrara cioso de seu corpo, deixando-a amolentada e exangue com a bruteza de seu amor selvagem.

Que lhe importam aquelas boêmias e estroinices?

Finalmente, rebentou medonha a borrasca, coriscando em fulvos relâmpagos de cólera. Após humilhantes alegações, o homem se nega, daí por diante, a concorrer com a despesa diária, a pagar o mesquinho consumo de água e luz da barraca. Que se arranjassem, súcia de espertalhonas, corja de parasitas! Que o malandro do irmão não mais o procure com la-

BRUNO DE MENEZES

mentações e pedidos de dinheiro! Que vão trabalhar, não vissem à sua custa! Piratas duma figa!

Estava aí o epílogo, o cair do pano, no drama de amor de Dagmar.

O homem diz o que quer, e abandona definitivamente a casa, com tais insultos e menosprêzo pela mulher que re-negava. Dagmar fica só, sem prantos nem gritos inúteis. E o homem se vai, como antecipara a vidente, a desposar a outra, por conveniências e bens de dinheiro, o que mais loucamente o fascinara.

Abroquelada num orgulho de destemida, Dagmar não tem um gesto sequer, que tráia o seu desespêro, uma palavra de reproche ao procedimento do homem.

Estranha criatura essa. Vê-se abandonada, sòzinha, repudiada, sem um arrimo, com a tia e a irmã no seu encargo, sem saber como lhes daria de comer, de vestir, de calçar, e se deixa ficar impassível, enquanto o causador de sua desdita parte, a se consorciar com a mulher que econômicamente lhe convinha. Nunca pensara pudesse isso lhe acontecer um dia.

Com quem contar agora para mandar ao mercado, ao merceiro, para fazer as despêsas da casa? Só se vendesse as porcelanas, os completos da alcova, da sala, as roupas de cama, alguns vestidos pouco usados, se penhorasse as jóias que êle lhe dera.

Pedir emprestado, isso não; antes morrer à mingua. E todos esperavam que ela resolvesse, pois até a irmã deixara um emprêgo no comércio, ao tempo em que as vacas estavam gordas, com as sobras dos beijos de Dagmar.

Que terrível lição lhe davam. Seria que o desalmado não se lembrava de nada, dos momentos em que lhe dizia tantos madrigais, em que jurava viverem eternamente juntos? Tudo fôra a criança não ter vingado. Senão, como êle programava, "criariam seus filhinhos", ela sempre bonita, com o vigor da fecundidade, êle amoroso, sincero, exclusivamente dela.

Teria de mudar-se breve, que os vizinhos só faltavam rir-lhe na cara, uma vez que não podiam mais utilizar-se de seus préstimos, de lhe tomar emprestado as cousas. Precisava angariar manutentes recursos de subsistência, que as duas já andavam enfarruscadas, porque a despensa se esvasiara e a fome começava a rondar na cozinha.

BRUNO DE MENEZES

Dagmar tem de sair à rua, afileando ao rosto uma naturalidade venturosa. Primeiro pensa em providências amigáveis de amigas a quem servira com prestativos favores. Sabe de algumas que têm os "seus pontos", que frequentam quartos suspeitos, muito à sorrelfa, para não serem expulsas dos clubes chiques, das reuniões da falsa sociedade, quando se tornassem vulgarizadas as suas entrevistas, com que supriam as suas necessidades.

Essas, sim, não haviam caído à sua maneira, não iam nas lórias dos homens endinheirados, como lhe acontecera. Espertalhonas, precavidas, não se deixavam engravidar, usando outros meios de agradar àqueles, que fingiam não conhecê-las, depois de passarem com elas horas seguidas de secretos prazeres. Estava nisso a defesa delas, que pareciam de uma inocência angelical, de uma ingenuidade de noviças e nem sombra desses sentimentos possuíam.

Poucas foram as que serviram a Dagmar, na situação em que a pobre se debatia. Ela se decepçiona de uma vez. Prefere morar de favor, com uma companheira que a conhecera na fase áurea. Não quadra com o gênio dissolvente da cunhada, sentindo-se coagida a recusar a hospitalidade tardia que o irmão lhe oferece, quase como uma esmola. Sorve até às fezes o seu cálice mortífero de amargura. Tremenda provação a sua, Nossa Senhora das Dôres!

O enxame dos zangões fesceninos entra a volitar em torno à sua pessoa. Zumbem descaradas propostas: — Te dou isto, mais aquilo outro... — Tu dizes o que queres... Prometiam céus estrelados, luas românticas, a trôco de gozos passageiros. Dagmar negaceia. Já está na lama, mas não quer descer assim bruscamente. Não espera aviltar-se tanto. E como carece de amparo, de proteção, de amizades altruísticas!

Desabituar-se da máquina de costura, de que vivia, antes do homem cortejá-la. Nem mais no côro poderia cantar, para receber no fim das novenas uma gratificação dos frades. Que teriam comentado, que teriam dito as moças cantoras, que tanto gostavam dela? Vê-se no meio das companheiras,

MARIA DAGMAR

cantando a sua parte, o órgão desfiando as notas espiritualizadas, dos salmos dolentes. E os benditos, os Glória Padre, as Ave Maria, os Amen... Ah, se ela pudesse voltar a esse recinto, como sua alma se confortaria, como seria um lenitivo aos seus sofrimentos! Queria aspirar novamente o cheiro santificado do incenso, ouvir a campainha na elevação do Santíssimo. A música do órgão parecia de uma espiritualidade total, quando ela comungava, e vinha de olhos baixos, o véu branco aconchegado ao seio alterado, rezando.

Não, na igreja dos frades não iria. Embora não fossem todas, algumas suas ex-amigas lhe voltariam a cara ou fingiriam não conhecê-la. Dessa igreja, seria expulsa como um cão pelas convenções arbitrarias, apesar do Templo do Senhor ser de todos os seus filhos. Pesava um labéu sobre ela, maugrado o perdão que o Divino Mestre dera à adúltera. Uma donzela, quando perde a sua pureza, não poderá mais cantar no côro das igrejas. Quando muito, passará a tirar ladaínhas nas festividades de santos dos subúrbios.

Contudo, Dagmar, com um rótulo de empréstimo vai passando como pequena ajuizada, um tanto esquiva a exibições, embora fosse mulher livre e irresponsável.

Por que não aparecia um filho de Deus que a quisesse sob determinadas condições, com dias marcados para o amor, dando-lhe mensalidade? Havia tantos nêstes casos... Respeitáveis chefes de família, que têm mulheres por sua conta, com relativos compromissos. Os que lhe aparecem querem apenas refocilar no seu corpo, não se interessando que ela participe do prazer ou não, contanto que paguem e saiam como quem satisfaz uma necessidade entediante. Dagmar não tem feito para esse comércio, assim às escâncaras, tão ínfimo e degradante, no seu ponto de vista.

O seu calçado não está muito decente; as meias, impreatáveis; os vestidos, batidos demais; nem jóias tem para realçar os seus encantos. Vendera tudo quanto obtivera algum preço, para comer, para ajudar as parentas, que ficaram hóspedes do irmão.

BRUNO DE MENEZES

Então, — considera — o paraíso florente do amor cifra-se nesse contacto breve, na paixão momentânea, em delirantes aplastias, procurando o homem a mulher para um fim que lhe seria de arrependimento e até de nojo? Então é atirar-lhe uma cédula, como quem paga um jantar, e sair fumaçando charutos aromáticos, todo lampeiro, aliviado, satisfeito consigo mesmo? Dagmar se entristece diante da realidade dessas torpezas.

E ela, Senhor, que se contentaria com pouco, sem impertinências abusivas, sem explorações descabidas, contente com tudo, consentindo mesmo, na sua bondade e temor do mundo, que outra mulher partilhasse do amor de "seu amigo", como poderia ter acontecido, se o homem que a abandonara, para se casar e esquecer-la, lhe propusesse este acôrdo?

Acredita-se vítima de um fadário imerecido, julga-se espraquejada sem causa, sequestrada no seu exíguo quinhão de felicidade, que cada qual, na vida, goza a seu modo e só a ela não cabia êsse miserável direito.

Dagmar arrasta essa existência de ergástulo, quando auroreia no horizonte de seus infortúnios um sol dos seus primaveris amôres. Fôra dos idos em que ela cantava no côro e não sabia escrever cartinhas sem o "Conselheiro dos Amantes".

Circunstâncias fortúitas proporcionaram êsse encontro. Fazia um luar tão dormente, assim como andava a alma de Dagmar, na primeira noite em que foram reiniciadas as conversas no portão, com o tal que enchera os seus sonhos de virgem.

A rua parecia cansada do ganha-pão de seus moradores:—lavadeiras, cozinheiras, embarcações, estivadores, funcionários públicos, meninos mercantes de frutas, de doces e "tapiócas", anunciando o que vendiam em pregões agonizados. Uma solidão de rua esfalfada se espalhava no quarteirão inteiro, que o luar lavrava de mortalhas da Misericórdia. Uma lua imaculada desceia as suas graças consoladoras pelas coberturas de palhas e zínco dos casebres, velando aqueles corpos fatigados tomados pelo narcótico do sono. Um dormir sobressaltado, o dessa gente, com pesadelos de assombrados, choros de crianças desnutridas para chuparem seios murchos. Tosses de brônquios se desfazendo, gemidos reumáticos, respirações asmáticas ansia-das. Em certos quartos, aglomerados pais e filhos, o amor da pobreza procriando. Uma prole infortunada se fazendo nos suspiros de um gôzo sufocado.

A rua ficava solitária como se sentia Dagmar e ela não sabe se isso vem de si própria, ou da aventura que se prenunciava, enquanto passavam retardatários como sombras macumbeiras fazendo "despachos".

As conversas se sucedem intercaladas de silêncios esgotantes, que deixam perceber o ladrido dos cães tão famintos quanto seus donos, ou os seus ganidos cortantes, ao roerem as bichei-

BRUNO DE MENEZES

ras das patas. Distingue-se o canto augural de corujas "rasgando mortalhas", ou então gargarejando nas ruínas das palhoças desabitadas.

Dagmar quer se expandir, rir de bom grado, mas não acha jeito. Assim mesmo o homem foi aparecendo, com ares de amigo, esquecido do passado.

Ignorando o que sucedera, os transe que vinham atormentando a infeliz, o homem julga Dagmar inviolada, mesmo porque ela não demonstrava êsses modos licenciosos que marcam e identificam a mulher que aluga o corpo. Esse amor tivera uma história entre êles dois.

Ela rememora tudo. Houvera um quase noivado, até uma aproximação das duas humildes famílias. Mas nêsse tempo êle fôra leviano, e ela, por um capricho, não fizera questão de que continuassem, depois de uma rusga de ciúmes. Acredita, todavia, que êsse homem deixara alguma impressão, alguma sensação inextinguível nos seus sentidos, nada obstante seus amôres haverem sido quase inocentes.

Dagmar se lembra das ladainhas em que dansaram e o namorado a enlaçara com força, num canto da sala, a ponto de-la sentir a rigidez dos seios comprimidos junto a seu peito. Ela tivera um rubor súbito. Revê as ocasiões felizes em que voltavam dêsses folguedos, com a irmã e outras moças, ela, "colada" com êle, um tanto excitada pelas palavras quentes que êle lhe soprava ao ouvido, acariciando-lhe as mãos e os braços, num convite intencional para o amor, que ela não sabia realmente onde começava.

Como seria diferente se tivesse sido inteiramente dêste, ali mesmo, no capim rasteiro do caminho, naquela noite em que tirara os sapatos, para caminhar mais à vontade e, sem saber como, consentira que êle avançasse além do que seria permitido entre namorados. . . Em determinadas razões, gostava dêle, queria-lhe um bem que não escondia. Ficava ciumenta por causa dos namoros, se descobria que êle os arranjava. Quem sabe se com êste não teria sido feliz, pois amava-o, e mesmo

MARIA DAGMAR

pobres, ambos trabalhando para o sustento do lar, tudo havia de ser um sonhar de venturas. Como se enganara com a fanfaronice dinheiruda do satanaz que a embriagara com os seus malefícios!

As visitas foram se sucedendo com mais assiduidade. E já se sentiam como bons amigos, confraternizados pelo antigo afeto, casualmente renovado. Desapareceram os zelosos ressentimentos que a ambos haviam sacrificado. Dagmar, entretanto, ainda teria de verter o pranto dos sofredores, com êsse encontro inesperado.

O homem recovendo, já na idade da experiência do prazer, reaparecia armado de singulares emoções para reconquistar os sentimentos de Dagmar. Imbuído de exotismos neuróticos, o homem se dava a leituras de livros nevrosados e aprendera requintes e violências de fauno ressureto, extravagâncias de saturnais desordenadas. Um cerebralista, um egoísta do amor, usando de intelectualismo para conseguir o que os seus desejos reclamavam da mulher.

A sua arte sutil de conquistar se comprazia em escravizar a alma, descer aos abismos do ser, ao recesso do coração, provocar a sensibilidade, para depois, com a continuidade, tripujar sobre a prêsa, como um abutre carnívoro.

Quem suspeitava dessa trama temperamental? Dagmar ignorava. E vieram as mútuas confidências. As dela, chorosas, lancinantes, dramáticas, cheias de rancor pela vida, pelos homens, condenando as mulheres que se deixam empolgar nas garras de amôres imprevidentes. As dêle, civadas de ódio da sociedade, de descrença de religiões, das diferenças de classes, das prostitutas que fazem do amor um negócio, um hotel de seu corpo e dos homens freguêses que compram com o dinheiro o que há de melhor nêsses cardápios humanos.

Dagmar sente nas suas palavras que êle também sofrera, que as grilhetas sociais lhe haviam tomado os movimentos. Com isto o homem ganhou novamente a confiança da mulher que êle amara na juventude, que reconquistava para os seus prazeres egocêntricos.

BRUNO DE MENEZES

Dagmar narra-lhe, sem reboços, o seu romance de máguas. Evoca-lhe a odisséia revoltante dos seus, pinta a rubro o seu quadro de ré injustiçada. E quando historiou a tragédia do nascimento da criança, da morte, (por que ela não omitiu este pormenor?) o homem esverdeou, crispou os punhos como se lhe rompessem uma artéria. Seus olhos flamejaram e ela não reparou no rítus de seus lábios. Outro fecundara aquêlê ventre, transfundira o seu sangue num feto, — o homem torturado considerava. Para que Dagmar consentira? Por que não evitara? Fôra violentada? Não! Por que não reagira? Ao contrário, se entregara sem medir consequências do ato em que êle fôra usurpado. Por que Dagmar não se conservara honesta, como êle a deixara? Com certeza os seus beijos eram outros, diferentes daqueles que ela nem sabia dar. Agora, não. Ela está frente a êle, na meia sombra do umbral, sem a candura simples de seus 15 anos, quando êle sabia ser um sacrário sua alma. Havia sido espoliado naquilo que lhe parecia um bem absolutamente seu. Fôra como se o despojassem da posse de um objeto amado, que não utilizara, mas guardara, esperando encontrá-lo intacto. Considera-se lezado num direito que só a êle cabia. Dagmar traíra terrivelmente o passado, tirara tôda a beleza de um poema de jóvcas namorados. Ah, destino crucial!

Ela não penetra essa luta retrospectiva do homem vesano. Êle está mudo, absorvido em suas cismas. Dagmar tenta dizer-lhe: — O que foi?... Me olha... Fala... Ficaste calado?... Êle não descerra os lábios, para uma resposta e parece que de suas pálpebras deslisam lágrimas furtivas e odiosas.

Na intimidade reiniciada que se operou, o homem não mais falou no caso da criança. Entretanto, estuda atentamente a Dagmar que êle achara naquele estado. E veio em demérito de suas formas êsse exame, porque o caprichoso só a analisa pelas linhas e curvas da quadra ridente de sua juventude, antes do cansaço das noites libertinas.

MARIA DAGMAR

Acha-lhe o talhe das ancas mais delgado, o contôrno do colo descaído, as coxas bem fornidas, mas flácidas. Tudo menos interessante, menos excitante; os seios menos audaciosos, a bôca igual a uma rosa que fenece. Não, a "sua Dagmar" não é aquela...

Nota que ela abusa do *baton*, do *rouge*, da depilação das sobrelhas, cousas que não fazia quando cantava no côro. Ah, que bôca a Dagmar dos 15 anos, com seus vestidos modestos, feitos por ela mesma, que não usava pintura, sòmente com aquelas pernas e aquêles quadris que atraím a turba.

Estava agora mais desenvolta, não havia dúvida, maduren-te e robusta, porém perdera o encanto matinal de sua jovialidade, das expressões que ela usava, do mêdo que tinha de que a avó a visse namorando.

Quem diria, poetizava êle, que Dagmar se transformaria nessa mulher de outras maneiras (reserva a que êle noivara para seus enlevos), plasmando um tipo convidativo para o leito, como não sonhara agora nela encontrar?...

Teria de haver um dualismo no seu amor dêste momento. E tornou-se romanescamente interessado em visitar tôda noite, a "sua Dagmar" que o mundo corrompera.

A czinha que ela fôra habitar possuía uns canteiros agrestes de plantas heterogêneas, sem nenhuma expressão vegetal, que se davam ao luxo de um vulgaríssimo jardim. Com suas flôres simplórias, alegravam a fisionomia corriqueira da moradia, que servia discretamente para a foragida passar os seus dias menos amargos.

A tia, arrastando uma velhice incômoda, e a irmã, andando de amôres clandestinos residem em sua companhia e somem para o interior, quando Dagmar recebe os homens passageiros.

Os móveis da salinha são de uma pobreza conventual, mas na alcova, a cama larga e macia ocupa um ângulo inteiro com o seu tamanho e o cortinado, como reclama a ética para as ligações mercenárias.

Tudo denuncia a condição secundária a que Dagmar está jogada. E o homem revendo-a assim, regista êsse fato, como o pago pela sua infidelidade, não se reservando unicamente para êle, por não o ter esperado, como seria seu dever, de ex-noiva que havia sido.

As suas necessidades se avolumam. O ganho pelo feitiço de algumas costuras, o dinheiro dêste ou daquele homem, desapareciam na voragem das aberturas cotidianas, do aluguel da barraca. E o que Dagmar veste, o que come, com os de casa, o que calça, o que aparenta, para não se confundir no rampeirismo das raparigas fracassadas?

Num caiporismo de enfeitada, como se não bastasse essa situação aflitiva, Dagmar adoeece, prêsas de incomodos um tanto complicados para os diagnTsticos ginecológicos. Retida ao leito, não pode tratar de sua vida, se empenhar com êxito, para que não passem fome, e os perdigueiros das prestações saiam de

BRUNO DE MENEZES

sua porta. A vizinhança, em que lhe seria útil? Tudo gente paupérrima, apesar de caritativa.

Quando souberam da sua enfermidade, as mulheres idosas foram visitá-la, um pouco para bisbilhotar e ensinar as mais exóticas tisanas. Que tomasse água-de-verônica serenada; que amarrasse uma fita encarnada, tirada dum quadro de São Raimundo, na coxa esquerda; que fumentasse o baixo ventre com banha de galinha preta; que bebesse um cozimento de folha de sucupijú com pimenta-do-reino e café amargo; que se deitasse com os pés para a rua e rezasse a oração contra "sangria desatada", invocando Santa Margarida e os esculápios São Cosme e São Damião. Enfim, que usasse a medicação do povo, que a dos médicos, nesses casos, só servia para gastar receitas, como acontecera com Sicrana, com Fulana.

Dagmar piora e não surge uma solução para a sua doença, até que resolve chamar o seu amor em reprise, que se ausentara a negócios. Quer pedir-lhe um favor, um grande obsequio, que nem sabe como pagar. Diz no bilhete que se trata de dinheiro para compra de remédios, de alimento, na enfermidade que a bloqueara. Não o procura pessoalmente porque esta de cama. Que êle perdoe, Deus compensará. E ocupá-lo nessa emergência?... Mas a quem recorrer, se todos alegariam veros ou mentirosos motivos e se recusariam atendê-la. Com êle, ao menos, em derradeiras renúncias de orgulho, não teria a decepção de uma negativa ao que supplicava esmolar. Fosse êle o bem vindo indulto naquela condenação ao abandono, à indigência, em que ela definhava.

O homem se apresentou imediatamente, bondoso, humanitário. O quarto tresanda a fumaças, a lavagens, a velas queimadas. O corpo da enferma se esbate sob os lençóis manchados e a sua farta cabeleira emerge despenteada das franhas amarfanhadas. A doença lhe tirara as cores das faces, lhe esmaecera os lábios secos. Dagmar fala, num breve sopro, numa respiração febril, humilíssima e sucumbida, procurando dar às palavras ahemolagens adocicantes. — Me perdoa... Estou tão

MARIA DAGMAR

doente... Te esperei três dias... Não vieste. Mande-me te chamar... Fiz mal?... Estás zangado por isso?... Fala, anda...

Êle toma-lhe as mãos emaciadas, sem dizer um monossílabo e encara Dagmar dentro dos olhos, que lhe parecem espantados. Vê ali a "sua pequena" dos primeiros amôres, aquela que poderia estar debaixo de um teto só dêles, (lembra-se em ter filhos com ela!) sendo tratada com presteza e carinho. Mas não. Ela quisera a vida airada, o esplendor, o despeito que causava às outras. Eis o resultado...

Dagmar inquire: — Por que não falas? Me perdoa... Não gostas mais de mim?... Responde... — E a voz do homem recolhido a si mesmo, levanta-se daquele passado cruel, como o eco do seu rancor: — O que tu queres?... Eu sou o mesmo... Do que precisas?... Posso te servir...

Ela fica mais tranquila. Tateia a mão do homem e acaricia-a, reconhecida. Tenta beijá-lo, lacrimojante. Finalmente, a suprema vergonha, pede emprestado uma determinada importância. Que êle desculpe. Mais tarde pagará, se Deus quiser...

O homem tem uma deixa pendente nos lábios, recolhe-a em tempo. Diz apenas que Dagmar mande buscar uma quantia maior. Mete-lhe na mão umas cédulas, no momento não está prevenido. Providenciará um médico. Os remédios poderiam ser aviados na farmácia em que êle tem conta.

Dagmar mostra penhóres de alma sucumbida. Afaga os cabelos do homem bom, dá um beijo sincero no seu rosto. Nesta hora, faria os agrados que êle quisesse. E conversam uns minutos, que o homem quer estar distante daquela cena. Depois sai, assegurando o que havia prometido. Na outra noite e daí por diante, voltou, para urdir outro drama, chegando a se tornar interessado na saúde de Dagmar, oferecendo preséntimos oportunos.

Trouxe o restante do dinheiro solicitado, entregando-o, num gesto frio, que ela recebeu acovardada, erradicando da alma os restos de altivez, que não queria perder. Dagmar, murmura um "sim", um "obrigada", de cortar o coração,

BRUNO DE MENEZES

pois nunca imaginara ter de fazer tal súplica a um homem, sobretudo aquele, de quem ela gosta e que superiormente a desprezava.

Nêsse ambiente de aproximação, depois que Dagmar souber, que adquiriu fôrças, que começou a encher a casa com a graça de sua estampa, um sentimento avassalante, porque recalçado, conflagrou essas duas almas.

Não vamos liricamente acreditar que essa chama proviesse de amor permutado, que fôsse o desbordamento de uma paixão novamente desperta, que vinha realizar a sua plenitude, agora que ambos têm recordações dolorosas para ratificar com beijos de sabor diferente.

O homem demonstra haver tudo olvidado. Deixa perceber que o seu mundo volvera a ser aquêlo olhar, aquêlo sorriso, que amara nos arroubos de sua mocidade perdulária.

Novamente céu azul, verdes mares, estrêlas flóreas, paisagens sentimentais que êle vislumbrara um dia.

Dagmar, todavia, já descrente de seus amantes, não sabe como corresponder a essa aleluia afetiva. Ganhara a experiência da miséria e da dôr. O homem declara estar morto o passado. Também seria fácil ter um filho dêle. Mostra os sentidos galvanizados por aquêlo amor ressurgido.

Ela não sente a mesma apoteose amorosa. Inexplicavelmente permanece calma, sem marezias escachoantes, desaguardo num rio morto, de respostas vãs. O amigo lhe recita as eternas e banais palavras dos enamorados, sem que ela suspire de desejos.

Nervos lassos em ondas mansas, os cílios de Dagmar cerram-se, misteriosos, confusos, sem chispas fulvas, semelhantes a polos imantados neutralizando raios flumínios. Faz crer não possuir o calor que acelera as circunvoluções do sangue. E o homem, ao contrário, derrama fluídos glabros sobre a carnção dessa mulher de efeito, que êle mal desfrutara na puberdade.

Impossível Dagmar não se comunicar, não se arripiar, às faíscas doidas, às labaredas queimantes, dos olhos do sátiro,

MARIA DAGMAR

incendiando-a, num circuito completo, para o ato físico. Suas mãos têm gestos desvairados e implorativos, quando roçam as carnes de Dagmar. Suas palavras são entrecortadas de gemidos.

Até que uma certa noite, (abrir-se a porta do paraíso!) sem saberem como, beijaram-se frenéticos, em sufocações de hálitos ardentes, selando os lábios, pressionando os bustos — num beijo longo, como pétalas humectas enovelando-se, refranzindo-se.

Ia-se dar a derrocada, a última queda de Dagmar, como uma avalanche de volúpia que a atingisse, jogando-a no leito próximo. Entretanto, no instante culminante, ela se desfaz do abraço viril, fraqueja, não tem coragem de enfrentar a tormenta sensual, para accitar aquelas núpcias, que seriam as verdadeiras, com uma união conjugal, assim ela sonhara quando moça. Não havia como delongar por mais tempo êsse comércio...

O homem talvez contasse que ela o impeliria para a cama, impudica e irresistível. Mas, Dagmar, num movimento de esquiiva, quase trágica, na solenidade de sua sombra vacilante, se projetando na parede, se desvencilha dos braços dêle e sai chorando para o corredor fracamente iluminado. Que é que ela sentira? Por que fugia assim, na hora definitiva do amor?

Êle fica a escutar seus passos arrastados seguidos de soluços, difíceis de recalcar no fundo da alma.

BRUNO DE MENEZES

aceitando a compressão dos corpos com uma sensual humildade, sem escandecências acirrantes, talvez como recompensa à bondade do retornado amante, que o tempo lho devolvera, travestido, agora, em gozador de seus beijos?...

Acontece, ao revés, que o predileto sonha ferrenhas batalhas amorosas, para ver Dagmar esvaída, acabada de amor ao seu lado. E lhe sobe às pirâmides, cativando-a, trancando-a como refém, na muralha de engodos de suas astúcias.

Ao que se nota, a coitada lhe reabre o coração generoso e crente. Desta vez, pelo menos, se não ama com efusão, vota especial agradecimento àquele homem, e esse penhor poderá se avolumar em paixão, no decurso das entrevistas.

Desgraçadamente, todo em poliedrismos sentimentais, o homem se evidencia um desses dualismos deambulantes, indivíduos aberrados, que se torturam e espesinham, vivendo sombrias horas de tédio, de pessimismo, para depois amarem com violência e ebriciz, sem que as suas companheiras atinem com esse enigma.

Ele queria Dagmar suspirosa, despejando-se festivamente no seu peito, empolado de rijos músculos, em pelúgens de orango, aflante e sôfrega, pedindo calmantes duchas volutuosas, bestializada e impudente.

Dagmar não se apercebe desses complexos e se deixa amar como um animal quando partilha da função procreadora. Por isso, eclodindo todo o seu ser, nos estertôres de uma sensação pessoal, de que Dagmar nada experimenta, o homem se convence de que deparara uma esfinge na sua estrada. E fica numa nevrose alucinante, jurando a si mesmo que haverá de fazer essa mulher se estorcegar de amor, pedindo a morte, rolando no leito desmaiada, provocada pelas suas carícias.

Numa noite chuvisquenta, a rua embuçada na parca iluminação do bairro, as horas avançando para a madrugada, uns galos sentinelas clarinando alvoradas, o homem insatisfeito permanece junto ao corpo de Dagmar. Acha-se ali constrangido, prêso pela insaciabilidade do desejo, mas seu pensamen-

MARIA DAGMAR

to vagueia em longinquas reminiscências. Ah, quando lhe beijara pela vez primeira a bôca polpuda, lhe aspirara o aroma da nuca velutínea.

Quisera ultrapassar esses limites e ela evitara brandamente, numa fraca resistência, tôda lânguida e inconsciente.

Na sua fala sentia uma tonalidade especial. Seria porque cantava no côro, na capela dos capuchinhos, que a sua voz ganhava aquêles harpejos celestiais? Seria porque era imácua como um lírio e a sua castidade influia nessa ternura vocal? E o seu riso? Notava-se qualquer coisa de doçura no trinar que lhe fluía da garganta, assim como o gorgéio dos pássaros confiantes e livres. Para que Dagmar deixara se modificar a sua personalidade? A sua vida, o seu encanto, haviam se transformado tanto em comparação àquele amor que fôra quimeras...

Até na rua em que morava, na sua juventude descuidada, se alegravam quando ela passava, ritmando o andar cadenciado, pelos caminhos rústicos, abertos ao apressado pisar do povo. Sim, Dagmar era donzela, um tanto tímida, reccosa de namorar, com mêdo da avó, dos frades, da velha que tomava conta das cantoras. Uma tola que era, incauta moça de subúrbio, pobre, porém contente, sem ambições, senão um vestido novo, de padrão estampado, um sapato melhor, uma volta de contas na base do pescoço morcno, um rougezinho nas faces, um "pequeno" de sua categoria nas festas de alegres danças. Só e mais nada.

O homem está absorto e emocionado. Tudo isso tão distante... Doi-lhe a realidade como uma chaga insuportável. Dagmar acha que êle ficou pensativo. Tenta despertá-lo dêsse êxtase, que parece irritá-lo. Nêsse ínterim batem discretamente no portão. Ela escuta, soergue-se no leito. Batem novamente. Então ela toma o roupão e se levanta, vai atender aos baques sorrateiros. O homem tem um impulso para retê-la, mas volta à atitude ensimesmada. O que faz é tomar um cigarro, acendê-lo, e sob as ressumbrantes gotículas da chuva, vislumbra um

BRUNO DE MENEZES

vulto, de gola alteada, falando, em ressonâncias cavas de timbre que deve ser convincente. E Dagmar gesticula, como quem quer justificar alguma cousa.

Ele considera a sua ação de mulher. Estava ali visível, leviana e pérfida, a sofredora que ela se dizia. Era aquilo mesmo... Quando terminou o diálogo, e Dagmar voltou, o homem mirou-a numa insolência provocadora. Ela não deixa de ler no íntimo do revoltado o ciume doentio que o empolga. Dirige-se a um móvel do quarto, enrodilha os cabelos, para ganhar tempo, certa de que haverá tempestade. Então o homem se revela. Sem dizer palavra, pega as roupas aos safanões, veste-se como quem foge, apanha o chapéu e o casaco, e sai do aposento como um ciclone, com um olhar tigrino, que perfura Dagmar.

No portão, as duas folhas são impelidas com violência. O homem, rugindo o seu despeito, caminha para a madrugada neblinante.

Diabo de mulher desfrutável. Desse crédito às suas lamúrias... Não passava de uma bisca. Inventiones de comediante tudo quanto contara do outro. Bandoleira dum raio! Por força que o chamado ingrato, que a desprezara, não podia sustentar amante para badernas e cachorradas. E entra a liquidar Dagmar comparando-a às cadelas e às gatas...

Passados dias retorna, precavido contra qualquer desculpa que a infida tente formular. Traz aparelhado um arsenal de argúcias finas, para conseguir o que há muito o preocupa. É porque Dagmar o recebe como das outras vezes, embora certa da zanga do homem, o tal, envernizado de falso brio, quando a mulher se lança nos seus braços, afetando menos-prosar àquelas formas maceradas em rosa e sândalo, que tôda se abandona à sanha da posse prevista, êle investe a agredida, a ferí-la, com as mais torpes recriminações.

Dagmar ouve tudo e não sabe como reagir. Fica numa apatia nervosa. Sabe que essa cólera é justa, depois do que sucedera. Ele nada dissera, mas a sua retirada fôra sintomática, do inferno que lhe crepitara na alma. Continua a oferecer a imolação do seu corpo. O homem parece não vê-la, de cego que está de rancor. Não escuta a rapsódia precipite, na respiração célere, que agita a triste degradada. Dagmar espera a sua reabilitação, a justificação do que ocorrera. Anseia por um beijo voraz, se expõe sem decôro ao olhar desvairante do homem que se crê traído.

E em virotões desafiantes, ei-lo a atirar vocábulos mordazes, doestos navalhantes, termos bigúmeos, que vão lancetar fundamentalmente o fraquejante amor próprio da mulher que ali jaz. A cena se assemelha a um drama de circo-teatro.

A atmosfera raivante no quarto estrangula qualquer palavra apaziguadora que Dagmar quer articular em seu favor. Ambos se enfrentam rangentes, garras aceradas e íris chispanτες. O homem trupudia sôbre ela, não se apieda do suplício da criatura que mendiga o seu perdão.

Dagmar não suporta mais. Tomba soluçante no leito, numa crise desmaiante. O triunfador clarina alarmas! Vencera

BRUNO DE MENEZES

a praça forte do coração de Dagmar! Fizera-a chorar — a prova máxima da paixão! — à vista de seu desprezo por ela, pelo seu corpo. E diz-lhe, como se consolasse a um enfermo: — Que tolíce essas lágrimas, pequena... (Ameiga-a sorridente, untuoso, demoníaco). — Ora não viam?... Que fraca és tu, Dagmar...

Quer amenizar, sãdicamente, a dor que lhe causara. Levanta-lhe a cabeça arrepelada do ninho das franhas úmidas. Beijá-a de modo particular, obrigando-a a um movimento aferimental do que ela sente:

Dagmar, lacrimajante, estende os braços modelares e cinge o homem com ânsia. Morda-lhe a bôca num sorvo polvínico. Rompe a profonia do hino à Volúpia! Ela entrega, esface-lada, a virgindade da própria alma! É o momento do amor em que a mulher se dá totalmente, uma única vez na vida! É a suprema loucura, o absoluto prazer!

E assim ela foi vencida definitivamente, integralmente, sem restrições, sem reservas, em evocações de suburras estenuantes pelo homem que colhera o seu beijo casto, e hoje a arrebatada aos páramos, aos cimos do amor e da morte.

Sucedem-se outras noites dêsses delírios. Dagmar jamais sentira semelhante prazer. No recôndito de sua alma, ela ama êste homem que soube fazê-la vibrar sinceramente.

Mas eram lavas ardentes prestes a se estinguirem por fim, os beijos excessivos, as carícias estudadas, com que êle conspurcava ainda mais, os restos de pureza corporal, sobreviventes em Dagmar.

E lá foi se enfarando, ficando passivo a seu lado, provocando-a ao prazer, quase por piedade, até que certa madrugada, beijando-lhe ainda a roseta de um seio, que emergia da camisa, no momento do adeus, êle partiu, como os outros itinerantes, que haviam palmilhado a estrada amorosa, do corpo esplendente dessa mulher que o amor traia.

Com o decorrer do tempo, os desgostos profundos e os aperreios da sorte, revoltas em rugidores nihilismos começam a dezarvorar, a fazer mais inquietante a existência de Dagmar, a ponto de a insurreta apostrofar, escarnecer, o Deus parcial e injusto que consente ela viva galé, amargando vicissitudes.

Quem poderia saber se ela amava com lealdade e abnegação? Os amantes menosprezam as mulheres conformadas, que não dardejам ciúmes, porque preferem choros, súplicas, servilismos, outros motivos que justifiquem desprezo, contanto que o amor readquirira outro interêsse.

Dagmar considera isso tudo, estudando-se a si mesma, inquirindo o que lhe falta para suscitar paixões duradouras. Dissessem do que ela deveria corar para ser inferior às outras? Que é que sobrava nela? O seu asseio era um ritual, a sua higiene rigorosamente cuidadosa.

Dá em abominar a companhia dos parentes que a impedem de se prostituir à vontade, ganhando a vida como entenda, pelo menos feirando aquêlê corpo venusino, único bem de que dispõe. E lembrando-se que teria de manter sob máscara certas atitudes, Dagmar pensa em maluquices de se envenenar e morrer.

Queixa-se indignada, destruidora, apóstata de velhos credos, contra o Destino, a Vida, a Religião de seus pais e avós. Que êrro o cristianismo dêles... Traz o coração denegrido, não crê nas palavras de Jesus que tudo prometeram aos desgraçados. Ela não estava ali, padecendo horrores, se estiollando, se acabando, com uma vergonhosa certeza do pecado, e onde se ocultava Aquêlê que tantas vêzes louvara no coral da

BRUNO DE MENEZES

capela, nas orações que lhe dedicava? Respondessem-lhe a isto...

Entretanto, quem visse Dagmar, gordalhufa e sorridente, com os seus modestos vestidos, esvoaçantes como libélulas, regularmente calçada, olheiras arcuais e uns vagos olhos contemplosivos de quem não tem motivos para maldizer do mundo, experimentava uma sensação de venturosa realidade, e seguia-lhe os passos alifugos de deusa humanizada.

Tinha a atração do desconhecido, do inédito, o demônio da mulher.

Aquelas ancas salientes, aquêlê caminhar buliçoso, o torneado dos braços, a firmeza das pernas nervosas, o colo bifurcado pelos seios redondos, faziam de Dagmar um espetáculo hilare de saltimbancos, em que o palhaço cambalhoteia, conta anedotas brejeiras, que o povo alvar aplaude, ao passo que a alma do infeliz delinha de amargo tédio.

É assim essa mulher singular. Entanto, resolvendo-se um qualquer acompanhá-la, Dagmar não sabe exagerar gestos convidativos, não procura valorizar a atração cegante de sua carne. Se um homem a segue como um rafeiro, recebe-o, cordial e hospitaleira, com a sua glacial naturalidade. Conversa atoa, troca impressões simplórias, sem esboçar um gesto livre, de graça e sedução. Não usa malabarismos para chamá-los ao leito. Os propósitos que assume nesses encontros com aquêles que a requestram, tão normais decorrem, que alguns dêles ficam apassivados, inertes, chumbados numa interrogação, considerando-a, e emudecem madrigais que trazem engatilhados.

E muitos não volvem mais, nunca, a procurá-la, pois as intenções besoantes em seus sentidos são de repousar, confortados, sob os cortinados de aluguel de seu leito, como debaixo de acolhedora fronde, onde surge a Mulher — eterna Eva seducente — com o pomo da tentação preso aos dentes.

Repugna-lhe o franco meretrício. Irá arrastando a sua cruz assim mesmo, morando naquêlê arrabalde, que colabora com os seus escrúpulos de não receber os homens de porta aberta a qualquer um. Nuns restos de inútil pudor, a influência do convívio que lhe ficara com as beatas, com as cantoras que comungavam e confessavam semanalmente, dos capuchinhos afanosos como escaravelhos, com a carapuça da roupeta parda, talvez a revivescência dêsses passados dias lhe tolhessem os arroubos, os impulsos para o deboche, que marca as cortezãs dos bordéis.

Torna-se misteriosa na manutenção de seu viver. Trabuca em que servir o estômago, costura horas seguidas, vistosos trajes para companheiras que fazem reclame, expondo as formas através dos modelos que exageram. As suas mãos obreiras, os seus pés cansados, pedalam na "Singer" que agora é o seu verdadeiro homem...

E assim vai passando, atazanada pelo atrazo do aluguel da cozinha, sustenta de mesa e roupa as duas renitentes que a não abandonam. Devido ao seu recato é procurada por amigas, a quem cede, em quebra, o quarto com luz e cama, para amôres esconsos. Essas colegas, tidas como cousa bôa, depois de enlameadas no vício, usam de todos os meios para evitar o mais possível a sua identidade com as mercadoras do prazer. Querem dinheiro, um luxo de bricabraque e porisso se dão às ocultas. Dagmar não fôra assim tão hábil.

Com uma alegria saudável, de felicidade completa, ela não dá a conhecer o seu purgatório de angústias. Vibra em vinditas clamorosas, que opõe às adversidades que a constroem. Adapta ao rosto ainda em saldos de simpatia, uma caricatura de teatro. Há um ritus de ironia na sua bôca, que se

BRUNO DE MENEZES

adelgaça em frio sorriso de mistério. Por onde andariam os dois homens, que, cada qual a seu modo, a fizeram radiante e desventurada?

Impenetráveis arcanos da existência, secreto calvário infamante, que muitos galgam de rojo, as plantas sangrando, sem uma queixa que condôa, cumprindo o seu fado amaríssimo, sem que os humanos descubram os cravos, a corôa de espinhos, a esponja de fel, o escárneo da plebe, como ninguém sabe, dessa infeliz Maria Dagmar.

Por capricho de seu orgulho não quer procurar os corredores dos alcouces, a chamar os homens que passam. Não é de seu feitio essa baixeza: convidar os notívagos que buscam nos lupanares sensações às vêzes abjetas. O apogeu e o declínio de sua história amorosa se processariam nos afastados lugares em que a cidade esconde as suas convenções. No quarteirão sabem que Dagmar não é casada, não é viuva, nem amásia de ninguém. Não ignoram também que ela recebe às horas colaboracionistas homens comprometidos, que não podem sair com o dia de sua alcova. Uma espécie de respeito pelas famílias, pelas moças honestas, que nos ângulos dos portais ou no sombrio noturno das mangueiras ensaiam beijos e grudamentos com os namorados, escandalizando a quantos lhes prestam atenção.

Dagmar principia a envelhecer, como essas belas árvores que se sobrepõem à rastejante fauna dos arbustos. Refloresce, porém, em simpatia pessoal, ganhando oblongosidades em suas formas. Enquanto as pernas e as coxas agradam à vista, e os seios, meio decadentes, lhe dão ao perfil relevos plásticos, Dagmar chega a aceitar debutações de corista em revistas de costumes, em festividades de arraiais, que uma de suas modestas aspirações teria sido trabalhar no palco, se mostrai decotada, em passos de dança, cantando coplas insistentemente bisadas.

Essa luta contra a sua aposentadoria carnal é um desafio ao destino ingrato, que teima em querer reduzi-la a um tipo de cortezã de terceira categoria, gafada e sífilítica. O mais interessante é que ela nunca recorre à fuga dêsse inferno pelo tardio consumo do álcool, dos entorpecentes, para esquecer, para curar a sua disfarçada tristeza. Só o tóxico de dezenas

BRUNO DE MENEZES

de cigarros através do fumo, lhe dá uns ares de vampira a expelir vólutas de fumaça pelas narinas.

Dagmar não tem tendências para leitura de romances e novelas decalcadas da vida. Com a elementar instrução que recebeu, se esquivava de escrever a qualquer, temendo o desarranjo de sua caligrafia, agravada pela redação de frases pitorescas. Veste com simplismo ou a incoerência de sua mentalidade primária, sabendo, é de ver, ajustar com graça alguns metros de tecidos no seu corpo de liberais carnosidades. Ainda chega a experimentar a pseudo honestidade das raparigas que se jogam para o cais do pôrto, na persuasão de serem tomadas como novidade pelos marítimos chegadiços, enfarados do balanço do mar e que se aprestam para as amantes, vindo ressarcir em terra, abstinências da viagem.

Consegue por fim a responsabilidade de um dêles para ajudá-la na economia doméstica, na compra de um calçado, de uma sombrinha, de um vestido. Mas o mareante lhe exige o respeito da ausência, da distância, num ciume pretencioso, como se Dagmar pudesse se guardar somente para êle, quando necessita de suprir sua mesa, de aliviar as contas do mercieiro, de manter duas parentas. Sempre o egoísmo dos adoradores ocasionais atrapalhando a vida angustiosa dessa criatura anônima.

Se nascesse mulher para descrever o drama dos seus dias vividos, Dagmar não teria de exagerar as tintas, de fazer absurdos ficcionismos, para narrar seu viver com uma realidade de contornos impressionistas.

Mas o fato positivo é que ela envelhece, entra em formosas ruínas a sua mocidade. E será que nessa heroína ainda se abriga uma alma pura, um coração generoso, uma sensibilidade afetiva, que possam provocar o pranto?...

Não se sabe mais a côr definitiva de seu rosto, porque, desde os cabelos, aos olhos sonolentos, ao talho cordifórme da bôca, já um tanto desdenhosa, Dagmar faz retoques caricaturais de maquilage. Até mesmo a sua voz dulçurosa tem hoje

MARIA DAGMAR

tonalidades diferentes do tempo em que era moça do côro. É raro, agora, solfejar uma canção, corriqueira que seja, que anda no assovio da garotada. Se acaso o faz é numa cantilena trivial, em que ela se desconhece, desafinada e claudicante, sem a emotiva interpretação emocional. Quem sabe se Dagmar ainda se lembra dos novenários, em que era solista na capela de alegres sinos domingueiros?

Há ocasiões em que revê umas fotografias quase escandalosas tiradas em ductos com seus amores mais estroinas. É um consôlo êsse mudo enlêvo contemplativo. Então Dagmar se vangloria, retrospectivamente, daquêle instante intensamente vivido, da despreocupação do dia seguinte, do prazer com que o homem pagava tudo, a bebedeira que tomara, os beijos espontâneos que ela lhe dera, entregue literalmente àquêla farrá.

Dagmar já não se demora tanto ao espêlho. Evita enfrentar o recalque de seu desmoronamento outonico. Automaticamente, dá um risco a negrito nas sobrançelas, orla as olheiras cansadas, de esfumaçada penumbra, retoca os lábios descorados com batôns sangrentos; arroschia as faces esmaecidas, pinga um ponto bem negro ao canto dos olhos meio dormentes. E se recorda que foi bonita, que foi jóvem, que teve jóias, que teve uma filha...

Comprende que não atrai mais ninguém para o amor eterno e digno. Inútil o artifício de suas maneiras, a mascara da de sua fisionomia, embora seu corpo ainda não seja para desprezar.

Os mancebos que a encontram querem-na para introverções fisiológicas. Os homens maduros preferem-na pela higiene de que ela é padrão. Só a cama é a mesma, irônicamente arrumada tôda a noite. Dagmar fuma, fuma, dorme e sonha com alguém para viver, maugrado seus sofrimentos, o passado remoto, os primeiros anos de sua descida na escalcira do amor... Mas ninguém aparece... Os convocados em seu pensamento são todos materialistas e brutais.

Que vida, Senhor Jesus! Que vida!

MARIA DAGMAR

Dagmar conjectura sobre o seu nebuloso porvir, de que ela teme e nada espera. Não tem um coração que a ampare, que a defenda, que a respeite como a um ser humano. Possui a certeza dessa verdade. Os homens? ... Ah, estava bem servida se acreditasse neles como sempre fez. De ajuda efetiva conta apenas com a sua máquina de costura, já um tanto pedra e gasta, envelhecida como a sua dona. Os parentes que a acompanhavam morreram por etapas, como aconteceu com a avó, e afinal com a tia, que lá se foi a enterrar num carro de terceira, numa caixão tosco, sem padre nem acompanhamento, à custa de subscrições. A irmã resolvera não resistir às solicitações do sexo e se juntara a um calhorda que a faz trabalhar para sustentá-lo. O irmão anda às voltas com a sua família e as suas tocatas, concorrendo para que as filhas dansem nas festas agarradas com os "penetras". E tudo mais assim. Que rumo tomará a sua vida para sair dessa encruzilhada? Mesmo trabalhando como uma escrava, não vê meio de transpôr essas barreiras. Agora, que a sua idade crepuscula, que tem de corrigir os desgastes da natureza, de restringir com cintas as deformidades de seu corpo, outrora tão airoso, em que ela pode glorificar e bendizer o amor? ...

Os homens continuam os mesmos, ou ainda piores. Não vêm vocês? Quantos buscam Dagmar, já de classes inferiores, sujeitos a ordenados e salários, tratam-na com uma rudeza de calcetas, porque sabem que ela tem fome. Gozam-na com um materialismo enfarado. Os senhores burgueses acham que ela deve ter caderneta sanitária, com atestados de isenções infeto-contagiosas. E que deve fazer esta mulher? Não foram eles que lhe criaram esta situação, que a colocaram nês-

se nível, obrigando-a a se refugiar num covil suburbano, para onde a sociedade a escorraçou?

Dagmar, nestas horas, sorri escarninha e gasta cigarros um atrás do outro. Procura, entretanto, traduzir no olhar, nos modos, ventura e socego, enquanto sua alma dolora, em espinhamentos mortais. Violáceo e maguado, crivado de alanceolagens supliciatórias, seu coração martirizado suporta muito mais dores do que das Sete Espadas de Maria Santíssima. Lágrimas, para que? ... Que lhe adianta estragar mais depressa o semblante, desfiando pelas faces camândulas de pranto que em cousa alguma a redime? Dagmar traz os olhos áridos, abrasados, fosforinos e maus. Não sabe o dia em que terá de chorar por si ou pelos outros infelizes.

É que a nossa heroína é um símbolo persistente. Ela continua passando por nós, satisfeita e pomposa, como se não tivesse seus dias arripiantes, prestando-se aos homens para o gozo de um instante, propiciado com iniquidades horróreas e pago por eles, sabe Deus, com que desprezo e insolência. Por isso ela finge que é feliz, na sua miséria dourada...

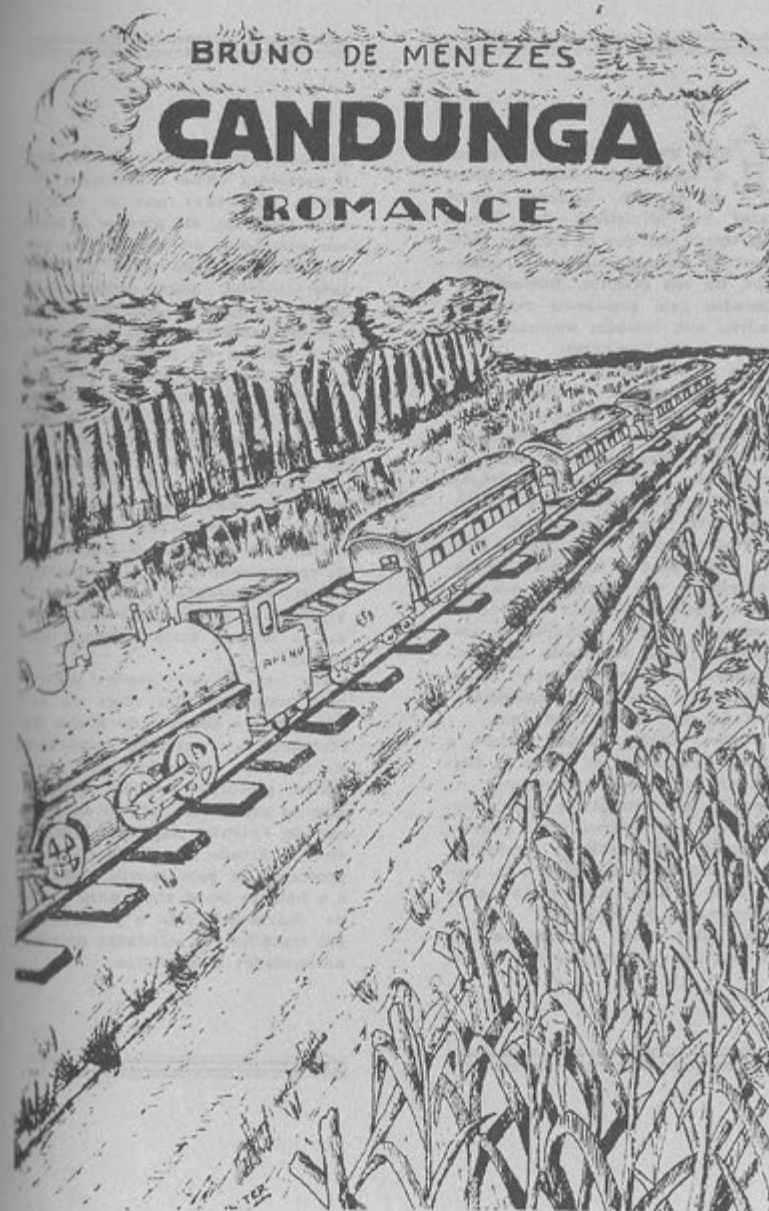
E o que será mais pungente é o dia de sua morte, porque, sabe lá, jogada num leito de indigente, Dagmar não vai ter, na anônimia da rafaméia, desconhecida e caluniada, o fim dos necrológios comuns? Onde andam os capuchinhos, as pequenas do côro? Se ela pudesse rezar um têrço, cantar um hino à Virgem Maria, como naqueles novenários festivos, que alívio para os seus tormentos!...

Mas o destino já pontuou o epílogo do ciclo terreno de Dagmar com os seus esplendores e as suas descaídas, como o dessas toleradas, que entre beijos mortos e lascívia abomináveis, seduzidas pelo amor, vendem o amor, sofrem pelo amor e morrem esquecidas pelo amor.

Olhem lá, vejam bem! Maria Dagmar é um símbolo... Ela vai passando por nós...

Belém do Pará, maio, 1950.

ANEXO P: Candunga - Romance.



ÊSTE livro foi escrito, quando o romancista José Américo de Almeida baixava severos atos no Ministério da Viação, ao tempo em que os Estados federativos tinham como interventores, na sua maioria, militares nomeados pelo presidente revolucionário, que também dispunham de poderes discricionários.

Na gestão daquele titular, autor de "A Bagaceira", seriamente integrado nos problemas cíclicos do Nordeste, houve uma das estiagens periódicas que atingiu a economia e a vida rural das populações localizadas nas áreas mais castigadas pelo flagéio das sécas.

Deslocando-se vários grupos de exodo para a Amazônia, desembarcaram, via marítima, em Belém, algumas dezenas de retirantes, que vinham oficialmente amparados pelo Ministério da Agricultura, sob recomendações assistenciais e auxílios complementares da interventoria estadual.

Como habitualmente sucede, a zona da Estrada de Ferro de Bragança se tornou tradicional na localização distributiva desses elementos adventícios, que, quando tangidos do ambiente sertanejo, pelas alternativas climáticas, procuram a Amazônia como asilo temporário de trabalho.

O autor deste depoimento, em forma de romance, apesar de ser

um dos nossos grandes poetas, não o apresenta como ficcionismo integral, nas cenas que se encontram narradas, eis porque, o mesmo participou de importantes comissões, designado pelo governo interventorial, para serviços nos setores migratórios, ao tempo do encaminhamento dessas leras para o interior da zona bragantina.

A oportunidade destas palavras se recomenda, em face de serem contadas dezenas de anos, depois das ocorrências que estas páginas procuram fixar, e os problemas sócio-econômicos desse eixo ferroviário paraense, continuam, em parte, mais agravados, quanto ao sacrifício das matas, o gregarismo da comunidade rural, o desaparecimento de produtos locais, como o algodão, as nobres madeiras nativas, a lavoura essencialmente alimentícia.

Por isso, os personagens principais, animados pela força do estilo sóbrio e colorido de Bruno de Menezes, e o entrecho romântico de que ele impregnou sua narrativa, procuram por em equação aqueles problemas, através da criação de Colônias Agrícolas Modelo, onde o Estado corrija os clássicos processos de povoamento precário, e o homem possa viver num clima de dignidade, com o produto de seu trabalho e a satisfação de suas necessidades elementares.

CANDUNGA

(ROMANCE)

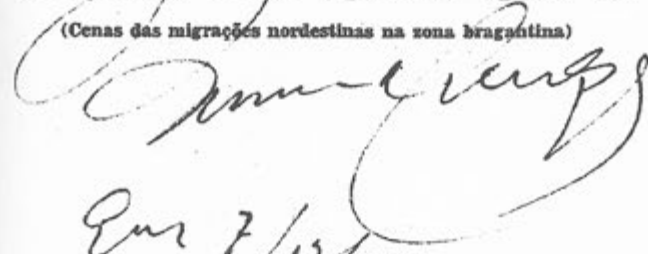
BRUNO DE MENEZES

(Da Academia Paraense de Letras)

Irmão Jaques:
 Enfim, o nosso Candunga,
 depois de correr meio mundo,
 vai às tuas mãos, para
 um gesto e fraternal
 abraço. Ten sempre

CANDUNGA

(Cenas das migrações nordestinas na zona bragantina)



Em 7/12/54

Belém - Pará - Brasil
1954

A. S T É L I O M A R O J A

Representante do Pará, na Comissão de Valorização da Amazônia, estudioso equacionador da socio-economia de nosso Estado.

**AOS PREFEITOS DAS UNIDADES MUNICIPAIS
DA ZONA BRAGANTINA**

RAIMUNDO DA VERA CRUZ

ALFEN FERREIRA DE SOUZA

JOÃO SOARES DE MELO

ANTONIO ORTEGA SAMPAIO

JOÃO FLÔR DE OLIVEIRA

ARTEMON DE SOUZA ROLIN

RAIMUNDO MAURICIO DA SILVA NEVES

SIMPLICIANO MEDEIROS JUNIOR

CANDUNGA

(ROMANCE)

BRUNO DE MENEZES

PRIMEIRA PARTE**CAPÍTULO I**

Francisco Gonzaga, cearense do Canindé, bordejando pelos sessenta anos, apresenta a mesma fisionomia sofrida de todos os retirantes. Em meio ao emaranhado sujo da barba, quando fala, retorce a boca vincada, com a dentadura amarela, salivando "masca". Entre pestanas roídas de tracoma, seus olhos pardos fusilam. Indiferente à sorte que o acabrunha, não esconde a mística do fatalismo que persegue a sua raça.

Antônio Candunga, seu afilhado, pelo físico dessorado, lembra um novilho desgarrado, de ossatura à mostra, a quem abriram a porteira do curral, quando nem um caroço, raiz, ou pinga d'água, podia se conseguir para os animais.

Devera ter sido rapaz forte, criado no sertão, aboando gado, tomando parte nas cavalhadas. Perdera forças e tecidos musculares, está febrênto, mas, na falta de um cão, é o rafeiro do grupo, dada a fidelidade com que o defenderá em qualquer transe.

Da ração que lhe toca, por um pendor todo seu, reparte com os companheiros menos aquinhoados. Escolhe, cuidadoso, para a mulher e as filhas de Gonzaga, pedaços de "carne grossa" mais tenros, na panela fumegante, de feijão aguado.

Tereza Rosa, a jovem mãe conformada, que em vários anos de matrimônio, cumprira o seu voto, aumentando a prole de Gonzaga com uma récuca de barrigudinhos, ainda estampa nas feições maceradas traços de beleza sertaneja, que os sofrimentos não puderam extinguir.

Casara-se quase criança, quando em sua natureza cálida, os anseios do sexo começavam a se impor. Felizmente, talvez por misericórdia divina, os filhos nasciam-lhe, chupavam-lhe as tétas cheias, chegavam a gatinhar, e depois, esvaídos de enterite, ruflavam as asas, rumo do céu implacável.

Vingaram somente aquelas, Ana e Josefa, que ali se acham, já manifestando faceirice nos gestos e nos olhares. Dois tipos característicos de nordestinas novas e bonitas, apesar dos horrores da seca.

Maria Assunção, integrante do grupo, nascera meses depois do casamento de Tereza, quando Gonzaga, seu marido, levava-a consigo, como um objeto todo seu.

Daí ter ficado no aconchego do lar alegre e feliz, já órfã de mãe, a "Assunção do Vovô", como a chamava, com dengue, o patriarca da família. E não houve ensejo da caçula conhecer a irmã que casara.

Tereza seguira a Gonzaga para onde o destino os impelira. Em seu ato de posse, ele fôra o comprador, que chega ao redil, escolhe uma ovelha ainda não coberta, e leva-a como seu dono, para outro curral distante.

E nunca mais a desposada pôde se defrontar com a irmã que ficara, entregue às solitudes do avô, embora sem os carinhos maternos.

Declarou-se a seca malagourada. A vista do Pai Eterno, como a de certos cegos, não obstante sua limpidez, parecia volvida para a terra escaldante, sem enxergar um cristão. Preces, terços, coroinhas, promessas duras de pagar, tudo se tentava, para que o céu se comovesse e lagrimasse, ao menos, uma chuvinha milagrosa.

Os dias e as noites sucediam-se na esperança da água suspirada. O azul continuava impassível. Um sol impiedoso, indiferente, ressequia tudo.

Assunção, que crescera ao lado do avô, assistiu à luta dos seus contra a calamidade. As copas dos angicos estorricavam. Nos cajueiros viçosos, outrora tão floridos, agora de galhos desgrenhados, cobertos de uma côr de cinza, nem brotos, nem cabeçotes de castanhas avermelhavam.

Capoeirões, caatingas, grotas, hortas de legumes, giraus de plantas, estavam completamente mortos. Só os mulungus decorativos mantinham algumas folhas, que iam tombando, de envolta com poucas flôres enfesadas, rodopiando na poeira dos pés-de-ventô, como "avoantes" estonteadas.

Os próprios mandacarus agrestes, com as espátulas espinhosas murchando, serviam de motivo para entristecer a paisagem. Não ostentavam mais os rosários de pétalas sangren-

tas, que os viajantes admiravam, quando o sertão refloria. Fazia pena ouvir o lamento angustiado das poucas rézes sedentas. Uma desolação de terra empestada.

Quando se esgotaram os últimos recursos, viram-se êles, desesperados e sucumbidos, na contingência de abandonar o recanto amado, à procura das zonas litorâneas, lá, noutras plagas distantes, onde viver não fosse aquela expiação tremenda.

E andaram meses. Durante o dia, como alucinadas visões de uma tétrica miragem; à noite, como se encarnassem fantasmas assombradores, venciam léguas, na ânsia de um pouso, numa sêde mortal.

Ao recolher-se o sol, caminhavam, prosseguiam, trôpegos e vacilantes, enquanto não vinha o relho flamejante espicacá-los a correr mais.

Onde ao menos um cangirão d'água para desalterar a garganta dos que ainda possuíam algumas fôrças, quanto mais para molhar os lábios dos moribundos?

Só as estradas ermas e intermináveis, por onde o carreiro de famintos se arrastava, testemunhavam o desespero dos que tombavam, de olhos desvairados, clamando piedade aos céus, quem nem a graça do sepultamento lhes concedia.

Assunção não sabe como chegara a Fortaleza, fazendo parte do comboio de Gonzaga. Como ocorrera aquilo, Senhor Deus? Parecia que o drama da seca lhe perturbara o juízo. Não se lembra de nada. Nem se o encontro com Tereza lhe trouxera alegria.

Candunga lhe conta:

"Uns homens falastrões andavam recolhendo os retirantes que encontravam pelos caminhos, para interná-los nas concentrações. No meio dêstes coitados destacavam-se filhos sem mãe nem pai, viúvas sem parente algum, mulheres da vida parecendo honestas, safados corridos da justiça. Aqueles homens tinham o direito de agarrar as crianças abandonadas, as moças e meninas sem ninguém, para tomar conta delas.

Candunga marchava, quando ouvira um grito de cortar a alma. Assuntara de onde partira o apelo e divisara um vulto de mulher abraçado a um corpo caído, que estrebuchava, a boca escancarada, como suplicando uma fresca d'água. E a que havia, nessa hora, escorria dos olhos dela.

O povão continuava passando, como se nada estivesse acontecendo, tão comuns eram essas cenas naquele êxodo in-

fernal. Um apertume disso tudo doera-lhe no coração. Pedira ao padrinho Gonzaga esperasse um instante, com a família e correria a levar socorro à mocinha que chorava.

Ao chegar próximo, deparara um corpo encarquilhado, estendido no chão pedrento, quase só no esqueleto. Morto nesse momento o velho babava uma gosma verde.

Ele ficara com tamanha pena, e num átimo, levantara a criatura aflita, que parecia querer se acabar também, agarrada ao cadaver. A moça gemera, completamente naufragada: — “Morreram todos... Agora, meu avô, o único bem que me restava... O que vai ser de mim?”...

Candunga levava-a para junto da tropa de Gonzaga, que vinha em busca de adjutório do governo. Tereza ficara aflita, com um pressentimento de que ela era sua gente. Assunção não continuaria só no mundo”.

A desvalida soluçava, ouvindo a trágica narrativa. Numa resolução comovida, Candunga animou-a, tomando-lhe as mãos maltratadas: — “Chore não, cê encontrou boas pessoa...”

E em conformado apelo, os lábios trêmulos e descorados, ela surpirara, num rôgo de toda sua alma: — “Não me deixe mais não... Fique sempre mais eu... fique!”

CAPÍTULO II

Triste rebanho aos tombos, é a caravana escorraçada, palmilhando a estreita prancha do navio. O chicote de um sol em brasa tangêra-os dos sertões nativos. Aboletados nas terceiras classes de passageiros do Loide, desembarcam lerdos, em meio aos curiosos e desocupados do cais.

Vêm de abandonados pontos do nordeste, rumo ao sonhado Pará. Crivados de “bicho de pé”, macilentos e desnutridos, transportam as trouxas dos terens, sem esquecerem as cabacas d'água.

As mulheres do bando, enforquilhando nas ancas ossudas, as crianças magras e piolhosas, carregam-nas com esforço, ao passo que os homens, resignados e solícitos, apressam-se a caminhar.

Em terra, arroladas as famílias, procuram a sombra mormacenta dos galpões. E alongando olhares saudosos para a embarcação ancorada, dizem adeus ao berço natal, porque chegam à Terra da Promissão.

Um dia límpido empresta cambiantes fortes às turvas águas guajarinas. Sopros de ventos largos remoinham a densa poeira do porto. E à espera de um novo destino, os condenados do céu interrogam:

—P'ronde vão mandá a gente agora?...

—Daqui a pouco vocês sabem! — é a resposta que recebem.

Guardas civis, compenetrados de autoritarismo, policiam os grupos cadastrados. E como em revista a pelotões, o secretário da Agricultura, barafustando por entre os párias amontoados, recomenda:

—Não deixem ninguém sair daqui...

Quando chegarem os caminhões, conduzirão os desterrados ao albergue, que a Companhia Nipônica de Plantações do Brasil instalara para os lados do Curro Velho, porque ali havia meios de proporcionar conforto a essa gente desventurada.

Teriam ambiente higienizado, em predio amplo, com pisos de cimento, resguardados, sem as pulgas, que lhes punham

os pés tronchos, nem certos micróbios que lhes devastavam o organismo.

O café matinal, o almoço e o jantar, distribuídos a horas marcadas, não mais serão em latas vulgares, em cuias tóscas, utilizadas a bordo até para receberem os dejectos dos doentes que a febre prostrava.

Enquanto os caminhões da Limpeza Pública não se anunciam, para levá-los, carregadores acagibados trazem bojudos paneiros de bananas, caixotes repletos de rapaduras.

E alargando a boca dos bornais, os hebreus nordestinos estendem chapéus sebosos, colhem das mãos dos impacientes distribuidores, algumas pencas de bananas, dois ou três tijolos de rapadura, punhados de farinha escoteira.

—Seu moço! Meu povo é déis pessoa! — procuram explicar.

—Parta as rapaduras em pedaços, corte as bananas ao meio! — ordena o distribuidor.

Um sol intenso faisca a crosta dos calçamentos. No céu estanhado, nuvens escuras se acastelam. Os ficus-benjamin citadinos, aparados em cúpulas redondas, não bolem uma folha ao peso asfixiante do calor.

As mangueiras da arborização da cidade, que fazem sombrentes túneis verdes, não movem a ramaria verdusca. Com pernúcios de chuva grossa, o céu fusco, cada vez mais se encarvoa.

Aparecem os caminhões suspirados. Pela demora verificada, a perda de tempo, obriga-os a empilhar nos veículos, velhas malas encouradas, bautas amolgadas, potes rachados, lamparinas desnecessárias, sacos estourando de bregueços.

—Ispie, Candunga, cumo é qui nós se atrepa neste bi-cho? — quer saber Assunção.

—Subo, não, mãe! — recusam-se Ana e Josefa.

—Cê é tola, atrance a saia e se assustente! Vamo logo, meninas! — exclama Tereza, para a irmã e as duas filhas. Galgando a "carrosserie", têm elas de arrepanhar e prender as vestes surradas, entre as pernas bambeantes e depois trepar aos puxões, envergonhadas e coradas.

Dezenas de pessoas de uma vez, aos esbarros e trambo-lhões, amparadas umas nas outras, sujeitas a todos os contratempos, rodam para um recanto alheio.

Onde seria o pouso temporário? Confortariam os estômagos murchos, relaxados da viagem, pelo enjôo do oceano, comendo qualquer cousa fresca, — carne de rez abatida, bode ou carneiro sacrificado à maneira dos sertões?

Embora fosse de favor, acreditavam que comeriam.

Com a dolorosa história de Assunção, que Candunga contara, Gonzaga e Tereza, reunindo fatos, concluíram que a retirante era a parenta que eles não contavam mais encontrar, naquele horror da fuga para o litoral.

Identificaram-se nas vicissitudes; e Assunção, reunindo-se ao grupo do cunhado, narra-lhes as amarguras que passaram, desde a morte do avô, até chegarem a Fortaleza e daí a Belém.

Descarregados os veículos, o serventuário do Povoamento, que confere os listões, informa ao chefe:

—Ainda há gente para algumas viagens...

O superior determina:

—Está bem. Vão separando os homens das mulheres. Elas ficam no andar de cima, com as crianças... Os homens aqui em baixo...

Surpresa para os desgraçados foi esta ordem. Por que tamanhos escrupulos? — consideram. Então eles, que dormiam aos sacolejos, nos incômodos bancos dos vagões; que se contagiavam, no baralhamento das terceiras classes do Loide; eles, que sempre se encontravam na mais desoladora promiscuidade, por que só agora os separavam, isolando-os como leprosos?

Um sentimento de revolta explode na cabroeira.

—Dêxo o que! Morro incangado com minha gente! Logo não vê que muí e fia nossa é pra êsses cão!

—Pai, só fico se fô acostada mais mãe, Assunção e Candunga!

—Taí condo eu faço uma desgraça! — garante um cabra disposto.

Reprovam, reagindo, a imposição, que apenas visa neutralizar os efeitos do ajuntamento daqueles corpos, — como dissera o médico da Saúde.

—Nem que me açoitem não me separo do meu marido... Era só o que fartava!... Neste Pará se vê coisa... — diz, num círculo de mulheres, uma delas, casada há pouco.

—Nóis sabemos o que eles querem, nos separando dos nosso home... Mas o tinhoso que vié pro meu lado, ponho o buxo dêle pra fora! — previne uma outra.

Novas levas vêm chegando, nos caminhões superlotados. As buzinas rouquejam e os descendentes da raça martir, cumprindo — quem sabe lá — o seu fadário, estirando os braços mirrados, equilibram-se nas pernas vacilantes, para depois, agarrados à "carrosserie" deslizarem para o chão, caindo alguns deles desamparados.

Na volta de uma dessas viagens, quando o caminhão tomou carreira, desabou repentina chuvarada, causando pânico entre os viajantes.

—Cê não apara isso não, seu home, móde a gente se arresguardá da chuva? — rogam as mulheres, completamente alagadas.

—Arrange uma estêra, seu diabo! Tem criança doente aqui! — protestam os homens.

Insensível ao clamor desesperado, o condutor do carro, talvez porque as mulheres, com as roupas encharcadas, oferecessem aos olhos gulosos o espetáculo dos seios núbéis, apontando na chita dos vestidos, ou emurchecidos, de tanto haverem aleitado, não atende, nem tem pena, gosando a sua tara.

Assim, numa pungente irrisão dos fados, eles, que fugiam espavoridos, ante um sol cruel e um céu que se algodava em cirrus, ao depararem o ambicionado oásis, na terra hospitaleira da Amazônia, recebem em cheio, em chocante contraste, o aguaceiro imprevisto, de um desabar de nimbos.

CAPÍTULO III

Não há convencê-los ser provisória a separação dos casais. Os mais irritados, mãos nos cabos das "sangradeiras", dispõem-se a defender com a própria vida a prole infeliz.

—Que insigência mais bêsta esta! Que mar fais as muiê drumi onde os home arma a rêde? — inquirem, revoltados.

—Ora já se viu! Cada um tem sua fãnia e arrespeita a do ôtro!

Dando calor à desordem, Gonzaga lança-se à frente de seu grupo:

—Me disgraco todo mas cês não vão não!

Apoiando o padrinho, num movimento solidário, Candunga reforça:

—Vâmo daqui pra cadeia! É só eles virem buscá nossa gente!

Meio emplumadas nas suas formas emaciadas, agitadas e temerosas, Ana e Josefa agarram-se aos dois homens. Assunção, ofegante, ao lado da irmã, tem no olhar um brilho frio.

O rastilho do barulho se alastra. Não se demovem de aceitar a separação. Os representantes da policia civil, comissários, investigadores e guardas, presentes, para manter a ordem, nada podem fazer.

Um mocinho de enxúndias repolhudas, metediço como só êle, achando, nesse contratempo, ocasião para mostrar autoridade, fala em requisitar o "violino" e encurrular no xadrez quantos se recusam às "determinações superiores".

E impafioso, tufando o peito, equilibrado nas pernas nánicas, fala grosso:

—Não tem nada! Se é ordem, já sabem! Cada macaco no seu galho!...

Os calcetas do sol não cedem e nem se atemorizam com essas ameaças.

Damas e senhorinhas do mundanismo social — "porfiam em derramar o bálsamo de sua bondade" — como assinalavam os jornais, — "para amenizar as agruras dos flagelados".

Comparece quem queira levar duas ou mais crianças empanzinadas, para tratá-las em casa, desejo êsse, manifestado por pessoas de modestos recursos, ao contrário dos abastados, que a isso se furtavam.

Apegados a um duro egoísmo, de "sangue limpo", ofendidos com as solicitações insistentes, os responsáveis pelas famílias desenganavam os pretendentes:

—Ora veja lá... Dou o quê!... Isto não é filho de nêgo, que se procura quem quê...

E um outro, com pessimismo:

—Cê é besta... Abro a cova para todinhos mas não dou um só...

A mãe de três crianças amarelas e cabeludas, despacha de uma vez, conformada com a sorte:

—Antes morrerem, se Deus fô servido... Mas é debaixo dos meu óio...

Cessada a exacerbação dos ânimos, com explicações cordatas dos enfermeiros, sobre a separação e a vigilância dos casais, o ambiente vai se acalmando.

O motivo dos homens casados ou solteiros, se recolherem a outros compartimentos, justificava-se pelas condições de higiene e a inscrição das famílias para as localidades escolhidas pelos respectivos chefes.

Por isso, era preferível os homens ficarem apartados das mulheres. Ao serem chamados, não tinham que consultar a ninguém. Evitava-se, também, que os casais doentes tivessem contacto durante a dormida. Ademais, seria apenas por uma ou duas noites.

Não existindo horário convencional, na maioria das vezes, efetuavam-se os embarques ao ralar do dia. E assim que a estrêla d'alva a florava, as monstruosas larvas escuras, movidas a gasolina, transpunham os batentes da Hospedaria.

De novo os caminhões avexados.

Acorda, levanta, carrega malas. Amarra a trouxa dos trapos, bebe um gole de café ligeiro. E aos arrosos e pisaduras, agasalhando os filhos em riscos de morte, os exilados partiam, arrastados pelo infortúnio.

Ao fim da viagem, rumo ao desconhecido, recebendo um papel qualquer, com a designação do núcleo onde iriam recommear a mesma existência, os homens todos, com suas famílias, convidados a descer numa estação, que nem de nome conheciam, entreolhavam-se, hesitantes, sem compreender a utilidade daquele bilhete.

Conscientemente, para êsse povo cigano, se pungia deixar o sertão, acabado de fome e sede, seria com a mesma resignação fatalista, que aceitariam outro habitat, numa região menos agressiva, onde o sol dos martírios, não queimasse tanto os roçados e nem reduzisse a ressequido leito o fundo arenoso das cacimbas.

CAPÍTULO IV

A locomotiva "Peixe-Boi", comboiando dois carros de segunda classe e um bagageiro, compõe o expresso, dos novos agricultores, que irão, como as levadas anteriores, botar roçados na zona bragantina.

Arquejando e rangendo ferros, um ôlho enorme varando a noite, o trem dá graças ao maquinista, quando estaciona, para receber lenha, tomar água, ou descarregar os retirantes. Expelindo jatos de vapor, mostra o longo cansaço da carreira.

Nos vagões invadidos pelas fagulhas, não se pode transitar, sem correr o risco de tropeçar em corpos deitados nas tábuas nuas, em crianças desfalecidas, em detritos de toda a espécie.

O trem se esbofa a noite inteira. Faz um calor desadorado, mesmo fora dos carros. Escurecendo totalmente a linha, despensa forte chuvada. Os trilhos gastos, assentes em dormentes desaprumados, tornam-se escorregadios; e a máquina, para arrastar a cauda, arranca e bufa aos gorgolejos, como um cardíaco obrigado a andar muitas léguas.

Provoca engulhos o cheiro azedo dos suores, com as persianas dos vagões desçidas, por causa das lufadas de vento e chuva.

Gonzaga e Candunga, tendo conseguido um canto mais folgado para as mulheres de seu bando, reúnem-se todos num banco. Silenciosos, ruminando sabe lá que pensamentos, talvez cismem com o torrão sempre amado e cada vez mais hostil.

O rapaz arquitetaria sonhos de um futuro generoso, na terra extranha, confiante que está no seu trabalho, no santo de sua devoção. O outro, experimentado pela idade, daria curso a idénticos anseios, na esperança de retornar ao seu jamais esquecido Ceará.

Possuídos desse anelo volvem os olhos para as criaturas que dependem dêles, e ali se encontram, partilhando de suas desditas, principalmente Tereza e Assunção, dispostas a tudo 2 que nunca se queixam.

Tereza repousa a cabeça, de traços afilados, numa pequena malota, e parece dormir. A irmã, mal ageitada entre as sobrinhas, uma fartura de cabelos negros velando-lhe o rosto moreno, tomba sobre um braço, vencida pelo sono.

Ana e Josefa, abatidas e caladas, formam um friso de abandono e desalento.

O vento e a chuva zunem desesperados dentro da noite soturna. A "Peixe-Boi" estaca para se abastecer de lenha, num tortuoso trecho do ramal, na lomba de uma ribanceira. Os graxeiros e os guarda-freios não querem expor-se ao temporal, acidentado em jorros fragorosos, metralhando na estrada.

Vários metros de lenha alinham-se à margem dos trilhos para que os carreguem, os arrumem no tender, enquanto o chefe do trem, com autoridade camarada, tenta convencer os subordinados a levarem avante o serviço.

—Ora que diabo! Não se pode esperar uma estiada da chuva? — resmungam os empregados.

—A máquina precisa de lenha! Temos de correr o resto da noite! Vejam lá! — previne o chefe.

O funcionário do Povoamento, resguardado e encapotado, prepara outro grupo para descer na próxima parada.

—Pedro Quirino e sua gente! Manoel Rufino e seu genro, com a família!

E os convocados, arrumando as trouxas, carregando as crianças, sacudindo as mulheres:

—Vâmo se apeá com essa chuva?... Tá iscuro que só c dêmo... Só não quero é me perdê da muié nem dos filho...

Num sentimento de gratidão e vontade de trabalhar, Candunga aceita de bom grado a proposta para ajudar a subir as achas, recebendo uma gratificação pelo serviço.

E como êle, outros homens válidos, desejosos de ganhar dinheiro, nenhum se recusa em participar do trabalho.

Surge um obstáculo imprevisto. O chuveirão cai de rijo e os pobres diabos trazem apenas a roupa do corpo. Então, o encarregado do Povoamento, tem uma idéia doida, que causa estranheza a todos.

Por causa das mulheres, apagariam as luzes dos carros, ficando apenas alguns faróis para alumiar o barranco; e os homens, nus, como Deus os fez, desceriam a ribanceira, passando a lenha uns para os outros, até o tender.

Uns aceitam essa resolução, outros não, vencendo finalmente a maioria.

E decorridos minutos, alguns corpos em pêlo, deslizando os ventres vasios rente à terra encharcada, trepam e descem a rampa, conduzindo achas e mais achas.

Candunga pega firme no serviço, para evitar que Gouzaga se exponha a êsse perigo.

Estão dando por terminada a tarefa, uns em cima, outros dentro dos valados, com a enxurrada furiosa, rolando na linha férrea. Alguns dêles, ombros e braços esfolados, tingem de rubro a lama do barranco. O tempo urge. De repente, um fragor de qualquer cousa desmoronando. Que é?... Que foi?... Que aconteceu?...

Ruira o paredão do atêrro, aluindo os dormentes, pon-do em perigo a máquina e o comboio. Sustos e gritos loucos. O maquinista não consegue dar atraz na composição.

Como loucas varridas, as mulheres tentam partir as venezianas dos carros. Chamam pelos maridos, pelos irmãos. A escuridão aumenta o pânico. O chefe do trem, num descontrole de nervos, grita para que tragam luz. E quando um feixe de claridade se alastra lá embaixo, distinguem os homens se debatendo, achando-se vários deles, apanhados em cheio, quase soterrados.

Em meio ao trágico alvoroço, lançam-se cabos, com uma das extremidades presas nos trilhos menos atingidos. E aos arancos e empuxões, como espantalhos grotescos, os acidentados vão sendo guindados.

Faltam os que a barreira bloqueara mortalmente. Um deles é Candunga. Nessa conjuntura desnorteante, um velho decidido, arrosta a tormenta, para salvar os homens.

Ele próprio toma de um cabo, experimenta-lhe a resistência, amarra-o na aba dos trilhos e se deixa deslizar até o socavão, onde os corpos se encontram prestes a desaparecer.

Músculos enfraquecidos pelos jejuns forçados, o retirante arqueia o dorso ossudo, e, ao distendê-lo, consegue retirar as vítimas da sepultura de emparedados.

Falta um último. Extremo e exaustivo esforço. E o velho cearense, passando o cabo por baixo dos sovacos do companheiro, grita que puxem, livrando-o da morte certa.

Serena o vendaval. Começam a reparar a linha, para que o expresso possa prosseguir. Ingeridos dois tragos de cachaça, que o chefe do trem fornece do seu gasto, os redivivos vestem as mesmas roupas, com os cabelos enlameados, os corpos es-correndo água.

Candunga põe-se de pé. E fitando Gonzaga, numa promessa sincera, não se demora a falar:

—Padrinho, o sinhô me sarvou a vida... Não hei de esquecê...

CAPÍTULO V

Na maioria descalços, outros de alpercatas gastas, os imigrantes continuam a marcha para as terras distantes que irão ocupar.

Chegaram à noite, à sede do município, acoissados pela chuva, largados na estação da ferrovia, aos cuidados do prefeito, até que o dia amanhecesse.

Desabrigados, friorentos, ficam a espreitar as horas, à espera de quem os receba e acompanhe, levando-os aos terrenos julgados devolutos, ou a um núcleo qualquer, onde terão de ficar.

Dispostos à dura caminhada, pouco se modifica a situação, em relação ao que sofreram, na fuga dos sertões, nos embarques e transbordos.

Se agora, na terra adotiva e esperançada, a água não lhes falta, e a fome, dias a fio, não os tortura, têm de se utilizar da mesma penosa locomoção, calcando areias escaldantes, tendo um sol sem aragens a lhes seguir os rastros.

Quer nas estradas pedregosas, ou trilhas e picadas, por onde os seus passos se arrastam, a provação se torna dolorosa, tendo apenas suavizado o tormento da sede e do calor.

Alguns seguem de caminhão, até certos trechos, devido às condições desfavoráveis das estradas, levantando-se o mesmo côro de angústias, de queixumes dos doentes, de lamentações dos velhos, do choro dorido das crianças, dos gritos nervosos das mulheres.

Os que seguem a pé também sofrem, mas não desanimam. Caminhando extensos quilômetros, descançam, pacientes, quando um ensombrado permite, porque, na região acolhedora, o fogo do céu não calcina tanto, nem abate a força seivosa da natureza, e há densos copados verdes, marulham linfas correntes, mesmo quando o verão diminui a intensidade das chuvas.

Quem os guia agora na caminhada, com um "caruaíba" de abas largas derreado no toutiço, é João Deodato, um capataz "estradeiro", vindo para as colônias ainda rapazote.

Sabido e aclimatado ao meio, com ordenado da verba da Imigração, nota-se na arrogância de suas maneiras a pessoa de confiança do prefeito, de uma soberba enjoativa.

Conterrâneo dos que ali se aventuram, passando os maus bocados que êle experimentara, como se fôra grande coisa, segue a cavalo, nas pisadas dos forasteiros, só lhe faltando um chiquerador, para ser o comboieiro, açoitando animais da carga.

Surge, enfim, a silhueta de um povoado. Será o ponto de chegada? Ou terão de andar ainda, sem pouso e humilhados, ansiosos para que possam ter socego?

Não se alvoroçam nem ficam radiantes. A alegria há muito fugiu-lhes dos olhos e dos lábios. Não experimentam a menor sensação ante o desconhecido que os aguarda. Aceitam o presente, como a continuação do passado. É fria a sua antevisão do futuro.

Para êles, só há um destino: caminhar, ao sabor dos caprichos dos fados, buscando terras de favor.

João Deodato, todo emproado, apeia do cavalo, levanta um braço, num gesto fanfarrão, de quem manda parar e fala para o bando:

—Ei, seus apressados! Vão todos se reunindo aqui!

Três bodegas de comércio e umas poucas barracas de chão batido, portas e janelas de esteiras, desfazem a cisma de que ali estaria um povoado laborioso.

Um comissário de polícia, pouco letrado, representa a arbitrariedade e a ordem. Um luso espertalhão, um sírio sem escrúpulos, um piauíense manhoso, combinados nas artimanhas, absorvem todo o trabalho e produção do burgo. E nada mais.

—Ó João, vais ser o capataz do serviço? — perguntam-lhe os negociantes.

—Até que esta gente se coloque nas terras...

—Quem fica dirigindo os trabalhos da estrada de rodagem?

—O Izidoro Malaquias — informa Deodato, referindo-se a um seu comparsa.

Tomam, assim, conhecimento se aquele rebanho vai ter o pastoreio de seus "sócios" nas transações. Deodato e Malaquias, usando de expedientes, recebem de "meia", pelo número de aviados que mandam se abastecer nas vendas.

A turma de Gonzaga está no rol dos que chegam à nova terra. Tereza, Assunção, Ana e Josefa. despertam a atenção,

pela maneira como se apresentam, aceiadas conforme as circunstâncias permitem, dando a impressão de família unida, que teve os seus haveres e foi feliz.

Candunga preocupa-se em saber aonde irão ficar, se as terras a lhes entregarem ainda estão longe e como será a posse das mesmas.

Assunção melhorou depois que se juntou a seus parentes e fala mais à vontade, quando se dirige a Candunga, ou tem de se manifestar sobre qualquer caso da viagem.

Ana e Josefa atraem os olhares, com seus modos meio matutos, que condizem com a graça juvenil de seus tipos, provocando ditos dos homens, que Assunção as aconselha a não ligar.

Gonzaga não sabe ao certo em que sítio se encontra. Ouvira falar na "bragança", e respondera querer trabalhar nessas terras, que eram a vívida miragem dos nordestinos migradores. No seu agreste Canindé, fazia lavoura, cuidava de uns bichos, tinha negócios nas feiras, dava geito nas barganhas passava regularmente com a família, benquisto de todos, que estimavam Tereza, pelo seu coração inclinado à bondade.

Agora está com sua família feito retirante, mais Assunção agregada, que felizmente os encontrara, pensamentos êstes que o consomem, pois nunca sonhara que uma situação dessas viesse a enfrentar na vida.

Mas havia de ser o que Deus quizesse, pois transes piores já tinham passado, e Candunga também não se abatia, pronto a não abandonar os seus, a ficar com êles, sem se poupar de trabalho, para vencerem de uma vez.

João Portuga, Salomão Abdala, Minervino Piauí, monopolizam toda a atividade comercial do povoado. O milho, o arroz, o feijão, a farinha, a fibra, a madeira, a lenha e o carvão, que saem dali, não têm outros donos senão êles.

Essa forma de negócio se tornara hábito comum. O agricultor não dispõe de crédito e nem de capital para a produção de suas culturas. Precisa comer, vestir, comprar remédios solver compromissos, manter a família e ainda cultivar a terra com as lavouras costumeiras.

Recorre, sem outros recursos aos comerciantes, que o servem como um favor, abrindo-lhe conta no estabelecimento sob a garantia da colheita que render o roçado.

O desgraçado não vê outra saída senão ceder e comprar tudo fiado, para pagar na safra. Desde então os produtos não são mais dêle, estão empenhados na "folha", antes de serem colhidos.

No caderno do comerciante as parcelas se multiplicam, e quando chega a época da colheita é êle quem faz os preços,

quem recebe as cargas dos produtos dos colonos, para crédito dos débitos contraídos. Ninguém escapa a êste jogo. O mais difícil é haver saldo credor; infeliz de quem desvie uma saca de cereal, ou de farinha, para vender na feira, sem o consentimento dos açambarcadores.

A exploração é organizada, garantida pelos chefões e os preços dos gêneros, para o consumidor rural, são elevados sem controle e sem piedade.

Cassacos, tiradores de madeira, lavradores com roças maduras, plantadores de fibras, completamente apassivados, dialogam melancólicos:

—É isso mesmo, compadre Cirilo... Cavei seis mês na roçage e o ganho foi todinho prá seu Minervino.

—Pió foi cum eu... Prá não andá nu, cum vergonha das filha moça, que também já andavo quaji cum as partes mostrando, pro modi só terem u'a muda de roupa, me incalacrei até os olho cum mardichoado do turco. Uns paninhos di nada custaro dez carga de milho, cinco de farinha, nem sei quanto quilo de fibra.

E um outro, entrando no assunto:

—Cê se lembra do Chico Braganha? Adispois daquele frio bate-queixo e do febrão que pegaro o coitado, cê se lembra que êle ficou cuma lezêra de não podê brocá uma roça?...

—Intão não me alembro?... Sei quá é...

—Apois seu Portuga, só em "pinga" e quinino da venda dêle, arreculutou o dinhéro interinho que o pobre teve, tirando madêra no mato brabo.

Um descontente, devido os baixos salários, se manifesta:

—Eu é qui vou mimbora daqui... Num ganho nem pra morrê di fome... Quem fica na terra pra sempre é só se enterrou nela...

Eram os espoliados, impotentes para se defender da astúcia do negociante poderoso, inconscientes de sua miséria, sem poderem fugir a êsse comércio, vítimas dos que se aproveitam da desorganização do trabalho nos campos, para viver montados na vida, explorando os desamparados.

João Deodato coopera nessa exploração.

Se nos dias de domingo, alguns colonos se reúnem e viajam até o mercado da cidade, afim de comprar mais barato e melhores os gêneros com que atendem mal às necessidades do estômago, Deodato os persegue.

Ao serem vistos na feira e volvem depois, cada qual com o quilo de carne verde, balançando da embira, ou o jacá ao ombro, conduzindo a quarta de feijão e outros artigos adquiridos, pagos à vista, Deodato se informa dessa "insurgência", que entende redundar em prejuízo da trinca, e chalaceia:

—Bem que estou vendo... Querem passar melhorados... Pensam que aqui são roubados... Depois, estão caindo dos quartos...

Com estas "charadas" maliciosas, começa a "marcação". Os mais visados passam pior. Quando Deodato não os manda embora, ou não os muda das terras em que estão localizados, retarda-lhes a entrega do bilhete do lote. Os que são dos trabalhos de estradas, com a aquiescência de Izidoro Malaquias, corta-lhes dias de salários, prejudica-os de qualquer maneira.

E quando o português, o turco e o piauiense sabem disso, aconselham-no a prender as sementes que acaso a Prefeitura distribua, ou a não dar as ferramentas que recebe para os colonos, criando-lhes tôda sorte de obstáculos, até que êles se "adomem" à sujeição forçada.

C A P Í T U L O VI

O lote para trabalhar, que coube a Gonzaga e Candunga, confina com antigos terrenos já ocupados.

O núcleo fica distante do abarracamento onde a família se encontra. Enquanto não levantam palhoças, no campo onde se localizarão, para se abrigar, ocuparão moradas provisórias. E quando as "maria-já-é-dia" convidam a despertar, sai o madrugador, em companhia do afilhado, para se entregarem à faina da broca.

Com a neblina caída à noite, o mato cerrado molha a roupa para o dia todo. As ferramentas que levam são as mais disparatadas, para um serviço duro, que reclama bons ferros.

Tudo isto concorre para retardar o trabalho da broca, da derruba, da remoção da galharia, do corte do cipoal, da tiritica braba, para vencer o mato agressivo.

Num velho surrão esfiapado conduzem a matalotagem de jabá torrada com farinha seca, para o almoço escoteiro. E calculando as horas da fome, pela trajetória do sol, rostos curtidados e suarentos, só por extrema necessidade de alimento, se achegam à fresca da ramaria, para mastigar um bocado. Comem calados e recolhidos, cada qual com os seus pensamentos.

Diariamente, as primeiras luzes matinais os encontra em meio do caminho para o "centro". E o recolhimento vespéral, ao ungir a mata nos óleos do crepúsculo, deixa-os ainda no éito, pegados nos cabos dos ferros.

Anda-se pelo mês de junho e a derrubada deverá ser terminada até agosto, quando as grandes árvores estarão decapadas e a canícula de setembro secará o mato abatido. De outubro a novembro será a queima e ao entrar janeiro o plantio.

Nesses dias de faina exaustiva, Gonzaga e Candunga parece que se esquecem de sua triste condição de párias, de esfalfados matungos, arrebrandando-se de trabalhos.

Volvem sempre ao escurecer, porejantes e famintos. E vendo-os abatidos pelo esforço em realizarem, só os dois, o que

ocuparia muitos braços, Tereza e Assunção se oferecem para ajudá-los, indo também para os labores do "centro".

Bizonhos e teimosos, ambos recusam aceitar, alegando que depois do terreno encoivarado aproveitarão essa ajuda.

Vencidos muitos dias de atividade incessante, os chucros desbravadores passaram a fio de terçado e machado uma enorme área de floresta, que iria arder num incêndio bárbaro.

Sem responsável oficial que os contivesse naquela sanha devastadora, — verdadeira fúria em verem os paus estrondando na queda, — não respeitaram árvores adultas ou meãs para deitar por terra.

Desconhecedores dos valores de nossas essências florestais, repetindo o tradicionalismo de seus patrícios, que transplantam a aridez, em vez do florescimento, Gonzaga e Candunga derrubaram sem conta nem medida uma vasta porção de mata, onde caberiam centenas de tarefas plantadas, que seriam totalmente colhidas, se o seu cultivo fôsse tecnicamente organizado.

E sem terem observado nenhum desses princípios, para melhor aproveitamento das lavouras, quando o verão ia abraçado, largaram o fogo no roçado descomunal.

Acamada e seca a derrubada, os dois retirantes, desviados na sua ambição, descuidam-se na abertura de aceiros, para evitar o contacto das chamas com a mataria circunvizinha. E no dia em que, como trágicos demônios, pegam fogo no roçado, não têm a preocupação de "cercar" o fogaréu.

Impelidas pelo vento, as labaredas rapidamente crescem e engrossam, até se unirem em inúmeras línguas serpenteantes, ávidas de destruição.

Resinas estralejam, galhaços e tegumentos formam um lastro de incendidos resíduos, na queimada assoladora. Os grandes troncos vitimados, carbonizadas as substâncias defensivas, desfazem-se em fagulhantes explosivos.

Transforma-se a queima em rubra e voraz fornalha. Colaborando com a violência do fogo, o vento faz voar faíscas incendiárias, que brilham e sobem no espaço, para cair nas frondes inermes, propagando a avalanche para o "cerrado".

Sem os valados dos aceiros, que impediriam a incursão das chamas, elas alcançam o reduto verde, que antes se ostentava inviolado, e lavram como loucas, massacrando colmeias e animais, afugentando a caça, destruindo ninhos indefesos, murchando floração de rovos frutos, abrindo, afinal, clareiras ardentes nas brenhas flamejantes.

Conta-se por dias o tempo que está durando a queima, chegando a tal ponto o calor produzido em tórno, que as águas dos igarapés aquecem e morrem os peixes.

Soube-se, então, no povoado, que o fogo não tinha freio, que assim continuando, ameaçava os lotes confinantes, alguns trabalhados mais cedo, já plantados.

E agora?... Que fazer?... Que providência tomar?...

Gonzaga e Candunga, sem saberem o que resolver, estão apavorados. Não há mais jeito de abrir aceiros. Aparece gente, que também fica sem ação, diante do fogo enraivecido. Lembra-se de tomar compridas varas e espancar as labaredas que se projetam furiosas, tentando restringi-las ao círculo da derrubada, evitando que assaltem as terras limítrofes. Sufocados pela fumaceira, as roupas encharcadas de suor, braços empolados de queimaduras, Gonzaga e Candunga, e outros homens, estão em risco de ser envolvidos pelos rolos de fumo e fogo.

Temem todos pelas roças cultivadas. Com o bater das varas cortadas à pressa, as chamas paralizam um tanto a sua marcha infernal, contidas na cavalgada fumarenta.

É preciso, contudo, que se abatam, que amorteçam, ou se extingam de uma vez.

As mulheres do rancho de Gonzaga correm espavoridas para o local do fogo. Gonzaga e Candunga nem podem vê-las, no atropelo em que se encontram.

Ao contrário das previsões, dias antes de tocado o fogo no roçado, se não chovia, esperava-se que o tempo mudasse e os mananciais do céu jorrassem, quando a queima estivesse a findar.

Mas tudo ocorre ao contrário. As noites se sucedem sem aragens, quentes e abafadas, facilitando aos morcegos cevarem-se no sangue dos colonos. A lua desacertara a sua conta e as chuvas marcadas não se anunciam. O calor, porém, é sintomático de muita água cair. Apreciada de longe, a queima tem a terrível beleza do inferno cristão, com seu purgatório para Gonzaga e Candunga.

A aflição dominante emudece as palavras. Velhas supersticiosas dizem que o fogo não cede, por terem trabalhado no roçado em dia santo de guarda. Balbuciam rezas lamentosas em melopeia dolente. Por que não vinha uma chuva diluvial, como as que caem em Belém? Olhos súplices voltam-se para um ponto escuro no céu, com espessas nuvens carregadas de vapores, semelhantes a sôbrenatural aquilíneo, com as grandes asas paralizadas.

Angústia de enlouquecer. Vingador e revoltado, o fogo, assim devastador, não será um castigo de Deus?... As rezas se ouvem morrentes...

E eis que, repentinamente, rabeia no céu convulsionado o clarão sinistro de um relâmpago. Pasmados e surpresos, os olhos se amaioram e as bocas exclamam, como se chegasse a salvação esperada:

—“Lá vem cair chuva!... É água muita!...”

Se assim era, nos seus milagres incompreensíveis, Deus e os santos, que nas sêcas desadoradas, não havia como atenderem a exortações, vinham agora socorrer a natureza, de que o homem se tornara inconsciente carrasco.

—“E’ chuva da boa!... É água de verdade!...” -- repetem transfigurados.

Em seguida, estrondam trovões distanciados, como bocejos de monstros irritados, despencando-se um tufão desenfreado, com chuva e ventania. Sem dar tempo de se abrigarem, cai o temporal com tal violência, como se arrastassem pesadas carretas pelas nuvens. Raios flamíneos rasgam o telão do céu e a chuvarada enxarca a terra.

Gonzaga e Candunga estão com as roupas em farrapos, sem poder falar. As mulheres correm para eles. Ana e Josefa, chorosas, se abraçam ao pai. Tereza tem os olhos vermelhos da fumarada, mas sem lágrimas. Assunção avista Candunga e quer consolá-lo, porém não encontra palavras.

O seu amigo está irreconhecível, da luta que travaram contra o terrível braseiro.

CAPÍTULO VII

O tempo amanheceu lavado e tênues fiados de fumo sobem do rescaldo. Com alguns dias sem chuva e vento, a queima estará totalmente finda.

Gonzaga e Candunga, sem qualquer constrangimento pela depredação da mata, começam a encoivarar o que não ficou totalmente carbonizado, afim de acabar, ainda por meio do fogo, com aquela paulama toda.

Na área abrangida pela violência das chamas, estão madeiros de piquiá, de acapú, de maçaranduba, de jarana e outras espécies nobres, pesadamente estendidos, que ali ficam sem aproveitamento, além da galhaça esparsa.

Todavia, à custa de energia e de trabalho, os dois inquisidores da floresta conseguem desobstruir algumas braças de terra, e aí mesmo fincam esteios, nos quais sobrepõem caibros e palhas, melhorando a rústica palhoça para alojamento da família.

Gonzaga manda o afilhado buscar as mulheres para a tósca habitação e ficarem todos juntos, menos afastados dos terrenos de seu roçado. Tereza, Ana e Josefa, chegam com as bagagens comuns, alegrando com suas presenças a moradia provisória. O lugar é ermo, não há vizinhos, de modo que ficam isolados, naquela tristeza absorvente.

Reunidos no mesmo teto, convictos de beneficiarem o que lhes pertence, Candunga e Gonzaga se empregam no preparo do solo, que irá receber as esperanças culturais. Trabalharam satisfeitos, menos Ana e Josefa, que, às vezes, não escondem o desgosto de estar metidas num serviço brabo, que as expõe ao sol e lhes tira a macieza das mãos.

Puxando num esquipe firme, percorre-se regular distância para se chegar ao sítio, em que fica a barraca de Gonzaga. O logarejo, com habitações e comércio, está noutro rumo, para onde se vai por estreitos caminhos diferentes.

Vilório incipiente e atrasado, estão ali as tabernas, as

pensões para dormidas e refeições, as lojas de quinilharias; ali rezam-se as ladaínhas, festejam-se os santos padroeiros, com foguetórios e leilões, em frente da pequena capela; ali se fazem os bailaricos, com harmônica, violas e cantorias, que às vezes terminam em sérios conflitos, com ferimentos e mortes; ali se abrem as bodegas, para os goles e mais goles de "cachaça marvada"; ali se encontram a jogatina, as raparigagens contagiosas.

Como indiferentes à vida e às ruindades dêsse meio, que a caboclada e os chegadiços chamam "vila", Tereza, Assunção e os companheiros, absorvidos pelo trabalho, não querem saber do que se passa naquele ambiente, onde pousaram desde a chegada até a mudança.

Ana e Josefa é que estão saudosas dos dias em que ali se detiveram, antes de vir para o "centro".

Recordam as amizades, o movimento dos tropeiros, nos domingos de feira, quando os fiscais, os soldados, os paisanos, os viajantes, "mexiam" com elas, oferecendo-lhes cuscús, pamonhas, garapa de cana, entremeados com ditos bregeiros.

Ansiosas por saber das novidades da "vila", pedem notícias, querem se informar dos chamêgos dos guardas, dos furdunços por causa de saias, dos mexericos, das amigações recentes, dos casamentos falados, quando aparecem padres para isso.

—Candunga, viste alguma cousa na feira? — informam-se, interessadas.

—Vi nada, não. Só mais um fiscal cobrando imposto do chão, onde se vende o que os colonos traz. . .

—Entonce, Candunga, cê não sabe que o guarda prendeu o Zé Gome, pra módi êle drumi cum a muié do prêso?

—Sei não. . . O Zé Gome é um traste. . . O guarda é um safado. . . Aquilo tudo é uma porquêra!

—Cê parece um bicho, Candunga. Módi que num conversa. . . Nem mesmo a feira presta? . . . Tem tido muito povo? . . .

Candunga exaspera-se:

—Que presta o quê! Os atravessadô, protegido pelos fiscal, pelos guarda, é que compram a maió parte e adispóis vende prá nois, pela hora da morte. . .

Assediado pelas perguntas, Candunga resolve não responder, trancando-se num mutismo reservado e continúa a desarrumar os embrulhos das compras feitas nas tabernas, para o escasso rancho da semana.

O último vintezinho se fôra e aqueles gêneros vêm a crédito, roubados no peso, com acréscimo nos preços, mediante

garantia de pagamento na safra. Candunga havia conseguido abrir conta com um vendeiro, recomendado de João Deodato. E o rapaz, sabendo que êle e Gonzaga não tinham a quem recorrer, consciente de estar sendo furtado, na volta da feira, fica aborrecido e intratável.

Apressando o encoivramento nos lugares em que o roçado não ficara totalmente queimado, Gonzaga evita demora e reduz a estacas e a lenha quanta madeira pode aproveitar, destinando os paus mais resistentes para as cercas.

Também abre uma caieira para fazer carvão, que depois tem de vender ao comprador local, que é quem mais lucra.

Para cercar todo o terreno, trabalho que a maioria dos colonos não quer ter, enterram moirões espaçados, cruzados em X, nos quais vão colocando, longitudinalmente, varões resistentes, de maneira a ficar vedada a passagem aos animais de porte, que danificam as plantações, evitando que os bichos do mato façam o mesmo, o que é impossível, devido as cercas não serem feitas com estacas unidas.

Terminado êste serviço, que, para Gonzaga e Candunga, significa um começo de propriedade, vê-se extensa paliçada de paus entrançados, para resguardo das tarefas, que em breve ostentarão milharais e arrosais apendoados.

Com as primeiras chuvas de dezembro, adquiridas as sementes, que um dos mandatários da "vila" arranja com o prefeito, e depois entrega aos colonos em troca de futuros produtos, iniciam o cultivo do roçado, que julgam lhes pertencer.

Desprezando o destocamento do terreno, sem máquinas para isso, plantam o milho, o arroz, e conseguem também, manivas para a roça de mandioca. Abrindo as covas ao sabor das enxadadas, os dois homens seguem à frente, enquanto as plantadeiras, Tereza e as filhas, jogam os grãos nos dois palmos cavados. O mesmo fazem com a maniva, "mergulhando" as hastes e cobrindo-as com terra fôfa.

Feita a sementeira dos cereais e a plantação das manivas, intercalam os claros com outras "culturas ligeiras". Depois têm de esperar pelo tempo, fazendo seus projetos de grandeza, quando a terra lhes devolver tudo aquilo, num parto de espigas cheias, com resultados compensadores, provenientes do que lhes custara tanta perseverança.

Assunção tivera preferência para cuidar dos afazeres caseiros, preparar a comida, lavar as roupas, dar de comer aos xerimbabos, que estavam começando a criar.

Ana, Josefa e Tereza, resguardando a cabeça, por causa do sol queimante, com panos aos costumes bíblicos, ajudam os homens.

As filhas, um tanto lerdas, por não estarem gostando daquela vida, auxiliam os trabalhos de campo, forçadas pelas circunstâncias.

Isoladas naquele desconforto, a natureza agindo na sua ardente mocidade, saudosas dos galanteios da "vila", com as suas facilidades e tentações, as duas irmãs sentem apenas, uma aspiração, que é se verem livres daquele meio. O mato irrita-as, entristece-as, rouba-lhes as satisfações que os seus desejos de donzelas reclamam.

Antes dos fins de março, as tarefas plantadas surgem cobertas de pés de milho, com outros cereais apontando, tudo brotado, que faz gosto olhar. Se o inverno for maneiro, sem chuvas pesadas, não haverá outro roçado, como aquele, num elementar resultado, da mata preciosa que fôra destruída.

Candunga e Gonzaga, levados na sedução de seus sonhos, preparam-se para dar uma "limpa", porque o juá, a jurubeba, as malvas silvestres, a salsa anani, a "canela-de-veado", a vassourinha de botão, também se intrometiam, querendo "afogar" as plantações.

Consoladora esperança enche-lhes o coração. O trabalho será recompensado. A terra é forte, humosa e boa. Contam com uma safra animadora.

Enquanto esperam pela colheita, sempre com serviços a fazer, o padrinho e o afilhado, para não trazerem as mulheres ocupadas no campo, resolvem que Assunção, Ana e Josefa fiquem na barraca, cuidando das cousas domésticas. E a prestativa Tereza descansará, remendando as fraldas encardidas, ou trocando bilros, na almofada sertaneja, para o tecido caprichado das rendas de ponta e entremeio, em que é de uma perícia singular.

Eles irão sôzinhos, capinar o roçado, concertar as cercas, felizes e esperançosos no seu trabalho, embora as saúvas e outras formigas, que dizimam roçados da noite para o dia, apareçam com a sua cooperação nociva.

A luta contra essa praga desanima os colonos mais dispostos. Nada podem contra ela. Quando plantam, contam com a parte da sociedade da sauva. Não vale a pena combatê-la. Elas são melhor organizadas que eles.

Não vêm como as "cortadeiras" pelam uma roça em poucas horas, ajudadas pelas "carreteiras", que não cessam de levar tudo para os armazens do sauveiro?

A sauva é uma fatalidade que eles esperam retornadamente, mas o intermediário trocador, parece que a pior.

Por essa época é que João Portuga, num dia de tempo limpo, mandou selar o cavalo e tocou para os lados das terras de Gonzaga.

Conhecedor dos métodos seguidos pelos nordestinos, nos seus hábitos rurais, sabe que os homens andam no roçado, e as mulheres, caso não estivessem na palhoça, teriam ido com eles.

Aventurando como pensara, o luso prestigioso, íntimo do prefeito, do juiz de direito, do promotor, do comissário de polícia, que manobra com os funcionários do fisco, dispondo, como entende, dos soldados do destacamento, Portuga envereda pelo caminho que desemboca no acampamento do imigrante, e só entende de colhêr as redeas, para apear, quando pisa no terreiro da barraca.

Dito e feito. Neste dia, Tereza acompanhara Gonzaga ao roçado, para apanhar uns legumes, e Ana e Josefa, mais Assunção, lidam no interior da habitação.

Bastou um relance de olhos para Portuga perceber que as jovens estavam sós. Satisfeito, bateu palmas anunciadoras.

Assunção é a primeira a sobressaltar-se, enquanto as outras se precipitam a ver quem será. Portuga expande-se à vista das raparigas:

—Ora viva as Três Garças! — exclama risonho.

—Quem é? — perguntam de dentro.

—Então não se lembram mais de mim, suas ingratas! Onde está Tereza! O casmurro do Gonzaga! O sonso do Candunga!

—É seu João, mana Zefa! — reconhece a irmã maior.

—E quem deveria de ser? — acentua êle, com intimidade.

—Mãe e pai estão pro roçado — murmura Ana, timidamente.

Assunção ficara abobalhada. A moça quer falar, dizer alguma coisa, oferecer um assento ao visitante, ir buscar uma caneca d'água e nada lhe ocorre. Sente a língua perra, os movimentos paralizados.

—E você, Assunção, — repara Portuga. Olha que estás mais pálida e magra, pequena! — E jogando o laço para as duas irmãs: — Quando vocês moravam na "vila", que saíam de casa e passeavam, que iam à feira, tinham outras côres e melhores carnes.

—Aqui estamos no que é nosso, seu João, — destorcem elas.

—Ora, no que é nosso! Então isso vale alguma cousa?... É preferível dormirem ao relento! — desarvora-as, com mordacidade, o conquistador.

E após breve pausa, convicto do efeito produzido pelas suas palavras, Portuga prossegue: — Isto não pode continuar! Vocês irão para a nossa casa, até chegar o tempo da colheita, da desmancha dos roçados! Aqui é pior que viverem numa esterqueira! Morar nisto é servir de pasto aos morcegos, carapanãs e muriçocas!

Infelizmente era a verdade irremediável. Desde que ali viviam, havia noites que não podiam sossegar nem dormir. Guinchos e esturros na mata, asas nojentas e pegajosas batendo-lhes na rede, cobras silvando entre as palhas. Elas nada protestavam, mas ansiavam sair dêsse horror. E as três, acmesmo gesto, sem denunciarem seu pensamento, se excusam:

—Vámos não, seu João! Até já nos acostumamos...

Então êle repara, mais detidamente, na pobreza de tudo

Compõe-se de dois pequenos compartimentos a mísera choça. Na divisão da frente, manchadas de sangue negro, das picadas das pragas, estão as "tipoiás" dos homens, suspensas do travessão; na separação do centro, de certo mais convidativas, a rede das mulheres, armadas, sem lençóis nem mosquiteiros. Num canto do quarto, esfumaçado da luz do que-rozene, nota-se o lugar das lamparinas; e pelo chão irregular, de barro batido, amarelo e úmido, visíveis cusparadas de "mascaca" denunciam a marca de um vício antigo.

João Portuga, esporeando os seus instintos, volta-se para as desejadas, em tom imperativo:

—Não têm nada! Vou esperar o velho Gonzaga e dizer-lhe que isto não pode continuar! — E olhando para o garitô, espetado num ângulo da barraca, onde guardam os mantimentos: — Que vejo mais?... Alí, pedaços de xarque ardido, restos de feijão bichado, farinha que só os porcos podem se cevar com ela! E ainda arrotam: — "Estamos no que é nosso"! — Orgulhos bestas!...

—É a vida do pobre, seu João — sublinha a voz de Assunção.

Esquecido de que a culpa dessa penúria cabe a êle, e aos outros, com as suas explorações aos aviados, responsáveis por aquela situação, xinga ainda os derrotados, — "espúrios beneficiários dos créditos votados para a imigração" — como crítica as verbas gastas com os flagelados, um barbeiro da vila, que discute socialismo.

Portuga reforça a carga:

—É o que estou a ver! Então, três raparigas, até bem

parecidas, a se acabarem neste desconforto, por um capricho àtoa! Mas eu não consentirei isso! Está a clamar aos céus!

—Seu João, nós mesmo é que queremos estar juntos! Candunga e pai até já se zangaram com a gente, por causa disso — explica Ana, ocultando seus pensamentos.

Portuga tem a intuição do que se passa no íntimo das pequenas.

Apesar da tranquilidade com que argumentam, pelo menos nesse momento, recalcam seus sentimentos, para salvar-guardar as consequências, enquanto Tereza e os companheiros não chegam do campo.

Bem que elas juntas, aliviadas e agradecidas, sairiam dali, caso pudessem. Não fosse reconhecerem o mudo sacrifício de Tereza e a resignação dos dois homens, há muito teriam abandonado aquilo tudo.

E como querendo espicaçar as tristezas que as amarguram, Portuga insiste:

—Acaso já neguei, ou exigí alguma coisa de Gonzaga?!... Quando êle entrou a primeira vez no meu estabelecimento, conheci se tratar de homem sério! — E chegando-se para as duas jovens: — Até aí, muito bem... Deixar, porém, vocês aqui nestes ermos, quando são dignas de viver no meio de gente fina, isto é que não! Ah, seu Gonzaga não pode fazer esta malvadêz!

—Retirante não é ninguém, seu João, — considera Assunção, lançando o olhar para fora.

—Sejam lá o que for. Gente trabalhadora, é forçoso reconhecer... — E indicando com o chicote: — Não vêm esta imensidade de roçado, que Gonzaga mais o outro, e de certo vocês mulheres, fizeram em poucos meses? É trabalho de gigantes... mas também de malucos, de gente desorganizada! — conclui por fim, tirando um cigarro caro da cigareira de prata.

E como se houvesse tido reflexão repentina:

—Ah, já percebí! Querem fazer economias... Apertar a barriga... Está direito... Mal sabem que estão a se encher de ilusões. E depois...

Suspende o sentido da frase. Dá alguns passos pelo recinto; dirige-se a Ana e Josefa, tocando-lhes nos ombros:

—Estas meninas devem é ir para a "vila"! — Voltando-se para Assunção: — Vocês estando lá, suas tôlas, têm de tudo e não demoram achar casamento... É só irem para lá...

Leva o cigarro aos lábios. Depois solta a "tragada", seguindo com o olhar volutuoso, a fumaça trescalante, em espirais caprichosas.

O cavalo em que viera ficara amarrado a um moirão do cercado. Portuga, não só viajara com o pensamento de "cautar" as sertanejas, como também para ver de perto as plantações de Gonzaga, afim de calcular quanto lhe renderiam na safra.

O animal relincha, escarvando o chão. Tereza e os companheiros vêm chegando. Ouvem o "aviso" e extranham que ali aparecesse alguém montado.

Portuga apressa-se a vir espiar o que será. Nota o grupo que se adianta, esfumado nos primeiros contornos das sombras da noite, e grita para dentro:

—Venham vêr, meninas! Não serão êles?!...

As três mulheres chegam fora. Estavam ansiosas para que Gonzaga e Candunga chegassem. Sentiam Portuga farejando-lhes o rastro... E firmando a vista, confirmam a um só grito:

—São êles mesmo! Pai vem na frente! Mãe e Candunga vêm atraz!

Na inquietação do sucedido, seus corações se descompassam.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

O doutor Romario, como chamam ao agrônomo designado para dirigir o núcleo colonial do burgo, diplomara-se à custa de persistência e de estudo. Pobre, sem outras armas para lutar na vida, senão a sua inteligência e vontade de vencer, forçaram-no a colar gráu numa turma "jaqueira", para poderem titular protegidos.

Não que êle necessitasse dos recursos dessa conhecida "instituição", mas, por precisar o diretor, de doutorar estudantes, "jubilados" em varios anos do curso.

Espírito investigador, com idéias independentes, seus conceitos dissecam nossas "crises objetivas" e "soluções de emergência", à crua realidade de uma análise sensata. Dizem-no revolucionário e derrotista.

Efetivamente, para os comodistas que o observam, causa estranheza seu modo de pensar, sua maneira franca de expressar-se.

Seus comentários às opiniões dos moralistas convencionais, sua crítica à negligência burocrática, abrangendo os mais úteis setores, ferem, exprobam os responsáveis pelos destinos do país.

Ao referir-se às condições de sanidade das nossas populações rurais, Romario põe em relêvo o nosso "vasto hospital".

Essa modalidade revolucionária do seu carater, como acham, mais se acentuara, a quando de sua nomeação para um cargo posto em concurso e que em líquido direito lhe coubera.

Conficara no critério e na justiça da banca examinadora. Entretanto, fôra classificado em plano secundário. Seu ímpeto teria sido desmascarar os julgadores. Todavia, porque a fa-

mília lh'o suplicara, conformou-se com a derrota. E depois, contrariando os seus sentimentos, teria de recorrer a importante fornecedor de Ministérios, para conseguir o indefectível cartão de amparo e não ficar "congelado", na manhosa esapatória do "aguarde oportunidade".

Escrevendo a um amigo a propósito deste caso, Romario verberara o descaso dos examinadores pelas responsabilidades de que se investem, o servilismo em aprovarem os recomendados, a naturalidade com que recebem presentes antecipados, às vezes cheques bancários, para dar as melhores notas a certos candidatos, como conhece casos.

Romario é um inconformado com essas atitudes, com essa falta de critério, de dignidade pessoal.

Discutindo o nosso complexo panorama econômico, sujeito a disciplinas capitalistas, Romario condena o artifício da valorização, da superprodução, por meio da destruição do excesso de produtos; enquanto massas de camponeses e proletários definham e morrem à míngua de alimentação.

Tido como espírito emancipado, cioso de liberdade e de justiça, levaram-no a redigir um manifesto sindical, quando uns ferroviários estiveram em greve pacífica, tendo lhe trazido esse gesto as atenções da Polícia.

E os técnicos? Os famosos especializados neste ou naquele ramo, que orçam centenas de cruzeiros para os seus "feitos de engenharia?" E os "conhecedores da terra pelo cheiro", que asseguram exatas porcentagens germinativas, com a mesma facilidade com que os faquires fazem brotar o fruto a um leve aceno fluidico?...

Estes, para Romario, não passam de simples teóricos. Por interesses particulares, titulam meros capatazes de campo, portadores de certificados duvidosos, entregando-lhes chefias de serviços que reclamam capacidade para realizá-los.

Romario percebe lhe "cuspirem na sombra" — como diz êle.

Começam a apontá-lo como demagôgo, adulterando os seus argumentos e apreciações dos fatos e reformas, que nos tocam de perto. Isto lhe traz o estacionamento, a demora nas promoções e transferências contínuas.

Mantendo certos modos inconvenientes de agir — como julgam — Romario vê os outros ascenderem, submissos e versáteis, sem opiniões definidas, coerentes com tudo, e proclamando, em gestos patrióticos, que o país "vai às mil maravilhas"...

E um homem dessas idéias e do moral de Romario é que iria administrar os serviços do núcleo agrícola, para onde os retirantes estavam sendo encaminhados.

A portaria "designando o agrônomo Romario Sérgio para discriminar e repovoar as colônias do interior da zona bragantina" recebeu o ciente regulamentar.

Examinadas as condições agrológicas do solo, Romario tem de combinar a direção dos trabalhos com o prefeito local, — "esses chefetes da roça, ignorantes e rapaces, apegados ao mais revoltante faciosismo" — no conceito dos jornalistas da oposição.

Daí não tardar o lance do primeiro entrechoque. Os colonos que estão sendo localizados em áreas longínquas, a mando do capataz Deodato; aqueles que trabalham de "meia", ou a paga de baixos salários, todos querem falar com o "doutor" que vem repartir definitivamente os lotes.

Era êsse o primeiro impecilho, pois se diziam donos das terras os comerciantes, o coletor, o fiscal geral, até as irmandades pias, — "como se padre e santo precisasse de terras", — na apreciação de um sapateiro anti-jesuíta, com uma loja de remontes e venda de calçados, na sede da colonia.

Não havia escrituras nem quaisquer documentos que a lei exige, asseguradores, aos improvisados proprietários, de posses nas terras, de que se haviam assenhoreado. Apesar disso, quem lavrava ali, fazia-o para êsses donos.

— Há quanto tempo foram vocês trabalhar nessas terras — quer saber Romario, para se orientar.

A essa pergunta, os colonos se entreolham e um deles, falando pelos outros, responde:

— Desde que nós chegüemo...

— Por que não pediram para cada família ser localizada em lotes independentes?

— Pedi o que, seu doutô! Aqui todo terreno tem dono...

— Como é isso? — Romario surpreende-se.

— A terra, o mato, a roça, a caça, a água... Até nós mesmo... Se não temo dono, sêmo alugado, que é o mesmo que sê escravo...

Romario carrega a fisionomia:

— Como é isso?...

— É a verdade, seu doutô... Sêmo burro de carga de seu João Portuga, de seu Minervino, de seu Deodato... Mas o pió é o turco.

— Quem levou vocês para os lotes? Foi o encarregado do serviço?

— Inhor sim, seu doutô. Foi Deodato, que nós aperta no trabalho.

Nas alternativas dêste diálogo, Romario percebe tôda a trama. Para desfazê-la, terá de romper com essa "igrejinha", denunciar, prender, fazer-se enérgico.

Os colonos aguardam uma solução de sua parte. São todos assim. Nessas ocasiões, ficam nas encolhas, na expectativa. Na hora das responsabilidades, bem raros colocam-se-iam do lado do agrônomo, preferindo apoiar os "coroneis", como acontecera com um agrimensor que ali estivera, medindo terras. Vivem no servilismo, mas têm receio dos poderosos.

São afixados Editais marcando prazo para se apresentarem "munidos de papéis competentes, todos aqueles que se julgarem com direito a terrenos na colônia".

Pilheriam e gosam com os termos dos Editais, que provocam tôda a espécie de comentários. Os comerciantes chalaçiam, quando procuram ouvi-los, sôbre o assunto.

Quem é que possuía documentos legais? Escrituras, títulos, bilhetes de localização, cartas de aforamento? Os lavradores não precisam dessa formalidade, de "papeis escritos", para botar roçadas. O doutor está "arranjando essas cousas só para atrapalhar". Que não dessem importância aos tais Avisos — é o que aconselham os senhores importantes do lugar.

Decorridos os dias marcados no Edital, apenas alguns caboclos mazombos, receiosos de que as cousas lhes resultassem mal, são os únicos que apresentam bilhetes caducos, expedidos em nome de colonos já falecidos, ou ausentes, quando não, inúteis recibos sem selos, de compras de benfeitorias, em terrenos onde agora têm roças.

Outros trazem "ordens escritas" para trabalhar nas terras, dadas pelos figurões, sem qualquer menção sôbre garantia da produção. Ninguém mais apareceu.

Gonzaga foi dos que procuraram Romario para dizer — "não possuir papel escrito", mas haver preparado e plantado "suas terras", que João Portuga lhe vendera.

—Quanto você deu por elas? — pergunta o agrônomo.

—Por ora não sei o preço. Vou pagá na safra. Tô trabalhando ainda...

—É grande o seu lote, sua família é numerosa?

—Sêmos seis pessoa... As terras são um tanto... Tão grande um bocado de tarefa. O serviço foi duro — Gonzaga explica.

—Quem trabalhou com você?

—Só minha gente. Eu, Candunga, a muié, a cunhada e as filhas...

Romario reflete. Toma notas, e fala, aparentemente calmo:

—Está bem... Outro dia me apareça. Continue lá mesmo.

Não havia mais ninguém para lhe falar. Gonzaga tinha sido o último.

O pigarro do retirante expectora distanciando-se e as passadas nervosas do agrônomo percutem no chão socado, da puxada meia-água, que serve de escritório. Sem poder dar desempenho à sua missão, Romario se vê tolhido, considerando-se menoscabado.

Seus ímpetos naturais seriam empregar a força, até mesmo a violência, para expulsar a camarilha organizada, "perita em prenhes de urnas, em promessas e concessões aos matutos, quando chegam as eleições" — conscante o discurso de um político, que por ali andara, contrário à situação dominante.

Que meio aquele, viciado em tôda a sorte de falcatruas. E os chefes que o designaram para o serviço, saberiam que os senhores do lugar eram autônomos, não davam confiança a ninguém, não atendiam a Editais, não ligavam importância a representantes de repartições, quando êstes não serviam aos interesses da comandita?

A situação se torna cada vez mais séria, enquanto não surge uma solução para o caso.

Romario chega à porta do escritório. Faisca nos lábios mais um cigarro. Retorna, a examinar plantas e documentos da colônia. Seu espírito luta numa inquietação tremenda. Levanta-se, arremessa o cigarro meio consumido pela janela.

Passa uma tropa de animais, arcada com as cargas nas cangalhas, o tangerino, encarapitado na burra de sua predileção.

A solidão que envolve as almas, em contacto com a natureza, prestes a se engolfar nos mistérios da noite, penetra fundo a emoção de Romario, que abrange, com um olhar melancólico, o céu escampo, repontado de estrêlas lucilantes

CAPÍTULO II

Os magnatas da "vila", aparcerados com os figurões locais, engendram tôda sorte de obstáculos à obra que Romario vem realizar. Não atendem aos Editais. Nenhum acha conveniente explicar, porque alardeiam posse legítima nas terras, consideradas como devolutas, para a localização dos colonos.

Previendo a luta a travar-se, Romario oficia ao secretário da Agricultura, inteirando-o das ocorrências. O mesmo faz ao prefeito municipal, que, ao tomar conhecimento do memorando, extranha as expressões do agrônomo:

— Ah, êste é dos tais que quer "bola", que também quer o dêle, mas primeiro vem com arrogância! Conheço êste jôgo. . .

E corre a ler o documento com a assinatura de Romario, ao farmacêutico, aos correligionários, aos amigos mais chegados, à espôsa e às filhas; e, por fim, ao seu "digno secretário", sujeito metido a fumaças, a se dizer um sabe-tudo.

Com esta atitude de galhofa, consultando seus compar-sas, resolve responder ao agrônomo, de modo evasivo.

Sem denunciar seus propósitos, afirma em certo trecho do officio — "que as terras pertencem a antigos sesmeiros"; por outro lado, declara "não haver sido consultado sôbre a instalação de novos núcleos"; "que não devem destituir de suas propriedades os cidadãos de recursos, que aumentam a renda do Município, que perdem capitais, fornecendo meios de subsistência aos lavradores, os quais mais tarde arribam para outros sítios, entregando a colheita a terceiros".

Exagera intencionalmente.

Sabe que se surgirem núcleos agrícolas, onde os proprietários dos lotes sejam os colonos, êle, e outros, estão liquidados; e ainda mais, que se falava na fundação de cooperativas, na criação de escolas e caixas rurais; projetava-se a instalação de pôstos médicos, tudo isto para melhorar as condições de trabalho, dar instrução aos filhos dos lavradores, valorizando o homem e os produtos do solo.

Andam no ar êsses boatos, como velha utopia continuamente renovada. Os caboclos já estão habituados com essas

promessas. Não querem mais saber disso. Dêem-lhes matas para deitar a baixo; apareça quem lhes venda fiado, o que comer e vestir; quem aceite como garantia de pagamento o que eles plantam e colhem, e nada mais desejam. Fora das manhosas alternativas da oferta e da procura, cousa alguma os interessa. O resto eram inovações impraticáveis, que não medravam naquele fim de mundo. Queriam ver, fizessem a tentativa de por em ação tais planos.

Gonzaga torna a avistar-se com Romario, e quando volta, Tereza nota-lhe certa prevenção íntima, ou que ele fôra insinuado por alguém. Tanto que, logo de entrada, arripia modos diferentes daqueles que tivera dias passados. É que outra cena ocorrera:

—Seu doutô, vim dizê prá vosmincê, que as terra já são minha. Avaliei a colhêta em dinhêro e paguei a seu João.

—Quem é êsse seu João? — informa-se Romario.

—Seu João Portuga, comerciante, como é chamado aqui.

—Quanto foi que êle cobrou?

—Me deu por quasi nada, prá eu podê armá uma barraca e comprá uns anímá carguêro.

—Êle é comerciante, não é?

—Tem venda na "vila"; eu sou aviado dêle.

—Mas tôda a produção das tarefas plantadas será dêle, não é?

—Nóis combinêmo assim mesmo. Entrego o que dé prá êle, prá modi sê vendido pelo milhó preço. Adispois êle se cobra do que eu devo e dá o resto do apurado. É êste o negoço.

—Você tem recibo da compra das terras?

—Por ora não percisa, não. Seu João é home séro; todo mundo aquí conhece êle.

Romario não pode mais se conter. Tal transação era um roubo.

—Você é um pobre diabo e êsse Portuga é um ladrão!

—Modi que, seu doutô? — fala Gonzaga, duvidando.

—Pois eu não estou aqui, para evitar essas explorações, para livrá-los das garras dêsses sujeitos, que vivem do suor do pobre, e vocês lhe entregam tudo quanto a terra produz! E o pior é que ainda se atiram contra mim!

Gonzaga retruca:

—Isto é história de Trancoso, seu doutô! Seu João não é home disso!

Romario, já fora de si, reage:

—É, não! Pois você vai ver, que dêsse roçado, não retirara

nada sem a minha assistência! Tudo alí é do govêrno! O terreno, as sementes que você plantou, os gêneros que você e sua gente têm comido, o que estão vestindo também! Até as ferramentas que lhe entregaram vou mandar buscar! São do serviço das colônias! Êsse Portuga não é dono de cousa alguma que está lá!

Gonzaga, ouvindo estas palavras, negaceia, desabafando-se:

—Não me dissero isso não, seu doutô. Parece que a cousa é outra. — E numa decisão de desafio: — Mas, assim que eu pode colhê o roçado, o diabo é que espera orde de vosmincê.

Romario percebe que o retirante fôra industriado, para proceder daquela maneira:

—Você é indigno do tratamento que estou lhe dando! Se eu perder a paciência, você come ruim comigo, para não vir com tapeações, que outros lhe aconselharam!

O nordestino fica igual à sussuarana para dar o bote. Não se acovarda e diz altivo a bravata:

—Seu doutô, vosmincê me adiscurpe, mas eu nunca me agachei prá ôtro hôme!

Romario avança e decide com vigor:

—Nem eu, sabe? Nem eu! E vá embora! Saia daqui! Vá dizer a quem lhe mandou, que eu não temo caretas e nem me deixo avacalhar, ouviu?! Estou informado de tudo! Vá-se embora! Retire-se!

Gonzaga conhece que tem homem pela prôa. Tenta ainda conciliar as cousas:

— Seu doutô...

— Não lhe dou mais atenção! Retire-se, já disse! E fique sabendo, que quem plantou em terrenos nas condições dos que você encontrou, não colhe um grão, sem que eu seja sabedor! Pode dizer isso a todos!

O sertanejo não vê outro jeito senão emudecer e sair, humilhado e ofendido nos seus brios ancestrais.

Com as vozes da discussão, passantes, caras suspeitas, param defronte do escritório, a assuntar o que "era aquilo". Os comentários se espalham.

E daí a horas, João Portuga e seu bando, cientes do quanto o agrônomo dissera a Gonzaga, sabem que alí havia quem "topasse a parada e resolvesse com êles", na linguagem local, como nunca sucedera.

CAPÍTULO III

Romario conta com alguns homens a seu serviço. Cabras dispostos, bons na mira dum rifle, fiéis e até excessivos executores das ordens recebidas.

Enquanto aguarda as providências sôbre a comunicação que fizera à Agricultura e ao prefeito, procura saber quais os indivíduos que insuflam os ânimos contra êle e a obra que vinha ser executada.

João Portuga e seus amigos, junto com o turco Abdála, teriam ido ao prefeito para conseguir o envio de um telegrama a um líder em evidência, na política do Estado, relatando o procedimento do agrônomo, depois que souberam da escorcha que Gonzaga levava.

O prócer situacionista interviria para a retirada do profissional ali designado, e viria outro, nomeado à escolha deles.

Era êsse expediente forjado para interromperem, ou paralizarem de uma vez, o andamento da demarcação da colônia e a distribuição dos lotes aos necessitados de terrenos. Isto feito, aguardariam os resultados a vir.

No ambiente familiar de Gonzaga registavam-se graves incidentes. Ana e Josefa haviam voltado para a "vila", para a casa de João Portuga, com autorização de seus pais.

Candunga só pudera perceber retalhos da conversa, naquele silente fim de tarde, quando Portuga induzira o casal a quase lhe transferir os "direitos de paternidade" das duas menores. Soaram-lhe aos ouvidos as palavras do negociante, quando se defrontou com Tereza e Gonzaga, e foi dizendo:

— Olá, seu Gonzaga! Esta é muito boa! Não me esperavam, hein? Que tal esta vida? Vocês não me aparecem! Ora sim senhor! Vim visitá-los, porque os considero amigos e quero proteger vocês!

— Apois é um caso raro, seu João — faz-lhe ver Tereza.

— Raro?!... Por que?... Sim! Isto só faz a amizade! Gonzaga aproxima-se:

— Nois ainda estêmo lutando, seu João... Trabiêmo até dia de domingo, debaxo da soalhêra.

João Portuga concorda, aproveitando-se da ocasião:

—É... estou a vêr... Por pouco não morrem arrebatados, trabalhando e passando fome. Por que não mandam lá pra casa as meninas? Seriam duas bocas de menos...

Tereza, com essa alusão às filhas, lamenta o destino de todos:

— Ah, seu João, isto é que doi... A gente trabalha e não vai pra diante... Sempre nos aperreio da sorte... Quando a gente é moça, pede aos santos pra tê uns filho bonito e sem aleijão. Eles vêm vindo, e as bocas são tanta, que a gente pede pra não tê mais... Depois que eles nasce, que estão criado, não tem outro jeito...

Portuga alvitra, sem fugir aos seus propósitos:

— Pois é por isso mesmo... Enquanto vocês estão ainda mal acomodados, as pequenas ficam lá conosco... Com a Rosinha, que é uma boa amiga. Não acha, seu Gonzaga?

Tereza, ante o silêncio do marido, continua:

— O sinhô não é mãe, seu João. Se fosse, sabia que a gente antes qué vê morrê, agarrado no cóis da saia, do que dexá por aí passando na mão dos ôtros.

— E você, que diz a isso, seu Gonzaga! — reitera Portuga.

— Home, seu João, nem sei o que lhe diga, — vacila o retirante, intimamente acorde com o pensamento de Tereza.

— Mando pra cá alguns homens, pra trabalharem consigo. As pequenas não farão falta. Tereza fica tomando conta disto (abrange, num gesto circular, toda a quadra da palhoça), enquanto você, lá no roçado, só faz mandar.

Gonzaga levanta a vista do chão, encontrando o olhar de Tereza e não dá qualquer palavra. Há um silêncio embaraçoso. João Portuga volta ao assunto, dizendo mais:

— Assunção também poderá ir... Onde comem dois, comem três...

O velho, então, move os lábios:

— Esta não sei não, seu João. Não mando nela. Si quizé í, ou não, ela mesma é que resorve.

As desejadas ouvem tudo, do compartimento vizinho. Ana e Josefa, ansiosas pelo consentimento dos pais; Assunção, temerosa de que tivesse de acompanhá-las.

Montando o cavalo esperto, que ficara amarrado no moirão, Portuga parte ufano. Faz ainda um "até à vista", para Gonzaga e Tereza, que ficam olhando o cavaleiro sumir no fim da picada. Ia modificar-se, profundamente, o sossêgo daquela choupana, onde a miséria, apesar de tudo, harmonizava as almas.

Candunga escutara as palavras de Portuga e o natural consentimento de Gonzaga para que as filhas fossem para a casa do comerciante.

E Assunção? Que teria a moça resolvido?

Depois de uma noite de condenado, sem saber qual a resolução da cunhada de Gonzaga, o rapaz amanhece com o coração em fel. Segue em jejum para o roçado. Trabalha o dia todo, sem quase trocar palavra com o padrinho. E ao voltar à palhoça, à hora em que a "papa ceia", solitária e poética, brilha no céu tropical, não encontra mais Ana nem Josefa.

Assunção, entendendo-se com Tereza, não aceitara a proposta. Prefere ficar ali, ao lado deles, que são a sua família, a abandoná-los e ir residir na "vila", mesmo temporariamente.

Quem sabe se Assunção corresponde ou não à afeição que Candunga lhe dedica? Ela notara a desaprovação, embora sem protesto, com que o rapaz olhara Tereza e o marido, quando resolveram entregar as filhas, convencidos com as lábias de Portuga.

Também lhe veio à mente a cena da narrativa da morte de seu avô. Parecia estar vendo Candunga confortando-a, quando a encontrara naquele desamparo, ao fugirem dos rigores da seca.

E inclina-se a um sentimento de gratidão pelo seu humilde benfeitor.

Constrange-lhe a alma separar-se dos seus; mesmo porque, Tereza leva as noites insone, com o pensamento voejando em tórno das ausentes, a repetir todas as rezas decoradas, às imagens de seus santos, para que eles intercedam pela felicidade de Ana e Josefa.

Candunga jura a si mesmo não ir mais à casa de comércio de Portuga.

Não se conforma com a permissão do padrinho, cedendo as filhas "para a criadagem do português", — como pensa, revoltado.

Entretanto, a notícia da vinda das duas cearencinhas para a casa de Portuga, corre célere na "vila", chegando assim aos ouvidos de Romario, que resolve mandar chamar Candunga para trabalhar com os seus homens.

O rapaz reluta, retrai-se, num gesto de lealdade para com o padrinho, renunciando, assim, à melhoria das condições de vida com que lhe acenam.

Não quer deixar seus parentes, sobretudo Assunção, que faz companhia a Tereza. Sabe que Gonzaga será contrário a que ele vá trabalhar com Romario. Analisa a situação, e termina concluindo que, para abrir luta contra Portuga e seu

bando, só se juntando à tropa do agrônomo. E dias depois, apresenta-se no escritório, disposto a servir com o "doutor que enfeza os grandes", como os imigrantes chalaceiam na feira.

CAPÍTULO IV

O inverno esteve maneiro, obrigando a algumas "limpas", para combater o mato daninho das plantações. O roçado crescerá com rapidez e já o arroz atrita amarelando os cachos cheios. O milharal é um mar de espigas gordas, com barbas roxas frocando, a palha impermeável das "camisas", defendendo os grãos côr de ouro. O mandiocal promete cargas abundantes, numa fartura de desperdiçar. O gerimum, o maxixe, a batata-doce, não demorariam a ser colhidos.

Maio já se aproxima e o milho, com pouco mais, pediria colheita, quando ocorreram os fatos entre Gonzaga e Romário, depois que Portuga examinou e avaliou, a seu modo, o roçado do retirante.

Gonzaga não atina como sair daquele enrasque. Intimamente parece-lhe que o doutor tem razão. Portuga iludira-o, explorando a sua boa fé e o seu trabalho, como também o de Candunga e o das mulheres. Deodato colocara-o em terras interditas, sem lhe entregar um documento, terras que ele lavrara, acreditando lhe serem dadas pelo governo. E vacila sem saber como deliberar, como justificar-se.

Sem querer abrir-se com o afilhado, a quem dera de abençoar sem fitá-lo, desde a mudança das filhas e do choque que tivera com Romário, seu coração, acuado, aconselha-o a relatar tudo a Tereza. E assim conversam:

— É isso mesmo, muié! O doutô creio que tem podê pra recolhê tôda a safra. Ele disse que dá uma nota em seu João e nos ôtro. Mas seu João diz que o doutô não manda nada.

— Ele não qué é puni pelos pobre, home?... Não foi isso que o govêrno mandou êle fazê aqui? — pondera a mulher.

— Uns contam que é isso. Mas seu João diz que êle é intrujão, que já arrumou pra êle saí daqui...

— Cé tem certeza disso, Francisco? Vorte com êle, é mi-lhó. Fale com Candunga. Peça discurpa, vá se intendê com o moço. Pobre tem que vivê sempre por baxo! — insiste Tereza.

— Vorto nada, muié. Atocaio mas é êle se se atrevê a vi aqui. Ele estourou comigo no escritório, mas aqui êle encontra home...

Maream-se os olhos tristes de Tereza. Conhece as birras genistas do marido. Quando empacava numa resolução tomada, nem a "rabo-quebrado" se demovia. E como se o aconselhasse a refletir no ato que premeditava praticar, Tereza faz-lhe ver:

— Se alembre de nois, Francisco. Com gente do govêrno só saímos perdendo. Não vá atrás de lambança de seu João. Ele é mandão, pode brigá... Nois não semo ninguém...

Candunga notara os silêncios preocupados do padrinho, desde a volta da entrevista com Romário.

Que teria acontecido? Em que o velho estaria envolvido? Soubera que o doutor se alterara no escritório com os ditos de Gonzaga. Tereza, também inquieta, aguarda momento propício para falar a Candunga no assunto. Gonzaga se afunda no seu rancor, na sua premeditação. Contará tudo ao rapaz, pedindo-lhe que ouça o doutor sobre o caso.

A ida de Candunga à "vila", para falar com Romário, motivara-se por dois motivos: atender ao seu chamado e sondá-lo quanto ao negocio das terras, conforme Tereza lhe dissera.

Trocadas poucas palavras, esclarecidos os fatos, a missão do agrônomo ali, ficaram de acôrdo, movidos por uma confiança recíproca. Ao retirar-se, Candunga não mais duvida das boas intenções do doutor, ao passo que um instinto de luta instiga-o contra João Portuga e os mandões do lugar. Ficarà, por isso, com Romário, voltando ao "centro", somente para se despedir dos padrinhos e ver ainda uma vez Assunção.

De regresso, o solão do meio-dia recorta a sombra apresada do caminhante, que marcha suarento, a encurtar distância, para alcançar a palhoça antes da noite. Urge dissuadir Gonzaga, tirar-lhe os maus pensamentos da cabeça.

Eis que um tópel abrupto lhe toma a passagem; intimam-no a parar, a não dar um passo. Estacando, surpreso, Candunga reconhece Deodato e Minervino Piauí. Estão montados e armados de rifles.

— O que foi que o doutor lhe disse! — exigem saber, de-dos firmes nos gatilhos.

— O doutô me aceitou pra trabalhá com êle! — é a resposta resoluta.

— E o que mais! Vamos já! Diga tudo que sabe! Peste dum cão!...

— Sei mais não! Nem que soubesse! Não sou leva e traz!...

A essa resposta desconcertante e altiva, Minervino exaspera-se:

— Você, seu cabra sem vergonha, é um égua! Quer levar é bala no bucho e ficar estendido aí no chão! Diga logo tudo! Seu corno!...

Num visível desapego à vida, o agredido previne:

— Atirem, mas não errem, não! Nasci pra morrê só uma vez!

Vendo a disposição e o ânimo de Candunga, o piauiense muda de tática, baixando o cano da arma. O capataz repara nesse gesto, e, desconfiado, medindo com o olhar a "bicuda" que o peão traz no cós, insinua:

— Você é um trouxa, Candunga... Pense no seu casamento. Veja que vantagem lhe traz se contratar, pra trabalhar em demarcação, quando a lavoura, êste ano, vai abarrotar tudo.

A réplica é decisiva:

— Não tenho de esperá colhêta! O velho Gonzaga foi tapeado! Não pode negociá com aquilo que não é dele!

Minervino pilheria:

— De quem é, então, aquele roçado? A colheita, também? Esse doutor anda é lezo! Ele não sabe o que é isto aqui!

— Pro modi isso é que eu vou servir com a gente dele! Corre risco, mas o dinhêro é certo e não fico devendo favô!

Confiados nas suas armas, os agressores, "tinindo de raiva", ameaçam:

— Podíamos te deixar estirado aí, cearense safado! Mas como és ordinário e vais te arrepender desta bandalheira, receberás o ensino depois! Hás de ver!...

Candunga saca a arma que traz na cinta; e, num desafio, bravateia:

— É quando cês quiserem! Home foi feito pra morrê! Podem vir todos dois, se forem macho!...

— Hás de ver qualquer dia, seu peste! Te arrancam os coração pela boca!

E dito isto, os cabras torcem as rédeas, internando-se na mata bruta, deixando, para ocasião mais oportuna, o serviço que vinham fazer com Candunga.

Desentendidos todos: marido, esposa, cunhada e afilhado, é agora difícil reconciliar aquela família cuja história é igual a de todos os retirantes.

Gonzaga, embrutecido, parece com o raciocínio embotado. Tereza e Assunção não se animam a deliberar, a dar opinião.

Candunga, ao regressar, esclarece a Tereza a situação. Não conta que havia sido assaltado. Explica que bastará o

chefe da família, nesse caso Gonzaga, como outros já haviam feito, proceder como Romario determinar, desprezando insinuações de terceiros, e tudo entrará nos eixos. Colher aquele “oceano de espigas” e depositar tudo nos paióis dos comerciantes, isto sim, que era um crime, uma extorsão, de que estavam sendo vítimas, — esclarece a todos.

O doutor, como administrador das colônias, não vinha se apossar dos cereais de ninguém. Cada agricultor veria o que colhesse, debulhado e ensacado; conferiria a quantidade exata, antes do embarque, antes da entrada nas usinas, com todos os assentamentos na caderneta de cada um.

Candunga aconselha dêsse modo. Até Assunção se deixa suggestionar pelo que os outros dizem. Os comerciantes é que pagavam os mais elevados preços. Os colonos haviam tirado a crédito, nos estabelecimentos, tinham de entregar a safra. E desesperançam Candunga, com a negativa formal de Gonzaga:

— Não vamo daqui não! O doutô lhe virou a cabeça. O que eu colhê, entregô tudo pra seu João, acabou-se!

As mulheres têm um olhar de mudo assentimento ao que Gonzaga assegura.

Candunga não discute mais. Arruma a sua roupa e a rêde na pequena malota. Sem se atrever a dizer adeus a Assunção, que lhe volta as costas, não ligando à sua partida, caminha apressado para o novo destino que os acontecimentos lhe traçam.

CAPÍTULO V

Ana e Josefa, sob as telhas de João Portuga, não percebem os rumores da ressaca doméstica, que invadira a palhoça de seus pais. Como findariam tantas contrariedades? De que lado estaria a razão? Quem seria o mais forte?

Os negociantes intermediários organizam os seus comboios de animais. Outros, com alguns caminhões, vão “furar” pelas colônias a compra de cereais. Os lavradores não sabem o que fazer, que resolução tomar.

Em casa de Portuga as coisas correm cada vez melhores. Uma das pequenas, ao saber do que sucedera com sua gente, pede informações ao português. Ele ri, basofioso, e, afagando o braço roliço da rapariga, bafeja-lhe ao ouvido:

— Tolices, menina... Não te importes... Eu cá sei manobrar com êsses doutores! — E tentando fisgá-la: — Chega-te a mim... Anda cá... Dá-me uma cheiroca... Deixa dêste teu modo arisco... Anda cá, anda... Não sejas tola...

A outra irmã está também a reclamar “sangria”, como pilheria a turma, frequentadora da venda. E não foi de admirar que João Deodato, com a intimidade que tinha na casa, encontrando ocasião azada, não pretendesse apalpar as carnes da garota, conquistando-a, cheio de artes:

— Vem cá, cearencinha... deixa de brabeza... Vem comigo...

— Crie vergonha, seu negro enjoado! Cê não se conhece! — reage a requertrada.

— Vem, sim, bichinha revessa... Vem, cearencinha marvada... Eu te dou o que tu quizeres...

— Olhe que eu conto pra dona Rosinha, nêgo dum cão! Cê não se enxerga!...

— Que nada... Dêxa disso... A mulhé de seu João é camarada... Vem cá... Eu não digo pra ninguém... Eu caso contigo...

Estende os beiços babosos, numa disposição de beijá-la. Melindrada e enraivecida, ela se furta à conquista, gritando, exaltada:

— Lhe dou com esta chinela na cara, seu cabra indecente! Veja lá se eu sou preta do seu fogão... Nêgo sujo...

Deodato insiste, ainda mais dengoso:

— Não faz isso com o teu crioulo, meu bem... Eu caso contigo depois.— Tu não voltas mais pros matos... Eu sou teu...

Intercalados dessas cenas, os dias vão circulando continuamente. Ana e Josefa ficando mais apetitosas, atraindo a freguesia para os negocios de Portuga, prosperamente administrados pela geitosa Rosinha.

Essa Rosinha, aliás, tinha uma história interessante na existência do português.

Certa noite de bródio alegre, numa pensão mundana, das tantas que fazem a vida noturna de Belém, a dona da casa, que sabia como Portuga aumentava o dinheiro, do prestígio que desfrutava entre os funcionários das repartições fiscalizadoras, quer da União, do Estado ou do Município, muitos deles participantes habituais de suas farras, Rosinha resolve propor-lhe um negócio. Vez em quando, ela viajava para a Estrada de Ferro de Bragança, no seu comércio de conseguir "pequenas novas" para sortir a pensão. Preferia as do interior, porque constituíam "novidades" para os freguezes já pouco entusiasmados pelas raparigas que vinham de outros Estados, muito "artistas" e profissionalizadas.

As que eram "pescadas" no interior, se mostravam satisfeitas com o "luxo" do ambiente para onde as traziam. Um quarto mobiliado, com leito acolchoado para o amor; vestidos da moda; um traje de "soirée" para as recepções noturnas obrigatórias. Muitas vezes, isso tudo era alugado, como, com o decorrer do tempo, viriam a saber.

Com duas ou três carraspanas, aprendiam a beber de tudo, sem fazer cara feia, sem salivar, nem reboçar o que o estômago não aceitava. Sabiam como pedir bebidas caras, para lucros altos da pensão.

Comiam na mesa elástica, com as outras colegas, muito quietinhas, quase encabuladas. Não reclamavam da comida, fumavam por ver as companheiras gostarem desse vício. Prestavam conta direitinho do dinheiro que os homens lhes pagavam; não escondiam os presentes que alguns deles, mais afeiçoados, lhes ofereciam. Tinham mocidade, boa aparência, e ignoravam a cotação do amor que faziam, tanto que, muitas vezes, mandavam os homens pagar à dona da casa, o que seria para elas, produto de seu corpo.

Rosinha conta a João Portuga como é a "escrita" e quais as vantagens do negócio, indo buscar as "meninas" no interior, na zona bragantina, por ser mais próxima. Ele acha muita habilidade e inteligência no trabalho. Ficam, pois, combinados, que quando Rosinha fosse à estrada de ferro, telegrafaria, que ele mandaria buscá-la na estação, para passar uns dias na "vila" e conhecer as moças do lugar.

A convidada faz tudo como ficara assentado. E assim que Portuga recebe o aviso telegráfico, ele mesmo, se dá pressa em preparar a recepção para a amiga.

Rosinha desembarca num fulgurante esplendor de sedas e de joias. Corpo carnudo, ancas bolinando, em cadência de rumba; olhos bistrados, boca sangrando baton, tudo a jeito de realçar os seus restos de mocidade. Um vestido pretencioso e excitante, deixa-lhe à mostra as pernas atraentes e depiladas. Onde ela passa ficam ondas de perfumes caríssimos. Visão fascinadora e perigosa de mulher que vem da cidade, dos grandes centros.

A sua irradiante simpatia domina completamente os homens dali, pela novidade que ela representa na vida corriqueira da roça. As matutas invejam as suas maneiras, o que brilha nela, do penteado ao salto dos sapatos. Acham-na uma grande dama.

Rosinha percebe que se tornara um espetáculo... E dá "bons dias", sorridente, um canino de ouro brilhando, fala com todos, numa voz de sereia aposentada...

João Portuga fica encantado. A visitante parece-lhe outra, diferente daquela Rosinha que ele conhece da pensão, das esbórnias.

Como não tinha mulher definitiva, começa a pensar numas cousas...

No estabelecimento comercial ficam as dependências de moradia dos empregados e a de Portuga, em particular. É aí que acolhe uma ou outra rapariga, que lhe faz a comida, lava-lhe a roupa e é solicitada por ele, mas sem ligação comprometedora. Enquanto quer, fica servindo; quando não, procura outro rumo.

Rosinha entra na casa, numa alegria de quem se sente à vontade. Todos simpatizam com ela. O meio de onde vem e a experiência que tem da vida, dão-lhe aquele traço especial com que agrada à primeira vista e continua vencendo.

A concubina que Portuga traz no estabelecimento passa à condição de criada da nova hóspede. Em poucos dias Rosinha é quem dá as ordens caseiras. Melhora o aspecto do

quarto de dormir. Manda vasculhar, lavar, queimar pelos cantos umas certas ervas aromáticas; dispõe convenientemente a cama e outros moveis.

Num reflexo dos quartos da pensão, cola retratos de artistas, aos beijos estudados, pelas paredes, como se fosse a tela de um cinema libertino. Recorta grupos de compéres seminuas, sorrindo nas impudências das côxas e das ancas, deixando adivinhar a tumescência triangular do sexo, que põe em quadrinhos, na cabeceira da cama. Arranja vasos pintados, com flores artificiais inodoras, que pousam sobre paninhos bordados, ao lado das pucarinas de pó-de-arroz e vidros de perfumes exóticos. Toda a complicada toilette das mercenárias do prazer... Não esquece uns quadros de santos, que entroniza nas paredes da alcova, como boa católica que é...

Transforma, enfim, num quarto alegre e convidativo, o cacifro escuro e bafiento, em que Portuga dormia.

Essa modificação agrada-o; e ainda mais, porque a mulher consegue um sabor diferente para êle, com aquela mudança das cousas, da fisionomia inteira da casa, da intimidade doméstica.

Rosinha está sempre penteada, duas rosetas de rouge nas faces, um roupão cingindo-lhe as formas, em plena maturescência, os braços nus, a bifurcação dos seios chamando a atenção. Uma loucura excitante, de artista da vida.

Em matéria de cosinha faz cousas ideais. Além dos fartos e sortidos cosidos à portuguesa, aparecem outros pratos bem arranjados, os vinhos escolhidos, as sobremesas apropriadas. Portuga, no seu estado de euforia, compreende que tudo isso tinha faltado na sua existência de homem de trabalho. Para que, então, queria o dinheiro? Aquilo, sim, que era gozar, conhecer a felicidade, que êle, na sua ambição descontrolada, não tivera tempo de fruir. Dissemes lá o que quizessem...

As pessoas qualificadas e os amigos de Portuga, quando vêm, agora, participar de sua mesa, admiram-se da toalha adamascada, dos talheres, dos copos, da louçaria, dos guardanapos, da ordem e da "civildade" como são servidos. Rosinha possui fóros de mestre de cosinha, nessa arte de conduzir um almôço ou um jantar.

E assim ela vai mandando, dando ordens ao pessoal, partilhando do leito clandestino, infiltrando a sua autoridade, até que por fim toma conta de tudo, — de João Portuga e dos seus negocios.

Escreve para Belém, passando a pensão a uma colega, dizendo que "resolvera ficar alguns tempos ausente". Portuga lê

antes a carta e aprova a resolução da companheira, mal sabendo, que ela pretende, com essa retirada daquela vida, fazer suas economias e aproveitar as "sobras" que êle, Portuga, botava fora...

Tudo corre à feição como Rosinha planeja. O português, completamente embeicado, agora de roupas limpas, pés calçados em sapatos de bons preços, barba feita três vezes por semana. E assim ela se impõe, ajeita as cousas, com o prestígio da sua sabedoria amorosa, de modo que, quando se soube, Portuga está um cordeiro nas mãos dela, jamais contrariando um só desejo da amante, que mostra outros modos, de senhora ajuizada.

Industriosa e sagaz, como sabe que João Portuga, quando em Belém, não resiste a uma visita às pensões, para "ver a cara das pequenas", agradando-se sempre das mais novas, ela começa a aceitar em casa, como empregadas, adolescentes de boa aparência, que sejam agradáveis aos olhos do companheiro mulherengo. Usa essa artimanha com jeito, fingindo não achar nada mal, nem ter ciumes, ao descobrir que Portuga anda com as criadas às apalpadelas e aos abraços.

Êle acha uma delícia particular nos ardís que emprega, para "tapear" a concubina, na crença de que ela não sabe de cousa alguma. E com o ambiente assim arrumado, o comerciante raramente viaja para a capital, a negocios, ficando em casa, como um sultão satisfeito...

Eis porque, sabedora de que Gonzaga e Tereza tinham duas filhas e uma outra moça, em sua companhia, que eram "três pedaços de pequenas", Rosinha foi a primeira a aconselhar João Portuga, a trazer Ana e Josefa para debaixo do teto deles, e, se possível, Assunção.

CAPÍTULO VI

A cavallhada rompe grotas e picadas, metendo os peitos rumo aos terrenos com plantios.

De posse do telegrama em que o secretário da Agricultura lhe responde, terminando por um dúbio e lacônico — “venha a Belém” — Romario percebe tudo, no sentido da conclusão final.

A luz de um farol portátil alastra a sua claridade esbatida sobre os desenhos, as plantas, os aparelhos espalhados pela mesa. A fronte enrugada do homem pensativo destaca-se de perfil, numa chapada de sombra. Fica insone até altas horas da noite, quando assenta a resolução a tomar. E assim que o dia enrubesce no horizonte, Romario alerta Candunga e outros homens admitidos ao serviço, e galopam sôfregos, internando-se nas áreas que devem ser percorridas, onde existem plantações em colheita.

Os ocupantes das “terras sem dono” vêm logo que se trata de cousa séria. Na “vila”, a notícia da partida da tropa corre num repente, despertando comentários.

Chegando aos sítios onde há terrenos cultivados, com roçados de cereais e legumes, Romario manda chamar os donos das plantações, que sabe serem aviados dos comerciantes.

Os que comparecem, chegam desconfiados, na incerteza do que irá acontecer.

O agrônomo comunica a todos que está ali como representante do govêrno, como autoridade, para resolver de uma vez as questões de terras e das vendas de safras. Confie nêle, que ninguém ficará mal satisfeito.

Dito isto, ensina a calcular a média da produção, pelas tarefas plantadas, a quantidade, em sacos, de cereais e de farinha, com o provável resultado em dinheiro, aos preços mais razoáveis. Entrega, a seguir, a cada lavrador, uma caderneta nominal, onde se vê lançado o seu histórico e outros assentamentos sobre as terras.

Orça a despesa com o levantamento de barracões, para debulha, secagem e depósito de cereais, que será paga com a verba de que dispõe. Destaca assistentes seus para a fiscalização das zonas dos roçados, onde centenas de lotes de terras

precisam de ter controlada a colheita, para não ser desviada.

Financiando o serviço das colônias os agricultores desabonados, estes não terão necessidade de se empenhar aos zangões, e Romario trata com as usinas de beneficiamento dos cereais, enquanto o Estado não instala essa aparelhagem, nos próprios centros agrícolas.

Do negócio que resultasse, vendidos os produtos aos preços correntes na praça, os lavradores cadastrados, pelo número de cargas, confeririam as partidas transacionadas. Descontar-se-ia, então, sem juros, a parte de seus débitos, provenientes dos adiantamentos, sendo-lhes entregues os saldos, em dinheiro, no escritório das colônias.

Desacostumados com essa melhoria de negócio, que pela primeira vez lhes parecia realidade, os colonos se entreolham desconfiados e um ou outro pergunta:

— Mas seu doutô, quem agarante que nós recebemo nosso dinheiro, adispôs da safra vendida, pelo modo como o sinhô diz?

— Garanto eu mesmo! — assegura Romario. Posso até adiantar alguma importância, por conta da produção de cada um. Ninguém passará necessidade, enquanto esperar as vendas dos produtos que entregar ao serviço. Quem vai fazer os preços somos nós.

— O doutô sabe como é a nossa sujeição. Os hôme da “vila”, os grande, dizem que são os dono de tudo. Adispôs eles vem em riba de nós. . .

— Eu não sei lê pra modi enchê uma caderneta com tantas fôia, seu doutô.

— Nem sua mulher, nem seus filhos? Ninguém sabe ler em sua casa? — inquire Romario.

— Sabem não. Nunca vimo professô aqui! — é a resposta da maioria.

— Nunca houve uma escola nesta colônia? — insiste o agrônomo.

— Inhor não. Na “vila” é que tem um velho zanôio que ensina os meninos A B C corrido. . .

— E contar, vocês sabem? — quer inteirar-se Romario, para capacitar-se de tudo.

— Apois só de cabeça. . . Escrevendo os número, inhor não. . . Vamo pelo tino. . .

Romario considera as consequências dessa ignorância. O analfabetismo colabora com a falta de estímulo, de assistência aos lavradores. Na séde municipal, com o possível conforto, é que as professoras lecionavam, uma leiga e uma normalista, ambas muito faladas, pela proteção dos mandões do lugar.

Na cidade é que funciona uma escola reunida, difficil de ser frequentada pelas crianças dos lugarejos distantes.

As duas mestras, arrebicadas e neurastênicas, davam aulas aos barrigudinhos verminóticos, como se elles fossem os pagaios da floresta. Antes do “b-a-bá”, ensinavam-lhes o Hino Nacional sem sintaxe, para levá-los a cantar, desconsolados, subnutridos, acompanhados pela charanga local, quando por ali excursionavam políticos governistas. Era assim que se formava aquela geração de conformados, de inconscientes, incapazes de se dirigir por si.

A colheita vai se fazendo regularmente e os paióis se enchendo de cereais. A sacaria não falta e as cargas, no lombo dos animais, seguem, escoltadas, para as usinas da “vila”, com as quais Romario contratara o beneficiamento, sob condições.

Os intermediários que transacionavam diretamente com os colonos, comprando os cereais nos próprios núcleos, estão desesperados.

João Portuga, Salomão Abdála, os agentes da capital, não se conformam.

Romario, porém, está disposto a tudo.

Para retardar seu regresso à capital, desprezando o recado telegráfico que recebera, chamando-o à repartição, não dá resposta ao secretário da Agricultura. Elle que tome as medidas que entender, — ruma, nos seus silêncios expectantes.

Decorrem vários dias gastos nos trabalhos dos paióis e ainda não dirigiram a inspeção para o roçado de Gonzaga: Onde chega Romario, os colonos fazem recepções à caravana; uns prazenteiros, outros de fisionomia reservada, desconfiados das vantajosas possibilidades daquela bonança oficial.

Notando-os murchos e enfarruscados, Romario fala-lhes amistosamente, abordando os assuntos que o leem a defender os “interesses de seus compatriotas” — como é uso da velha demagogia — na expressão dos cabos eleitorais.

Lembra-lhes as vantagens da safra valorizada, a oportunidade de abandonarem, daí por diante, as transações por troca; dá-lhes noções elementares para a seleção das sementes, que devem ser guardadas para plantar; mostra-lhes a precisão, que têm de requerer as terras, onde trabalham, sem pagar cousa alguma a ninguém. Com estes argumentos, os mais recalitrantes cedem aos poucos. Escutam, meio indiferentes, desconfiados, mas ficam sabendo como deveriam proceder, e terminavam obedecendo, numa pacífica aceitação às arengas do idealista.

— Pois é assim, — recomenda Romario — façam tudo que estou dizendo. Quando surgir qualquer novidade, comuniquem aos assistentes. Vão tirando as madeiras e as palhas para os paióis. O governo paga este serviço. Outra coisa: — Comprem, de agora em diante, com o “cobre” à vista. Nada de troca nem pagamento com produtos. Venderemos tudo. Vamos acabar com esse negócio de entrega direta no comércio, porque aí é que vocês são roubados.

Ouvindo estas palavras, os colonos se precavinhavam, usando expressões desconcertantes: “E adispois, seu doutô, quando o sinhô fô imhora, aí é que nos tiram o coração pela costa...”

Romario garante, inspirando-lhes confiança:

— Quem é que tira?! Ah, isso é que não! Estando cada qual no que é seu, plantando como se ensinar, obedecendo ao que recomendam os que conhecem o serviço, nunca mais tropearão nas costas de vocês!

Um deles duvida, dizendo por todos:

— Ah, seu doutô, o que também mata a gente é um cristão não podê bolí um dedo, que não esteja logo pagando imposto. É prá isso, é pra aquilo ôtro. Até pra entrá montado a cavalo na “vila”. É pra vendê uns ligumezinho nos bancos do mercado; é pra retalhá um saco de farinha no chão da fêra. Se paga nos trem, nos caminhões, até armazenagem na estação. O comércio também tira imposto do nosso couro. Pro modi isso, uma carga de milho, ou de farinha, antes dá pros bichos comê, do que negociá aqui. Nosso ganho é de fome e trabaio...

Romario não responde ao matuto. Reconhece serem êstes os efeitos da compressão dos tributos estaduais, municipais e federais. É êste o resultado dos pesados fretes ferroviários e marítimos, dos impostos de saída e de entrada nos Municípios, — tud’ incidindo, esmagadoramente, sôbre a incipiente produção agrícola, atrofiando a exportação, exaurindo qualquer indústria nascente.

Romario, emocionado, aperta a mão do interlocutor, que não passa de uma pobre besta rural, derrancada como as outras, fadada a trabalhar até a morte, para pagar tributos elevados e fazer prosperar intermediários. E como se desfraldas-se um estandarte, conclui seu pensamento:

— É isso mesmo, é assim como você diz! Responsabilizome por tudo! A terra é de vocês, é daquele que a aproveita e dela arranca o seu pão, sem sugar o sangue de ninguém! Contem comigo! Chegará o dia de não pagarem mais! Trabalhem com fé! Isto há de se acabar! Não demora muito!

A essa fala do sonhador, os caipiras se entreolham. Nunca ninguém lhes dissera essas cousas. E como se compreendessem o visionário, iam se dispersando, silenciosos, crentes de que aquelas palavras, sem saberem como, teriam de se realizar um dia.

CAPÍTULO VII

No povoado assanhou-se o formigueiro dos descontentes. Quando se vira aquilo? As safras sempre haviam sido dos comerciantes, que as adquiriam por bagatelas e delas se desfaziam como bem lhes convinha. Quem fazia os preços, senão eles?

Gonzaga tem notícias de como o "doutor vinha agindo", e, cada vez mais enfezado, desvaira, peiado na sua intransigência.

— Ó gente sem sangue! Bando de palermas! Fazem tudo o que esse doutô manda! Ele anda com o dêmo no coiro, mas comigo vai encontrá dureza! — desabafa para a mulher.

Finalmente, certa manhã nascente, com estrêlas ainda despertas, no céu estival, parte da tropa arranca, orientando-se por outros atalhos, rumo às terras do retirante opinioso. O inesperado da cena anulou-lhe a valentia.

Romario, sem lhe dar tempo de reagir, depois de um "bom dia" amigável, convida-o a acompanhá-lo ao roçado.

O sol vai ascendendo, luminoso e vital. O orvalho noturno tremeluz, na ablução matinal das ramadas. O passaredo jubiloso, dá graças ao bom Deus, por mais êste dia revelador de sua existência.

Como a cascavel chocalha no mato, quando ferida e em furia, desse modo Gonzaga remorde a sua raiva, sem encontrar meio de protestar.

Presenciando a cena, Assunção e Tereza não sabem que resolução tomar. Ao descobrirem Candunga, escanchado no "pingo", o rifle embalado, cruzado no "santo Antônio" da sela, dirigem-se ameaçadoras, ao ex-amigo, agora malquisto por elas. Persuadidas que o violência daquele ato é insinuação dêle, cospem-lhe a injúria vergonhosa:

— Cê se vinga como um Juda, bicho mau do cão. Mas Deus está no céu pra puni os coisa ruim! — diz-lhe Tereza.

Romario, confiante, caminha ao lado de Gonzaga, procurando puxar conversa. O homem só falta escabujar de cólera. Engole aquela humilhação com uma gana de estraçalhar alguém. Mas o agrônomo se mostra desentendido, fazendo acalmar o odio que ferve no sertanejo. Curta distância andada,

já o emperrado Gonzaga responde às perguntas, concordando com as indagações que êle faz.

Como esquecido do que se passara, Romario evita tocar no assunto que motivara a discussão entre ambos. Fala sôbre a safra e as terras que arrancara aos domínios dos açambarcadores. Cita conterrâneos do cearense, que aceitaram, sem relutância, armazenar os cereais sob a guarda e vigilância dos funcionários agrícolas, e, por isso, teriam os seus lucros garantidos e os lotes que beneficiaram devidamente seus.

A intransigência de Gonzaga vai cedendo e o seu rancor diluindo-se, ante as maneiras cordatas, embora imperativas, que Romario emprega, ao contrário do que insinuava João Portuga.

Chegam, enfim, na área dos roçados. E quando, corridos os paus da porteira, o agrônomo e seus companheiros têm acesso nas terras cultivadas por aqueles "fazedores de desertos", a exclamação de Romario é a de um homem penalizado:

— Vejam que despropósito de roçado! Duvido que haja braços para colhêr isso tudo!

E voltando-se para o caturra que alí se esfalfara:

— Vamos fazer fôrça, seu Gonzaga, do contrário perderemos a maior parte do que você está vendo! Temos de arranjar gente para a colheita!

Dada a amplitude das plantações, nem com muitos dias de "putirum" colher-se-ia aquele arrozal e milharal enorme, já de cachos e espigas secando, onde bandos de barulhentos papagaios, de periquitos, de pássaros canoros, de porcos do mato, faziam a sua comédia e o seu viveiro.

Em junho, ou até julho, o arroz deveria estar todo em debulha. O milho, poderiam dar um jeito, "virando" as espigas e deixando-as para colhêr mais tarde. O arroz, porém, maduro como estava, quando começasse a cair dos cachos, seria aquele desperdício. E com que gente contariam para êsse serviço? Quantos poderiam ajudar, ganhando salário, estavam também ocupados. Buscar noutros núcleos, a mesma dificuldade. Romario reflete seriamente sôbre isso. Estava evidente a necessidade de braços, a falta do emprego de material mecânico na lavoura, a incúria do preparo do solo, sem o destocamento, a plantação desmedida, sem contar fatores adversos. Em seguida viriam os transportes, demorados e incipientes, multiplicando as distâncias e encarecendo os produtos.

Em termos brandos, mas convincentes, Romario esclarece a Gonzaga e aos que escutam, o esperado e inevitável prejuízo, se não arranjassem gente para trabalhar naquele roçado. A essa altura Gonzaga ergue a voz:

— Nunca esmorecí pra trabalho, seu doutô! Com as duas muié, mais eu, em poco tempo, passo a quicé nisso tudo que está aí!

Romario sorri, conhecedor e descrente:

— Ora veja lá, seu Gonzaga, nem com o dôbro dessas pessoas você dá conta do que está na sua frente! Vamos fazer o que for possível, isso sim!

E ordena a Candunga, depois destas palavras, que embarçam o sertanejo:

— Você é quem fica aqui, para armar os paióis e me representar no serviço. Deixo mais três homens para lhe auxiliarem e agir, se necessário. Veja se consegue pessoal, pago por dia. Vamos ajudar êste homem. Seu Gonzaga é trabalhador

— Doutô, vossa senhoria não podia escolhê ôtro? Eu não recuso; mas, antes preferia ir pra ôtro roçado — reluta Candunga.

Sincera súplica do apaixonado, para que o destino, através daquelas circunstâncias, o distanciasse dali, da sua gente, do seu amor. Lembra-se das palavras de Tereza, do olhar frio de Assunção, em cujo coração amável rugem agora despresos por êle.

— Habitue-se a obedecer, Candunga! Escolhi você, porque o quero aqui mesmo. Ficam rifles e cavalos. Faça uma relação do que for preciso.

E alçando-se lesto no estribo, passa a perna no esquiador, faz um "até logo" a Gonzaga, e desaparece com o resto de sua tropa, na curva de uma vereda distante.

Gonzaga recalca a emoção que o domina. Vê o afilhado distinguido, escolhido para fiscalizar os trabalhos, mandando nos outros, com poderes para solucionar o que dêsse e viesse, pronto para correr dali com os Portuga, os Minervino, os seus capangas; fazendo fôlhas e pagando os contratados, comunicando-se com o seu chefe. Experimenta, apesar de tudo, um secreto orgulho, que a sua máscara não revela, mas que lhe entumece o coração de satisfação, embora não compreenda por que.

E imagina, por fim, olhando de frente Candunga, como procederiam Assunção e Tereza, se alí estivessem e presenciassem o que se passara.

Põe-se a caminhar de volta para a barraca modesta, que êle e Candunga levantaram juntos, sem contar que os fados modificariam de tal forma a situação de ambos, e onde as duas mulheres o aguardam inquietas e irresolutas.

CAPÍTULO VIII

João Portuga e seus amigos temem as desvantagens de lutar com um adversário da energia e da coragem de Romario. O homem não afrouxava, não recuava, num finca-pé seguro. Por que não se retirava para Belém? A ordem de regresso fôra dada, conforme souberam pelo prefeito. Contaria Romario com algum prestígio junto ao diretor de sua repartição? O interventor teria aprovado as medidas que êle tomara? Amedrонтá-lo fôra inútil, pois quanto dissera, com desassombro, a Gonzaga, definia a firmeza de suas resoluções. Depois... os que trabalhavam com êle formavam uma cabroeira de respeito.

E como a lei e a Justiça, naqueles quebras, sempre se passavam para o lado do mais forte, do que superasse o inimigo pelo calibre do rifle, ou das manobras políticas, Portuga e os mandões do lugar resolvem dar um golpe de emboscada, indo atacar os paióis de cereais, que os subordinados de Romario têm sob guarda, trabalhando com os colonos.

Sabendo que Gonzaga aparenta haver cedido às imposições do agrônomo, mas sofrendo, com isto, um fundo desgosto, era o seu orgulho ferido um estopim oculto à espera da faísca deflagradora. De maneira que João Portuga conta com êle na hora do papouco, — “para dar uma nota no tal doutor de besteira”. Por isso, o primeiro paiol a ser atacado, preferem ser o de Candunga, mesmo porque, Minervino tinha uma gana, em tirar desforço, do recuo a que fôra obrigado, quando atacara o rapaz, e perdera o ânimo de liquidá-lo.

Traçam a seu modo o plano criminoso. Reunem os capangas armados e pãrtem.

No claro céu de verão, um começo de lua, desses crescentes líricos, que se espreguiçam entre nuvens esgarçadas, como uma alcova de noiva, envôlta em sombra e luz, lucilam estrelas profusas. O silêncio, de inocência e solidão, que envolve a noite, não faz conta para a alma endurecida e despótica dos facínoras. Naqueles ermos distantes, onde as autoridades eram impotentes, a ambição desenfreada estimulava o crime. E quem pretendesse modificar êsse ambiente, seria sacrifica-

do à lei comum, remanescente das sangrentas tradições sertanejas.

João Portuga convoca o seu bando e dá as instruções para o ataque: — "Apanhariam Candunga desavisado, nas terras em que Gonzaga trabalhava. Tomariam conta dos paíóis e dariam uma tunda de ensino nos que resistissem".

Minervino conta ao todo, com dez ou mais homens, juntando os soldados do destacamento, disfarçados em paisanos.

Exposto seguramente o plano, Portuga ainda recomenda: — "Se não fossem obrigados a dar um tiro, melhor. Antes ser o assalto a punhal e a cacête, para não se ouvir tiros. Se resistissem, então a bala comeria e a lição seria de mestre".

Candunga, os empregados no serviço das colheitas, conseguidos para trabalhar no roçado de Gonzaga, pernoitam no palol improvisado. Para fazer companhia à mulher e à cunhada, Gonzaga, quando a noite fechava, seguia para a palhoça em que moravam.

As pilhas de cereais, parte em espigas e em debulha, amontoam-se no barracão. Um clarão vasquejante ondula dos faróis e lamparinas, envolvendo em meia penumbra a quadra ampla, onde todos dormiam. Entançados nas rédes, aqueles corpos estenuados entregam-se a um sono benfazejo.

Os assaltantes, em maior número, sabiam-se protegidos, mas desconheciam a resolução de Gonzaga, de ir fazer companhia a Tereza e Assunção.

Amoitadas as cavalgadas nas imediações das plantações do retirante, grande parte já colhida e empaiolada, avançam cautelosamente, resolvidos a surpreender e expulsar os que encontrassem. Certos da vantagem em armas, não contam com o menor contratempo.

A noite vai alta e já sem lua. As corujas e os curiangos soltam seu canto solitário. Os insetos noturnos trilam com insistência e os vagalumes piscam a sua luz fosforescente. Candunga habituara o ouvido aos rumores mais familiares ao meio circundante. Preocupado como vivia, espertando na réde, nota estralejos estranhos, como se andassem passos abafados, quebrando hastes no roçado. "Seria alguma vara de porcos, ratos do mato, cotias ou pacas, que viessem comer as plantações?"

Nesta suposição, sacode os companheiros ferrados na so-neira. No intuito de espantar os bichos, tomam das armas emabaladas e vêm fora, depois de soprada a luz.

— Isto é mas é gente — fala baixo Candunga, agachando-se rápido, acenando para os companheiros. Os outros imitam-no e ficam de respiração suspensa.

— Pelo geito, parece — confirmam alguns.

"Será mais uma loucura de Gozaga?" — conjectura Candunga, disposto a defender-se até a última. "O diabo entrou no couro do padrinho... Quem viria com êle?... Outros vizinhos?... Não podia ser! Ninguém ainda se insurgira contra o que o doutor estava fazendo". — Perpassam, rápidos, pelo espírito do rapaz, êstes pensamentos.

E mal êle fizera tais suposições, inopinadamente, vultos suspeitos espirram da meia treva, a poucos metros do barracão. Outros ficam ocultos no cerrado.

Como a onça encurralada na fuma, Candunga esturra, ameaçando, corajosamente, os rumores:

— Quem é, diga! Se der um passo come bala!

A resposta é um vozêio assanhado, perto do barracão:

— Te entrega logo, cabra sem vergonha! Senão tu morre!

Candunga não vacila. Aperta o gatilho do rifle e os seus cabras também. Uma descarga doida zune no ar. E os dois bandos se pegam, numa fúria de se acabarem até a morte.

O pipocar do tiroteio percebe-se à distância. Que é, que não é? — sobressaltam-se todos.

Gonzaga ouve ao longe a fusilaria. Apura, no rumo do vento, que ela vem das bandas dos seus roçados. As mulheres confirmam que aquilo é barulho no paíol de Candunga. O cearense fica mesmo que alucinado. Arma-se às pressas e prepara-se para partir.

Candunga mandara servir-lhe um cavalo, para a viagem entre as lavouras e o seu casebre. Resoluto e disposto, Gonzaga monta em pêlo, e larga-se no frio da noite, voando para os lados do pipocar dos "foguetinhos".

Tereza e Assunção ficam atônitas. Que resolução êle tomara? Neste instante, os entrincheirados resistem como feras. Os de fora estão bem municados. O fogo não cessa. Com a meia escuridão, pouco se enxerga. Inesperadamente, os atacantes escutam, repercutindo no silêncio assombrado, galopes acelerados. "Quem seriam? Quantos viriam? Seria Romario com os seus homens?"

O pateado parece multiplicado, dando a impressão de um esquadrão furioso, atropelando a madrugada nascente. Afigura-se aos agressores, muitos homens montados, galopando para o lugar da luta, naturalmente em socorro dos atacados. "Só poderia ser Romario com a sua tropa" — supõem de pronto.

Diante desta surpresa, resolvem acabar com tudo, rompendo a resistência, em luta corpo a corpo. Mas Minervino Piauí, que comanda o bando, prefere gastar bala até o fim,

antes que êles fiquem entre os dois fogos. Fazem descargas sucessivas. Os do barracão revidam sempre. A arma branca não resolve, porque o pateado já vem perto. Só se não tivessem os outros homens pelas costas. Como o estrago já está feito, talvez com gente morta, Minervino resolve bater em retirada, antes que o dia amanheça de todo. E debandam desordenadamente, em busca do esconderijo de suas montadas, perseguidos ainda pelas derradeiras detonações da gente de Candunga.

Os que se defendiam também esperam ser intervenção de Romário, vindo em apoio dos trabalhadores. Candunga, como era natural, acredita ser pessoal inimigo, que viesse reforçar os que atiravam de fora. Aguarda, disposto a tudo, que se aproximem.

E vai firmando a mira do rifle, quando solta uma exclamação de espanto:

— Mas o que! Um só? E desarmado? Que afoiteza aquela? Quem podia ser o diabo?

Gagueja uma ordem rápida, aos homens que guarnecem seus postos. Todos ficam atentos. Será que os outros vêm atrás? Iria resolver-se a peleja. Espera pelo primeiro tiro. O camarada poderia vir fazer um reconhecimento para avisar o grosso da tropa.

Como um corisco desembestado, chamando pelo afilhado, Gonzaga avança, destemido. Candunga reconhece-o, num relance. Mas sem saber dos seus intentos, aconselha, o rifle com a mira feita:

— Tome tento, padrinho! Se não é de paz, não venha não! Eu agora estou por tudo!

Num vivo estremeção de cólera, três palmos de aço frio lampejando à luz alvarescente, o velho grita encrespado:

— Eu vim pra bebê o sangue dessa canaia! Eu sabia que só podia sê gente daqueles miserave! — E numa sanha de morte, indagando de Candunga: — Viste as cara dos cabras? Vâmo no rasto deles!

— Há de sê o pessoá safado, comprado por seu Portuga e Minervino Piauí! — E dando vasão ao que mais o inquietava, Candunga lembra, interessado:

— Assunção e Tereza não correm risco, padrinho? E' milhó trazê as duas pra ficarem aqui! Êsses cabras não prestam!

— E si' êles atacá de novo? — Gonzaga interroga.

— A gente se acaba na faca! Morro como preiá queimada, mas toco fogo em tudo, antes dêles entrarem aqui!

Assunção e Tereza não davam crédito no que viam. Gonzaga fôra vencido pela realidade dos acontecimentos. O que o doutor dizia era a verdade.

Na companhia de mais um homem, desta vez munido de "pau-de-fogo", Gonzaga torna à palhoça, para trazer as mulheres. Ficariam de novo todos juntos. Candunga dá as ordens necessárias e vai ver os estragos feitos nas plantações pelos cabras e seus animais.

O dilúculo matinal alvora na sua alegoria triunfal. Um sol risonho e brincalhão desperta a passarada para o concerto vocal da mataria. Acredita-se que é uma festa campestre por motivo da vinda de Tereza e Assunção.

E quando chegam ambas, conduzidas nas garupas, desconfiadas e caladas, os galos-da-serra, os curiós, as patativas, os bicudos, as cigarras, as coleiras, em alegre matinada, entoam o seu louvor panteísta à natureza, como um hino de amor, aos corações que se uniam novamente.

CAPÍTULO IX

O longo telegrama de Romario, relatando as ocorrências, também comunica a prisão dos principais protagonistas, responsáveis pelo "assalto à bala, ao barracão dos cereais e aos trabalhadores da colônia".

Certo de que o diretor de sua repartição, nada resolveria, sem audiência de terceiros, isso mesmo pesando prós e contras de conveniência política, Romario, na correspondência que dirigira à Interventoria do Estado, expusera o caso com a maior rudeza.

O interventor tomou do invólucro, que continham o processo, com fisionomia tempestuosa. E depois de uma leitura apressada, passou a papelada ao oficial do seu gabinete, ordenando-lhe, como se falasse a um soldado:

— Responda que aprovo tudo! Também as providências tomadas! Dou meu apoio! Remeta ao chefe de Polícia, para mandar dez praças embaladas, num expresso, buscar êsses patifes!

Batendo com os punhos cerrados na mesa dos despachos, determina:

— Quero a abertura de um inquérito policial rigoroso! — E mais enraivecido: — Ah, êsses galegos, êsses "coroneis" da roça, só mesmo todos na cadeia! Pensam que a revolução foi feita para isso, mas se enganam!

Romario enchera as medidas do Interventor. Estudara o temperamento impulsivo do militar, e contava com essa "fôrça" na hora conveniente. Por isso mesmo, tendo apurado a gravidade dos fatos, decide proceder de maneira imperativa muito ao feitio do governante.

O acaso lhe facultara o conhecimento dos acontecimentos desenrolados, num lance verdadeiramente imprevisto.

A friagem dilucular neblinava. Prevenido para a eventualidade de um ataque à sua pessoa, afim de o amedrontarem ou talvez o assassinares, Romario destacava sentinelas para ficarem de alcateia durante a noite.

Tocara-lhe, nessa madrugada, uma das rondas. Alerta como andava, pressente tropeis de animais e vozes irritadas,

nas imediações do escritório da administração, onde dava o expediente habitual.

Pondo-se de sobreaviso, reúne os homens de que dispõe e combina a distribuição dos postos, protegidos pela meia obscuridade. Visando as frinchas das paredes de "sopapos", Romario pôde reconhecer vários dos montadores. Tudo gente dali, perigosa e desordeira. Uma verdadeira tropa de cangaço.

Que pretendiam eles? — considera.

Como todos os moradores do povoado, ouvira, também, enchendo de inquietação a noite trágica, o éco longínquo do tiroteio. Mas não dera importância de maior, por não constituir novidade, disparos de armas, nas ruas ou nos sítios afastados do lugarejo, onde a vida humana valia menos do que a dos bichos da mata.

Dai não lhe ter sido difícil, tirando deduções, concluir que aquela anormalidade se casava aos tiros anteriores, e que só poderia ser façanha do bando que ali estava.

Atenta cautelosamente e distingue o vozear de cada um:

— Foi uma bestêra o "trabalho", seu Deodato! Coisa mal feita! Ninguém devia ter fugido!

— Bem que eu queria me grudá com eles no ferro!

— Nós devia era incendiá aquilo! Tocá fogo em tudo!

— Isso mesmo! Com os danado prêso lá dentro!

— Agora, prá não perdê nosso tempo, o jeito que tem é invadi esta joça e acabá com a "garganta" dêsse doutor!

Gesticulavam, ameaçadores, freiando os cavalos, referindo-se a Romario:

— O filho da mãe soube chegar mesmo na hora! O cão parece que adivinha!

— Quem sabe se arguem não nos vendeu pra êle? Ah, corno duma figa!

Do esconderijo onde se encontra, Romario reconhece perfeitamente Minervino Piauí, o cabo e soldados do destacamento, à paisana. João Deodato fala aos fiscais e aos capangas de Portuga. Nota-se caras desconhecidas, mas gente dali mesmo, participante dêsses barulhos.

Acham-se armados de rifles. Muitos dêles brandem os "espêtos" desembainhados, com que furavam até "na alma"... Via-se que estavam embriagados.

Galos madrugadores embocam o clarim metálico e soltam o toque da alvorada. O socar de pilões soturnos, aos fundos dos pardieiros, dá a idéia de um batuque macabro. Cainçadas famintas uivam ou latem pelos quintais. Uma voz de acalanto, consola uma criança opilada, que chora com o frio

reinante. Ao longe ouve-se um pregão rouquenho, de "tapio-ca" e beijús, por um menino sonolento. Desperta o povoado para a pasmeira de mais um dia.

Romario desespera, com os nervos num complexo desordenado. "Qual será a resolução dos bandoleiros? — Quantos seriam? Quem sabe se não trazem o propósito de incendiar a casa? Viriam assassiná-lo?" Prepara-se para dar uma ordem aos seus comandados, quando a voz alcoolizada de Minervino Piauí brada para seu grupo:

— Uma descarga cerrada nesta porquêra! No rojão da fumaça corremos dentro!

O entocaiado não vacila. Prevenira aos companheiros que se agachassem e atirassem, visando as entradas, se viessem tiros de fora.

Dá certo, como preparara, a sua defesa.

A fuzilaria parte zunindo, escalavrando os umbrais, varando portas e janelas. De dentro respondem com igual furor. Os outros insistem. Um atirador do agrônomo é atingido e emborca. Romario não se abate. De novo os atacantes rompem fogo. Os que se defendem, carregadas as armas, revitam valentemente.

Parece que a luta não acaba mais.

O povoado está em pânico. Corre gente de todos os lados, atraída pelo tiroteio, refugiando-se em lugar seguro. Não conseguindo invadir a casa, Minervino e seus cabras têm de abandonar a praça. O povo seria testemunha de sua afronta ao doutor; todos viam o crime que estavam praticando. Romario não quer desperdiçar munição. Aguarda que atirem de novo. Há uma trégua entre os combatentes, que se torna em pesadelo.

Minervino e seus homens estão sendo reconhecidos. Resolvem, então, debandar, afundando nas últimas névoas da manhã, dando tiros a êsmo, como uma horda desembestada.

O povo vem todo para o escritório, receioso de algumas mortes. O homem ferido, da tropa de Romario, não fôra em estado grave. Alguns protestam, condenando a audácia dos criminosos. Outros acham que, naqueles quebras, "doutor não valia nada"...

CAPÍTULO X

Candunga e dois companheiros, varando o ajuntamento diante do escritório, apeiam dos cavalos estafados. O sol grimpara as frondes dos arvoredos, desfazendo a neblina que enfumaça e embranquece a "vila".

Romario está ansioso por verificar se os seus pensamentos corroboram com as notícias que lhe trouxessem. E tem êxito.

O povo comenta de tôdas as maneiras o procedimento dos salteadores. Se com gente que tinha autoridade, êles faziam aquillo, imagine com os que não podiam apelar para ninguem.

Ouvida a narrativa dos acontecimentos da noite, Romario capacita-se, de que só lhe resta dar caça aos malfeitores e encarcerá-los.

Não há outro dilema. Do contrário, seria posto dali demoralizado, como um outro colega já fôra, ato de que se gabavam os mandões.

Tomando a atitude que os fatos reclamavam, despachou Candunga para a sede do Município, com um officio reservado ao comissário de polícia, relatando os acontecimentos da madrugada. Ressalta a gravidade das ocorrências, com a tentativa de homicídio. Assumindo a responsabilidade do que acontecesse, requisita praças para auxiliar nas capturas. Deixassem o resto com êle.

Quando a noticia da resolução do agrônomo se espalhou na "vila", causou estupefação e alarme. Uns se collocaram ao lado do doutor, que fôra agredido à mão armada, na sua repartição e quase era vítima de um crime. Outros argumentavam razões favoráveis a Portuga e Minervino, que gosavam do prestígio de "senhores da terra" e podiam fazer o que entendessem.

O official reformado, que engordava e "pegava moles", naquêle triste comissariado do interior, extranha os termos com que Romario se manifesta. Já lhe haviam chegado informações de que o doutor andava controlando a safra, a ponto de não sair nem uma carga sem que êle soubesse.

Manhoso como qualquer praça tarimbeiro, depois de lêr o officio, conclui, solerte:

— Este camarada, ou tem as costas quentes, ou então é algum sabido, com fumaças de maluco... Mas o certo é que a coisa agora ficou preta...

Refletindo que poderia surgir algum embrulho no caso, pois nele estavam envolvidos os homens de topete do lugar, o capitão não decide se mandaria os soldados sôzinhos, ou se os acompanharia. Não quer aparecer no barulho.

Competindo-lhe, como autoridade policial, o dever de organizar e comandar a diligência, indo em pessoa verificar o que de verídico existisse, bem a contra-gôsto, manda armar as praças, selar alguns animais e bota-se a caminho do povoado. Leva poucas praças, porque outras tinham sido cedidas a João Portuga, para o ataque ao barracão dos cereais.

As horas apressadamente se sucediam e os soldados não apareciam. Romario, impaciente, cinge o cinturão-cartucheira, enfia a "Mauser" automática e resolve, com seus empregados, ir aprisionar os bandidos. A demora parece-lhe prejudicial, porque os cabras poderiam "cair no brêdo" para outra localidade.

E botava em forma a sua gente, quando a presença do comissário se anuncia, com os policiais na retaguarda. Acompanha-os o estafeta da estação, que aproveitara aquela ocasião, para vir, com mais segurança, entregar a Romario a correspondência chegada da capital, com o timbre da interventoria.

A agrônomo lê os papeis e depois mostra-os ao capitão, que, ao se inteirar das ordens expressas, adere com espalhafato, arrotando valentia:

— Pra isto é que estou aqui, seu doutor! Comigo não tem protegido! Irão todos pras grades!

E num assomo de falsa energia, dando ordens aos soldados, para prenderem os culpados: — Vocês já sabem! Se reagirem, não tem conversa! Bala, se fôr preciso é "flandre" no lombo, sem pena!

Romario reconhecera quase todos os agressores. Tem certeza disso. E é com segurança absoluta que esclarece ao capitão, quando este, ardiloso, lhe pergunta quantos eram os homens do bando.

— Não pude contar. Mas, aqueles que vi, reconhecerei. Sei os nomes e onde encontrá-los.

O policial parece refletir, enquanto Romario, esporeando o cavallo, fala com decisão: — Vamos logo agarrá-los! Não percamos tempo!

Os desamparados habitantes daquelas terras ficam imaginando a sangueira que irá correr. Os homens parecem cães de caça atraz da presa. Garantidos pela "carta branca" do interventor, redobram de coragem e destemor.

Sabendo que o agrônomo e o comissário não teriam complacência com aqueles que resistissem, os criminosos se deixam prender, sem resistência, mesmo porque contam com a proteção dos grandes do lugar e até de gente da capital, para serem soltos. Os cabeças, como sempre acontece, refugiaram-se em suas casas, bem garantidos e irresponsáveis.

Os primeiros detidos foram os fiscaes municipais, os guardas, os capangas alugados. Deodato e Minervino Piauí tiveram suas moradias varejadas e deram entrada na enxovia, junto com os seus "cabos de ordens".

Alegando honrarias de "pessoas gradas", o capataz e o mercieiro protestam, dizendo-se vítimas de violências e perseguições. João Portuga, duvidando do carater do Romario, fingindo-se inocente, aguarda para recorrer aos políticos, se fosse incomodado. "Cantaria", primeiro, o comissário, seu amigo, que mandaria chamar ao seu estabelecimento.

Seus espias vêm lhe contar que a "coisa estava ficando azêda" para o lado dêle. Portuga, amedrontado, expede um recado urgente para o capitão. E quando êste chega, a palestra começa dêste jeito:

— Então você, meu amigo, dando batidas para prender gente de responsabilidade?... Até mesmo nossos empregados?... Que negócio é êste?...

Era o "começo de conversa", para "esfriar" a autoridade, sondando os seus propósitos.

O comissário se mostra de um ar quase seráfico:

— Eu, seu João? Quem foi que disse? — E temeroso do prestígio do Portuga: — Nada disso!... Se não fossem ordens... O senhor sabe... O doutor me mostrou um officio do interventor, que é um "espêto". Manda que prenda todo mundo... O senhor sabe, na minha situação, tenho de ajeitar as cousas... — E desculpando-se de sua atitude: — Isto é lá com êle, que tem as "costas quentes"... Eu não faria uma violência dessas com nossos amigos...

Portuga fica suspenso, com a informação de que o interventor prestigiava o agrônomo. Por isso é que êle não tinha ido embora. Ali andava dente de coelho...

Ainda assim, tenta novo golpe:

— Êsse doutor tem é cisma comigo. Desde o dia em que aqui chegou, foi logo querendo mandar... Exigiu que todos apresentassem documentos de propriedade das terras. Contratou um bando de sujeitos vagabundos para seus empregados...

dos !Anda gritando por aí que aqui ninguém tem nada legalizado, que as terras são dos colonos.

Servilmente, o capitão reprova:

— Mas isso não é direito... Como é que os negociantes não podem mandar no que é deles?...

Portuga sente-se mais seguro:

— É isso mesmo, meu amigo. Porque o velho Gonzaga está trabalhando nas minhas terras, êle enxotou-o do escritório, dizendo o diabo. — E arriscando o plano que empregava, em casos como êstes:

— Você não acha, capitão, que isso é vontade de embolsar umas "pelegas"? Conheço êsses piratas... Cada um tem o seu jôgo, quando quer pegar a "bolada"... Êste vem com durezas...

O delegado, dúbiamente, foge ao assunto:

— Isso não sei lhe dizer... É lá com êle... O que me pareceu é que o doutor tem um gênio revêso, não se presta para essas embromas. Mas enfim...

Portuga, irônico, duvida:

— Qual o que, capitão. Você vê muito ronco, muita farofa, isto enquanto não se "molha" a mão do malandro! Dinheiro nunca fez mal a ninguém... Com êle compraram Cristo, para o crucificar, imagine a um doutor de besteira, dêsses que vêm para a roça... Pense no que lhe estou dizendo...

O delegado tem um sorriso a seu modo, e, velhaco, insinua:

— Quanto a isso, não sei... Pode ser, ou não... No meu caso... Cada um sabe de sí... O senhor não acha?... Em matéria de dinheiro...

E os dois despedem-se satisfeitos, depois de tomarem uma "chamada" de cachaça com fernet, que era o fraco do comissário.

No dia imediato, Romário recebe uma carta de João Portuga, pedindo-lhe para lhe falar, indo o agrônomo à sua residência, "pois se encontrava acamado, não podia sair, e tinha assuntos importantes para conversar com o doutor".

O certo é que êle estava na tarracha. Haviam denunciado todos os seus protegidos, de modo que Romário preparava-se para procurá-lo. Assim, tudo encartava com os seus propósitos.

Falando macio e jeitoso, Portuga recebe o visitante com tôda a afabilidade. "Recolhera-se ao quarto desde a semana anterior, atacado de um reumatismo renitente. Depois, gri-

para, não sabia como. E ali estava, sem sair de casa, com tantos negócios a solucionar".

— O senhor pediu-me que lhe viesse falar e aqui estou — foi dizendo Romário.

— Oh, senhor doutor! — arrisca Portuga — Sim, muito obrigado pela atenção. Escrevi-lhe para o senhor vir até nossa casa, para conversarmos sobre o tiroteio havido entre os seus homens e uma corja de desordeiros que infesta o nosso interior. Estou ciente das prisões que foram feitas. Pena é que o senhor não acabe de uma vez para sempre com essa praga. Isso é que seria uma lição em regra.

Romário sacode a cinza do cigarro; e abreviando a entrevista:

— Efetivamente, há muita gente envolvida nesse caso. Alguns dos comprometidos ainda não estão nas grades, mas eu sei como agarrá-los. Não me escapa ninguém. As ordens que recebi são severas.

João Portuga estremece:

— Pois ainda há patifes soltos, senhor doutor?... Acreditei, pelo que contaram, que o xadrês estivesse cheio dêsses ordinários, que são uma constante ameaça à nossa tranquilidade.

Transparece-lhe nos olhos o seu ardil. Romário espera pelo fim da comédia. E João Portuga, jogando o anzol, prossegue:

— Senhor doutor, mandei incomodá-lo, para lhe pedir que não me envolva nesse negócio. Eu tenho muitos inimigos aqui, apesar de ser um verdadeiro pai para esta gente. Êles dirão que eu insinuei, para que fossem atacar seus empregados, mas isso é mentira, é uma aleivosia descarada. O doutor quer vê?...

Põe-se de pé, manquejando. Cascavilha num movel e tira um maço de papéis que parecem duplicatas, ou notas promissórias. E desdobrando-as diante dos olhos de Romário:

— Veja isso, senhor doutor! Tudo aqui é dinheiro que êstes mandriões me devem! Tenho condescendência com êles e porisso não protesto! — Sacode, trêmulo, os documentos, bufando, gesticulando: — Veja, doutor, é assim que me pagam êsses canalhas.

Aproxima-se o desfecho da conversa. Romário aguarda o final do ato. E quando Portuga termina, supondo have-lo convencido de sua inculpabilidade, desarvora-o:

— Ou o senhor diz onde se encontram os outros seus cúmplices, ou o faço recambiar, preso, para a capital. Escôlha!

Portuga empalidece:

— Mas... senhor doutor...

— Diga logo, antes que seja pior! O inquérito está correndo!

O homem, como se diz, se acha entre a espada e a parede. Entretanto, tentando o seu plano, fala ainda, num jeito especial:

— Doutor, o senhor está no começo de sua carreira. Ouça o que lhe digo. Abandone este programa, que assim o senhor morre de fome. Um moço distinto, como o senhor, metido com estes homens, arriscando a vida, comprando brigas, que não lhe adiantam... — E depois de uma pausa: — Faça como os outros, que têm vindo aqui... Arrume-se... O senhor deve gostar de uma farrazinha, com boas mulheres... Faça uma "fita", adoêça e embarque para Belém. Deixe ficar a cousa assim mesmo, que o capitão se arranja comigo... Disto é que o doutor precisa... Tome lá isso, fica só entre nós...

Escorrega, para um dos bolsos de Romario, que o encara de frente, um gordo maço de cédulas.

O inquérito prossegue. Gonzaga e Candunga depuzeram por primeiro. Ao chegarem as praças que a Chefia de Polícia enviara, reforçam a guarda aos detentos, por não oferecer segurança a casa que serve de cadeia.

João Portuga — diziam — estava na casa do "sem jeito". Todos os presos, com exceção de Minervino, afirmam que o mandante do assalto fôra o comerciante. Interditaram-no de sair do município, até que tivesse de depôr.

Quando recebeu tal ordem, Portuga estremeceu, estranhando esse gesto da comissão de inquérito, da qual Romario fazia parte. E o dinheiro que ele havia aceito? Não servira de nada?... Não restava dúvida, ele iria se apresentar, mas esbravejaria "o cartaz do agrônomo", como esbravejava.

Finalmente, um tanto arrogante, comparece, e encara com Romario, na sala de inquérito.

— Bom dia, meus senhores! — E com intenção: — Há uma pessoa aqui que não pode participar desta comissão.

Os presentes entreolham-se.

— Sim, gente que vai a casa dos outros e toma o dinheiro com promessas de livrá-lo de aborrecimentos.

Romario levanta-se:

— É comigo que o senhor está falando? Pois olhe, o dinheiro, que eu nem contei, está aqui. Vou entregar, na sua presença, à comissão de inquérito! É uma prova de como vo-

cê costuma agir, para ludibriar a Justiça e continuar enriquecendo à custa da miséria alheia!

Portuga empalidece visivelmente.

O encarregado do inquérito, animado pelo desfecho da cena, começa a fazer as perguntas de praxe, ao acusado, num tom comicamente autoritário. O escrivão vai escrevendo as respostas, com displicência.

Concluídos os "termos de perguntas", fica apurada a inteira responsabilidade do português, na criminosa ocorrência. Não só dêle, como de alguns "coroneis" e comerciantes exploradores dos colonos. Devidamente concluídos, os autos seguem para Belém.

Como resultado da decisão do interventor, nas peças do inquérito, uns dez assaltantes e vários "personagens maiores", a cujo soldo eles agiram, embarcaram num vagão, atrelado ao horário da E. F. de Bragança, e rumaram para a capital, sob a vigilância de uma escolta.

Rosinha não tem a serenidade precisa, quando vê Portuga entre os soldados. Parece-lhe inacreditável. A esperta concubina destempera-se: — Isto é um abuso! Ah, se eu fosse homem! Mas não há de ficar assim!

Acabrunhada, abatida, na incerteza do que estaria reservado ao amante, assiste-lhe a partida, cheia de pressentimentos, assim escoltado, desconsolado, humilhado, ao contrário dos dias felizes, em que viajava alegre, satisfeito, recebendo considerações de todos, chalaceando, atirando ditos às donzelas e às mulheres casadas, num carro de primeira classe. E no mesmo comboio, vários carros de cargas, abarrotados de fardos de fibra, de sacos de cereais, que iam despachados aos seus freguêses, transacionados com os colonos, à custa das maiores especulações.

O comissário de Polícia, sem saber que partido tomar, teve que dar conta das capturas e ultimar o inquérito, opinando pela punição dos culpados. Para não ficar mal com os amigos, joga a responsabilidade das prisões e do embarque dos presos, sobre Romario. E quando encontra ocasião azada, cochicha para os descontentes: — Este doutor é um danado... Parece que é gente do interventor... Precisamos cavar a saída dêle daqui, de qualquer jeito...

Enquanto durasse a safra a colhêr e beneficiar, Romario não poderia deixar o escritório, os trabalhos dos roçados e embarcar para Belém. "A corja dos ambulantes, dos intermediários, andava à espreita", — como todo mundo dizia.

Candunga, antes de voltar para o roçado, entregue à sua fiscalização, história a Romario, mais detalhadamente, o risco que correram e o desfecho da luta travada com os assal-

tantes. Referindo-se ao socorro imprevisto que Gonzaga lhe trouxera; à maneira como o fizera; à retirada dos bandidos; à sede de vingança do velho, rematando pela morte que quase se desenrola, entre êle e o padrinho, o agrônomo ficou pasmado.

E para finalizar, o modesto Candunga, semblante jubiloso pela revelação que ia fazer, confidencia ao amigo:

— Seu doutô, agora a família está junta de novo. Assunção e Tereza vieram pro barracão. Meu padrinho Gonzaga diz que agora há de morrê agarrado com nós...

Romario sorri discretamente e remata a conversa, com palavras nascidas do seu idealismo:

— Veja lá isso, Candunga. Diga a Gonzaga que tome conta do que é dêle. A terra, o pão, o bem-estar, cabem a vocês... Não há homens pobres: existe uma partilha mal feita, do que devia ser de todos. Um dia você compreenderá isso. Requeira a metade do terreno onde vocês estão, para ser demarcado. Trabalhem como homens, para não serem explorados. Observem o plantio das culturas como se deve fazer. Basta de rotina, de cansar as terras e depois abandoná-las. Assim vocês continuarão sempre explorados. Aqui, tudo quanto se planta, grela e dá fruto. Vá, convença Assunção e case logo. Mande as folhas dos contratados para serem pagas.

CAPÍTULO XI

Unidos nas pases feitas, Gonzaga incumbe Candunga, a pedido de Tereza, de conseguir o regresso de Ana e Josefa, para onde a família se encontra.

Não iria êle — explica — para não ter um encontro com a rapariga de João Portuga, o que lhe seria desagradável. Queria as filhas novamente com Tereza e Assunção, vivendo juntas, entendendo-se bem, como dantes.

Contando que elas viessem, trouxeram os trastes mais necessários, da primitiva palhoça e fizeram no barracão um compartimento para servir de cômodo para as quatro mulheres.

Parecia, porém, ante a gravidade dos fatos ocorridos, em que Portuga e Gonzaga apareciam envolvidos, e a indiferença demonstrada pelas duas filhas, que elas não estavam dispostas a voltar para o companhia dos "velhos".

O ambiente de seduções e engodos, em que Rosinha as envolvera, terminara predominando nos sentidos despertos das duas mocinhas. Sentiam-se bem naquele meio, não queriam mais saber do mato.

Os tropeiros, quando elas apareciam, lançavam-lhes ditos e olhares "quebrados". Alguns presenteavam-nas com vidrinhos de extratos baratos, latinhas de vaselina perfumada, voltas de contas, de côres berrantes, pulseiras de metal falso, brincos de "ouro que não enferruja". Abdala, certa vez, em que elas foram ao seu estabelecimento, ofertou-lhes lencinhos côr-de-rosa, com florinhas azuis nas pontas e um casal de pombinhos se beijando. Fez mais: deu-lhes caixas de pó-de-arroz, aromatizado e uns grampos enfeitados para cabêlo, dizendo, muito pródigo e amavel: — "Tudo é bra cês, belezinhas... Bra cês é de graça, nem gobra nada".

João Portuga, antes do que se passara, tinha conhecimento de tudo isso, mas fingia nada saber. Esperava que os outros se "precipitassem" — como dizia. Depois, êle tiraria o "seu pedaço", enquanto elas andassem encobertas...

De sorte que ambas não tinham dúvida em que o pai as mandaria buscar, depois do que acontecera, com a prisão do português.

Contaminadas na sua candura, participando dêsse meio favorável às tentações e perversões morais, Anã e Josefa repudiavam conviver novamente com os parentes.

A volta para o seio dos seus representaria a continuação dos ásperos trabalhos da lavoura, a solidão, as noites feias, a bicharia gritando no mato, até mesmo a comida, mal temperada, insuficiente, sempre a mesma. — “Elas não eram negras cativas para se acabarem no éito!” — protestam intimamente.

Sem serem extranhas às novidades e às tramas que se urdiam, sabiam das combinações da quadrilha de João Portuga, estavam ao par de tôdas as circunstâncias do barulho, quando Romario ameaçara Gonzaga; não ignoravam os serviços que Candunga vinha prestando ao agrônomo.

Conheciam os mínimos pormenores da embrulhada toda. Escutaram, quando Minervino e Deodato, os fiscais e os capangas, descreveram ao patrão os ataques levados a efeito nos barracões dos cereais, ao escritório das colonias e as retiradas forçadas do bando.

E sem compreenderem porque secretas razões, seus corações seduzidos, voltavam-se contra Gonzaga, Candunga, Romario e sua gente.

Rosinha, com a prática adquirida, notara como as duas moçotas andavam “avoadas”, penteando-se a toda a hora, mudando vestidos, e sob qualquer pretexto, aparecendo no balcão do estabelecimento. Percebe, também, que elas estão dispostas a não voltar à vida em comum com os pais. E as alvoroça ainda mais, com insinuações manhosas:

— Se vierem buscar vocês, vocês acompanham êles? Ah, se fosse eu! Ia mas custava! Não sejam moles, suas bôbas!... Não saiam daqui é que é! Eu lá ia deixar isto aqui, pra me meter no mato!... Áxi, que eu ia!...

As duas irmãs, indecisas, mas achando razão nos conselhos de Rosinha, não sabiam o que responder.

— Vocês não devem sair daqui! Nem a pancada! Pai não pode mais obrigar obediência aos filhos! Já se foi o tempo! Êles querem botar vocês de novo no trabalho, como negras, passando privações! Aqui vocês têm de tudo... Podem até mandar à vontade! — insinúa a “madame”.

E como Josefa soltasse um “mas”.

— Que mas, o que? E logo tã! Pensas que eu não ví seu João te amolegando os peitos, te chupando os beiços? Queres ver, sai daqui! Espalho pra todo mundo quem tu és!

O certo é que as pequenas, já agora meio temerosas, não

tinham vontade de trocar aquele ambiente por outro qualquer, onde teriam de madrugar no trabalho.

Com passadio farto, braços limpos de queimaduras, de sol, esplendidamente conformadas, Ana e Josefa ganharam boas carnes, voltou-lhes o brilho dos cabelos, a queutura dos olhos, como se gozassem um clima benéfico e salutar.

Ana, alourado cáldo, de melão fumegante, pele branca e sedosa; Josefa, amorenado-jambo, cílios negros e longos, sombreando-lhe os olhos; quando elas passavam pelos corredores do estabelecimento, ou vinham auxiliar Rosinha a servir os freguêzes, não haviam homem que não detivesse o olhar para admirá-las, com uma gula intencional de desejo.

Uma com dezeseis, outra um ano mais velha, tanto na doçura cantante da voz da primeira, como na negrura úmida dos olhos da segunda, emanavam flúidos de singular atração. Com as espáduas e as ancas firmes das mulheres de remanescentes semíticos, que marcavam a sua raça, seus corpos núbéis mostravam detalhes de linhas finas e uma natural esveltez no andar apumado.

“Era como se possuíssem o talismã da sedução” — para o gôsto do farmacêutico, que escrevia versos, discursava de improviso, fazia as saudações nos aniversários e nas datas cívicas que se festejavam na “vila”.

João Portuga, murmurava-se, teria triplicado seus negócios, depois da ida das retirantes para a sua casa. Elas ficaram famosas na localidade. Mas o diabo é que o português só faltava andar bodejando atrás delas...

Industriado pela companheira, o comerciante fazia das duas cearenses o chamariz do seu estabelecimento. Quando apareciam os inspetores de vendas e consignações, êle e a amaziã, mandavam as pequenas trazer as bandejas de aperitivos para os visitantes, que ficavam maravilhados com a presença de Ana e Josefa.

E Portuga elogiava-as, afagando-lhes a face graciosa:

— São duas flôres desta casa... São dois anjos dos meus olhos... Os senhores não acham?...

Bastava isso para controlar o fiscal. Os colonos, embasbacados, iam se deixando furtar no pêso, nos assentamentos do caderno, enquanto “rebatiam uma pinga”, loucos para “arrastar a asa” às filhas de Gonzaga.

Entardecia. Candunga se dispuzera a ir buscar suas parentas na casa do comerciante. Satisfazia-o o serviço dessa incumbência. E tendo chegado ainda com dia, apeia no alpendre e prende no moirão o cavalo.

Discute-se na venda de João Portuga a sua prisão, divergindo as opiniões. Candunga, sem arrogancia, mas decidido, entra na venda. Rosinha corria o balcão, "sangrando o galo", para os bebedores, ou atendendo uma nota de compras.

Candunga, como enviado de Gonzaga, dá "bôas tardes" à vendeira, dizendo depois com calma:

— Quero falá com Ana e Zefa.

Rosinha, de sorriso ao lábio, corresponde ao cumprimento. Finória como só ela, em seguida à reclusão de Portuga, aconselhara as pequenas a não aparecerem constantemente, a não virem atender freguêses, para não dar motivos a acusações, se porventura surgissem, de que elas serviam de caixas.

E é com um ligeiro tremor na voz, que permite a entrada de Candunga, franqueando-lhe a passagem para o outro lado do balcão:

— Vá entrando por aqui. Elas estão lá dentro. Devem estar costurando. Fique à vontade. Entre...

Há um zum-zum-zum de conversas alteradas, que encrespa os rumores do ambiente. Depois, um silencio quase trágico, cai sobre os passos de Candunga, que entra com desempeno em busca das duas irmãs.

Rosinha alteia a voz:

— Ana! Josefa! Falem com seu Candunga! Daqui a pouco vou aí! — E para os circunstantes, que bebericam na venda, como se fossem espectadores: — Quero ver o que vai sair dali...

Quando Ana e Josefa deparam com o rapaz, nos seus olhos ladinos, tremula um espanto irreprimido. Tão desorientadas ficam, com aquela visita, que não encontram palavra para dizer. Candunga dá o recado de pé. E pior do que um esgarro na cara é a resposta recebida:

— Vamos não, Candunga. Diga pra pai, mais mãe, que não vamos. Não queremos saber do mato. Aqui temos tudo. Ninguém pode obrigar nós a ir...

Quem falara fora Ana, com uma firmeza de resolução preconcebida.

Candunga sente a serenidade fugir-lhe. Teria ouvido bem? Não estaria enganado? Ainda assim, insiste no propósito que ali o levava. As duas não cedem:

— Vamos não! Se pai qué nega pra trabalhá, que alugue! Sêmo mais besta, não! Daqui só saimos morta!...

Realmente, elas repetiam o que haviam dito antes. E que fazer? Candunga, com aquela declaração, tem a intuição do escândalo, que causaria, levá-las à fôrça. — "Os pais são tão

ruins, que as filhas não querem ir para a companhia dêles" — falaria o povoado em peso.

Dominando-se, Candunga lembra-lhes a harmonia em que todos viveriam novamente. A alegria que elas levariam a Assunção e Tereza. O consôlo que dariam ao coração de Gonzaga. Nem mesmo fome passariam mais, comendo escoteiro e dormindo sem conforto. Tudo agora era diferente. Não dessem tamanho desgosto aos velhos — aconselha por fim...

A resposta vem desabrida como a outra:

— Pai póde nós moê de pau, que não vamos! Corremos pra casa do Juiz, se êle teimá nos levá! Fugimos daqui, que êle nunca mais bota a vista em nós!

Candunga torna a apelar para os sentimentos filiais das desviadas:

— Cê é tola, Zefinha... Meu padrinho qué muito bem cês. Tereza não é sua mãe? Deixem de tolices... Cê também, Aninha, tanto que Assunção pediu pra cês irem. Nós sempre estivemos juntos...

— Eu não arredo daqui pra sai com cê, Candunga, nem que aconteça o diabo! Vou lá me vê doida com morcegos e pragas! — sustenta Ana, mais arrebatada.

Candunga aconselha:

— Ora que bestera, Aninha... Nossa moradia agora está tôda pronta. Temos tudo de bom. Cês não precisam trabalhá na roça. Vamos imhora é que é...

Rosinha, que viera sorratamente escutar o que estava se passando, finge entrar nesse momento. Gosava o embaraço e os esforços de Candunga para convencer as pequenas. Além do desapontamento do rapaz, aquela recusa insólita feria a sua dignidade. Rosinha está num regosijo completo.

Finalmente, pondo flores e mel na voz, intervem no assunto:

— Você está vendo, seu Candunga? Elas não querem ir mais, coitadinhas. Já estão acostumadas em nossa casa. Para que tirarem as meninas daqui? — E olhando-as de esguêlha — Comem do melhor, vestem direitinhas... Você sabe, elas estão moças feitas, não querem ir se meter no mato. Qualquer dia estão arranjando um bom casamento aqui na "vila"!

Candunga experimenta a sensação de um entalo na garganta. Seu desforço instintivo era meter o rêlho "naquela gata", que queria ver Ana e Josefa no cio, igual a ela, — quase lhe grita isso nas ventas. E investindo para a amázia de João Portuga, desabafa:

— Cê o que é é uma arcovitêra sem vergonha! Qué arastá as pequenas pra perdição! Qué dá elas pro seus home! — E remata decisivo: — Não levo elas agora mesmo, amar-

radas na garupa do cavalo, porque não quero escândalo nem zoada! Mas lhe garanto que elas não ficam aqui! Não demora nada! Cê vai ver, sua "quenga" safada!

Rosinha, debochativa, sorri da explosão de Candunga, que ainda promete:

— Lhe mostro já! Nem que eu tenha de me desgraçar duma vez!

Num arranco só, está no lombo do cavalo. O animal corcoveia, pinoteando fozoso. Uma chicotada rija golpeia o ar e fere a anca do animal. O galope não é deste mundo. Um poeirão levanta-se no ar, que encobre o vulto do cavaleiro. No terreiro da venda o povo fica pasmado.

Rosinha corre à porta. E firmando as mãos gordas nas ancas fartas, solta uma gargalhada de desafio:

— Vai, flagelado espraguejado! Quero ver o que tú e os teus patrões fazem!

Romario escuta a queixa de Candunga. Ele não tem ânimo de levar aquela notícia a Gonzaga. Seria a perdição do velho, talvez a sua desgraça, a sua morte. Tereza, também, como ficaria, sabendo de uma recusa daquelas?

Concluindo que Ana e Josefa estavam sugestionadas pelas lábias de Rosinha, Romario procura investigar de quem ela se servira para o jogo daquele estratagema.

Rememora fatos, busca nomes de pessoas. Ninguém se lhe afigura, como organizador da trama. Mas havia. Rosinha, ela só, não poderia ter tido a idéia desse expediente.

Manda chamar Gonzaga ao escritório. E quando o sertanejo chega, Romario, conforme Candunga lhe descrevera, suavizando melhor as tintas, pinta a cena passada na casa de Portuga, por causa das suas filhas.

A indignação de Gonzaga desenha-se na expressão dura de sua máscara. Romario, depois de aconselha-lo a não usar de violências, termina pedindo-lhe para deixar o caso com ele, que as coisas não acabariam assim.

E assegura-lhe:

— Tenha certeza, seu Gonzaga, que as suas filhas não ficarão naquele antro.

O pai curva a cabeça encanecida. Talvez sentisse remorso de ter se separado delas, levado pelas conversas de Portuga. E com o olhar fuzilante, jogando sobre si mesmo a culpa do sucedido:

— Será a minha morte, seu doutô, ou a minha cadeia. Me acabam duma vez tanta desgraça junta! Mas eu vou bus-

cá a chicote aquelas doidas! Antes vê elas no inferno, do que de mão em mão, feito muié da vida! É o que elas querem!

E depois de um silêncio embaraçoso, em que os seus pensamentos se tornam mais negros:

— Seu doutô me empresta uma garrucha! Mostro que sou pai e sou home!

Romario procura acalmá-lo, lembrando-lhe a sua proteção, mas Gonzaga não se contém. Reflete um momento e fala entre os dentes, numa queixa desolada:

— Tenho mais pena é da mãe. Se Tereza sabe disso, assim como elas dissero, morre antes de botá a benção nelas...

CAPÍTULO XII

Decorreram semanas que João Portuga e seus pares estavam reclusos no presídio de São José. Os advogados da oposição tentam o recurso de um "habeas-corpus", de mero efeito político, em favor dos implicados nos — "intensos tiroteios entre colonos na Estrada de Ferro de Bragança" — como noticiara a imprensa, mal informada quanto à realidade dos acontecimentos.

O Tribunal, entretanto, denegara o petítório, para prestigiar o governo, como assoalharam os postulantes.

Solicitadas informações à Chefia de Polícia, esta esclarecera que — "efetivamente, haviam sido enviados presos, da zona bragantina, pelo respectivo comissário policial, vários indivíduos participantes de uma tentativa de assalto a depósitos de cereais; que esses indivíduos, depois de ouvidos em inquérito regular, foram postos em liberdade".

Estava, assim, prejudicado o amparo legal aos pacientes, enquanto eles continuavam "mofando" na enxovia. Entretanto, as cousas não ficariam assim. Havia gente da situação interessada por eles.

Sabido que todo homem tem o seu ponto moral vulnerável, seja ele o de opiniões mais sisudas, no círculo dos partidários do interventor contava-se elementos com a lenta infiltração da gota d'água...

Eram os comensais, os amigos do peito, os bajuladores, os "revolucionários" de última hora, os que, com habilidade, controlavam os atos do governante. Os que faziam e desfaziam o ambiente das amizades palacianas. Os que alvitavam se havia interesse político, ou não, nos favores que a interventoria poderia conceder. Daí, o dinheiro de João Portuga fazer o milagre de ser conseguida a sua liberdade, a de Minervino Piauí e de mais alguns "coroneis", que poderiam dispor de eleitores, na ocasião precisa e fazer boas contribuições para o Partido, no futuro.

Ao se oferecer ocasião propícia, um dos íntimos do interventor, pessoa de destaque, de sua integral confiança, en-

caminha a conversa para o caso dos detentos que estavam em São José, vindos da Estrada de Ferro.

O astucioso político manobra habilmente o assunto, contando com a inexperiência e a bôa fé latentes no revolucionário:

— ... Aquele João Portuga é um sujeito perigoso e safado... E um tal Minervino Piauí, seu capanga, e mais uns "coroneis", planejadores de um assalto a colonos, também não prestam. São todos uma corja...

O interventor não demora a cair no engôdo:

— Sim, já sei de quem se trata! Está tudo apurado! Eles queriam avacalhar o agrônomo e desmoralizar o meu governo! É trabalho de "carcomidos", para jogarem uma certa imprensa contra mim! — E num brusco arrebatamento: — A rapariga do português me escreveu uma carta, contando uma porção de cousas! Já viram que comigo é no duro! A lição deve servir de exemplo!

O político, estrategista, como quem não quer se mostrar interessado, aduz a seguir:

— Uns bachareis malandros impetraram uma ordem de "habeas-corpus" em favor deles. É trabalho de decaídos... O senhor não acha?...

— Isto percebi eu! — altera a voz o interventor. — Mas é pior para eles! Vou mandar soltar todos, depois de gramarem mais uma semana de xadrês. Se me vierem de novo com histórias de "habeas-corpus", mando deportá-los amanhã mesmo! Vou dar ordens ao Chefe de Polícia!

O amigão politiquero tem segura a bolada. Uma gorda gratificação, como presente, se conseguir a soltura dos prisioneiros. Era questão de dia, menos dia. Fere, pois, mais fundo, a corda tensa do ponto de vista do militar:

— É isto mesmo... Para que esta gente pensa que se fez revolução? Dê-lhes, uma lição em regra e depois os ponha na rua... Eles ficam desmoralizados na colonia, onde se julgam grande cousa...

O interventor, crente de que estava agindo acertadamente, conclue:

— É preciso ensinar esse pessoal a respeitar! Abusou, cadeia com eles! É o que todos merecem! Só assim se endireita isso!...

O automovel oficial, com os dois amigos, rodou ainda umas voltas pela cidade, até que ambos se separaram, ficando assim resolvida a sorte dos prisioneiros.

João Portuga, Minervino Piauí, mais outros "coroneis", que tiveram por esse meio, a proteção do político, saíram do

presídio daí a alguns dias. Apesar das humilhações sofridas, dão-se ares importantes, para armar efeito, perante a sentinela e até merecerem uma continência... Deodato, e os demais companheiros, sem terem dinheiro para passar a alguém de influência, que se interessasse por eles, "comeram da banda pôdre" — como diziam; e, por fim, depois de quebrarem pedras nas ruas, foram soltos, com ordem de não voltar às colonias.

Instalados no vagão que os reconduz ao domicílio, João Portuga e seus amigos vêm apreensivos, sem aquela alegria costumeira, pois sabem que ali não mais grimpariam, não seriam os mandões de outrora. Estavam desmoralizados, perdida a importância, servindo de chacota ao povo.

Recolhidos e sós no carro, passa-lhes pela mente a hora crítica em que embarcaram cercados de escolta, como reles malfeitores. Parece-lhes escutar os acanalhamentos, os ditos escarninhos, as pilhérias soltas, debochativas:

— Virgem Maria, que lingada bonita! Até de palitô também vai! Percevejo vai tê comida! Cadêia não é só pros pobres! Lá vão eles!

E como esses ditos não bastassem, o molecório vaiava-os, ao passo que um tabareu se vingava:

— Ei, seu João Portuga! Seu "coruné"! Cês não mandava amarrá a gente como porco? Agora é que eu quero vê! Peiem eles, seus sordados!

E ria, gosando a liberdade de gritar livremente, o que até então não podia dizer, nem por simples pilhéria.

Teriam de descer do trem, do mesmo jeito, agora de regresso, sob aquela atmosfera de menospreso, quando ali já haviam sido recebidos com foguetórios, funçanatas, mandões e ensoberbados.

Chegaram ao cair da tarde. A estação está no seu borborinho habitual. A notícia de que eles vinham no trem do horário, foi enviada pelo telegrafista da estação central. Muita gente quer ver a cara com que eles se apresentam. Mas como o trem tardasse muito, a estação acha-se quase deserta, quando eles desembarcam.

A demora do comboio é curta. O bando de meninos vendedores, gritando, insistentemente, os seus pregões, de pratos de comidas, de Guaranás, de pasteis, de bolos de macaxeira, de bananas e laranjas. Um mercado alvoroçado e enervante. Alguns passageiros comodistas, vão procurar nos hotéis o almoço habitual, deixando nos bancos dos carros objetos de uso, como segurança de uma propriedade por horas; outros, comem ali mesmo, nos pratos de alumínio, vendidos a pre-

cos menores, a refeição supletiva, para aguentar a viagem. É em meio a êsse borbórinho, a pedincharia dos cegos, dos aleijados, dos cancerosos, implorando a uma caridade, indiferente e egoísta. O trem, como se também almoçasse água e lenha, aliviado, dá marcha à frente, expelindo vapores e fagulhas. Passageiros retardatários se precipitam para apanhá-lo, com risco de perder a viagem.

João Portuga e os outros companheiros ficam na estação, alvo de olhares e comentários, sem terem um abraço, um apêto de mão, um amigo sequer, que os felicite pela chegada. Parecem penitenciários, já esquecidos, que retornam à sua aldeia, cumprida a pena correcional. Ninguém mais os conhece, nem lhes liga importância, como dantes.

Só uma velha faladora chama a atenção da hoteleira:

— Olhe acolá, comadre Noca, seu João Portuga e seu Minervino, como estão mudados!

— É mesmo, comadre... E os outros, quem são?!...

— Disque gente grauda... Comerciantes, "coroneis"... Comeram xadrês que não foi sôpa...

— Hum, hum, comadre Noca... Esse interventor é mesmo o cão... Hôme duro de roê... Safado, gente ruim, com êle é na cadeia... Ele tem lá as suas razões, comadre.

Era a língua solta do povo, tirando desforra da situação, agora favorável, contra os poderosos destronados.

CAPÍTULO XIII

Romario dirige-se à sede do Município, para se entender com o Juiz de Direito, sobre o caso de Ana e Josefa, depois que os prisioneiros embarcaram.

Esclareceria ao "representante de Temis", — segundo o qualificativo do farmacêutico, — a história toda. Provaria que João Portuga vivia amaziado, que as menores eram empregadas como criadas, que não recebiam instrução, e que estavam prestes a cair na prostituição. Rosinha tinha os piores antecedentes, embora ali fosse tratada como "senhora dona".

— Doutor Romario, a lei não coage mais um filho ao jugo de uma paternidade exigente. O poder do pater familias, hoje em dia, é muito relativo. As menores hão de alegar razões estudáveis, para não quererem mais a companhia de seus genitores — pondera o Juiz.

Romario acha pedante e complicada a linguagem do bacharel, que até um latinzinho de frigorífico intercala no diálogo. Volta às minúcias do assunto:

— Mas o pai entregou as filhas em confiança, sem pensar que êsse gesto viria depois constituir demanda para a perda do direito paterno sobre elas.

— Ah, meu amigo, não estou dizendo isto. Uma falta, como corolário, provoca outra. Ambas as partes incorreram nesse princípio sábio. O velho tem maior culpa. Por que se desfez das filhas, sem consultar a lei?

Romario azeda-se com tantas evasivas:

— Eu não desejo saber a interpretação dessa lei, que agora o senhor invoca! O que eu quero é que o senhor tome providências para Ana e Josefa saírem daquele calogio. — É já fóra de sí: — Do contrário, faço a polícia ir buscar as menores e participo ao interventor os motivos de minha atitude.

— Como diz o doutor? — parece não ter compreendido o Juiz.

— O senhor não entendeu o que eu disse? Mando a polícia buscar as pequenas!

Romario deixa transparecer seu propósito, de não permitir que as duas retirantes passem mais nenhum dia na casa

de João Portuga. O Juiz recebe diretamente o choque. E tirando o corpo:

— Doutor Romario, vejo que o senhor está resolvido a tirar as meninas do lar de uma pessoa, cuja idoneidade o senhor põe em dúvida. Isto requer certas formalidades. A lei tem as suas portas de entrada e de saída...

— Quais são essas formalidades? — quer saber o agrônomo.

— Principalmente, provar tudo quanto o senhor denuncia. Isto tem que vir por escrito.

Nessa altura, esquentando a voz, Romario declara, sem meias medidas:

— O senhor vai ver como eu resolvo! O comissário irá buscar as retirantes, e trazê-las para esta casa! Para aqui mesmo, ouviu! Se o senhor se negar acolhê-las, procurarei uma família direita, para depositá-las! — E como se tomasse súbita resolução: — Mas eu quero é aqui! Aqui é que é o lugar conveniente, até que elas embarquem para a capital. Lá, a polícia que tome conta do caso, que as interne em qualquer parte, ou as entregue a seus pais! É o que vou fazer! — Volta-se da porta e acentua: — Este é que é o direito, sem subterfugios, nem palavrórios. Vou telegrafar ao Juiz de Menores e ao interventor!

O bacharel fica pasmo com a atitude do agrônomo, que sai sem dizer "até logo".

De modo que Romario vai a caminho do comissariado de polícia, e o Juiz troca de roupa, para chegar primeiro que êle na casa de Portuga, onde Rosinha, desconsolada e sem arrogancia, faz promessas, pensa em procurar macumbeiras, para um "trabalho" que melhorasse aquela situação.

Gonzaga e Candunga, depois da conversa com Romario, embora confiados na sua interferência, no caso das pequenas, esporeiam os animais, para atingir cedo o barracão. Nada revelariam a Tereza, enquanto não tivessem uma solução qualquer.

Coração num permanente alvoroço, consumida de tristes pensamentos, Tereza espera o marido, que fôra resolver o caso, por intermédio de Romario. Infelizmente, não eram tranquillizadores os seus pressentimentos. Por isso, não pôde reprimir o seu desapontamento, quando Gonzaga e Candunga regressaram.

— O que foi que aconteceu, Francisco? Diga depressa, Candunga! O que fizeram com elas? Ah, meu Deus, minha Nossa Senhora da Dôres, que fim dero das minhas filha? — de-sando em choro nervoso.

Gonzaga não dá palavra. O afilhado, comovido, afasta-se respeitosamente. Aquela alma angustiada, em queixa lacrimosa, de mãe atribulada, por ignorar o destino das filhas, levam-no a não guardar mais silêncio, e fala claro:

— Elas não querem mais vivê com nós... Dissêro que não vinham, não...

Assunção, que se aproximara, ouve a voz de Candunga. Parece inacreditável. Que resolução era aquela, de suas parentas? Não esconde o seu desgosto; procura consolar Tereza.

E quando a irmã tonteia, meio desfalecida, com o choque que recebera, é ela que ampara a pobre mãe aflita, sentando-a na réde próxima e dando-lhe um gole d'água para acalmar a sua agitação.

O fato real era que Ana e Josefa, irredutíveis, preferem ser depositadas em casa do Juiz de Direito a retornarem ao lar paterno.

Romario e o comissário de polícia vão buscá-las, na residência do português, na hora em que o Juiz chegava.

Não houve conselho que as demovesse em volverem para junto de sua gente.

Rosinha perde aquela calma sorridente, quando se vê impotente, inutil na sua importância. Arrepela-se tôda, numa fúria ridícula. Achando-se presente o turco Abdala, que dera de frequentar a casa, depois da prisão de Portuga, Rosinha brada-lhe nas fuças:

— Está vendo, seu judeu cabrão! Você não dizia que as pequenas não iam nunca daqui? — E voltando-se para o grupo: — Foi êle, capitão, foi êle quem me fez "soprar" para Ana e Josefa se negarem a seguir com seu Candunga! Disse que elas não podiam ir para a casa da gente delas! Ele queria se amigar com uma delas! Desde que seu João foi preso, que êle não sai daqui!

Abdala sorri amarelo, dêsse destempero. Não podendo "dar o fóra", tem de presenciar a cena e ouvir aqueles despropósitos contra a sua pessoa. Estava visto que era êle o mentor de Rosinha.

Com uma falsa serenidade, Abdala ironisa, para a autoridade:

— Vê isto, sô gabiton? Ela ficou maluca! Hôme dela entrou na cadeia, ela berde o juizo, anda dizendo bastêra! Jura pra Deus ela mentirosa!

Rosinha não respeita, nem atende aos presentes. Fica fóra de qualquer conveniência. Avança para Abdala e grita-lhe, raivosa:

— Tú és um cáften porco, seu turco ladrão! Seu!...

E uma bofetada bem dada, estala na cara de Abdala, sem que alguém tenha tempo de interferir. Rosinha é acalmada a custo.

Ana e Josefa fazem as trouxas de suas roupas e bugiganças, com os olhos vermelhos e chorasas. Abdala, ante o que acontecera, tinha culpa no cartório...

As duas retirantes, como anjos decaídos, cabisbaixas, atravessam o corredor da venda, onde os freguêses habituais não teriam, daí em diante, aqueles pomos de carne moça, aquelas primaveras excitantes, a lhes despertar a sensualidade. E acompanham o Juiz, sem medir os acontecimentos vindouros.

CAPÍTULO XIV

Longas tropas de animais desfilam todo o dia, com as sacas de cereais para as usinas. Ouve-se ao longe o somido dos chocelhos. Os tropeiros estalam os chicotes, a golpes secos, apressando os comboios. Há muita gente trabalhando, para dar vencimento às colheitas, nos roçados dos "centros". A safra será de enriquecer a qualquer um. Romario vê, enfim, a realização de seu sonho. Os comboeiros, os empregados da administração das colônias, viajam armados de rifles, para proteger e defender as cargas de cereais.

Os preços, na praça de Belém, bastante compensadores, animam os usineiros a movimentar os maquinismos dia e noite. O arroz, o milho, o feijão, as fibras, só embarcam beneficiados, com classificação feita. Os colonos andam anchos; e a maioria, já de barriga farta, pensa em regressar para o seu Estado natal, instáveis, como se sabe, na sua fixação ao solo. E as sacas indo e vindo, empilham-se em gôndolas roncadoras da "bragantina", depois de aguardar o embarque, nos armazéns da Estrada, porque os carros de carga não bastam para os transportes contínuos.

Romario fiscaliza os trabalhos. Confere as pesagens, manda fazer as marcas, e envia os produtos para os mercados da capital, com o trânsito preciso pela repartição da Agricultura. Aparece algodão, fibras, tabaco, cereais, tudo quanto a terra produzia, com abundância, que não era aproveitada.

Recolhidos os cereais aos armazéns, faz-se, na capital, a classificação definitiva e o expurgo conveniente; procede-se depois a venda ao comércio e este destina-os à exportação. Muitos usineiros de Belém adquirem no interior o arroz, para beneficiá-lo em seus estabelecimentos. Das cargas dos colonos, negociadas, o dinheiro vem primeiro para o escritório da administração dos trabalhos agrícolas. Assim, os produtores recebem certo o resultado de seu trabalho.

Romario prepara a prestação de contas, e paga imediatamente os saldos. Há lavradores que ficam pasmos, quando recebem "tanta cédula", afóra os miudos. O agrônomo recomenda:

— Agora vão cuidando de acertar a vida de vocês. Requeiram os seus lotes e paguem os emolumentos. Mas vejam, que só devem tratar com funcionários da repartição. Ninguém compre a crédito no comércio. Paguem as contas que fizerem. Não adianta guardar dinheiro. Vocês precisam é de saúde, de força e de união.

Os colonos, agradecidos, prometem assim proceder, porém, mal pegam a bolada graúda, procuram as tascas, onde podem dar franca expansão ao contentamento que lhes vai na alma.

— Arroche uma cerveja aí! Dêxe a bruta espuma de riba! Quero lavá a cara de meu "Jagunço"! Bote mais outra, que esta não chega!

E o líquido louro e espumoso, num penacho branco, escorre pelo gargalo da garrafa. O matuto faz festas ao cavalo, e o animal fica melado, das orelhas à crina escorrida.

— Eita, compadre Zeca! Vamo estreá as pitombas do nosso pica-pau! Vamo vê o estouro do bicho!

E a serenidade luminosa do dia é perturbada com estrondosa salva de tiros, que representa a alegria do dinheiro ganho, a sua importância aquisitiva, já desperdiçada, tirando aqueles homens do marasmo, da submissão, do intermediário.

Entra-se em negócios de toda a espécie. São transações com bolandeiras, fornos de torrar farinha, moedeiras de pequenos engenhos, benfeitorias de terrenos, arrêios de animais, xerimbabos de quintal, finalmente, tudo quanto a índole dos nordestinos os leva a vender, a "barganhar".

Quando o trem chega de Belém, o vendedor de bilhetes da loteria ganha uma boa comissão, pois os "inteiros" voam rapidamente. Cada comprador procura, de preferência, o número que atribue a um sonho. Alguns os encomendam e dão gorgeta antecipada ao vendedor. Há quem compre dúzias de tiras completas, para ficar rico de uma vez. Os cafés, as quitandas, as vendas, vivem cheios de gente, procurando em que se distrair, em que gastar o "cobre". O vispora, a suéca, o gamão, o trinta-e-um, o quino, o bacará-corrido, passam a ser jogados a dinheiro; e as mulheres da vida afluem de todas as localidades.

Jogadores profissionais, da capital do Estado, viajam para a Estrada, a fim de montar bancas de roleta, de xisplandim, de "jaburú", para tomar as "notas" dos roceiros. As lojas esvaziam as prateleiras. As raparigas, suprindo-se enquanto é tempo, compram fazendas espalhafatosas, brincos de metal, pulseiras de chifre, argolas com rosetas, "rouges", brilhantinas, toda a quinilharia que existe.

Um dos mercados mais animados é o de cavalos, como se fôra nas feiras das localidades sertanejas:

— Qué trocá o teu alazão, Mané Florenço? Dou a besta tordilha e mais quinhentos mil réis de vorta... Tú conhece bem ela...

— Não sou cego não, cumpadi. Meu cavalo é um bicho famoso. Viajo nele, que só no balanço da rede da "Chica sem medo"...

— E a minha besta?... Já injeitei foi conto, por ela! Até criança de peito se atrepa nela, tão mansa é... E' uma besta esperta que só ela... Qué fazê o negoço antes que eu me arrependa?...

— Quero não, cumpadi. Cê me vorta os quinhento, essa besta véia e mais aquela espingarda coicêra, tarvês eu aceite...

Num grupo discute-se outra transação:

— Cê não é nada sabido, cumpadi. Olhe cá, seu cavalo tem rádio no fim de espinhaço?...

— Módi que essa pergunta, cumpadi? Meu cavalo é um animá falado em toda esta redondeza!

— Pruque pra sê assim tão caro, só se o rabo dêle serve de antena de rádio e a zoada sai pur baxo... Cê não me pega não, cumpadi...

Todos gosam com as pilherias neste estalão pitoresco, e os negócios da feira se prolongam por todo o dia.

Nesse tempo ainda se fala na "Chica sem medo", que tinha um A B C amoroso dos mais corajosos.

Contam que ela, quando mais nova, seduzida por um cabra sem brios, não demorou em traí-lo com outros, para poder viver. Sua família viera da Paraíba, para as colonias bragantinas, com alguns recursos, que os Portugas e os Minervinos levaram aos poucos, nos créditos faceis. Ainda lembram a sua juventude tentadora, a sua boniteza, o seu destemor, para enfrentar situações difíceis, como a que se passara entre ela e dois homens.

Chiquinha recebera um freguês, no quarto da barraca que o seu primeiro amante alugara. Não era essa a primeira infidelidade, pois a "bôca do mundo" já contava cousas cruas, do seu irregular proceder. O cabra que a lançara naquela vida, sabedor das falsidades de Chiquinha, quizera certificar-se pessoalmente.

A safra estava dando dinheiro e os lavradores ganhando bem. Não faziam questão de preço de mulher, nem de cavalo, nem de cachaça, nem de festa paga.

Então, um deles, acertara com ela a marosca; e na hora apazada, teriam ido pecar, no próprio leito, que Chiquinha, por necessidade, não pudera honrar para sempre.

Estavam na hora justa. Ela, com o corpo nubil, velado apenas pela camisa transparente, e o homem, em trajes sumários... Nisto, o cabra traído, entra na cena aberta, como vulgar personagem de melodrama.

A morte está presente, na lâmina do punhal lampejante, que êle crispa raivoso, gaguejando o seu rancôr:

— Eu sabia de tudo!... Façam o que vinham fazer!... Quero tê o gosto de vê e matá os dois!... Façam na minha frente!...

O homem, diante dêsse imprevisto, acovarda-se, culpando Chiquinha da infidelidade rotineira...

Ela esboça um sorriso triunfal, em atitude superior à miséria moral de seu cúmplice. Ergue-se no leito, o corpo jovem, arfando o busto, onde os seios arrulham, os olhos num brilho estranho, e responde, com desprezo:

— Por mim, eu faço!... Êle é que não é hôme!... Tú qué vê ispera... Olha só!...

E une-se, felinamente, ao companheiro para realizar o ato insultuoso, ao passo que êle negaceia, e, num repelão, consegue subtrair-se aos braços amorosos que o empolgam.

A lamparina de morrão, com o baque do corpo do homem em fuga, apaga a chama vacilante. Aproveitando-se da escuridão, êle apanha as roupas que despira e desaparece do quarto.

Chiquinha põe-se de pé, no aprumo de seu perfil modelado, os longos cabelos derramados, em ondulações pecaminosas e desafia:

— Tú viste! Êle, que fugiu! Eu estou aqui! Me mata, se tú é hôme!... Me mata! Tú mesmo sabe que tú não presta!... Tú não tem vergonha!...

O amante, desmoralizado, acende um fósforo e fica apático, diante da mulher que friamente chalaceia de seus bríos

O caso ficou muito falado. E desde essa mesma noite, e daí por diante, ela não teve mais dono. No mercado, nas feiras, nos "fórrós", passou a ser chamada "Chica sem medo" que os homens cubiçavam, mas respeitavam e temiam.

O exôdo de lavradores do nordeste, em consequência dos anos de penetração e do povamento precario, na zona bragantina, com a introdução de hábitos tipicamente "cearenses", como se tornou generalidade chamar, aos métodos desses inconstantes migradores, tem transformado completamente a primitiva fisionomia social da região.

Nos municípios localizados ao longo da ferrovia, não se encontram os grupos de musicistas para as danças populares, com os seus instrumentos característicos, como sucede nas localidades onde predomina o elemento nativo, sem mescla nordestina.

O caboclo tem outra sensibilidade artística na sua música, nas suas danças, na sua religião, no seu espirito de comunidade.

Disso resulta, que para animar "dansarás", para as festas de arraial, com novenários, ou ladainhas, ser preciso contratar músicos da região do salgado, os chamados "caboclos", e até da capital do Estado, para os festejos católicos e profanos, dos santos padroeiros, pois os "cearenses", só sabem se divertir ao som da sanfona, da viola sertaneja, em cantorias monótonas e saudosas.

Os seus costumes, a sua religião, a sua índole, são outros. Em lugar do foguetório, preferem disparar as armas, gastando balas, ao contrário do caboclo, que se amolece todo por um foguete, um samba, um "chorinho" tocado melosamente, num clarinete, num cavaquinho, num violão bem ponteado.

Eis porque, na zona bragantina, a dentro das colonias, os divertimentos festivos são pouco animados; as músicas que executam, nas sanfonas e nas violas, só arrastam os pares no passo do "baião", do "corrido", num ritmo desajeitado.

Assim mesmo, a alma coletiva se expande; e quando a cachaça, o vinho "traçado", a cerveja natural, que chamam "quente", a tiquira maranhense, desequilibram os juízos, as mulheres damas acalmam os dansarinos mais "pesados" e levam-nos para as alfombras das fruteiras, das bananeiras sombrentes.

Os ânimos às vezes se alteram... Porém, os violeiros e sanfoneiros, ponteiam uma rixenta toada sertaneja:

Entrei na venda,
Tomei dois vintem de cana,
Meti faca numa banana,
Foi pra cadeia morá.

E a roda inteira, no ritmo da marcação:

Olha a vorta que o carnêro deu,
Olha a vorta que o carnêro dá!...

Se dentre os convivas se encontram pernambucanos, baianos, predomina o côco, sapateado ao som do gongá, numa evocação amolentadora:

Vou mimbora, vou mimbora
Pisa, pilão!
Como já disse que vou,
Pisa, pilão!
Nesta terra não sou nada,
Pisa, pilão!
Mas na minha terra eu sou,
Pisa, pilão!

Aí, o côro se desmancha em trejeitos, as mãos, batendo palmas, os corpos, num banzeiro bambo, e os peitos gemendo fundo:

Sabiá Gongá!
Sabiá Gongá!

CAPÍTULO XVI

Francisco Gonzaga, enrolados no lenço os pacotes de cédulas e de "aluminiums", que recebera, ao contrário dos outros, retira-se para um canto, absorto e macambúzio.

Romario chama-o e indaga:

— Que é que você espera, Gonzaga? Não está satisfeito com o negócio que fizemos? Você salvou ainda alguns contos de réis. Do seu roçado, muita cousa se aproveitou. Que você acha?

— Não é nada disso, seu doutô... Sei que o sinhô fez tudo pro nosso bem.

— Então que é?

— Quero reparti o dinheiro com Candunga. Ele me ajudou muito no roçado, no começo...

Romario reflete e manifesta o seu ponto de vista:

— Não senhor; por isso, não. Candunga, agora, é empregado da administração das colonias. Tem ordenado fixo. Esta quantia que você recebeu é da venda dos cereais de seu roçado. E, mesmo, você vai empregar esse dinheiro na construção de sua barraca, na melhora de sua lavoura, para o ano próximo. Quando fizer isso, aí, sim, acerte uma sociedade com seu afilhado.

— O doutô acha que assim está certo? Eu pensava que devia dividi, porque trabaiêmo como dois condenados, no princípio, pra botá os roçados.

Não obstante o que lhe dissera, Romario nota uma punjente melancolia estampada no rosto do sertanejo. Qualquer cousa, secretamente, o maltrata e acabrunha. Lembra-se de Ana e Josefa, as filhas desmioladas, que preferem andar de casa em casa, a se reconciliar com sua família.

E' visível o drama íntimo de Gonzaga. Romario tenta confortá-lo:

— Não se preocupe assim, Gonzaga. Eu sei como você vive aborrecido, pela ausência de suas filhas. Mas tenha paciência, garanto-lhe que a lei está do seu lado. Não demora elas virem lhe beijar a mão. São coisas que acontecem... Tenha calma!...

— Seu doutô, eu até já nem me ralo mais por causa delas. Filhas daquele jeito não são boas coisa, não. O que me dana é eu não podê me vingá do miserave do português.

— Qual nada, — aconselha Romario — tire isso da cabeça! Não pense nisso... Você não está no seu sertão. Mesmo com toda razão, aqui, se você se vingar desse homem, todo mundo é contra você. Até o tribunal! Vá para casa e aguarde notícias.

Gonzaga, aparentemente conformado, morde os beiços e encaminha-se para a estrada, que o levaria ao barracão, em que habitava agora, com a mulher e Assunção.

Tereza animara-se de novas esperanças, quando seu marido partiu para a povoação. Os colonos, seus vizinhos, comunicam-lhe a sua alegria pelos lucros daquela safra. Sômente Gonzaga não se expandia. Um luto dentro da alma, indiferente a êsse contentamento, não denota satisfação, ante a prosperidade evidente. Fôra apunhalado no mais sensível do coração. Seu sentimento de paternidade havia sido espezinhado. “Estivesse no meu sertão” — verberava — e tamanha vergonha não me danava assim. Retirante em terra alheia, não passa de flagelado, que se vê peiado — desafoga-se com Tereza, fazendo o seu conceito da justiça local.

A mulher e a cunhada procuram contê-lo, tirar-lhe da cabeça qualquer idéia de vingança, pois Romario é por êles e o caso se resolveria a contento de todos. Por isso, na manhã alviçareira, em que Tereza vê o marido selar o cavalo, com o intuito de viajar, quiz saber onde êle iria, o que pretendia fazer.

— Vou falá com o doutô Romario — é a resposta sumária.

Não podendo esconder a sua desconfiança, da premeditação de algum crime, a esposa ainda roga:

— Não vá fazê asnéra, hôme. Veja se sabe das meninas e venha logo... Olhe que eu e Assunção estêmo sosinha... Arrepare que cadêia só se fez pra pobre... Não se meta em barulho. Deus há de ser por nois...

Felizmente, quando o crepúsculo vinha baixando, Gonzaga aponta na dobra da picada. Vem de volta. Ainda não resolvera nada desta vez. Tereza aguarda-o, vagamente confiante. Tudo fazia prever que êle traria as filhas, porque os dias estavam passando, e nada, em definitivo, se resolvia.

Mas o animal caminha a passo lento, como se o montador não quizesse instigá-lo. Gonzaga considera: — “Tenho dinheiro pra tratá as nossas terra, montá uma casa de farinha, fazê uma barraca de madêra boa, criá uns bode e umas

cabras, módi vivê forgado. Posso até comprá uns burro pros trabalho da roça, pois o diabo destas filha haverá de me desgraçá, de me estragá toda a sorte”. — E finaliza, cheio de rancor, intenções voltadas para João Portuga: — “Eu acabo com aquele miserável”.

Desiludida, angustiada, Tereza recolhe-se ao barracão, quando Gonzaga aparece, desacompanhado das filhas. Assunção está enxaguando umas roupas e apressa-se em chegar junto da irmã. Tereza não contém o pranto que a sufoca. Seu peito arfa, e uma incômoda falta de ar dificulta-lhe a respiração. Joga-se na rêde, que está armada, e leva as mãos à garganta, como se quisesse evitar o estrangulamento dos soluços.

Uma golfada de sangue vivo, e outra, mais outra, mancham-lhe o corpete do vestido. Quer falar e não pode. Seu coração, dilacerado e consumido, não resiste a tantos desgostos! Procura erguer-se, e tomba desfalecida. Assunção grita por Gonzaga. Inutilmente. Tereza solta um gemido, escorrendo-lhe da boca um fio de sangue espesso — “Ai, as minhas filhas!” — e fica agonizante, com a cinza da morte a enevoar-lhe os olhos, já meio apagados.

Assunção chama pelo cunhado, que não tem ânimo de entrar no compartimento, para socorrer a sua velha companheira de tantos anos.

E quando, impellido, finalmente, pelos chamados aflitos de Assunção, Gonzaga chega junto do corpo de Tereza, já não há tempo de meter-lhe uma cêra entre as mãos, macezadas e inertes.

O infeliz não tem uma lágrima, não diz qualquer monossílabo, perante o quadro dramático que se apresenta. O seu silêncio é de condenação e vingança.

Assunção cerra os olhos de Tereza, fixos no mistério da morte, e chora sem histerismos inúteis, como em casos idênticos.

CAPÍTULO XVII

O cadaver de Tereza, para ser dado à sepultura, no cemitério da "vila", é transportado na mesma rêde, atravessada nos punhos por um caibro.

Candunga não soubera da morte repentina de sua parenta. Ocupado com os trabalhos da colonia, dividia seus afazeres entre a fiscalização dos paióis e o escritório da administração. Assim, não pudera acompanhar o padrinho de volta para casa. E, na hora em que Gonzaga e mais alguns colonos entram na povoação, sustentando nos ombros, pelas pontas das traves, a rêde mortuária, com o corpo da infeliz, o povo se toma de mágoa e de surpresa.

Assunção, contendo heroicamente o choro, sem denunciar o seu desespero, vem acompanhando os restos mortais de sua irmã. Gonzaga, semblante estático, não demonstra qualquer emoção de conformado, ou não, diante do irremediável.

Candunga e Romario apressam-se em saber quem seria o defunto.

E um brusco espanto os toma de súbito, quando reparam em Gonzaga e Assunção e descobrem o rosto descorado da morta.

— "Quando? Como foi? De que morreu?" — perguntam tôdas as bocas.

— Uma coisa que deu nela, que nem tivemos tempo de rezá um padre nosso pela alma dela — responde Assunção, numa linguagem aloucada. Cabeças descobertas, os homens se engolfam em mudos pensamentos. As mulheres, como extranhas ao fato ali flagrante, comentam o sucedido de diversos modos.

Ana e Josefa, agora como hóspedes do Juiz de Direito, são mandadas buscar, para assistir ao enterramento de Tereza, a pobre mãe, que tanto sofrera por causa delas.

Um contratado de Romario se encarrega do recado, enquanto o próprio Gonzaga, com um carpina eventual, faz o caixão de madeira nua. Candunga procura a amortalhada, para fazer e vestir o hábito da falecida.

Aguarda-se a presença das filhas. E com demora inquietante, volta o emissário, desacompanhado das duas moças.

Desapeia-se do animal e fala apressado, embrulhando as palavras:

— Elas dissero que não vinham, não! Que rezá, elas rezo lá mesmo... Disque a mãe não abençoou, nem perdoou elas...

— E que fez o Juiz? — interroga Romario.

— Até êle a mulhé dêle aconselharo as duas pra virem. Elas que não quisero mesmo...

Cruzam-se olhares inquisidores entre os presentes. Um silêncio doloroso segue-se às últimas palavras do informante. Romario dirige-se ao grupo onde está Gonzaga e outras pessoas:

— Eu não contava com isto... O jeito é sepultar o cadaver sem a presença delas.

No quadrado de que o mato tomara conta, com aterroados batidos em cima das sepulturas, e cruzeiros tronchas, a que chamam cemitério, para cavar as covas, convocam-se voluntários. Nem administrador, nem coveiro havia. Um tipo meio azougado é que abria e fechava a capela, correndo boatos na "vila", de que "namorava" os cadáveres de donzelas, como se fossem suas noivas. No terreno, pedregoso, as formigas defendiam o seu direito de propriedade. Por isso, levava-se horas suarentas, para cavar os "sete palmos" finais, onde se transforma a matéria humana.

Lábios murchos de beatas rezavam terços e orações dolentes! Os homens baixavam a frente, em atitude silenciosa. O velório da tarde descia sobre aquele drama. O cortejo fúnebre, estaca de vez em quando, para revezamento dos que conduzem o caixão, suspenso no balancim de duas cordas, por falta de argolas apropriadas. O caminho para o cemitério está tomado pelo mato invasor. Enquanto caminham, o homem que trouxera a resposta de Ana e Josefa, conta a Romario:

— Elas primêro ficaro branquinha, que só uma cêra, sem pinga de sangue. Adispois perguntaro de que foi e como a velha tinha morrido. Eu disse que de repente, com uma dô que deu nela. A mais mocinha correu chorando pra dentro. Aí, cresceu um nervoso na outra. Ela ficou com os olhos brilhando e me arrespondeu que elas não vinham, não. Que não queriam mais sabê de ninguem da família. Eu ainda disse que era uma obrigação que a gente tem com seus defuntos. Ela não quiz mais me ouvi e entrou, sem atendê nem o que o Juiz dizia. — E rematou, filosófico: — Filhas daquele gênio, seu doutô, tem arguem pra quem puxá. Birrentas como elas nunca vil!

Gonzaga, olhos secos e duros, como num estado de apatia, escuta os baques de terra endurecida esfarelado-se na tampa do caixão. Assunção soluça discretamente e Candunga está junto dela. Os bocados de terra produzem um som pesado e lúgubre, como se estivessem batendo no corpo da morta. Gonzaga sente uma opressão no peito, mas fica até o fim.

E na volta do cemitério, um silêncio apreensivo e trágico, agourava que qualquer cousa extraordinária iria sobresaltar aquelas almas,

Candunga consegue licença com Romario para ficar com Assunção e Gonzaga no barracão. Vê a família se esfacelando, acabada para sempre. A má sorte anda no encaço deles. Tereza morrera, como se vira; Gonzaga, poderia estar com o pé na cova, de um dia para outro, acabrunhado e doente, como andava; as filhas, geniosas e egoistas, nunca mais entrariam no bom caminho. Dali para pior... Restava Assunção, sempre trabalhadora, mas envolta numa constante melancolia. Esquiva a reuniões e festas, seu sorriso era triste, tornando sem vida a sua boniteza. Perdida a companhia de Tereza, jogada naquele fim de mundo, como conseguiria ela viver? Gonzaga passava horas seguidas numa completa mudez, sem puxar conversa com ninguem. Candunga, irresoluto, não sabendo que partido tomar, pensa em propor ao padrinho levarem avante a construção de uma casa, a dedicarem-se ao plantio do algodão, de roças maiores, naquelas terras favorecidas por Deus e sacrificadas pelos homens.

E a imagem gentil de Assunção perpassa-lhe nas insônias e desejos. Seu coração reclama êsse outro, para pulsarem juntos. Ele todo estremece à lembrança da mulher antegosada.

Batido por essas ânsias, quando, enfim, num cair de tarde, cheio de paz e suavidade, Assunção vai buscar água num riacho próximo, Candunga procura meios de avistar-se com ela, como se fosse casualmente.

Um pau-darco patriarcal esfolha as gemas soltas de suas flores esvoaçantes. Do mato em tórno vem um cheiro bravo, de resinas e folhas aromáticas machucadas. E' como se a natureza se recolhesse, numa prece vespéral. Um casal de inhambús aninhados geme a sua despedida ao sol, que agonisa. A moça, como que embevecida, deixa-se envolver pelas emanações sugestivas do crepúsculo.

— Assunção, cê sozinha por aqui? — fala-lhe Candunga, aproximando-se.

A essa voz indiscreta, num gesto de susto e medo, a interpelada volta-se e depara com o apaixonado, que a fita amorosamente.

— Quero conversá com cê, Assunção — torna êle, com natural enleio.

— Módi que não me falou lá em casa? Cê me vê todo dia... — sussurra ela, olhos fitos na linfa azulada, que marulha entre seixos.

— E' um pedido que quero fazê pra meu padrinho, como chefe da casa, mas antes preciso lhe ouvir, Assunção.

— Mas aqui no mato, Candunga?

— Não brinque não, Assunção, me ouça agora... — Avança alguns passos e se chega ao seu bem querer. Ela encara-o, nos olhos e arfa o seio moreno, presa da emoção do momento. Candunga toma-lhe as mãos úmidas, de terem estado mergulhadas na água:

— Sí cê quizesse, Assunção, bem que nós podia sê feliz até o fim da vida...

— Nós dois?... Como assim?... Não nasci pra sê feliz...

Candunga sente a dor desta frase. Não poder ser feliz... Ranima-a na sua proposta:

— Sim... Nós mesmo, Assunção... Depende de si... diga...

O que ela responde fere-lhe fundamente a alma:

— Podemos não, Candunga. Gosto muito de cê, como amigo, como irmão. Mas pra casá não desejo...

— Intão cê tem outro em vista, Assunção, cê gosta de arguem...

— Gosto não... Lhe juro por Deus, pelas cinzas dos meus... Hei de morrer sortêra, como Nossa Senhora quizé...

Ao poente se processa a mutação do cenário. As sombras, preguiçosas e coleantes, descem sobre a mata, acaricando os rumores das asas e trilos dos insetos. Os namorados estão sob a umbela florida do pau-darco imperial. Chovem cascalhos de ouro da árvore robusta. Candunga lamenta-se:

— Eu é que não tenho ninguém... Meus pensamentos são todinhos pra cê, Assunção... Eu até já sonho com cê... Imagine...

Integralmente mulher, dir-se-ia ela querer divertir-se com a paixão declarada:

— Bobage sua, Candunga. Busque se esquecê de mim, namorando por aí... Cê é rapaz sortêro... Tem tanta moça que lhe qué...

— Não fale assim, Assunção... Cê me martrata demais! — suplica o apaixonado.

Afogueada e arfante, ela retira as mãos rústicas, já quase abandonadas, que Candunga retém entre as suas.

E olhando-o com tristeza, os cílios molhados de lágrimas sinceras:

— Candunga, não posso sê sua mulhé, nem de ninguém mais. Sou uma desgraçada. Cê me matava dispois... Eu sei...

A voz dele tem um acento de espanto:

— Eu, Assunção! Lhe querendo tanto bem?... Módi que, então, eu lhe matá!

— Cê mesmo, Candunga... Cê dizia que eu lhe en-ganei...

O coração do enamorado bate forte. Seu espírito anseia sondar os motivos desta confissão inesperada. E é numa inquietação de todo o seu ser que êle indaga, condoído e interessado:

— Mas por que isso, Assunção?... O que lhe aconteceu? Eu lhe fazê mal? Eu lhe matá? Tolice sua...

Um soluço irreprimível sufoca a resposta que ela quer dar.

Candunga percebe-lhe a voz em gemidos:

— Não' posso sê sua, não... Não posso... Só Deus terá pena de mim! Não posso não... Não posso!...

A mudês da mata em péso desce misteriosa sobre êles dois. Candunga compreende a recusa de Assunção. E acon-chegando-a ao peito forte, segreda-lhe com firmeza:

— Se importe não... Eu lhe quero bem... Cê não tem culpa de nada... Chore mais não...

Acontecêra o inevitável antes do encontro com a família de Gonzaga. Nem ela própria poderia descrever como sucedera. Não havia se oferecido como tantas fazem. Recordava-se vagamente, que ao pernoitarem em certo pouso, à beira da estrada, fugindo aos azares da sêca, um homem a chamara para o oitão da casa e lhe entregara um caçua bem sortido. O avô já vinha tropegando de fraqueza. Ela sentia uma fome, de lhe roer o estomago. O cabra puxou-a pelo braço e foi dizendo: — "Não grita, não grita, senão eu expulso vocês daqui e os urubús comem teu pai"...

Ela sentira um desfalecimento, uma tontura. Ficara como assombrada. Quizera resistir, defender-se. Mas estava tão fraca. Tentara morder a cara barbada do homem. Depois não soubera de mais nada...

CAPITULO XVIII

Com o falecimento de Tereza, modificou-se completamente a existência de Gonzaga. Assunção, tendo Candunga compreendido o motivo de sua desdita, do seu sentimento, ficara mais reservada do que dantes. O rapaz fazia tudo para alegrá-la, demonstrando não se aperceber daquela infelicidade no seu amor. Pede a Romario uma licença dos serviços e passa a cuidar das terras que seu padrinho requerêra, para ver se o anima a tomar novamente da enxada e a trabalhar, como era seu hábito. Gonzaga, porém, remoi a sua tragédia e não se interessa mais por cousa alguma.

Está a situação neste pé, quando João Portuga, havendo o turco Abdala recuperado a liberdade, entra com êle em negociações para vender-lhe o estabelecimento do povoado. Sem mais aquele antigo prestígio, desmoralizado perante os colonos, um sério preságio agoura-lhe que ainda haverá muito sangue por causa de Ana e Josefa. Apressam por isso a transação, antes que suceda qualquer desfecho desagradável.

Romario, por intermédio de seus empregados, tem conhecimento dessa resolução do comerciante, mas não lhe cria impecilhos. Que se vá de uma vez para fora da localidade. Será um inimigo a menos, sobretudo êle, que sabe tirar proveito dos engodos do povo.

Rosinha matraqueia a lingua por toda parte. Não se conforma com a derrota do amasio. "Que fizeram por êle em Belém? Tiraram-no da cadeia, mas custando bom dinheiro. Onde estavam os seus amigos políticos?" Nunca supuzera que pudesse se acabar assim o mandonismo de João Portuga, que parecia tão bem instalado na vida...

Roendo o seu despeito, Rosinha fala em mandar fazer um "despacho" brabo, para liquidar com o agrônomo. Volta aos velhos deboches, bebendo em companhia dos tropeiros, instigando os mais insolentes para darem um tiro, uma facada, no "tal doutor". Comentam, como agora ela se tornara facil às propostas de um certo cabra, assassino de várias mortes, com o fito de induzi-lo a "trazer-lhe a orelha" de Romario.

Os boatos fervilham, como cacimba sangrando; cousa boa

não está para acontecer, naquele ambiente carregado de ódios e vinganças.

Francisco Gonzaga, assim que o sol se embuçou com o capuz da noite, atrás da mata, aproveita a ausência de Candunga, que ainda não voltara, arreia o cavalo, mete na cinta a "ponta de espada", bota bala no rifle e galopa num só fôlego para o povoado.

Vai com uma idéia fixa, uma resolução desassombrada. E já os últimos rubores vesperais se diluem em treva, quando êle chega, sorrateiro como um felino, ao alpendre dos fundos da morada de Portuga.

Dominado pela astúcia do que premeditara, amarra, cauteloso, o animal, e encaminha-se em seguida para os fundos da casa, onde entraria sem ser pressentido.

O comerciante encontra-se recolhido em seus aposentos, pondo em ordem, à claridade de um candieiro, documentos e borradores. Na taberna, o grulhar de vozes alcoolizadas intercepta que se ouça qualquer rumor, do que se passar no quarto. Gonzaga transpõe a porta, sem fazer bulha, o aço frio falcando-lhe na mão crispada, e ruge num sopetão:

— Se aperpare pra morrê, seu cão danado!

O susto e o medo trançam a bôca de João Portuga. Estarrecido, anulado, apoiando-se na escrivaninha, que está aberta, não tem uma atitude de defesa, um gesto para enfrentar o inimigo.

A cena é rápida, decisiva. O agredido não articula palavra, de assombrado que está. Gonzaga, ante tamanha covardia, conhece que o adversário não topa a luta, e notando que poderia vir alguém e êle tenha de brigar com muitos, desvia a vista para o lado da porta, na intenção de trancá-la. Portuga, num relance, percebe êsse movimento. Rapidamente, saca um revolver da gaveta, sopra o candieiro e aperta o gatilho. A bala erra o ponto alvejado. Outro tiro rebôa na casa toda. Gonzaga não esmorece, e, "cobrindo-se com a fumaça", avança num salto imprevisito e crava três palmos de lamina na "raiz do umbigo" de João Portuga. Bastou o ferro entrar e a vítima soltar um urro de rês sangrada.

As detonações atraem o pessoal da venda. — Que é, que não é? — enquanto Portuga rola no soalho, pesadamente. A balbúrdia facilita a fuga. Aproveitando-se da confusão e do escuro, o vingador de suas filhas se escapole como um duende, embrenhando-se com o cavalo na noite arrepiada de horrores.

João Portuga ascabuja, o ventre rôto, agonizante e macabro. Rosinha, desgrenhada, solta gritos frenéticos, jurando que o crime fôra a mandado de Romario. Ninguém se en-

tende no alvoroço do momento. Uns querem chamar um médico, outros reclamam a presença do comissário de polícia, e nenhum se lembra de rezar pela alma do paciente. Paira no ar uma atmosfera de tragédia, que cada vez se adensa mais.

Alguem alvitra correrem as estradas, naquela hora mesmo, de qualquer maneira, atrás do rastro do assassino. Aparece quem queira ir à estação ferroviária, telegrafar para as cidades aonde o criminoso pudesse aparecer. O moribundo, arquejante, geme ter sido Gonzaga o seu matador. Quando se espalha essa notícia, o povo, já esquecido de quem era Portuga, lava a sua condenação. Procura, bate capoeira, corre as estradas e, nada se encontra, que denuncie a passagem de Gonzaga. Com o instinto racial do cangaceiro, o sertanejo refugiara-se em lugar seguro. Evadira-se como um corisco. Levava o rifle embalado e o punhal, que em suas mãos, seriam um perigo de morte.

Condenável embora, estava feita a justiça, de acôrdo com o código de sua consciência e a lei do sertão malaventurado. Agora, municiado como estava, Gonzaga só se entregaria depois de estragar muita gente. E assim foi varando o mato, como uma fera, que sabe ter atrás de si perigosa matilha.

Romario está outra vez metido em questões.

Para provar que não tem convivência alguma no crime, comunica a ocorrência às autoridades, por se tratar de um colono, registrado na sua administração. Apesar, porém, das diligências, não descobrem o paradeiro do fugitivo. Êle fizera o serviço bem feito e sabia como se furtar às buscas de sua pessoa.

Candunga e Assunção são chamados ao comissariado de polícia, para depôr sobre o caso, que agita a colonia toda. O capitão, na qualidade de autoridade, agora dentro de suas severas atribuições, quer arrancar à força declarações contra o acusado. Desnorteia, embaraça Assunção, com perguntas e indiretas:

— Quando seu cunhado saiu, lhe disse que ia matar o comerciante, não foi?

— Inhor não. Não vi quando êle saiu — declara a moça com firmeza.

— Olhe lá, não minta... Conheço quando mulher está marombando. Diga logo a verdade. Dêsse banco você pode sair pro xadrês, se mentir — ameaça manhoso.

Assunção está com o coração em atropelos. Nunca se vira numa situação daquelas. Que poderia saber do crime? Gonzaga não dissera nada a ninguém, quanto menos a ela. Lágri-

mas contínuas desfiavam-se de seus olhos doloridos. O comissário, acicatado pela sensação de "ver uma mulher chorando", ergue-se, aproxima-se dela, pousa-lhe a mão escaldante na nuca penujenta, e consola-a:

— Que é isso, sua bôba... Eu estou é fingindo zanga... Vá, levante-se... Espere-me naquele compartimento... Eu sou teu amigo...

Num passo incerto e trôpego, ela caminha para onde lhe indicam. O escrivão faz um aceno:

— Bem bôa essa, capitão. E lhe garanto que não corre mais perigo... Aperte a bichinha que ela se arrêia... E' questão de geito...

Dito isto, o escrivão, ordenado pelo comissário, manda buscar Candunga, que se acha esperando fora. O rapaz não está em si, não compreende aquela história de depoimento. Vem disposto a acabar com a farsa. Intimamente, dá razão ao padrinho. O que não faria era declarar aquilo que absolutamente não sabia.

O capitão se mostra inclemente nas perguntas. Insiste para que êle responda, o que se via ser uma insinuação. Candunga não se contradiz. "De nada soubera, nem vira Gonzaga se armar, nem sair a cavalo".

Como autoridade, perante estas respostas, finaliza, meio sarcástico:

— Pois bem, se é assim, a moça fica aqui e você vai dormir preso no destacamento...

Candunga não se contém:

— Quem, seu capitão? Ela não é nenhuma criminosa! Ela não viu nada!

— Não sei! Não discuto isso! — E chamando os soldados: — Levem daqui êste homem. A mulher que está lá dentro, fica aqui, comunicável... Não pode falar com ninguém, ou virem?!...

Candunga só falta enlouquecer. Romario, informado da trama, em que querem envolver os dois parentes de Gonzaga, vê claramente que ali há segundas intenções. Aquela comédia de prisão esconde outros intuitos. Procura imediatamente o comissário, que agora está de grande, como se julga.

Ouvidas as razões cordatas que Romario apresenta, para conseguir a soltura de Assunção e Candunga, o capitão se empaveza, justificando os motivos de suas determinações, e argumenta: — "Que a cunhada e o afilhado de Gonzaga poderiam ser insinuados; que, em face da lei, existiam suspeitas contra êles; que, em vista de Gonzaga ser apontado como o assassino do comerciante, os dois depoimentos seriam os únicos capazes de esclarecer os fatos, quanto à provável pre-

meditação do crime". — E por aí foi alegando os motivos de sua atitude.

Romario compreende que êle põe em prática velha ronha policial. E encurrala-o de uma vez:

— Está bem, se é isso o que o senhor diz! Mas a moça não fica aqui. Ela não é cúmplice no crime. Concordo em que não possa se retirar desta localidade, antes de terminado o inquérito. Porém, ficar detida, no meio dêstes soldados bebidos, isto é que não!

O comissário se exalta, vendo as suas atribuições invadidas, por quem lhe parecia não lhe assistir êsse direito, se encrespa, comicamente. Como, entretanto, já conhece as decisões de Romario, e êle, como autoridade, está jogando com dois paus e duas medidas, apenas pergunta, irônico:

— E para onde ela irá? De certo não irá para o escritório da administração das colônias, não é?...

Ante essa piada debochativa, Romario se altera e alteia a voz:

— Conheço as suas intenções, retendo aqui essa mulher, que está inocente! Eu não tenho interesse em que ela vá para êste ou aquele lugar! O que não consinto são abusos de autoridade contra pessoas indefesas! Assunção sairá agora mesmo desta imundície! — E, vigorosamente, arremata: — Aqui só se abusará depois que eu fôr embora!

O comissário não sabe o que resolver. Por fim, murcha a crista, recosta-se na carteira e chama um praça:

— Solte a mulher que está aí dentro, até segunda ordem.

Assunção passa a dormir na barraca de uma família prestativa, onde morava a velha, que tinha promessa de vestir tôdas as mulheres e crianças que morriam no povoado, como acontecera com Tereza. Ainda uma vez, Assunção foi chamada a comparecer ao comissariado, para uma acareação entre ela e Candunga, a quem depois deram liberdade. O capitão perdera a cartada. Como arranjar outras testemunhas? O depoimento de Rosinha não tinha base. Ninguém vira, realmente, Gonzaga praticar o crime. Não havia notícias do criminoso, para prendê-lo e obrigá-lo a confessar ser êle o autor do assassinio. Para muitos, que conheciam as artimanhas daquelas fugas, êle conseguira vender o cavalo, e seguira a pé, quando caia a noite, pela mata. E sempre caminhando, teria ido por terra, até o município de Vizeu, e dali prosseguira, por terra e água, até o vizinho Estado do Maranhão, guiado pelo nomadismo de seus ancestrais, e numa viagem cheia de percalços, chegaria ao seu saudoso Ceará.

Esses ditos não falharam. Semanas decorridas, um "atravessador" ambulante, dono da "Flôr do Caeté", canôa freiteira que viajava para os portos de Bragança, Vizeu e Maranhão, chegando ao povoado, onde se dera o crime, para burlar os agricultores, ao tomar uma "pinga" na venda, sabedor dos acontecimentos, conta haver comprado um rifle ainda novo de um cearense meio idoso, tendo o vendedor lhe pedido uma passagem para o porto de Carutapéra, de onde se transportaria para o Maranhão.

As suspeitas se confirmam. Só poderia ser Gonzaga. Estava, assim completada a fuga. O comissário ainda procura ouvir o Juiz, falando em diligência e precatória. Qual nada, qum saberia ao certo o paradeiro do criminoso? — Era a conclusão geral.

Forjadas as peças do inquérito, seria remetido à Chefia de Polícia. O capitão não tem confiança, que a justiça local, nem remotamente, viesse a punir o indigitado autor do crime, que servira de sensacionalismo para os jornais da capital.

E certo é que o velho Gonzaga, quando saíra de seu torrão natal, homem pacato, sem remorsos na consciência, jamais pensara em regressar, sem família, foragido, com a mancha do sangue alheio a lhe tingir as mãos, tudo por causa daquelas filhas, que nem do cadaver de sua pobre mãe quizeram se despedir.

CAPÍTULO XIX

Concluído o inquérito sobre o assassinio de João Portuga, como surgissem os nomes de Ana e Josefa, no decorrer dos depoimentos, o Juiz de Direito, acha por bem remetê-las para a capital, encaminhando-as ao seu colega do Juizado de Menores. Primeiro elas iriam à Chefia de Polícia, em virtude do caso em que apareciam envolvidas, como filhas de um criminoso.

O Juiz recomenda-as ao comissário, para quando elas chegassem em Belém, entregando-lhe um ofício, no dia em que o capitão resolve viajar para a cidade, a fim de desobrigar-se de sua "missão de autoridade", conforme o seu termo usual.

No trem em que elas embarcam, com ares de matutas atoleimadas, chamam logo a atenção, mesmo no carro de segunda classe, sem conforto e sem higiene. Vendo-as apetitosas e cheias de viço, até as passageiras comentam, com uma brejeirice intencional:

— Quem serão essas duas, comadre? Olha que se eu fosse homem, tirava com gosto uma cadeia por causa delas... Ora se tirava...

— É verdade, comadre, são mesmo dois "churrascos" dos bons... A morena, então... Veja só...

— Você, que veio do "centro", comadre, não sabe quem elas são?

— Ah, espere aí. Pelo jeito, parecem as duas filhas que não quizeram mais saber dos pais... A mãe até morreu amaldiçoando elas... Dizem que o pai delas matou um comerciante por causa disso, e caiu no óco do mundo...

— Credo, comadre, que dois corações endurecidos... Com certeza elas vão pra Polícia, em Belém.

Um velhote caricato, muito conhecido e popular, que as vinha "cocando" desde o embarque, troca olhares com o comissário, fazendo alusão aos encantos que elas não podiam esconder:

— Dessa marca é que me receitaram, seu capitão...

Ambas ouvem essas pilhérias, de olhos baixos, caladas, mas sabem perfeitamente do que se trata. Com o aspecto

de roceiras ingênuas, conhecem de sobra os homens. Há muito que perderam o pudor virginal, o ingênuo sentimento, que ruborisa a mulher...

O comboio resfolega ansiado — “Chego já... Chego já...” — E Ana e Josefa sentem êsse sopro irregular no seu íntimo. Contemplam a paisagem inexpressiva, que desliza pelo quadrado da janela do carro. Recordam-se, taciturnas, do dia e da noite infundável, em que viajaram para as colônias. O temporal que desabara, aluindo os dormentes da linha; o trabalho dos homens passando a lenha, quando a barreira caíra, quase matando Candunga. Até o “fortum” dos corpos aglomerados, nos carros sem ar e sem luz.

O retângulo da janela é como uma tela de cinema, onde rodam variedades de quadros pinturais com alegres flores silvestres, de tonalidades gritantes; árvores esbeltas e copadas, e outras enfezadas e tristes, algumas, de galhos calcinados, levantados para o céu, como espectros da mata que foi queimada. Passam pelos seus olhos córregos cantantes, roçados mal cuidados. Ouvem atritos de gargantas de cigarras; trinados e “estalos” de pássaros vadios; vêm ao longe capoeirões desprezados, depois da terra empobrecida e uma ou outra área cultivada e tratada. Olham os matutos montados em pangarés manhosos; onde há pastos raquiticos, deparam algumas vaquinhas magras, comendo a grama, desconsoladamente. Tudo isto lhes traz à memória a viagem de um ano atrás, com o trem apitando por aquelas paragens, durante o dia, caloroso e a noite toda, cheia de temores e cansaços.

A máquina corre sem parar, bufando vapores, margeando as rodovias mal conservadas. Dominadas pela emotividade retrospectiva, Ana e Josefa, sem saberem por que, lembram-se dos seus, que ficaram dispersos, esquecidos, sepultados.

E sentem-se só no mundo.

Na Central de Polícia causa sensação o aparecimento das duas irmãs. Os escrivães das delegacias, às quais distribuem esses casos, cavam fundo para servir no interrogatório. Aquelas cearenses tinham de dar o que fazer.

Interrogando-as a seu modo, um comissário sabido, quer assumir responsabilidade e levá-las para morar com a família dele, num empenho extemporâneo pelas duas pequenas. Ana e Josefa, de fato, mereciam esses cuidados, se tais zêlos não escondessem outros intúitos, provocados pela aparência agradável, pela juventude que as envolvia.

Um investigador malandro, com traquejos de conquistador, segreda a um companheiro de farras, indicando as duas sertanejas:

— Me empresta a tua chave, seu colega... Aquelas que estão ali, estão no papo...

— Certíssimo! Mas, só se forem as duas pra nós — concorda o outro. — Achas que eu vou ficar na mão?...

E quando chega o delegado, que manda buscá-las, para ouvi-las, os repórteres se aglomeraram.

Enquanto ocorriam esses fatos, o capitão se apresentava ao Chefe de Polícia, para fazer entrega dos autos, onde se encontravam os depoimentos sobre o “bárbaro homicídio”, juntamente com o ofício do Juiz de Direito. O Chefe manda trazer ao seu gabinete as filhas do retirante incriminado, quando é cientificado de que há duas menores no caso. E este, também, como fino conhecedor do “artigo”, não regateia elogios à boniteza de Ana e Josefa, assim que elas chegam à sua presença e são interrogadas.

Num tom de inspirar confiança, as perguntas têm início nestes termos:

— Como vocês se chamam? Responda cada uma por sua vez... Por que não quiseram mais viver em companhia de seus pais? Vocês são irmãs, não são? Sempre viveram juntas com seus parentes, não é verdade? Como é que foram parar na casa do comerciante? Não foi com autorização dos pais de vocês? Vocês vieram do Ceará em companhia de pai e mãe, não é verdade? Como é que se separaram? Agora, naturalmente, pelo que vocês arrumaram, estão ambas na orfanidade, sem terem para onde ir... Sim, porque, pelo que eu soube, Tereza, a mãe de vocês, morreu na colônia, e Francisco Gonzaga, o pai de vocês, é um criminoso, foragido da justiça.

Um ligeiro tremor de choro se apodera de ambas, que ainda assim se mostram resolutas. Propositadamente, o chefe alonga a conversa, ao passo que vai apreciando a linha do busto, o volume túmido dos seios, a frescura da epiderme, enfim, todos os dotes físicos das duas cearenses. Após uma pausa estudada, num volume de voz mais carregada, continua:

— Agora, por causa de vocês mesmas, estão sem ninguém no mundo! São filhas de um assassino! A culpa é de vocês...

Todo tempo que a autoridade falava, ambas não levantaram os olhos dos florões estampados, de seus vestidos bem arranjados. Não têm um ar de humildade, nem demonstração de abatimento, a não ser um ligeiro nervoso. E depois de um silêncio pensativo, uma delas se manifesta:

— Se êle matou, não vi não. Êle nos deu pra seu João e adispois queria nos tomá a purço, pra nós levá pros matos. Trabalhâ em roça nós não ia mais não... Eu disse isto pra Candunga...

O chefe admira-lhes as formas, por um ângulo dos olhos. Tira um cigarro da carteira, que acende com vagar, e prossegue, como inclinado a protegê-las:

— Sim?... Foi por isso que se recusaram a voltar a viver com a família de vocês... Está bem... E vocês não viviam todos juntos? Não sabiam que iam ficar nas colonias? Que não podiam se separar?...

— Inhor sim... — responde a mais despachada. — Mas porém não foi pra sê nêga de êito. Êle nos queria na roça, como duas escravas! Nós, na casa do comerciante, tinha de tudo e não trabalhava em cousa grossa...

— É sempre assim! — exclama o chefe — já sei o que é isso! Vocês querem a boa vida!... O luxo, a ostentação, as festas da cidade! Vocês são bonitas, não querem se enfurnar no interior! — E mostrando interessar-se pela situação delas: — Ainda têm alguém no Ceará, algum parente?... Quem ainda ficou lá, de vocês?...

— Temos não... Lá nas colonias, ficou Candunga, um rapaz que veio cum nós e Assunção, que êle encontrou na vinda do sertão, e se ajuntou com a gente. Mas nós não queremos sabê dêles! — declarou a mesma respondente.

O chefe movimentava-se na cadeira de rodízio.

Acende outro cigarro, com ares benévolos. Aprecia, disfarçadamente as pernas fortes, os braços torneados, as mãos bem feitas, das duas irmãs.

Sêres humildes e indefesos, criaturas já meio repudiadas da sociedade, ali é que está a roda do destino que as aguarda. A polícia é que irá dar novo rumo à sorte de ambas. O chefe examina-as, ligeiramente, de perfil. Reflete um momento, depois toca a campã. Comparece um oficial de gabinete que tudo ouviu e espreitou. O chefe dá uma ordem:

— Faça uma guia para recolher estas duas pequenas à Ordem Terceira de São Francisco.

Ana e Josefa, no seu caso, teriam de ser recolhidas, como outras, ao antigo hospital, fronteiro ao casarão da polícia civil. A superiora da Casa de Saúde já sabe o que resultará dessa medida. Despacham as menores para lá, e depois mandam retirá-las, para as casas das autoridades, dos funcionários da própria Polícia, ou de pessoas influentes. As raparigotas, nas condições de Ana e Josefa, era assim que recebiam a proteção oficial, nas circunstâncias em que as duas orfãs se encontravam.

A freira aceita-as como é habitual. Elas ficariam por alguns dias, sob sua guarda, até que "fosse solucionado o crime", em que ambas apareciam como principais causadoras.

Como é comum na vida do interior, em pouco estava esquecido o assassinio de João Portuga. Falava-se no caso, como um fato que acontecera, naturalmente. Rosinha, não tivera outra saída, senão traspasar o estabelecimento. Abdala aceitou o negócio e ficou dono de tudo, com algumas dívidas contraídas pelo finado, que nunca mais pagaria. Embrulhou, tapeou, iludiu os credores, como foi possível e entrou na posse do que existia. Nem o espólio escapou. Diziam que êle não quis a amazia do morto, porque lhe parecera bastante usada...

Rosinha, com mais esta experiência, volve ao antigo profissionalismo. Reforma os móveis da pensão, com o dinheiro que conseguira tirar ao amante. Seu meio de vida era aquele. Arranja novos clientes e reinicia o fornecimento de moradia, com refeições, às raparigas que procuram a sua casa. Continua com o negócio, tomando as roupas melhores e as joias das "meninas", quando elas arranjavam amores que lhes atrapalhavam a vida ou se mudavam devendo uma conta qualquer, ou se adoeciam e do hospital tomavam outro rumo.

Assim ia o tempo passando. No ambiente das colonias, as cousas se normalizando, sob a influência de Romario, prestigiando Candunga.

CAPÍTULO XX

Os trabalhos de administração das colônias ainda reclamam a presença de Candunga. Romario precisa dêle e de mais alguns homens, para continuar nas inspeções às lavou-
ras e na distribuição dos lotes agrícolas, agora, por uma forma asseguradora de direitos para os seus revendedores.

Os colonos, de certo modo, haviam se identificado com a obra do agrônomo. Nota-se nas suas conversas uma consciência de emancipação.

— Seu doutô, nós já sabemo valorizá nosso trabalho. Vamo, com nosso dinhêro, tratá nossas terras, cuidá dirêto da nossa vida. Queremo tê coisa que preste. Nós prantava cada safra de enchê os ôlho e adispois entregava tudo na fôia mesmo, pros atravessadô, pros comerciantes, e andava nú, doente e faminto.

— Ainda bem que vocês reconhecem isto! — respondia-lhes Romario. — E voltando-se para o futuro: — Mandem os filhos de vocês à escola, que vai ser criada aqui perto. Eles precisam estudar, para serem donos desta grandeza tôda! Mas, sabendo o que fazem, conhecendo os direitos de cada um.

— Ah, seu doutô, pra isto é que não tivemo tempo! — declara, entristecido, um só por todos. — Nós desconhecia o trabalho como o sinhô aconselha e faz... A história, daqui pra diante, é outra...

— Quando vêjo o doutô falá bonito parece que quarqué milagre está pra acontecê, pra nós tirá da canga e da cangaia! — expressa-se um velho desiludido. — Nós, de tanto trabaiá com animá, já faziam de nós besta de carga... Mas, parece que agora havemo de sê gente! Os nosso filho também...

Romario considera esta argumentação: — “Eles bem que adivinham o Grande Dia! Como seria ideal si soubessem discernir o que esperavam!... O espírito da emancipação alvorecia entre êles! E chegará essa Vindoura Aurora?!... Hoje? Amanhã? Depois? Quando será esse dia?!”...

O filho de um dos colonos, meninote enfezado, acerca-se de Romario, que se emociona, diante da criança. Vê um sim-

bolo de promessa, nesse rebento de uma geração, que será menos sofrida, como êle pensa.

E num entusiasmo de todo o seu ser, toma o garoto nos braços, transfigurado e sonhador. Depois, como se destinasse o pequeno ao Amanhã, exclama convicto: — Tú, sim, hás de pertencer à Humanidade Nova! Em ti estará o Homem livre, senhor de si mesmo! O indivíduo com dignidade de viver! E's um dos elos da verdadeira família humana! — E beija, enternecido, os cabelos serdosos da criança.

Romario científica a Candunga, que êle, como lavrador, ficará ocupando as terras que iriam pertencer a Gonzaga. Tem de se apresentar à sua repartição para dar conta dos serviços realizados na colonia. A sua presença, agora que os trabalhos estavam se concluindo, não se torna muito necessária. Os colonos mostram-se satisfeitos. Restava-lhe deixar um representante de confiança, que continuasse com o seu método de trabalho e não abandonasse a assistência que êle vinha dando àquele povo. Que não deixasse arrefecer a chama interior, que os impelia para a frente, encorajando-os, sem vacilações nem desânimos. Eles já reagiam, por si mesmos, contra os mandões e os escravocratas. Romario prepara-se para a partida, deixando Candunga como capataz geral.

O trem desceria pela manhã. Romario faz reunir os trabalhadores, juntamente com os colonos, para lhes falar de sua viagem. Quer dar conhecimento a todos, do cargo e da missão de que Candunga ficará investido, na sua ausência. E, perante todos, fala-lhes serenamente, mencionando o seu amigo:

— Êste é um homem simples, leal e honesto! Confieem nele!

Desejava que todos vissem em Candunga um companheiro, um igual, não um superior, um mandão. Procedessem sem prevenções, sem desconfianças, que teriam quem os orientasse.

E abraça, diante do povo, o camarada humilde.

Trabalhadores e colonos vêm deixar Romario na estação. Ele grangeara a simpatia, a estima, a gratidão daquela gente. Os pobres não passariam mais fome, nem seriam ofendidos e humilhados. Isto bastava. Não seria o fim. Mas, assim nascia o ideal da fraternidade, que prometia fazer desaparecer da face do planeta a exploração do homem pelo homem.

A máquina valetudinária faz força com os músculos de ferro velho. Esganiça um apito rouquenho e parte arfando, lentamente. Romario, com o coração em festa, de pé, na pla-

taforma, acena adeuses alviçareiros, que representam a sincera mensagem, que dali para diante, êles terão de cumprir!

Assunção acha-se no meio da multidão. Tôda ela vibra de interior contentamento, quando Romario alude ao emprego que seria destinado a Candunga. O seu único amigo ficaria, para que ela soubesse que não estava só. Que outros meios de vida ela esperava? Sem feitiço para proceder como as outras, qual o homem que a quiereria com meras intenções de amizade? Candunga tinha sentimentos diferentes, a respeito dela, como sempre havia demonstrado.

E um canto de aleluia vibrou no seu coração.

A amortalhadeira não quer mais separar-se de Assunção. Gostara dos modos dela, discretos e comedidos. A moça tudo fazia para ajudá-la, auxiliando-a nos poucos serviços da barraca. Evita se tornar um estorvo, um trambolho, dentro de casa.

Candunga, vez em quando, vem visitá-la. Traz uns agrados para a velhinha, um mimo qualquer para a sua querida. Conversam os três, coisas banais, fugindo a qualquer assunto sôbre Ana e Josefa. Assunção tem pressentimento de que Gonzaga se fôra embora, foragido da justiça. Quando a amortalhadeira se recolhe, êles continuam a conversar, os tamboretos distanciados, quase sem se fitarem, receiosos da cumplicidade do momento. O noivado era só entre êles, porisso não o exageravam, como os namorados de "bôa família" dos quais o povo murmura coisas...

As bocas maledicentes começam a "cortar" na vida de Assunção. Não podem compreender que ela viva assim, recatada e pouco expansiva.

— Aquela, cê vai vêr, siá Maria... Duvido que não ande minino bolindo ali dentro... A cara dela não engana...

— Ela tem jeito de quem já brincou... Já foi servida... A que tempos... Se eu passasse a mão nos quartos dela, conhecia logo...

— Como então é isso, comadre?...

— É um aparpo que eu sei... Partejei muita moça encoberta, lá no Crato...

— Bestêra, comadre, acredito lá nisso...

Candunga não ignora êses falatórios. Envolvido nesse ambiente desagradável, quando êle chega, as comentadoras vêm às janelas, fazem roda nas portas das palhoças, observando e "cortando". Ele tem de falar às claras com Assunção. E certa noite, não se contém, depois que a velha entra para o quarto, onde dorme com sua hospede.

— Assunção... eu queria lhe aperpará, pra cê i duma vez pra nossa casa. Cê não pode continuá assim... Nós se casemo... Não tenha medo, que eu adivinhei tudo... Cê não tem culpa... Não lhe falo pra sê minha companhêra, pra cê não pensá outra coisa...

Ela interrompe-o com brandura:

— Ora cê, Candunga, ainda falando nisso... Eu já lhe disse... Fiquemo sempre amigos...

— Nosso casamento não demora... O Juiz-qué dinheiro, o povo qué festa... Eu intendo que nossa união devia sê o benquerer de nós dois... Até a morte... A gente se gostando, é o bastante... Vou falá com o doutô... Se vié o padre...

Apodera-sê dela insopitado embaraço. Suas faces abraçam-se, suas mãos, de unhas tarjadas, picadas de agulha, ásperas dos trabalhos domésticos, ficam gélidas. O seu silêncio tem uma eloquência penosa. Candunga insiste:

— Cê sempre bôba, Assunção... O que cê tá pensando?... Resorvi tudo... Não vou enganado, não... Cê qué padre?... Nós se casemo na festa da Santa, lá na "vila"... Não dexe ficá pra mais tarde... Quero mostrá pro povo que não é como falam...

Assunção permanece no seu mutismo, que tem uma significação dolorosa. Não sabe o que responder. O seu drama, absorve-lhe o contentamento da proposta. Candunga está disposto a resolver o caso de uma vez:

— Arresponda, Assunção... Quero sabê agora mesmo. Não vou embora sem sua resposta... Cê sabe que eu lhe quero demais... Vamos, diga!

Parece que as estrelas se alvoroçam, curiosas para saber o que Assunção vai responder. A noite está aromatizada, dos cheiros silvestres, que vêm das flores do mato próximo. Ela não pode resistir à influência desse amor, súplice e generoso, penetrando-lhe os sentidos. Por fim, num doce e tímido olhar, como quem sucumbe na luta que travou consigo mesma, capitula, num suspiro arfante:

— Candunga... faça como cê quizé... Eu estou por tudo... Se minha sorte é essa... Será o que Deus mandá na vida da gente...

CAPÍTULO XXI

Ela não pode fugir a essa união. De que ama Candunga, tem a convicção profunda. Seu amor é um misto de gratidão e desejo. Fosse outra, teria sido dele, antes da declaração que fizera. Livre, senhora de si, ainda mais depois que Tereza falecera e Gonzaga se fôra, não dera a Candunga a posse de seu corpo, porque assim não achava direito. Lamentava, intimamente, a infelicidade que a atingira, para que pudesse pertencer-lhe, com honra e dignidade. Sonhava ser totalmente dele, embora sem ninguém mais no mundo, porém, de modo a não trazê-lo enganado. Com êle, francamente, nunca pensara em casamento, em se unirem para sempre, dentro de um lar. Queria era sempre a sua amizade.

Assunção conta à amortalhadeira o que Candunga havia resolvido com ela. Não sabia se casava, ou não... A velha acha melhor assim, ficaria mais direito, pois ambos se gostavam e formariam um jovem casal.

Na vizinhança é que a cousa estourou, quando circulou a notícia, encarada de outra maneira. Aí é que as "tesouras" se afiaram: — "Eu não dizia?... Ora se era... Não puderam mais esconder a brincadeira!... Acredito lá que ela fosse donzela?... Nem na testa, quanto mais..."

Candunga sabe que as "navalhas" não paravam.

Sem ligar aos comentários, vai melhorando, aos poucos, a barraca do "centro", cercando o terreno para as criações, abrindo um poço, reforçando a taipa embarreada. Aparelha com mais segurança os cavacos da cobertura, que substituíram as palhas comuns. Manda acrescentar mais um comodo, com madeiras duráveis. A barraca adquire um aspecto risinho e convidativo, com janelas e portas pintadas, os principais compartimentos rebocados e caiados.

Assunção pede-lhe para não abandonarem a amortalhadeira, que tão bôa e prestativa se mostrara. Convidam-na para morar com êles. E os cochichos não cessam: — "Aquilo já vinha de longe... Já se viu retirante nova sê moça muito tempo... A velha é uma arcovitêra escorada... Quem sabe se o doutor, com aquela proteção..."

Candunga apressa os preparativos. Viaja até a sede da Prefeitura e trata com um "entendido", o arranjo dos papéis do casamento. Procura se informar quando seria a festa da padroeira, que vinha um padre, para batizar e regularizar as uniões não abençoadas pela igreja. Faz um ról de compras de fazendas, de alguns utensílios, de parcos móveis de sala e alcova. Quer ver Assunção bem bonita. Para êle, de quase nada se lembra.

Chega, enfim, o dia da padroeira. Santa Luzia está linda, no altar ao fundo, da capela modesta, onde uns santos malajambrados, têm os olhos abertos, em atitudes pacientes. No terreiro fértilha o povaréu, uns contritos, outros indiferentes, apenas interessados nos festejos profanos. O sacerdote, contratado para celebrar a missa e rezar as novenas, é cercado de considerações e simpatias. Não dá importância de maior às diversões do arraial, às barracas de bebidas e comedorias, ao mulhero suspeito, que não se confessa. Faz o cerimonial litúrgico a seu modo, com um sacristão abobalhado, que não sabe as palavras em latim. O padre, antes de terminar a missa, avisa que haverá batizados, casamentos, confissões e comunhão, e que as pessoas com crianças pagãs e os homens e mulheres que não estivessem unidos pelo matrimônio poderão fazê-lo, perante Deus, naquela oportunidade. E também recomenda que as promessas sejam cumpridas, que as ofertas prometidas para o leilão, em benefício da capela, sejam entregues aos diretores da festividade. Conta, a seguir, uma breve lenda cristã, da vida de Santa Luzia e de seus milagres.

No sábado intermediário do término da festa, quando a manhã se engalana de luz, Candunga, Assunção, a amortalhadeira e mais dois companheiros, trabalhadores das colônias, dirigem-se para o povoado, rumo a casa onde o oficial de registro faz os casamentos, com a presença do adjunto de promotor. O Juiz, quase sempre, não se dava ao trabalho de sair de suas comodidades, para casar matutos, que nem compreendiam o que o ato representava, para um contrato civil, de vida em comum, entre um homem e a mulher que êle escolhera.

Ficara o ato marcado para as primeiras horas, antes que o sol escalasse o céu, e o cortejo não queria vir com atraso. O cartório transbordava de curiosos, que diziam de bem e de mal dos nubentes. Assunção, no seu vestido branco e floco, que lhe realça as formas atraentes, tem o olhar expressivo e os cabelos penteados com singeleza. Candunga é gabado pelas moças e matronas experimentadas, como um forte e desenvolvido exemplar de homem.

O adjunto de promotor está presente. O oficial do registro lê num grosso livro, escriturado com uma caligrafia bem arrumada, para mais de página e meia, os assentamentos de praxe. O adjunto faz as perguntas de lei. Se ambos estavam ali, para aquele ato, de livre e espontânea vontade e se êles se aceitavam como marido e mulher.

Candunga e Assunção respondem afirmativamente, sem olharem um para o outro, os rostos afogueados, ansiosos que aquilo tudo terminasse.

Em seguida, o adjunto, com uma importância compenetrada, manda que êles assinem no livro, na linha assinalada e mais as testemunhas que vieram, ato êsse provocador de pilherias, pela demora em serem rascunhadas as assinaturas, por mãos habituadas ao trabalho duro e não ao uso das canetas.

O dia já está em horas avançadas, quando o casal e as testemunhas deixam o cartório, para aguardar, em casa de uma conhecida de Candunga, o momento de ir em busca do padre, para o cumprimento do que manda a igreja.

E quando transpõem a estreita porta da capela e caminham para o rústico altar, o pequeno recinto se transforma num bulício de assistentes, ávidos para escutar as palavras rituais do ato.

O sacerdote não se faz esperar, naquela angústia de ar e de espaço. Percebe que a aglomeração justifica a novidade do momento. Toma do livro de orações, lê o que interessa, coloca as mãos dos dois nubentes sob a estola, pronuncia as palavras adequadas, em seguida toma do hissope de metal e borrija de água benta a cabeça e o busto dos consortes. Depois pergunta se têm aliança conjugal, o que causa surpresa para Assunção, pois Candunga não lhe falara nessa joia simbólica da indissolubilidade do matrimônio. Então o padre, benze os dois aros de metal dourado e faz o gesto como ambos deviam, reciprocamente, colocar no dedo, um do outro. Por fim, ajoelham-se e recebem a benção matrimonial.

Voltam no mesmo passo para a barraca da amortalhadeira, até que o sol decline de seu fastigio e êles possam viajar. O povo extranha Assunção não ter levado grinalda, nem as flôres virginais de laranjeiras. Mas seu vestido era imaculado como a sua alma.

Candunga não quer saber de festança, porque, se isso se desse, os faladores seriam os primeiros a comparecer. Serviu-se apenas uns vinhos de frutas e uns "sequilos" que a amortalhadeira fizera.

Hora propícia para a viagem, Candunga, de roupa nova e Assunção, com outro vestido de primeira mão, sobem para os cavalos pachorrentos, levando a amortilhadeira na garupa da retirante.

Por onde êles passam muita gente chega aos portais a ver o grupo que se afasta, a caminho do "centro", onde a felicidade estaria presente, na união daquelas almas simples.

CAPÍTULO XXII

Assunção mostra-se feliz, embora o seu temperamento socegado, sem grandes explosões de júbilo, o não demonstrem ruidosamente. Candunga sente-se satisfeito, no ambiente familiar que realizara, sempre devotado ao trabalho, tratando de melhorar as condições toscas da barraca. A amortilhadeira forma a terceira pessoa, da pequena família, e, como parteira, que também é, diz ter esperança de ainda "cortar o imbigó" do primeiro "sandunguinha", antes que Deus a chame para junto de seus anjinhos.

Candunga e Assunção sorriem dêsse prognóstico da velhota, entreolham-se com acanhamento, e nada dizem, que o silêncio de ambos é a resposta mais acertada.

No próspero núcleo colonial, tudo está mudado. Tanto os antigos como os novos colonos, possuem os documentos das terras legalizadas e sabem ao certo onde cada qual botará as suas lavouras. Não há lote sem uma barraca regularmente acabada, com alguns canteiros de rosas-de-todo-ano, de papoulas e zinas, de cravos amarelos, alegrando a frente da moradia como um jardim simplório.

Numa área melhor cuidada, plantações de árvores frutíferas, de coqueiros, de laranjeiras, bananeiras, abacateiros, latadas de maracujá. Nos lotes que ficam distantes dos igarapés, ou dos açudes, os colonos abrem poços, de água clara e fresca, para serventia da família. Ninguém se recusa mais a morar nos "centros", porque a população, se condensando, se agrupando, o núcleo se desenvolve. Há empenho em se fixarem e não saírem dali, da propriedade em que são donos.

Ninguém vende mais as colheitas na "folha". Sabem que era êsse o pior negócio, em que só lucrava o comprador sabido, ficando o agricultor com a parte da fome.

Completaria o plano de progressividade do núcleo, a instalação de postos de saúde, supridos de medicamentos, com enfermeiros residenciais, um médico, dando consulta duas vezes por semana. Instalar-se-iam aparelhagens e camas, para pequenas cirurgias, uma secção para parturientes. Na Escola Reunida, que fôra criada, em lugar acessível à frequência dos alunos, lecionariam professoras rurais, capacitadas para en-

sinar, morando na própria escola, moças que teriam gosto em ali permanecer, sem recorrer aos políticos, para a nomeação, e depois fazerem o mesmo para ser transferidas, conforme as suas conveniências.

As crianças estudam pela manhã e à tarde, todas sadias, fazendo peraltices, comendo gulodices. Como a religião se divide entre católicos e protestantes, cada um dos grupos está se preocupando em levantar uma Casa de Oração, uma Capela de São Francisco, tendo nesta um altar, para a imagem de Santa Luzia, a fim de não faltarem boas chuvas, beneficiadoras das lavouras.

Abrem-se algumas casas de comércio, relativamente sortidas, com jeito de "abafar" as quitandas ciganeiras, onde o maior negócio seria a cachaça, vendida a qualquer hora, para a embromação aos colonos, o que já não conseguiam.

O povo não parece mais tolo. Ouvem continuamente Candunga, e este, aconselha-os, adverte-os contra as manobras dos quitandeiros, preparando os espíritos, para a fundação de uma cooperativa, só dêles, dos agricultores.

Não se sabe de ninguém encalacrado, devendo até os "fundilhos" das calças. Anda-se falando em montar uma usina de beneficiamento de cereais, lá mesmo, no centro do núcleo, pela repartição do governo. Ia ficar muito barato o transporte das cargas, com a abertura de boas estradas, para os caminhões, ganhando o lavrador o que nunca lhe fôra possível.

Quando quiseram construir uma casa, para servir de comissariado, com o xadrês, o povo procurou Candunga, para pedir-lhe que se entendesse com o Prefeito, para não fazer cadeia. Ali, queriam paz, harmonia e confiança uns nos outros. A Polícia era que vinha provocar conflitos, proteger os safados, os cachaceiros, os malandros, como sucedia na sede do Município. Eles todos garantiam a ordem. Se fosse preciso levariam o faltoso, o brigão, o criminoso, para as autoridades cumprirem a lei.

Quando as noites eram de lua, arejadas e convidativas, conversavam os vizinhos mais chegados, sentados em tamboretas tripeça:

— Então, agora já é outro o comissário na cidade?...
Dissero na feira que êle chegou...

— Parece certo... ouvi dizê que é um civil, mas homem velhusco, apessoado, que não anda de magote com os soldados.

— Tomara que êle dure muito tempo...

— E o Juiz de Dirêto?...

— Também disque é outro... Conversadô...

— Gosta de contá casos, de se distraí com baralho, de tomá só cerveja...

— Cê soube que o prefeito não é o mesmo?

— Soube não...

— Pois não é?... O outro parece que o interventô discubriu bandaiêra dele com os dinhêro da prefeitura e deu um chute no veíaco...

— Ora veja só... A coisa parece mió...

— Quá o que... Começa cum essa reforma, adispóis dá no mesmo...

— Só parece qui êles fazem feitiço pro home amolecê...
Tudo dispóis é amigo dele... Ficam de cama e mesa...

E assim, neste estalão, a conversa se prolongava até horas adiantadas, cada qual dando a sua opinião sôbre os fatos e os homens.

CAPÍTULO XXIII

Romario procura na secção dos desenhistas e agrimensores de sua repartição, o colega que iria fazer a planta da colonia. Haviam achado excelente a área, a divisão dos lotes e a linha dorçal da avenida central.

O núcleo fôra situado, contornando declives acidentados para evitar a erosão, na força das enxurradas. Assinalava-se as matas, virgens de corte e também os capoeirões aproveitáveis, incluindo muita madeira, para a construção das casas de moradia. O plano da demarcação, que obedeceria o aproveitamento dos cursos d'água e de facilidades de transportes rodantes, pelas estradas de penetração, era estudado e realizado com eficiência.

O desenhista, mostrando-se satisfeito com o trabalho de Romario, que lhe entregara o livro de notas, com as declinações do levantamento topográfico, anima-o; entusiasma-o:

— Um serviço desses faz gosto se desenhar... Se todos fizessem assim, terminaria essa balburdia de demarcações que se vê por aí... Principalmente na região bragantina...

— Você diz isso, como colega, ou como amigo? — Romario quer saber, meio ironico.

— Você sabe que eu não sou desses que têm duas opiniões... Uma para a presença e outra para a ausência...

Romario não insiste nos argumentos. Acende um cigarro, que o outro, lhe ficara esquecido entre os dedos. Depois, como se dirigindo a um interlocutor invisível, olhar vago numa nebulosa distante, diz para si próprio: — “Não! O meu trabalho foi nenhum. No dêles, sim, daqueles homens, que tiveram esperança e depois fé nos resultados, é que está a vitória”.

Ao tomar de outra agenda, depara com uma carta do amigo, que reservara para responder depois. Assunção mandara intercalar algumas perguntas. “Se o doutor não sabia onde andava Ana e Josefa; se elas tinham embarcado para o Ceará; que fim elas haviam levado”. Candunga conta um ról de novidades. O povo quer botar um nome na Colonia, mas não de político, nem de santo. Um nome assim com as palavras que o doutor dizia para êles. Candunga se diminue, se

considerando rude, e por isso pergunta se Novo Porvir, fica bem. Porvir, para aquela gente, era uma coisa que sonhavam tornar realidade; sem saberem bem o que seria. Assim como se fosse outra vida diferente... sem muita miseria, todo mundo satisfeito, cuidando daquilo que é seu, sem sair dali mais.

Romario fica cismando, os dizeres da carta de Candunga penetrando-lhe o espírito. Quantas reminiscências! Como se consegue triunfar, numa luta desigual! Depende dos homens, da sinceridade de sentimentos, de consciência de seus princípios!

Dirige-se à prancheta do desenhista. A planta está com o perfil em esboço. O colega quer saber se a Colonia não terá denominação. Romario fita-o atentamente, como se uma ronda de pensamentos difusos lhe passe na mente. A folha larga, ampla, solene, de papel pergaminho, parece agitar-se ante seus olhos, na imobilidade da prancheta. Acredita que ela se anima, que estremece, que tem vida e tem alma.

E num impulso incontido, toma dos instrumentos com que o colega está desenhando, e êle mesmo, transfigurado e sonhador, escreve no cabeçalho da planta — NOVO PORVIR. Feito isto, como sucede aos idealistas, recolhe-se a si mesmo, o cigarro abandonado, soltando a sua espiral de ilusões e de fumo, como se Romario vagasse em mundos maravilhosos de sonhos e quimeras.

É que imagina Candunga engrandecendo-se, agigantando-se, em meio aos albores da alvorada a irromper, e em que êle, em pessoa, se interroga, iluminado:

— Ainda tardará êsse Porvir?!... Hoje! Amanhã! Depois! Quando virá?!...

É que havia um símbolo de redenção, no batismo de luz daquelas terras!

Belém do Pará — Novembro de 1954.